

Experiências com Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação

www.scielo.br
www.senac.br/informativo/bts/index.html
www.cervantesvirtual.com
www.bibalex.org/website
www.inep.gov.br/cibec/linha_editorial/periodicos/ib

www.comunidadansdina.org/bda
www.revistadirecta.com
Luís Paulo Leopoldo Mercado
Organizador
www.ricesu.com.br/colabora
www.periodicos.capes.gov.br
www.abmes.org



Luís Paulo Leopoldo Mercado (org)

EXPERIÊNCIAS COM TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO



Maceió - AL, 2006

Organizador:
Luís Paulo Leopoldo Mercado

Autores:
Aristóteles da Silva Oliveira
Cleide Jane de Sá Araújo Costa
Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim
Fábio Paraguaçu
Luís Paulo Leopoldo Mercado
Nara Pollyanne de Araújo Ramalho Oliveira
Patrícia Gallo
Wládía Bessa da Cruz
Yara Pereira da Costa e Silva Neves

EXPERIÊNCIAS COM TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO



Maceió - AL, 2006



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitora

Ana Dayse Rezende Dorea

Vice-reitor

Eurico de Barros Lôbo Filho

Diretora da Edufal

Sheila Diab Maluf

Conselho Editorial

Sheila Diab Maluf (Presidente)

Cícero Péricles de Oliveira Carvalho

Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante

Roberto Sarmento Lima

Iracilda Maria de Moura Lima

Lindemberg Medeiros de Araújo

Flávio Antônio Miranda de Souza

Eurico Pinto de Lemos

Antonio de Pádua Cavalcante

Cristiane Cyrino Estevão Oliveira

Supervisão gráfica: Márcio Roberto Vieira de Melo

Capa/diagramação: Edmilson Vasconcelos

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central – Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

E96 Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação /
Luis Paulo Leopoldo Mercado (org.). – Maceió : EDUFAL, 2006.
245 p. : il.

Inclui bibliografia.

1. Educação – Efeito de inovações tecnológicas. 2. Tecnologia educacional. 3. Ensino a distância. 4. Formação do professor. 5. Internet na educação. I. Mercado, Luis Paulo Leopoldo, org.

CDU: 371.68

ISBN 85-7177-305-X

Direitos desta edição reservados à

Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas

Campus A. C. Simões, BR 104, Km, 97,6 - Fone/Fax: (82) 3214.1111

Tabuleiro do Martins - CEP: 57.072-970 - Maceió - Alagoas

E-mail: edufal@edufal.ufal.br - Site: www.edufal.ufal.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO _____	06
INCLUSÃO DIGITAL	
Aristóteles da Silva Oliveira _____	10
FERRAMENTAS DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA INTERNET	
Cleide Jane de Sá Araújo Costa Fábio Paraguaçu Luís Paulo Leopoldo Mercado _____	21
ORKUT COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM	
Patrícia Gallo _____	45
ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS UTILIZANDO INTERNET	
Luís Paulo Leopoldo Mercado _____	55
COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM	
Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim _____	86
EXPERIÊNCIAS UTILIZANDO FERRAMENTA SÍNCRONA NA EDUCAÇÃO	
Wládia Bessa da Cruz _____	102
TUTORIA NO CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE	
Luís Paulo Leopoldo Mercado _____	140
USO DE FERRAMENTAS NA DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR	
Nara Pollyanne de Araújo Ramalho Oliveira _____	172
EVASÃO NA EAD: RELATO DE CASO	
Yara Pereira da Costa e Silva Neves _____	200

APRESENTAÇÃO

O livro apresenta os resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação de Professores Presencial e a Distância Online, certificado pelo CNPq e vinculado a linha de pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL, criada em 2006.

O grupo é formado por pesquisadores, mestrandos e alunos de iniciação científica e suas pesquisas estão ligadas à área de EAD envolvendo formação de professores utilizando ambientes de aprendizagem na Internet visando respaldar ações nesta área e atendendo cursos de EAD na UFAL.

O grupo vem desenvolvendo estudos sobre fundamentos e metodologias sobre o uso das TIC na formação de educadores, nos diversos espaços de aprendizagem, com suporte em ambientes virtuais, como apoio à formação presencial, semi-presencial e à distância online.

Além dos estudos realizados e em curso, o grupo está envolvido com várias ações de EAD no âmbito do Ministério da Educação: produção de material didático, coordenação de tutoria e execução do Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação; elaboração de projetos, capacitação de tutores e docência online no Curso Piloto de Administração e nos novos cursos a serem oferecidos em 2007 pela Universidade Aberta do Brasil (UAB); ações de extensão em EAD envolvendo formação de professores da rede pública e da UFAL no âmbito do Programa de Apoio a Extensão da secretaria de Educação Superior do MEC; formação a distância de professores de Ciências para uso de objetos virtuais de aprendizagem produzidos no âmbito do RIVED, projeto financiado pela FINEP com execução para março de 2007.

O grupo também participa do Comitê Gestor de Educação a Distância vinculado à Coordenação de Educação a Distância da UFAL, atuando na melhoria das condições didático-pedagógicas na utilização das TIC nas atividades presenciais e/ou a distância pelos professores, proporcionando condições para a criação e implantação de novos cursos de graduação, extensão e pós-graduação na modalidade a distância. Participa das ações de formação de professores para a utilização de ambientes de aprendizagem nos cursos envolvendo EAD: organização, gerenciamento e acompanhamento do processo ensino-aprendizagem na modalidade a distância. Oferta de suporte na produção de material didático para EAD.

Os artigos aqui apresentados demonstram nossa preocupação ao acesso pleno às TIC pelos professores formadores, tutores e alunos, enfatizando o desenvolvimento de uma cultura tecnológica que promova, junto aos envolvidos, uma prática pedagógica em ambientes tecnológicos, através de ações que favoreçam o desenvolvimento da fluência tecnológica para que possam participar de atividades a distância, com suporte no meio digital.

Aristóteles da Silva Oliveira, no artigo *Inclusão Digital*, analisa os desafios colocados à profissão docente com a inserção das TIC na escola. Aborda a emergência dos professores terem uma formação adequada que desenvolva competências e habilidades para lidar com as diversas tecnologias de maneira crítica e significativa para o processo ensino-aprendizagem. Verifica que a exclusão sócio-tecnológica dos professores representa um perigo para desempenhar o seu papel de mediador do conhecimento e que dentre outras qualidades inerentes a sua profissão acrescenta-se a necessidade de alfabetização digital. Analisa experiências de inclusão digital destacando sua importância na formação da cidadania das pessoas beneficiadas por esses processos.

Cleide Jane de Sá Araújo Costa, Fábio Paraguaçu e Luís Paulo Leopoldo Mercado, no artigo *Ferramentas de Aprendizagem Colaborativa na Internet*, trazem a realização de uma proposta inicial de metodologia de análise sobre o processo de interação que pode ocorrer durante a utilização das ferramentas que estão disponíveis na Internet, como e-mail, chat, videoconferência, lista de discussão, weblog. A análise está calcada sobre a proposição de um modelo realizado com base nos trabalhos sobre Aprendizagem Colaborativa e Modelos Conceituais. Esse modelo é utilizado como parâmetro de análise do potencial de interação colaborativa, no âmbito da interação educativa, em duas ferramentas disponíveis na Internet: o e-mail e o chat.

Patrícia Gallo, no artigo *Orkut como ferramenta de aprendizagem* aborda a internet como elemento do dia-a-dia de muitos jovens e adultos, seja para receber e mandar e-mails, seja para acessar notícias nacionais e mundiais ou para buscar informações para um trabalho escolar ou até assuntos de interesse pessoal. A internet não é só uma fonte de pesquisa, é também um meio para obter diversão e manter relacionamentos e afinidades. Nesta perspectiva, apresenta o maior site de

relacionamento da internet, o ORKUT, como ferramenta de aprendizagem no ensino TIC através das comunidades virtuais.

Luís Paulo Leopoldo Mercado, no artigo *Estratégias Didáticas Utilizando Internet*, apresenta propostas de uso da Internet como ferramenta didática, como recurso de aprendizagem no qual a construção do conhecimento se dá a partir da interação do aluno com materiais pesquisados e trabalhados na própria rede junto com a interação professor e colegas. Aborda as potencialidades pedagógicas e os desafios que emergem a partir da introdução da Internet na prática educativa e suas relações nos diferentes espaços de aprendizagem. Oferece aos professores que utilizam a Internet nas atividades curriculares a possibilidade de ampliar os conhecimentos teórico-práticos relativos ao uso dessa ferramenta nas atividades de um curso presencial e a distância e explorar as possibilidades das TIC em relação à construção do conhecimento, desenvolvendo habilidades para utilizá-la.

Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim, no artigo *Comunidades Virtuais de Aprendizagem*, discute estas comunidades virtuais surgidas a partir das significativas transformações provocadas pela Internet nas relações sociais e profissionais. Aborda a formação dessas comunidades, a interação on-line entre grupos que possuem objetivos comuns e se identificam como comunidades, bem como a importância desses ambientes na EAD sua contribuição na formação de professores e apresenta exemplos de comunidades virtuais utilizadas como ambientes de aprendizagem.

Wlândia Bessa da Cruz, no artigo *Experiências Utilizando Ferramenta Síncrona na Educação*, analisa possibilidades da utilização do chat como interface no processo de aprendizagem e os desafios com os quais se defronta o trabalho do professor com a utilização do chat em contexto de aula presencial e a distância. Apresenta relato de experiências utilizando chat na aprendizagem. Apresenta conceito e formas de utilização relacionados a utilização da interface chat na aprendizagem através de projetos.

Luís Paulo Leopoldo Mercado, no artigo *Tutoria no Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje*, descreve o processo de tutoria do curso e a utilização do memorial como recurso avaliativo e de registro pelos tutores e cursistas no núcleo Alagoas. O curso teve como objetivo capacitar professores de escolas

públicas de ensino fundamental e médio para o melhor uso no cotidiano escolar dos recursos proporcionadas pelas TIC e da TV Escola, mostrando a necessidade de trabalhar com a tecnologias de forma crítica e criativa, integrando-as no seu cotidiano escolar.

Nara Pollyanne de Araújo Ramalho Oliveira, no artigo *Uso de Ferramentas na Docência no Ensino Superior*, Aborda a necessidade e utilidade das TIC na formação inicial dos professores, o uso destas no ensino superior semipresencial. Investiga as possibilidades oferecidas por portais educacionais para a formação docente e a utilização deste pelos professores do ensino superior na modalidade semi-presencial. Relata o uso das ferramentas do Portal Universitário pelos professores do Centro de Estudos Superiores de Maceió.

Yara Pereira da Costa e Silva Neves, no artigo *Evasão na EAD: relato de caso*, aborda a EAD na formação de professores e a introdução das TIC como modelo educativo inovador no mundo globalizado. Investiga as causas que levaram o professor-cursista, a se evadir do Curso de Extensão TV na Escola e os desafios de hoje, a partir de referenciais que dessem orientações à sociedade educacional para ações que aumentem a qualidade da EAD, na concretização de uma educação mais democrática. Investiga as causas da evasão levanta informações sobre o perfil e nível de atuação dos participantes e o porquê da escolha pelo curso. Evidenciou-se que as causas da evasão estão relacionadas como problemas de origem pessoal, problemas de infra-estrutura e problemas com o suporte pedagógico, sendo o fator falta de tempo por excesso de atividades, o fator principal da evasão, levando-nos a um repensar sobre a existência das estruturas sociais que permeiam a educação e a sociedade como um todo.

INCLUSÃO DIGITAL

Aristóteles da Silva Oliveira

1. Introdução

A disseminação das TIC têm trazido impactos a todos os setores da sociedade: transações comerciais, relações pessoais, trabalho, estudo, pesquisas. Estão sendo afetadas, de maneira positiva ou não, pois trazem a perspectiva de que cada vez mais, e de forma muito acelerada tornem-se imprescindíveis em qualquer tipo de relação na sociedade contemporânea. A utilização continuada dessas tecnologias requer preparo diário para saber lidar com as mesmas, para resolver problemas, do mais simples ao mais complexos, que aparecem no cotidiano educacional.

Na atualidade o domínio apenas da leitura escrita apresenta-se insuficiente já que só permite acessar a uma parte da informação veiculada em nossa sociedade que está acessível através dos livros. Uma pessoa analfabeta tecnologicamente está a margem da rede comunicativa que oferecem as TIC.

O desafio colocado a cada cidadão, é a capacitação tecnológica, ou seja, o desenvolvimento de habilidades, que forneçam condições para viver num ambiente altamente tecnológico que exige um uso crítico e não meramente instrumental das TIC.

Realizar um processo abrangente e eficaz de *inclusão digital* é fundamental para transformar a sociedade em que vivemos, num ambiente mais justo e igualitário, e a escola desempenha papel fundamental para esse novo projeto de sociedade, exigindo uma postura inovadora diante da realidade da Sociedade do Conhecimento.

Refletir sobre as competências e habilidades necessárias para a formação do professor, compreende várias dimensões dessa profissão que assume papel singular na sociedade: preparar os jovens para o mercado de trabalho e, sobretudo, para serem cidadãos críticos, reflexivos, questionadores, autônomos, conscientes das transformações ocorridas no mundo nas últimas décadas.

Da mesma forma que outros setores estruturais da sociedade estão adaptando-se as transformações econômicas e sociais a escola, também, vêm revendo sua função na sociedade e repensando seus métodos, objetivos, currículos e que seja um parâmetro para políticas de inclusão digital e nivelamento das desigualdades sociais.

A escola deve participar intervindo e transformando a Sociedade do Conhecimento e não apenas adequando-se a ela. Negligenciar esta nova realidade resultará em perdas tanto para professores como para alunos. No mundo competitivo, saber tratar as informações e transformá-las em conhecimento é essencial. Não podemos mais nos basear em modelos de ensino e aprendizagem que foram interessantes no passado para uma determinada configuração social.

A sociedade contemporânea passou por profundas transformações o que exige novas formas de tratar o conhecimento. Para Sonnevile (2004), a aprendizagem surge num novo contexto sócio-econômico-tecnológico, exigindo do professor acostumado ao primado da mera transmissão na educação, a sua imaginação criadora para atender as novas demandas sociais de aprendizagem interativa.

A escola sozinha, não dará conta de atender as novas demandas sociais. Precisarão de parceiros para ajudá-la na tarefa de inclusão digital, para isso, as organizações não-governamentais, movimentos sociais e empresas são chamadas para dá sua contribuição na democratização das TIC.

2. Competências e habilidades necessárias ao professor para Utilizar TIC

O termo *alfabetização digital* é uma nova categoria de estudo na educação e TIC. A presença tecnológica nos mais diversos setores produtivos da sociedade reivindica um profissional qualificado para o mercado de trabalho e os serviços, competências, habilidades, autonomia, cooperação são associados na designação do perfil ideal do profissional do século XXI.

Esta nova realidade é resultado do desenvolvimento tecnológico que traz muitas promessas e enormes desafios para a sociedade. Compreendê-la é entender a complexidade das mudanças econômicas, culturais e sociais pelas quais passa. A escola, nesse contexto, surge como mediadora e intermediadora entre essas transformações e o preparo dos alunos para assimilá-las e transformá-la em benefício do bem comum. Analisando o papel da escola nesse contexto, Mercado (2000, p. 73) afirma que:

a escola, ao invés de passar informações, geralmente desatualizadas e descontextualizadas, terá de se ocupar do aprender a aprender, de levar o aluno a construir o seu próprio conhecimento, mantendo-se alerta para as revisões e ampliações necessárias. A pretensão da escola é fazer o aluno pensar, estimular suas faculdades, criar oportunidades de

utilizar os seus talentos, respeitando os diversos modos de aprender e de expressar. A escola terá que ser um espaço de produção e aplicação do conhecimento.

A escola deve integrar as TIC para melhorar a qualidade de ensino-aprendizagem, reconhecendo que elas trazem inovações metodológicas que despertam maior interesse dos alunos em aprender. No entanto, de acordo com Área (2001, p.5) “a instituição escolar sempre tem sido resistente na incorporação de instrumentos e materiais que não sejam impressos”.

Segundo o autor, os materiais de natureza impressa, como livros, enciclopédias, revistas são maioria e hegemônicos em quase todas as ações desenvolvidas pelo professor. Essa tendência só poderá ser superada se as TIC forem adequadamente incorporadas a prática pedagógica do professor.

As atuais práticas de incorporação das TIC na escola não estão seguindo critérios adequados e existem equívocos. Estão sendo priorizada aquisição de computadores e programas para a educação ao invés de priorizar a formação dos professores e a sua incorporação crítica das TIC à sua prática pedagógica como assinala Santos e Radtke (2005, p. 327):

O que se observa em relação à inserção da informática na educação é uma preocupação excessiva com a aquisição de equipamentos e uma proliferação de programas de computadores para a educação e software educativos. A preparação do professor para tais utilizações não tem tomado parte nas prioridades educacionais na mesma proporção, deixando transparecer a idéia equivocada de que o computador e o softwares resolverão grande parte dos conflitos educativos.

O foco da formação do professor, a ser construído na incorporação crítica e integradora das TIC a sua prática pedagógica, não pode ser deslocado para aspectos estritamente técnicos, realizados por cursos aligeirados e sem preocupação com o corpo pedagógico que deve ser o cerne desses cursos.

A inserção adequada das TIC altera toda a rotina da escola, passando a integrar todas as atividades desenvolvidas neste espaço de aprendizagem com a comunidade. Professores, coordenadores, alunos, comunidade devem integrar-se num projeto revolucionário e sem essa percepção qualquer tentativa de inclusão digital não trará os

resultados esperados dela: uma melhor qualidade de ensino-aprendizagem e a democratização das TIC.

O professor na sociedade do conhecimento necessita organizar melhor as informações, orientar os alunos sobre como, onde e para que colher informações. “O aparelho educativo deve, pois dar igualmente ao indivíduo as chaves do saber, do saber fazer e do saber ser” (GADOTTI, 2000, p. 285). Neste sentido, Fernández (2001, p. 13) aponta para novas competências necessárias para os professores, são elas:

Competência tecnológica – saber fazer e utilizar as ferramentas das TIC.

Competências sociais e de comunicação – *feed-back*, processos de grupo e trabalho em equipe, negociação, relação interpessoal, saber fazer social e comportamental.

Competências teóricas – novos conhecimentos e novas teorias da aprendizagem em situações profissionais.

Competências psicopedagógicas – métodos de ensino com a ajuda de ferramentas multimídias informatizadas, métodos de tutoria e monitorização em situação de autoformação, orientação profissional, técnicas de desenvolvimento profissional, métodos de individualização de aprendizagem.

Estas novas competências para utilização apropriada das TIC, necessárias à formação do professor, devem embasar todo o planejamento e investimento na capacitação e programas de inclusão digital, envolvendo melhorias nas condições de trabalho, tempo necessário para refletir sobre seu papel de mediador, os materiais didáticos, o intercâmbio de experiências com outros profissionais e planejamento da docência com TIC.

Para Dowbor (2001), a escola tem de passar a ser um pouco menos lencionadora e bastante mais organizadora, ou estimuladora de um processo cujo movimento deve envolver os pais e a comunidade integrando os diversos espaços educacionais que existem na sociedade, e sobretudo, ajudando a criar este ambiente científico-cultural que leva à ampliação do leque de opções e reforço de atitudes criativas do cidadão.

3. A exclusão sócio-tecnológica de professores

A valorização da tecnologia na sociedade tem criado uma nova forma de exclusão – exclusão tecnológica ou digital – caracterizada pelas desigualdades geradas pelo não acesso as informações que as TIC proporcionam e o uso inteligente destas nos ambientes

de trabalho, os quais estão cada vez mais informatizados. A informação passa a ser o bem de valor mais importante na Sociedade da Informação e do Conhecimento como analisa Teixeira (2004, p. 101):

neste novo contexto e em razão desta presença crescente das tecnologias na vida dos indivíduos, o recurso estratégico passa a ser a informação. Conseqüentemente, quem não tem acesso a informação estará à margem desta nova sociedade, instituindo-se, assim, uma nova modalidade de exclusão social para o século XXI, referidas por muitos teóricos como divisão digital, ou seja, uma divisão entre aqueles indivíduos que, entre outras coisas, não possuem acesso à informação e aqueles que a têm em abundância.

Todo esse processo provocado pelo avanço tecnológico está modificando o mundo. Termos como “globalização” e “aldeia global” afetam a maneira como vemos a identidade, a cultura, que não é mais caracterizada pelos espaços geográficos. Escolhemos livremente qual sociedade queremos fazer parte o que nos faz muito diferente uns dos outros, representando um grande desafio para o professor e para a escola do século XXI, como formar pessoas extremamente individualistas e de estilos tão diferentes uma das outras?

Novas formas de explorar o conhecimento e de alcançar os alunos estão surgindo e perceberemos cada vez mais “o crescimento de um contingente cada vez maior de info-excluídos o que conseqüentemente fortalece a divisão entre as classes sociais e as relações de poder que se firmam entre opressores e oprimidos, dominadores e dominados” (MOTA, 2004, p. 125).

A exclusão tecnológica do professor representa uma debilidade na sua formação, que deve ser corrigida com cursos que os habilitem a utilizar a tecnologia no seu cotidiano. A exclusão digital do professor é um complicador para a construção de uma sociedade mais equitativa e cidadã.

A escola pública é o ambiente ideal para começar um projeto eficiente de inclusão digital, pois ela é aglomeradora da maioria da população que não tem acesso as TIC e aos benefícios produzidos pelos avanços tecnológicos. Iniciando a inclusão digital pela escola pública parcela da população que não tem acesso as tecnologias poderá utilizar essas ferramentas e as escolas poderão ter melhorar a qualidade do ensino, inserindo os alunos na era digital.

Para o sucesso da inclusão digital na escola pública é prerrogativa que os professores saibam utilizar didaticamente as TIC.

Muitos alunos advindos da escola pública só tem oportunidade de acesso as TIC na escola, pois pela condição social a qual pertencem, não podem pagar um curso de informática, e, se caso fosse possível, teria apenas uma qualificação estritamente técnica, que não serviria para formar alunos críticos, ou seja, não seria uma inclusão para a cidadania desses alunos.

As análises realizadas são importantes para compreendermos os processos de inclusão digital e as alternativas que poderão ser criadas para a democratização das TIC na sociedade. A escola não deve apenas contemplar as transformações ocorridas no mundo contemporâneo e ficar alheias a elas, precisa participar das vantagens de sociabilidade criadas pela TIC e, isso, só poderá se efetivar com a apropriação crítica dos recursos tecnológicos, através da inclusão digital que vise a transformação da sociedade.

Muitos criticam a inserção das TIC nas escolas públicas, por constatarem que em muitas escolas falta energia, ou mesmo apagador e giz. A solução, no entanto, não seria apenas suprir essas necessidades básicas para o funcionamento da escola, mas que sejam implementadas juntamente com uma política de formação e inclusão digital, pois só o atendimento dessas necessidades básicas seria uma atitude obsoleta diante da realidade atual.

Todas as questões e fatores mencionados são necessários à reflexão sobre o processo de exclusão digital. Há uma necessidade emergente de formação política e educacional para que as pessoas comecem a fazer uso das tecnologias e mídias tecnológicas com vistas a lutarem pela seguridade de seus direitos como cidadão (MOTA, 2004).

Grande parte dos professores não dominam as TIC, ou quando as dominam não conseguem fazer a transposição técnica ou instrumental para o uso didático dessas ferramentas. Segundo Teixeira (2004, p.103) para que as tecnologias proporcionem todo o seu potencial didático e transformador na educação é necessário

que as TIC possam proporcionar às camadas excluídas da sociedade uma forma real de emancipação e de superação das situações de seletividade a que estão submetidas, é primordial que os educadores dominem tais tecnologias, a fim de também proporcionarem ambientes favoráveis ao crescimento e à construção conjunta de conhecimento.

Nesse sentido, para Aranha (1996), o importante é que os novos recursos como o computador, a televisão, o cinema, o vídeos, não sejam usados apenas como instrumentos, mas se tornem capazes de desencadear transformações estruturais na velha escola. Só, assim, a função do professor pode ser revitalizada, libertando-o da aula de saliva e giz e estimulando o aluno a uma posição menos passiva e mais dinâmica.

Um professor dinâmico, companheiro, que esteja sempre disposto a rever criticamente sua atuação na sala de aula, que em meio a diversidade de alunos possa ajudá-los a aprender a aprender, a serem mais autônomos, criativos, investigadores, críticos, e reflexivos é a nova postura essencial para o êxito do seu papel na atualidade.

Segundo Romero (2005), para que os professores estejam preparados para trabalhar com as TIC é necessário que a formação do professor contemple: 1) a familiarização com as TIC informática e os computadores através do conhecimento dos recursos informáticos da qual a escola dispõe; 2) facilitar ao professor a possibilidade de utilização das TIC para ensinar e, 3) que os professores saibam utilizar e selecionar programas educativos que sejam significativos para a aprendizagem dos alunos.

A tendência da formação dos professores para utilização das TIC implica em mudanças de atitudes, mudanças estas que levam os professores a adotarem estratégias de resistências ou de abertura, dependendo, portanto, de como elas estão sendo incorporadas e das concepções que estão sendo veiculadas nesses cursos de inclusão digital.

A geração atual dos professores apresenta resistência e dificuldades na incorporação das TIC a sua prática docente, sendo um fator a mais para a exclusão digital a qual estão imersos os professores das escolas públicas. Um trabalho de conscientização e incorporação criativa que desperte o interesse do professor deve ser trabalhado nos cursos de capacitação tecnológica.

Na nova geração de professores que estão sendo formados é indispensável, segundo Oliveira (2005, p. 9)

o desenvolvimento da autonomia na produção e socialização de conhecimentos, com ênfase no processo de alfabetização, de mediação docente e de inclusão digital como norteadores de propostas e ações afirmativas para a profissionalização inicial e continuada de alfabetizadores.

A exclusão digital dos professores reflete numa exclusão digital dos alunos. Sem o conhecimento e o uso das TIC a tendência é um desenvolvimento aquém das necessidades da sociedade, como declara Area (2001, p. 128):

aqueles cidadãos que não estiverem qualificados para o uso das TIC terá altas probabilidades de ser marginalizados culturalmente na sociedade do século XXI. Este analfabetismo tecnológico provocará, seguramente, maiores dificuldades no acesso e promoção no mercado de trabalho, indefesa e vulnerabilidade diante da manipulação informativa e incapacidade para utilização dos recursos de comunicação digitais.

O problema, definitivamente, não está nas TIC, mas no uso que se faz delas ou nas desigualdades geradas pela exclusão daqueles que não tem acesso a elas. A exclusão sócio-tecnológica dos professores só será superada com investimentos massivos em capacitação inicial, continuada ao longo da vida e que promova meios necessários para os professores desenvolverem todas as suas potencialidades como mediador do conhecimento, só que agora com o auxílio das TIC.

4. Inclusão tecnológica/digital de professores

A relevância da inclusão digital na atualidade deriva das potencialidades pedagógicas que ela subsidia ao trabalho docente. As facilidades de comunicação, de troca de informações, de pesquisas tornam as TIC ferramentas indispensáveis ao processo ensino-aprendizagem.

O computador é uma ferramenta multimidiática, ou seja, várias mídias encontram-se em apenas um instrumento: imagem, som, audiovisual e textos que favorecem a mediação entre informação e a aquisição do conhecimento. O computador não ensina, é necessária a presença do professor, ele é quem orienta, observa, analisa, propõe e define a eficácia de sua utilização na sala de aula.

A presença das TIC na escola não significa que a educação será melhor. A eficácia destas será definida pelo seu uso, por isso, a necessidade dos professores se familiarizarem com suas ferramentas, serem capacitados para utilizarem adequadamente os recursos tecnológicos no cotidiano escolar.

Analisar as políticas públicas de inserção tecnológica é importante e necessária porque são elas que orientam as atitudes pedagógicas dos professores, frente as TIC. A

resistência a sua utilização ou a motivação para incorporá-las a sua prática pedagógica dependerá muito da forma que estão sendo divulgadas e implementadas as políticas de inclusão digital na escola.

Moraes (2002) assinala ainda que os movimentos sociais utilizam recursos como correio eletrônico, grupo de discussão, bases de dados compartilhados e fóruns para a discussão de políticas públicas e parcerias em eventos que busca o fortalecimento de laços comunitários e caminha, portanto, na contramão do ideário neoliberal que não reconhece a “organização social e desqualifica a política como ação integradora”.

O papel que desempenham as organizações não-governamentais em nossa sociedade são de cunho bastante significativo e relevante, haja vista o desenvolvimento de suas atividades serem precipuamente o atendimento as classes mais excluídas de nossa sociedade.

A maioria das ações desenvolvidas por estas organizações são realizadas nas periferias da cidade e atende justamente aquela população menosprezada pela sua condição sócio-cultural. A seguir analisaremos algumas experiências bem sucedidas de inserção digital em nosso país.

O Comitê para Democratização da Informática (CDI) é uma organização não-governamental presente em 17 estados brasileiros e em 10 países promovendo a inclusão digital, utilizando a tecnologia como instrumento e exercício da cidadania. O CDI é implantando em localidades estratégicas geralmente em proximidades que apresentam grande índice de exclusão sócio-tecnológica.

As Escolas de Informática e Cidadania (EIC) são implantadas nas comunidades mais carentes em parceria com organizações comunitárias, iniciativas privada e com a participação de voluntários. As EIC são geridos pelo CDI que realiza a capacitação de instrutores de informática geralmente pertencente a comunidade onde é instalada a EIC.

Para Baggio (2000, p. 5) “a implantação das EIC, por si só, não é suficiente para seu sucesso. É fundamental que exista um grupo organizado que possa fazer contatos com organizações que irão, efetivamente, montar as escolas”. O sucesso da EIC, defende ele, dependerá da organização de campanhas para arrecadar equipamentos e fundos para viabilizar projetos, suporte técnico, pedagógico e metodológico as EIC e a capacitação de instrutores.

As ações de inclusão digital desenvolvidas pelo CDI em todo o país promovem a inserção de grupos sociais a exemplo de jovens com deficiência visual, comunidades

indígenas, pacientes de hospitais psiquiátricos e presidiários, utilizando as tecnologias para integrar e socializar esses grupos que por suas características são marginalizados pela sociedade mas que agora estão tendo a oportunidade de exercer sua cidadania.

5. Conclusão

A inclusão digital fundamenta-se nas mudanças no trabalho, na economia e na sociedade nestes últimos tempos. Cada vez mais e de uma forma mais intensa as tecnologias assume papel relevante e indispensável na Sociedade da Informação e do Conhecimento.

Competências e habilidades são exigidas de todos os cidadãos para que possam integrar as possibilidades que as TIC desencadeiam na resolução de problemas e no desenvolvimento de atividades cotidianas. Quando falamos de inclusão digital de professores e competências que precisam ser adquiridas para resolver problemas enfrentados com a inserção das TIC na escola, estamos nos referindo a conhecimentos e atitudes que precisam desenvolver para lidar com esta nova realidade.

A escola sozinha não conseguirá realizar processo amplo e sistemático de inclusão digital. Esta deve ser a principal instituição a promover a inclusão digital com uma formação adequada dos professores e uma estruturação curricular, pedagógica e tecnológica compatível com sua responsabilidade e que potencialize a utilização das TIC na construção e socialização do conhecimento.

As TIC precisa estar a serviço do homem auxiliando em suas atividades diárias, para criar laços de proximidade cultural e étnica, corrigir distorções econômicas e nunca para aprofundar as desigualdades sociais.

Referências

ARANHA, Maria L. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

AREA, Manuel. La igualdad de oportunidades educativas en el acceso a las nuevas tecnologías: políticas para la alfabetización tecnológica. In: ENTONADO, Florentino. **Sociedad de la información y educación**: Merida: Junta de Extremadura, 2001.

BAGGIO, Rodrigo. **A sociedade da informação e infoexclusão**. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a03v29n2.pdf>> Acesso em: 05/05/05.

DOWBOR, Ladislau **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FERNÁNDEZ, José T. **La educación en el marco de una sociedad global: algunos principios y nuevas exigencias**. 2001. Disponível em: <<http://dewey.uab.es/pmarques/EVTE/La%20educaci%F3n%20en%20una%20sociedad%20global.pdf>> acesso em: 05/05/05.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MERCADO, Luís. Novas tecnologias na educação: novos cenários de aprendizagem e formação de professores. In: OLIVEIRA, M. (org.). **Reflexões sobre conhecimento e educação**. Maceió: Edufal, 2000.

MOTA, Francisca R. **Novas mídias, cidadania e exclusão digital no contexto da sociedade da informação**. 2004. Disponível em <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_18/8_%20Novas_midias.pdf> Acesso em 31/08/05.

OLIVEIRA, Lucinete C. Articulação entre formação inicial e continuada de alfabetizadoras (es) para a inclusão digital: a experiência do NEALI –DEDC I – UNEB. Belém, **Anais do XVII EPENN**, 2005.

ROMERO, Jesus M. El ordenador en contextos socioeducativos. **V Congreso Internacional Virtual de Educación**, 2005.

SANTOS, Bettina S; RADTKE, Márcia. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: PELLANDA, Nize M. SCHLÜNZEN, Elisa. e SCHÜLZEN Jr, (orgs). **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SONNEVILLE, Jacques J. O educador na contemporaneidade: formação e profissão. **Revista da FAEEBA**. Salvador, v. 13, n. 22, pp. 445-465, jul/dez. 2004.

TEIXEIRA, Adriano C. Imersão tecnológica de professores: uma alternativa de reversão de quadros de exclusão sociotecnológica. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba: v. 4, n. 13, p. 101 - 112, set/dez, 2004

FERRAMENTAS DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA INTERNET

Cleide Jane de Sá Araújo Costa

Fábio Paraguaçu

Luís Paulo Leopoldo Mercado

1. Introdução

Atualmente, as TIC estão assumindo, cada vez mais, um importante papel na EAD. Os usos das diversas ferramentas interativas podem facilitar a aquisição do conhecimento, por parte do aluno, partindo-se da hipótese de que, elas sejam: planejadas, organizadas, elaboradas e monitoradas com esse propósito.

O uso das TIC na educação está se expandindo a cada pesquisa que é realizada, por causa do interesse crescente dos professores em adotar essa nova prática. Segundo Peters (2004) a EAD apresenta como indicadores importantes ao seu desenvolvimento: ascensão e a integração da aprendizagem on-line, o interesse pelos especialistas, o público, os governos e os pesquisadores.

A tecnologia está presente em todas as organizações rompendo barreiras de tempo e de distância tornando mais eficaz a comunicação. Considerando a história da educação, a aprendizagem à distância se deu com as escolas por correspondência, fora da sala de aula e em situação assíncronas, em meados do século XIX. O interesse, já era presente naquela época, em levar educação para um grande número de pessoas que se encontrava em diferentes áreas geográficas. Nos últimos 25 anos surgiram as universidades abertas e recentemente a criação das universidades virtuais. A tendência atualmente, consiste no seu desenvolvimento e expansão em todo mundo, existindo uma relação estrutural entre EAD e aprendizagem on-line (PETERS, 2004).

Nos meados dos anos 1990, com o advento da internet, emergiram novas possibilidades de aprendizagem on-line. As universidades e faculdades tradicionais passaram a experimentar um novo momento, despertando o interesse para as mudanças e desafios gerados pela crescente influência dessa emergente forma de EAD.

No entanto, o aumento do número de ambientes informatizados de aprendizagem exige transformação pedagógica na educação, levando-se em

consideração as novas necessidades inerentes a esses ambientes. Estudos mostram que a interação entre estudantes e ferramentas podem facilitar o processo de aprendizagem, mas pouco se refletiu acerca do conceito de interação no contexto das ferramentas existentes na internet.

Com a motivação de tratar o problema da interação, esse trabalho começa com uma análise dos espaços virtuais, seguido de uma reflexão sobre as principais ferramentas de aprendizagem para educação existentes. Na seqüência, aborda-se o conceito de colaboração educativa extraindo-se as variáveis de análise da interação. Reforçando os parâmetro de interação far-se-á uma análise, baseada sobre os conceitos propostos por Dillenbourg (1995) das condições sobre as quais dois agentes A e B estão potencialmente aptos a colaborar através da utilização dessa ferramenta. Por fim, exemplifica-se como os parâmetros desenvolvidos podem ser utilizados para a análise de uma das ferramentas interativas, o chat.

2. Interação em espaço virtuais

Acompanhando o desenvolvimento das interações, no âmbito da história da educação, observa-se uma crescente mudança, particularmente na educação por correspondência, causada pelos novos meios de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com atual realidade do ensino, torna-se um fato a mudança de paradigma na aprendizagem informatizada, da aula expositiva, que exerceu um domínio durante muitos anos, para um novo processo interativo. Esse processo deu origem às tecnologias computacionais que capacitam o aluno, dando acesso a inúmeras informações, incluindo: programas didáticos, livros eletrônicos, biblioteca eletrônica e sistemas especialistas inteligentes. Isso marcou o início das interações em espaço virtuais. Nesse contexto, as condições de aprendizagem do aluno são diferentes, aprendendo em circunstâncias bem diversas e aprimorando a sua autonomia.

Faz-se necessário a precaução para evitar que paradigmas já superados pela educação tradicional ganhem espaço nessa nova abordagem. Espera-se então que o professor seja responsável pela interação colaborativa. Excluindo-se assim, a educação como atividade desestimulante e burocrática (BLIKSTEIN, 2001). Os usos das ferramentas interativas na internet devem provocar interações efetivas decorrentes das trocas compartilhadas pelos e-mails, chats, listas de discussão, weblogs, fotologs, fórum virtual.

A educação online é definida como o conjunto de ações de ensino-aprendizagem desenvolvidas por meio de meios telemáticos, como a Internet, a videoconferência e a teleconferência (SILVA, 2003). Considerado um processo novo e mais complexo do que aquele usado em curso presencial, exigindo uma nova estratégia de ensino. Em virtude dessa nova situação, o professor necessita aprender a trabalhar com essa tecnologia. Ele não deve deixar de lado essa realidade, pois a cada momento no mundo tecnológico surgem soluções interessantes que podem auxiliar ao trabalho pedagógico.

Nos dias atuais, as ferramentas disponíveis na internet assumem um papel importante, particularmente, quando trata-se de fomentar o processo de interação na sala de aula ou fora dela. Assim sendo, o conhecimento dessas ferramentas são essenciais, quando deseja-se a mudanças utilizando-se as TIC existentes.

3. As ferramentas interativas na educação online

As ferramentas mais usadas, atualmente, no contexto educacional são: os e-mails, os chats, as listas de discussão, weblogs e videoconferência. Esse processo comunicativo se dá por meio da linguagem escrita, oral e imagem acompanhado de certa informalidade, pouca monitoração e rapidez (MARCUSCHI, 2005).

E-mail - O correio eletrônico ou emissão eletrônica de mensagem consiste numa forma de comunicação escrita e assíncrona. Geralmente, os interlocutores são pessoas conhecidas, sendo raro o anonimato. A sua utilização é relativamente fácil. O processo é iniciado com o endereço do destinatário, em seguida a descrição do assunto, a elaboração da mensagem, ou o envio de um arquivo e por fim o envio da mensagem.

O e-mail reúne características que o torna singular como: poucos tópicos, possibilidade de estabelecer diálogos, rapidez e objetividade.

Quanto ao tempo de retorno da mensagem, pode ser rápido, quando as pessoas estão online; pode ter certa defasagem de horas, dias, semanas e meses, no caso contrário. Na ausência da respostas, imagina-se que o destinatário não recebeu a mensagem ou recebeu e não respondeu. Tem outra característica curiosa, quanto aos seus integrantes: de um para um, de um emissor para um receptor; e de um para vários, de um emissor para vários receptores, ao enviando a mensagem com cópias.

Quanto ao uso dos ícones que demonstram emoções e sentimentos nos e-mails, eles não são muito utilizados. São mais usados nos bate-papo virtuais (MARCUSCHI, 2005).

Chat - O chat é considerado um ambiente que facilita a comunicação online entre todos os interlocutores, que fazem parte de um grupo e que estejam conectados na internet, em tempo real. Ele possibilita uma comunicação síncrona, situação dinâmica com um espaço para discussão, tornando-se enriquecedor quando todos os participantes colaboram, criando, discutindo, construindo e resolvendo problemas. A comunicação se estabelece via texto escrito e de forma simultânea contribuindo para o processo interativo na educação, pelo fato de compartilhar idéias em tempo real. O sistema permite o anonimato dos seus participantes, identificando com um nome de sua escolha.

Segundo Mercado (2004) o uso do chat é peculiar no contexto da comunicação grupal. A aplicação dessa ferramenta na educação permite informações compartilhadas em tempo real, gerando debates, discussões e análise de alguns problemas.

Segundo Marcuschi (2005) o chat educativo possui características peculiares em relação ao chat em salas abertas: os participantes se conhecem pelo nome, não permitindo o anonimato; o número de participante é limitado, pois constitui um grupo de alunos em sala de aula. Esse encontro possui uma estrutura relativamente clara, que equacionam as relações interpessoais e os conteúdos. O chat educativo possui uma função instrucional, pela composição do gênero textual, pela forma de operacionalização com o estilo.

Lista de discussão - A lista de discussão é considerada uma comunicação virtual assíncrona, onde todos os interlocutores possam se comunicar com todos. Os grupos são formados por interesses definidos de acordo com a comunidade virtual, operando via e-mail, local onde as mensagens são socializadas, para estabelecer as interações.

A existência de um moderador permite que as mensagens sejam direcionadas e filtradas no caso em que alguns participantes envie uma mensagem fora do contexto. Segundo Okada e Santos (2004) o ciberespaço e os ambientes virtuais de aprendizagem não devem ser um espaço de limitação ou impedimento, eles devem sim garantir o direito autoral, o respeito, a tolerância e a liberdade de expressão, sem comprometer a convivência com as diferenças e a singularidade. Não existe um tema definido, mas

um enquadramento geral dos temas que são mencionados na lista. Todo o grupo virtual cria e desenvolve uma dinâmica e uma ética durante o processo de comunicação. Cada participante é identificado pelo nome ou pelo endereço eletrônico. As mensagens são socializadas entre os participantes.

Fóruns - Consiste na relação temporal assíncrona. Este processo interativo permite que os interlocutores emitam e recebam mensagens compartilhadas e comentada por todos. Uma característica fundamental dessa modalidade é a formação de uma inteligência coletiva com base na colaboração de todos-todos (OKADA e SANTOS, 2004).

No fórum, a atividade central é alimentada por um debate de um determinado tema. Ao ser introduzindo um assunto novo, por um membro do grupo, os outros membros iniciam as reflexões sobre o tema. A construção do debate leva a reflexão do tema e o tratamento da forma escrita planificada, menos coloquial, diferente da utilizada nos chats. A elaboração da redação pode ser feita com cuidado, bem estruturada, podendo passar por uma revisão antes de ser enviada. Um aspecto importante do fórum está na criatividade das produções escritas por parte dos seus membros.

Weblog - Segundo Gutierrez (2003), Weblog ou blog como é conhecido, constitui um tipo de publicação on-line recente. Distinguindo-se das páginas e sites da internet pela a forma fácil de criação, edição e publicação, sem precisar de conhecimentos técnicos especializados. Sendo disponibilizada na rede em versão gratuita ou não, por diversos servidores, por meio de um preenchimento de um cadastro. Nesse tipo de ferramenta o aspecto básico é a construção de uma agenda, que é elaborada a partir da escrita visando à apresentação de idéias ou pensamentos. Este agente pode ser uma ferramenta para a realização de uma rápida atualização e manutenção do texto escrito. Os blogs se caracterizam por ser uma página editada por uma só pessoa ou por convidado. Há presença de inúmeros links, relatos pessoais com textos sucintos; atualização diária com as postagens em ordem cronológica, acesso público e gratuito da página.

Um blog consiste numa página que o usuário escreve por ordem cronológica diária ou não, usando uma linguagem informal. Ele é conhecido como diário pessoal na rede, servindo para fazer anotações.

Videoconferência - Em sua forma mais básica consiste na transmissão e recepção de imagens e fala entre duas ou mais pessoas, separadas fisicamente, em locais geograficamente diferentes. Possibilitando a comunicação em tempo real, por meio de áudio e vídeo simultaneamente.

Foram definidas as principais ferramentas da internet com potencial para a interação e a colaboração. No âmbito dos ambientes virtuais de aprendizagem, é importante que essas ferramentas possibilitem ganhos cognitivos para os estudantes em processo de aprendizagem. Portanto, uma análise aprofundada da interação colaborativa é fundamental para a identificação dos fatores que possibilitam um maior potencial de aplicação dessas ferramentas na mediação e construção do conhecimento. Nota-se que os ambientes nos quais essas potenciais interações possam ocorrer é distribuído entre vários estudantes e professores que compartilham o conhecimento. Daí a necessidade de se analisar tais ambientes a luz dos conceitos de aprendizagem colaborativa.

4. Aprendizagem Colaborativa

A visão de um ambiente distribuído onde possa ocorrer a aprendizagem não pode ser dissociado do conceito de colaboração. Embora seja um conceito bastante polêmico, assume-se, nesse trabalho, que existe uma distinção clara entre os conceitos de colaboração e cooperação (DILLENBOURG, 1999).

Na cooperação, existe uma divisão de tarefas entre os membros de um grupo. Cada um é responsável por parte da solução do problema e ao finalizar a sua tarefa, existe um agrupamento das soluções, formando a solução unificada do grupo (Fig. 1).

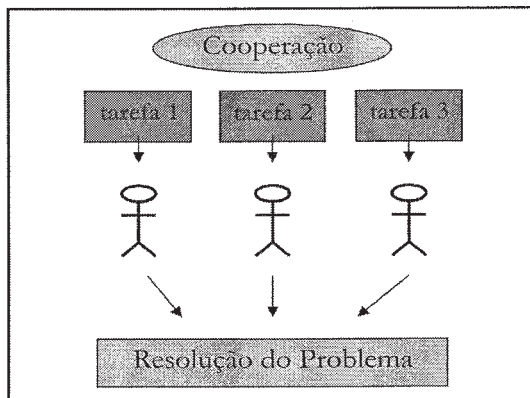


Fig 1 - O processo de cooperação

Na colaboração, o esforço mútuo é privilegiado, existindo uma divisão de tarefas, cada um faz a sua parte. No entanto, cada um visualiza e pode participar ativamente da resolução da tarefa do seu parceiro com o objetivo de resolver o problema em conjunto. Há um compromisso global, responsabilizando a todos pelo término da tarefa dada (Fig. 2).

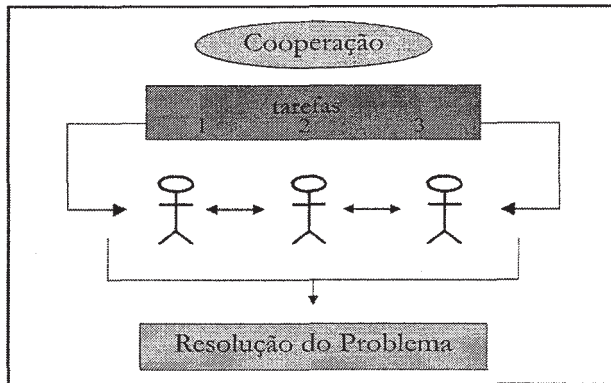


Fig. 2 - O processo de colaboração

Uma vez que a distinção entre colaboração e cooperação foi estabelecida, é importante definir o que vem a ser a Aprendizagem Colaborativa. Em primeiro lugar, existem pessoas em colaboração, querendo resolver um problema em um domínio específico e no contexto de um ambiente educacional. Existe, para tal, a formação de um contrato didático, sem o qual a colaboração pode se tornar infrutífera (PARAGUAÇU, 1997).

Esse contrato tem como objetivo a definição de papéis em um grupo social. Por exemplo, no contexto educacional, o aprendiz que realiza uma atividade pode pedir ajuda ao professor que tem o papel de esclarecer as dúvidas. As formas de interação que podem ser realizadas nesse tipo de ambiente educacional são as seguintes: indivíduo-indivíduo e indivíduo-ferramenta. As atividades são compartilhadas em uma situação interativa que deve envolver grupos de competência diferente (assimétrico) onde um dos elementos do grupo desempenha o papel de facilitador da atividade, tutor, que pode ser humano ou artificial (Fig. 3). Esse papel pode também ser desempenhado por ferramentas adequadas, colocadas no ambiente educativo de aprendizagem.

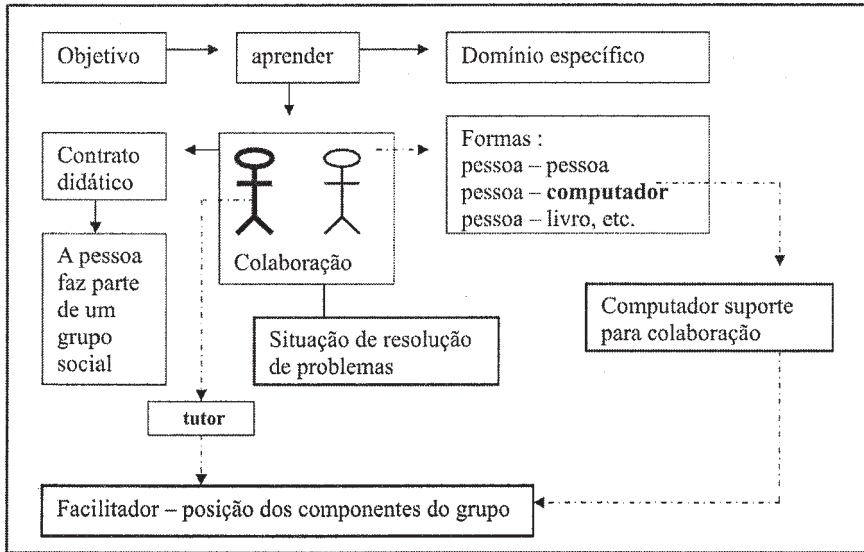


Fig. 3 - O processo da colaboração educativa

O objetivo central da colaboração educativa é o de fazer com que o aprendiz adquira conhecimento cuja aquisição no contexto da teoria da Cognição Distribuída, manifesta-se a partir da atividade. Há, no entanto, uma ligação entre a atividade e a maneira com que os objetos são concebidos, como as pessoas interagem e em quais ambientes a interação é efetiva. O fato de haver uma maior interação entre professor e aprendiz, de o ambiente ser direcionado à educação e de existirem objetos, adequadamente, concebidos para o ambiente, segundo Dillenbourg (1999), é fundamental para que a colaboração educativa funcione adequadamente (Fig. 4).

Quando a interação entre agentes é mediada por computador, a função dos objetos que são concebidos para serem os intermediários da interação torna-se um importante foco de pesquisa (PEA, 1993). No contexto de um ambiente que vise à educação colaborativa, os objetos devem ser compartilhados pelos indivíduos em colaboração (PARAGUAÇU, 1997). Analogamente aos ambientes educacionais reais, os objetos compartilhados pelos usuários devem ser fáceis de utilizar. Uma calculadora, por exemplo, deve ser simples sob pena de ser inútil para a realização de operações como a adição de dois números. No mundo virtual não é diferente. Para que as ferramentas sejam construídas sob medida para o usuário, os construtores devem ter

um modelo de como o seu uso pode simplificar a interação, ou seja, ele deve ter uma idéia de como ele irá, provavelmente, pensar e responder logo que interage com as ferramentas contidas no ambiente. Esse modelo é chamado de *modelo conceitual* (WINOGRAD, 1996).

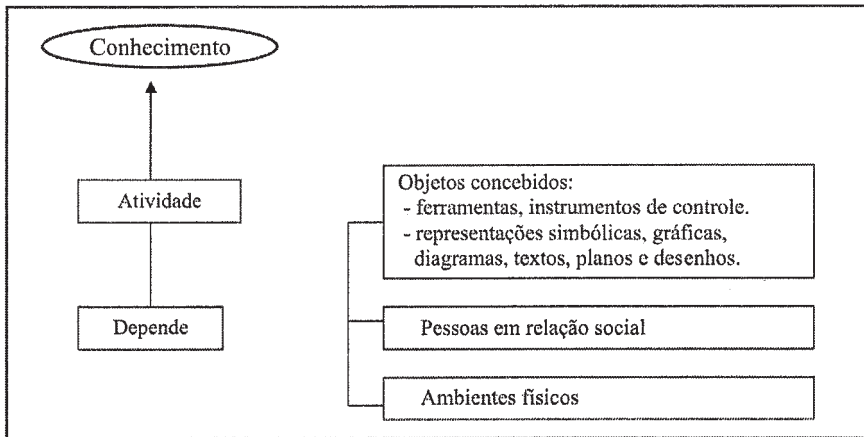


Fig. 4 - As relações de dependência de uma atividade

Em ambientes educacionais, quando o aprendiz interage com as ferramentas no contexto computador-aprendiz, o modelo conceitual, que originou o objeto de interação, deve ser semelhante ao modelo que o aprendiz possui da ferramenta com a qual ele interage, ou seja as hipóteses que os conceptores possuem acerca de como suas ferramentas se comportarão no âmbito da interação com os aprendizes devem ser similares ao modelo que os aprendizes possuem sobre as ferramentas do ambiente.

Noção de Modelo Conceitual

Segundo Winograd (1996), um objeto não é neutro; ele carrega em sua concepção as perguntas realizadas pelo seu criador ou conceptor. Quando uma criação ocorre, várias influências sócio-culturais são responsáveis pela forma ou objetivo do dispositivo concebido. O teclado de um computador, por exemplo, não teria sentido em uma comunidade com deficiências motoras nos membros superiores. Um lápis, por exemplo, tem um tamanho correspondente a uma fração do tamanho de uma

mão normal. O criador espera que o usuário o utilize. Os problemas podem acontecer se o usuário não compreender como o objeto deve funcionar (por exemplo, como posicioná-lo, corretamente, e como pressioná-lo para que o grafite apareça). O princípio é que, se o criador ou conceptor possui um bom modelo de como o usuário reagirá diante do objeto criado, o seu modelo vai ser eficiente e o objeto de “fácil” utilização. O mesmo ocorre com objetos virtuais criados pelo ser humano, como é o caso de um chat, fóruns, blogs e e-mails.

O modelo do conceptor é a forma de como o criador do sistema pensa que o utilizador vai reagir diante da sua criação (WINOGRAD, 1996). Investiga-se nesse trabalho, de uma forma geral, se existem elementos comuns entre o que pensa o conceptor do aprendiz (modelo do conceptor) e o que o aprendiz compreende sobre o funcionamento do sistema (modelo mental do aprendiz). Klee e Brown (1983) chamam de modelo mental o que um indivíduo usa para inferir o funcionamento de dispositivo a partir da sua estrutura.

De acordo com as atividades analisadas de um agente interagindo com uma dessas ferramentas, analisaremos as condições nas quais as interações podem ser efetivas ou não. Levando em consideração o modelo conceitual da interação colaborativa.

Modelo conceitual da interação colaborativa

O modelo conceitual consiste em analisar o *processo interativo* dos indivíduos durante o uso das ferramentas da internet, partindo do conceito de interação colaborativa. Os pontos relevantes desse conceito resultam: nas trocas, nas discussões, na realização da atividade por todos os participantes, nos questionamento, na argumentação, no interesse pela resolução do problema, na apreensão do conhecimento. Na Fig. 5 pode-se observar um pequeno instante de uma interação colaborativa.

**- Diálogo**

Intervenção formal

Intervenção informal

- Interação iniciada.- O interlocutor **recebe** uma mensagem.- **Responde** a mensagem.

- Reflete sobre a mensagem.

- Argumenta sobre o conteúdo enviado.

- **Recebe** um retorno, **retorna**.

- Questiona.

- Afirma, acrescenta, discute, conclui.

- Interação finalizada

Fig. 5 – Interação Colaborativa

As mensagens recebidas e enviadas durante o processo de interação são fundamentais. Em particular quando estamos tratando de ferramentas que servem de apoio para o processo de aprendizagem. O uso dessas ferramentas pelo aluno não permite, sem uma análise, afirmar se o aluno está aprendendo ou não, que existe um processo interativo ou não, ou se existe um processo colaborativa ou não. A preocupação maior, na verdade, é a detectar a presença do aluno e verificar o grau (nível) de interação colaborativa que elas são capazes de estabelecerem durante a sua utilização no âmbito educacional.

5. Ferramentas e condições de existência de potencial para colaboração

A luz dos conceitos acima, vai-se analisar os modelos conceituais das principais ferramentas analisadas verificando o potencial delas para o processo de colaboração.

Tem-se, inicialmente, um computador com acesso a um conjunto de ferramentas disponíveis na internet que conta com um ou mais alunos interagindo virtualmente com seus pares ou professores. Assim, esse aluno, poderá ter sucesso ou não no processo interativo. Fica claro que a interação só será possível se houver uma comunicação efetiva. Segundo Dillenbourg (1995), os mecanismos fundamentais para a aprendizagem colaborativa são: Conflito, Proposta Alternativa, Auto Explicação, Internalização, Apropriação, Cognição Compartilhada, Regulação e Base Social.

A **noção de conflito** pode ser sumarizada pela teoria Piagetiana que indica o poder do conflito sócio-cognitivo como um mecanismo importante no processo de aprendizagem. Múltiplos pontos de vista pode enriquecer a aprendizagem (BLAYE, 1988). Esse instrumento pode ser aplicado como parâmetro de que a interação está evoluindo.

A **proposta alternativa** acontece quando aprendizes tentam sustentar suas hipóteses tentando fazer com que o outro sujeito seja convencido a abandonar a sua hipótese. Explicações advindas desse processo interativo pode enriquecer a aprendizagem.

A **Auto Explicação** acontece quando o aprendiz começa a realizar um diálogo consigo mesmo. A “fala consigo mesmo” é uma característica das crianças e adultos em fase de aprendizagem sendo um resultado da interação entre indivíduos menos capacitados e mais capacitados (GALLIMORE e THARP, 1990).

A **Internalização** ocorre quando o conhecimento encontra-se interiorizado. Por exemplo, durante a realização de uma tarefa não se aponta nenhuma dificuldade por parte do aprendiz.

A **Apropriação** é segundo Dillenbourg(1995) uma maneira ocasional de colaborar, onde um determinado parceiro A, menos hábil do que outro parceiro B realiza uma ação. O parceiro B tenta integrar A a ação de A no seu próprio plano. No final, ocorre a aprendizagem quando A reinterpreta sua ação com relação a interpretação de B.

A **Cognição Compartilhada** significa divisão do trabalho ou alteração de papéis. É importante notar que aprendizes podem executar certas atividades e delegar outras para os parceiros. Por exemplo, na elaboração de um texto sobre história um

aprendiz pode estudar com outro sobre a independência do Brasil e um pode assumir o papel de escritor, outro de leitor e ambos de questionadores.

A **Regulação Mútua** pode surgir através da realização de explicações durante o processo de diálogo entre pares. É um mecanismo onde o parceiro é obrigado a explicitar o seu próprio conhecimento durante uma determinada ação. Por exemplo, num diálogo em um chat poder acessar toda a argumentação realizada pelo parceiro em interação.

Base Social Comum é o mecanismo que faz com que o parceiro tente detectar algum problema na comunicação com o companheiro de tal forma que possa corrigi-lo. Isso pode envolver, por exemplo, eliminar ambigüidades de diálogos e desenho de esquemas visuais. Por exemplo, em um chat, o parceiro emite uma carinha de interrogação e o outro parceiro esclarece com uma explicação mais detalhada.

Em seguida serão descritos os modelos conceituais das ferramentas interativas com potencial para a colaboração educativa, tomando-se como base os conceitos explicitados por Dillenbourg (1995).

6. Modelos conceituais das ferramentas com o potencial para colaboração.

Os modelos conceituais serão descritos a partir de um conjunto de possibilidades de interação. O que chamamos de *modelo ideal* está relacionado a situações aonde a interação chega ao estado final *sem rupturas*. No *modelo de ruptura* são descritas as situações onde pode haver quebras na interação. Para se visualizar os modelos *ideais* e de ruptura analisa-se as situações através de oito possibilidades: conflito, proposta alternativa, auto-explicação, internalização, apropriação, regulação mútua, base social e cognição compartilhada.

Possibilidade 1 – Conflito

Modelo Ideal

Cenário – O agente A envia uma argumentação favorável a uma proposição X (por exemplo, pena de morte) o agente B discorda e contra-argumenta. Tanto os argumentos do Agente A como do Agente B podem melhorar o conhecimento dos dois acerca da proposição X

Modelo de Ruptura

Cenário - O agente A envia uma argumentação favorável a uma proposição X (por exemplo, a pena de morte) o Agente B diz desconhecimento do tema ou alega inutilidade da continuidade da comunicação.

Possibilidade 2 - Proposta Alternativa

Modelo Ideal

Cenário – O agente A tenta sustentar a sua proposição X (sobre a pena de morte) tentando convencer o agente B e este, por sua vez, tenta convencer o agente A da proposição Y, contrária. Durante uma ou mais trocas de mensagens o agente A ou B adere a uma das proposições.

Modelo de Ruptura

Cenário – O agente A tenta sustentar a sua proposição X (sobre a pena de morte) tentando convencer o agente B e este, por sua vez, tenta convencer o agente A da proposição Y, contrária. Durante a processo nem o Agente A nem o Agente B chegam a um consenso, acarretando da suspensão da comunicação.

Possibilidade 3 - Auto-Explicação

Modelo Ideal

Cenário – O agente A tenta sustentar a sua proposição X (sobre a pena de morte) tentando convencer o agente B a aderir a sua proposição. O agente B responde pedindo confirmação sobre uma seqüência de argumentos que ele achou relevantes na mensagem do agente A refletindo sobre a argumentação.

Modelo de Ruptura

Cenário – O agente A tenta sustentar a sua proposição X (sobre a pena de morte) tentando convencer o agente B a aderir a sua proposição. O agente B, não solicita assistência ou faz qualquer comentário sobre as proposições do agente A.

Possibilidade 4 - Internalização

Modelo Ideal

Cenário – O agente A tenta sustentar a sua proposição X com o Agente B e o agente B responde argumentando sobre a sua compreensão acerca os pontos discutidos no texto.

Modelo de Ruptura

Cenário – A resposta ao argumento do Agente A demonstra total incompreensão da proposição X.

Possibilidade 5 - Apropriação

Modelo Ideal

Cenário – O agente A propõe uma ação para a realização de uma tarefa (realização de um texto). O agente B inicia essa ação (faz o primeiro parágrafo) e o agente B integra a ação realizada ao seu plano global (finaliza o texto). Logo após, o Agente A é solicitado a reler e interpretar o texto, aos olhos do B.

Modelo de Ruptura

Cenário – O agente A propõe uma ação para a realização de uma tarefa (realização de um texto). O agente B não inicia essa ação (faz o primeiro parágrafo) ou o agente B não integra a ação realizada ao seu plano global (finaliza o texto). Ou, no final, o Agente A não consegue reler e interpretar o texto, aos olhos do B.

Possibilidade 6 - Regulação Mútua

Modelo Ideal

Cenário – O agente A propõe uma ação para a realização conjunta de uma tarefa (realização de um texto) o agente B solicita que o agente A explicita a sua ação (detalhes sobre o significado de certas partes do texto), reciprocamente, o agente B pode propor uma ação (melhoramento do texto) e o agente A explicitar o seu entendimento sobre a ação proposta.

Modelo de Ruptura

Cenário – O agente A propõe uma ação para a realização conjunta de uma tarefa (realização de um texto) o agente B não solicita a explicitação da ação ou vice-versa interrompendo o diálogo.

Possibilidade 7 - Base Social

Modelo Ideal

Cenário – O agente A propõe uma mensagem para o agente B, para qualquer mensagem ou percepção de não entendimento do Agente B, o agente A tenta enviar mensagens de esclarecimentos.

Modelo de Ruptura

Cenário - O agente A propõe uma mensagem para o agente B, ele não consegue detectar qualquer mensagem ou percepção de não entendimento do Agente B.

Possibilidade 8 - Cognição Compartilhada

Modelo Ideal

Cenário – O agente A envia uma mensagem, solicitando que o agente B realize uma tarefa X com ele. Esta tarefa é dividida em duas sub-tarefas. O agente B envia a mensagem ao agente A dizendo que terminou a tarefa ou vice-versa

Modelo de Ruptura

Cenário - O agente A envia uma mensagem, solicitando que o agente B realize uma tarefa X com ele. Esta tarefa é dividida em duas sub-tarefas. O agente A ou o Agente B não termina a tarefa ou não envia a mensagem de volta.

7. Ferramentas Interativas que podem favorecer a Colaboração Educativa

Nesse ponto, pode-se começar uma análise das ferramentas com seus respectivos potenciais para a realização da colaboração educativa. Adotam-se, para isso, os cenários desenvolvidos anteriormente. Assim, o modelo proposto leva em consideração os seguintes critérios:

- a) Adequação ao modelo conceitual de educação colaborativa descrito na figura 5, levando-se em consideração, particularmente, a organização da competência dos pares em interação. Eles são analisados nos grupos: professor-aluno, aluno mais competente-aluno menos competente e alunos da mesma competência. São também consideradas as condições de verificação da presença. Assim são melhor avaliadas as ferramentas onde a detecção da presença do aluno no ambiente pode ser mais rapidamente identificada, facilitando assim a interação.
- b) Verificação das condições sobre as quais a colaboração pode ocorrer: conflito, proposta alternativa, auto-explicação, internalização, apropriação, cognição compartilhada, regulação mútua e base social comum.

Dois modelos serão analisados nesse trabalho: o modelo da ferramenta e-mail, representando a parte da análise assíncrona, e o modelo da ferramenta chat, representando as interações em tempo real.

Fundamento para Análise dos Modelos Conceituais

Nessa situação, são descritos dois agentes humanos que estão interagindo, no contexto educativo, por meio de uma troca de e-mails ou troca de mensagens via chat, visando a aprendizagem de um determinado tema.

Modelo Conceitual de E-mail

O Agente A envia um e-mail para o Agente B

O Agente B pode:

Receber ou não receber

Se recebe o e-mail, ele pode:

Não ler (quebra)

Ler e não responder (quebra 2)

Ler e Responder (aqui começa uma possível interação)

Nota-se que a detecção de presença na ferramenta de e-mail é mínima

Modelo Conceitual de Chat

O Agente A envia uma mensagem para o Agente B

O Agente B pode:

Receber on-line ou off-line

Não ler a mensagem (quebra)

Ler e não responder a mensagem (quebra 2)

Ler e Responder a mensagem em tempo real (aqui começa uma possível interação)

Nota-se que a detecção de presença na ferramenta de um chat é máxima.

Análise das possibilidades a partir do modelo conceitual

A análise será desenvolvida fundamentada nos modelos conceituais já explicitados no texto. Os grupos são organizados da seguinte forma: professor aluno (Grupo1), aluno mais competente e aluno menos competente (Grupo2) e alunos de mesma competência (Grupo 3).

Possibilidade 1 - Condições de Conflito

Se o Grupo é o 1 (professor-aluno) então o potencial para o conflito é mínimo.

Se o Grupo é o 2 (aluno mais competente e aluno menos) então o potencial para o conflito é mínimo.

Se o grupo é o 3 (aluno de mesma competência) então o potencial é máximo.

Possibilidade 2 - Proposta Alternativa

Se o Grupo é o 1 (professor-aluno) então potencial é mínimo, porque a capacidade de contra-argumentação do aluno é menor em relação ao professor.

Se o Grupo é o 2 (aluno mais competente e aluno menos competente) então o potencial é mínimo, porque a capacidade de contra-argumentação do aluno mais competente é maior do que a do aluno menos competente.

Se o grupo é o 3 (aluno de mesma competência) então o potencial é máximo, porque a capacidade de contra-argumentação dos alunos são similares.

Possibilidade 3- Auto-Explicação

Se o Grupo é o 1 (professor-aluno) então o potencial para a auto-explicação é máximo, pois professor apresenta sua argumentação para aluno. O aluno faz uma reflexão sobre o assunto e pede a confirmação do professor.

Se o Grupo é o 2 (aluno mais competente - e aluno menos) então o potencial para a auto-explicação é máximo, pois o aluno mais competente apresenta sua argumentação para o menos competente, que faz uma reflexão sobre o assunto e pede a confirmação para o aluno mais competente.

Se o grupo é o 3 (aluno de mesma competência) então o potencial para a auto-explicação é mínimo, pois os alunos de mesma competência a possibilidade de apresentação de argumentação é menor.

Possibilidade 4 - Internalização

Se o Grupo é o 1 (professor-aluno) existe um potencial maior para internalização, pois o professor possui um domínio maior sobre o assunto

Se o Grupo é o 2 (aluno mais competente e aluno menos) existe um potencial maior para internalização, o aluno mais competente possui um domínio maior sobre o assunto.

Se o grupo é o 3(aluno de mesma competência) existe um potencial menor para internalização, os aluno de mesma possui o mesmo domínio sobre o assunto.

Possibilidade 5 - Apropriação

Se o Grupo é o 1 (professor-aluno) então o potencial para a apropriação é máximo, pois aluno pode iniciar um ação e o professor integrar a ação já realizada e solicitar ao aluno sua continuação.

Se o Grupo é o 2 (aluno mais competente- e aluno menos) então o potencial para a apropriação é máximo, pois aluno menos competente inicia um ação e o aluno mais competente integrar àquela ação já realizada e solicita ao aluno menos competente a sua continuação.

Se o grupo é o 3 (aluno de mesma competência) então o potencial para apropriação é máxima, pois os aluno de mesmo capacidade similar podem realizar a tarefa em conjunto.

Possibilidade 6 - Regulação Mútua

Se o Grupo é o 1 (professor-aluno) então o potencial para a regulação mútua é mínimo, pois nem sempre o aluno tem condição e de explicitar um conhecimento para o professor. Exigindo compreensão de ambas as parte, para resolução de um tarefa.

Se o Grupo é o 2 (aluno mais competente e aluno menos) então o potencial para regulação mútua é mínimo, pois nem sempre o aluno menos competente possui condições para explicitar um conhecimento para o aluno mais competente.

Se o grupo é o 3 (aluno de mesma competência) então o potencial é máximo, pois os alunos têm condições similar para realiza a interação.

Possibilidade 7 - Base Social

Se o Grupo é o 1 (professor-aluno) então o potencial para a base social é máximo, pois o professor na ausência de entendimento de uma mensagem pelo aluno, ele envia uma mensagem de esclarecimento.

Se o Grupo é o 2 (aluno mais competente e aluno menos) então o potencial para a base social é máximo, pois o aluno mais competente na ausência de entendimento de um assunto pelo aluno menos competente, ele envia uma mensagem de esclarecimento.

Se o grupo é o 3 (aluno de mesma competência) então o potencial para a base social é mínima, pois tem dificuldade de esclarecimento do assunto já que tem as mesmas competências.

Possibilidade 8 - Cognição Compartilhada

Se o Grupo é o 1 (professor-aluno) então o potencial para a cognição compartilhada é máxima, pois o professor pode solicitar uma tarefa mais simples para o aluno.

Se o Grupo é o 2 (aluno mais competente- e aluno menos) então o potencial para a cognição compartilhada é máxima dada flexibilidade do aluno mais competente dar uma tarefa mais simples para um aluno menos competente.

Se o grupo é o 3 (aluno de mesma competência) então o potencial para a cognição compartilhada é máximo, pois pode haver uma divisão igualitária de tarefas.

Análise das Interações

As interações por e-mail com relação as interações por chat são sintetizadas no quadro 1 e quadro 2, abaixo. Nota-se então que ambas as ferramentas possuem potencial para a existência de uma interação colaborativa nos grupos 1, 2 e 3. O elemento decisivo no processo de análise é a detecção de presença dos componentes dos grupos viabilizando ou não o processo interativo.

Quadro 1 - Ferramentas educativas na aprendizagem o e-mail

Variáveis	Professor – Aluno GRUPO 1	Aluno mais competente – aluno menos competente GRUPO 2	Alunos de mesma competência GRUPO 3	Deteccção de Presença
Condições	Potencial	Pontecial	Potencial	Potencial
Possibilidade 1 – Conflito	Mínimo	Mínimo	Máximo	Mínimo
Possibilidade 2 – Proposta alternativa	Mínimo	Mínimo	Máximo	Mínimo
Possibilidade 3 – Auto-explicação	Máximo	Máximo	Mínimo	Mínimo
Possibilidade 4 – Internalização	Máximo	Máximo	Mínimo	Mínimo
Possibilidade 5 – Apropriação	Máximo	Máximo	Máximo	Mínimo
Possibilidade 6 – Cognição compartilhada	Mínimo	Mínimo	Máximo	Mínimo
Possibilidade 7 – Regulação mútua	Máxima	Máxima	Mínimo	Mínimo
Possibilidade 8 – Base Social Comum	Máximo	Máximo	Máximo	Mínimo

Quadro 2 - Ferramentas educativas na aprendizagem o chat

Variáveis	Professor - Aluno	Aluno mais competente – aluno menos competente	Alunos da mesmas competência	Deteccção de Presença
Condições	Potencial	Pontecial	Potencial	Potencial
Possibilidade 1 – Conflito	Mínimo	Mínimo	Máximo	Máximo
Possibilidade 2 – Proposta alternativa	Mínimo	Mínimo	Máximo	Máximo
Possibilidade 3 – Auto-explicação	Máximo	Máximo	Mínimo	Máximo
Possibilidade 4 – Internalização	Máximo	Máximo	Mínimo	Máximo
Possibilidade 5 – Apropriação	Máximo	Máximo	Máximo	Máximo
Possibilidade 6 – Cognição compartilhada	Mínimo	Mínimo	Máximo	Máximo
Possibilidade 7 – Regulação mútua	Máximo	Máxima	Mínimo	Máximo
Possibilidade 8 – Base Social Comum	Maximo	Máximo	Máximo	Máximo

8. Considerações Finais

A partir das análises das possibilidades de interação entre pares de diferentes competências, identificou-se, em ambas as ferramentas, que as condições que mostraram um potencial maior de interatividade foram: a possibilidade de auto-explicação, a possibilidade de internalização, a possibilidade de apropriação, a possibilidade de regulação mútua e a possibilidade da existência de uma base social mútua. Todas essas condições estão ligadas a construção do conhecimento. No entanto, os pares com mesma competência o maior potencial identificado no processo interativo foram: o conflito, auto-explicação, a apropriação, a cognição compartilhada e base social, que também favorece o processo colaborativo.

Na análise comparativa realizada a partir dos dois quadros observa-se também que o fator detecção de presença, faz a diferença no processo interativo. Por exemplo, no quadro I, na primeira linha observam-se, três ocorrências da atribuição mínima (refletindo a possibilidade de conflito) e no quadro II têm-se duas ocorrências de atribuição mínima mostrando um potencial maior de ocorrência do conflito quando se utiliza a ferramenta chat.

Essa análise generaliza-se por toda a tabela, mostrando as que o fator detecção de presença é um fator importante para o processo de aprendizagem colaborativa. Essa conclusão é corroborada pelos Modelos de rupturas apresentados que indica que os cortes da interação ocorrem, em sua grande maioria, nas ferramentas onde a certeza de que um agente enviou uma mensagem (presença confirmada) demora a ser detectada.

Referências

BLAYE, A. **Confrontation socio-cognitive et resolution de problèmes**. Doctoral dissertation, Centre de Recherche en Psychologie Cognitive, Université de Provence, 13261 Aix-en-Provence, France, 1988.

BLIKSTEIN, P. Entrevista ao Jornal do Brasil, sobre educação, treinamento a distância e a “nova economia”. **Jornal do Brasil**, Educação & Trabalho, fev. 2001.

COSTA, Cleide J. S. **A iniciação à leitura em dois contextos sócio-culturais no âmbito do SIANALCO**. Tese (Doutorado em Linguística e Educação) Maceió: Universidade Federal de Alagoas e Aix-en-Provence: Université de Provence Centre D' Aix, 2002.

DILLENBOURG, P.; SCHNEIDER, D. Mediating the mechanisms which make collaborative learning sometimes effective. **International Journal of Educational Telecommunications**, vol.1, number 2/3, AACE, 1995.

DILLENBOURG, P. **Collaborative learning and computational approaches**. Oxford: Pergamon Press, 1999.

GALLIMORE, R.; THARP, R. Pensamento educativo na sociedade: ensino, escolarização e discurso escrito. In: MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GUTIERREZ, Suzana S. O fenômeno dos weblogs: as possibilidades trazidas por uma tecnologia de publicação na internet. **Revista Informática na educação: teoria e prática**, Porto Alegre. V.6, n.1, p.87-100, Jan D Jun 2003.

KLEER, D.; BROWN, J. **Assumptions and ambiguities in mechanistic: in mental models**. Londres: Lawrence Associates, 1983.

MARCUSHI, Luiz A; XAVIER Antonio C. (Org). **Hipertexto e gênero digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MERCADO, Luís P A utilização do chat como ferramenta didática. **Revista da FAEBA**, Salvador, vol 13, nº 22, jul/dez. 2004, pp. 385-400.

PARAGUAÇU, F. **Vygotsky: un environnement d'apprentissage social pour la programmation fondé sur la collaboration entre agents d'aide à la conception pas cas**. Marseille: Université d'Aix Marseille III, 1997. Tese (Doutorado em Ciências).

OKADA Alexandra L.; SANTOS Edméa O. Comunicação educativa no ciberespaço: utilizando interfaces gratuitas. **Revista Diálogo Educacional**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. -v.4, n. 13 (set./dez. 2004).

PEA, R. D. Practices of distributed intelligence and designs for education. In: SALOMON, G. (ed.). **Distributed cognition, psychological and educational considerations**. New York: Cambridge University Press, 1997.

PETERS, Otto. **A educação à distância em transição: tendências e desafios**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

SILVA, Marco (org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

WINOGRAD, Terry. **Bringing design to software**. ACM Press: United States of America, 1996.

ORKUT COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

Patrícia Gallo

1. Introdução

A rica troca de informações pela Internet permite a difusão de conhecimentos técnicos e fortalece os relacionamentos pessoais e profissionais. As comunidades virtuais tornam-se ambientes perfeitos para essa interação.

Segundo Pallof e Pratt (2002, p.25-26).

A comunidade é um todo dinâmico que emerge quando um grupo de pessoas compartilham práticas comuns, são independentes, tomam decisões em conjunto; se identificam com algo maior que a soma de suas relações individuais, e fazem um compromisso de longo prazo com o bem estar (seu próprio, um do outro, e do grupo)”.

Devido à facilidade para obter e trocar informação Internet jovens e adultos contam hoje com novas formas de se relacionar, nas quais o tempo e espaço não são mais determinantes para manter, fazer contato. Um exemplo de “amizade virtual” pode ser encontrado no Orkut, site de maior acesso nos ciber cafés, shoppings e casas, nos horários livres dos jovens e adultos, site de relacionamento e afinidades.

Esta ferramenta é utilizada como meio de comunicação e troca de informações entre professores, educadores e estudantes. O orkut é um portal de rede social, na qual as pessoas se cadastram mediante o convite de um amigo, formando uma rede de contatos interligada por pessoas que se conhecem entre si.

O Orkut foi criado em janeiro de 2004, criado por Orkut Buyukkokten, programador do buscador Google, a partir da idéia de formar um clube de amizades e relacionamentos, onde só pudesse entrar quem fosse convidado.

A ferramenta criada por ele para encontrar pessoas pelo nome ou por afinidades, no final de 2004 possuía mais de 1.357.966 membros. Números oficiais revelam que, só no Brasil, já eram mais de 700 mil, com seus perfis e fotos expostas no Orkut, o que determinava que 51% dos membros eram brasileiros. Na realidade este número pode ser bem maior, já que, ao se cadastrar, alguns mentem, declarando nacionalidades diferentes.

O grau de interação envolvido nesse ambiente virtual é elevado, motivador e instigante, o acesso é feito diariamente de 1 a 3 vezes pelos usuários.

2. Comunidades Virtuais de Aprendizagem

De acordo com Palloff e Pratt (2002, p.50), ingressar em uma comunidade é compartilhar com outras pessoas o que realmente somos e viver colaborativamente. “É um ato de geração mútua de autonomia”.

A expressão comunidade virtual passa a ser popularizada através do trabalho de Rheingold (1996) e serve para designar grupo de pessoas que se relacionam na internet através de laços sociais por algum tempo, onde haja interesse compartilhado, sentimento de comunidade. Castells (1999) refere-se à comunidade virtual como uma rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhado.

Cada vez mais os professores precisam se apropriar de tais tecnologias e ferramentas para proporcionar aos alunos uma aprendizagem mais aberta onde o conhecimento passa a ser construído através da interação por interesse compartilhado e de forma colaborativa.

Além de rede de amigos e relacionamento, o Orkut conta com as comunidades virtuais que somam mais de 140 mil, divididas em 28 temas como arte, moda, política, religião, música, comida, educação, esportes. Qualquer usuário pode criar uma comunidade ou se ligar a quantas quiser, desde que receba a aprovação de ingresso pelo criador.

As comunidades funcionam como uma moderna lista de discussões mais personalizada, onde as normas são definidas de acordo com valores criados pelos próprios integrantes.

Comunidades com temas abrangentes e comuns a todos pode ter milhares de pessoas, outros grupos com temas mais específicos como de um determinado curso, faculdade e condomínio que tem sua adesão proporcional ao interesse e outros com um único e solitário membro.

A comunidade mais numerosa é “Brasi!”, que funciona como um fórum para brasileiros e interessados no país, com 679.651 membros.

Todo tipo de tema e assunto pode virar uma comunidade virtual onde o debate é movimentado e os usuários passam a expor sua opinião e ponto de vista. Por exemplo fatos atuais como a situação política do Brasil, corrupção, mensalão, dentre outras.

Esta grande abrangência nos variados temas, a troca de informações, a facilidade no manuseio e a alta interligação entre os usuários fazem do Orkut uma ferramenta popular e de sucesso entre jovens e adultos.

O aspecto lúdico através da diversão, descontração e espontaneidade faz com que o Orkut não seja visto também como um ambiente de aprendizagem e sim como um ambiente de relacionamento pelos usuários, porém muitos passam a construir conhecimento por meio de recados (scrap) e ou pela discussão gerada pelas comunidades virtuais.

Nesse sentido, podem funcionar como aliado/parceiro, pois possibilita o encontro de pessoas com interesses semelhantes e múltiplos pontos de vista, favorecendo a comunicação e ampliando a cooperação e o reconhecimento do outro.

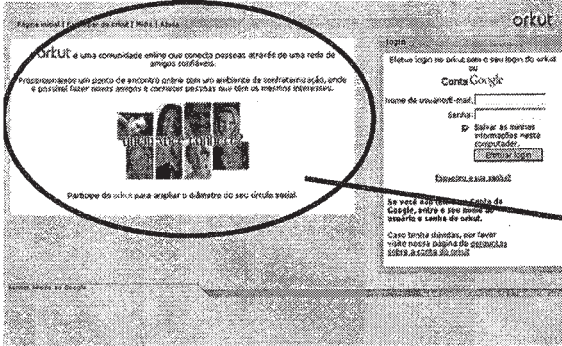
Como aborda Lévy (1999, p.30).

Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social. Em contra partida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobiliza-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos.

Em entrevista realizada, foi diagnosticado que embora a maioria dos professores dos colégios privados Damas, em Recife e Liceu Di Thiene, em São Caetano do SUL/SP, conheçam ou já ouviram falar do ambiente virtual Orkut, através dos próprios alunos ou seus filhos, nunca o vislumbraram como ferramenta de aprendizagem on-line, ignorando a possibilidade de uso nos laboratórios de informática e/ou como atividade extra horário de aula.

Nesta perspectiva de uso, contribuindo para a mobilização dos saberes e a articulação da coletividade, apresento a interface do ambiente virtual Orkut, suas ferramentas de interação e algumas comunidades criadas com o objetivo de proporcionar a aprendizagem, onde o professor também é um agente co-participante.

O Ambiente Virtual e suas ferramentas A interface do Orkut (<http://www.orkut.com>)

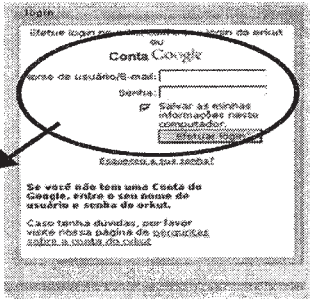


CAPA – Página Inicial

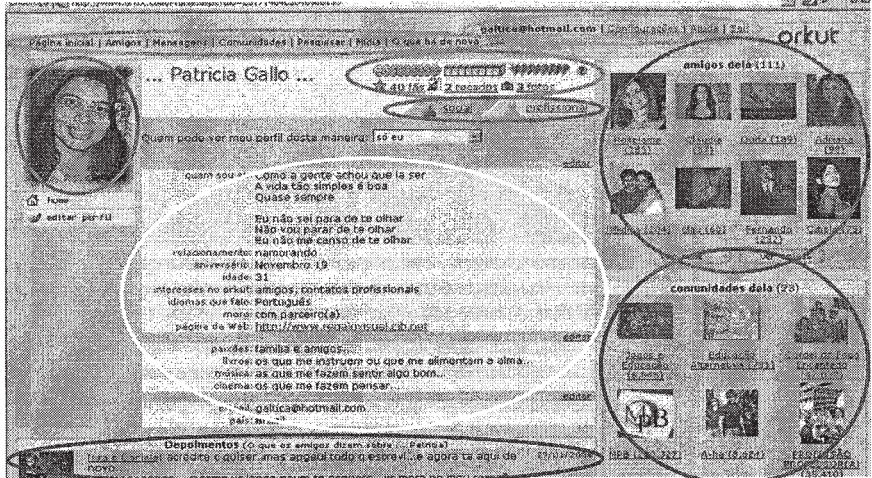
O **orkut** é uma comunidade online que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis. Proporcionamos um ponto de encontro online com um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses.

QUEM VOCÊ CONHECE?
Participe do orkut para ampliar o diâmetro do seu círculo social.

O ingresso somente é permitido através de convite por algum usuário já cadastrado. Após aceitar o convite o futuro usuário deve cadastrar alguns dados como e-mail e senha. Houve um recadastramento no segundo semestre de 2005 onde os usuários foram obrigados a confirmar seus endereços de e-mail para continuar como membro deste ambiente, através da **conta Google** ou criar um novo e-mail com extensão **gmail**. Os usuários que não o fizeram este recadastramento foram retrados do ambiente. Para acessar é necessário colocar o "nome do usuário ou e-mail" e a "senha" correspondente ao cadastro.



Perfil (modo de exibição para os outros usuários do ambiente)



Página Inicial: itens editáveis - álbum, perfil - Acesso aos recados, dados e estatísticas.

Amigos: lista dos amigos cadastrados - mostra o grau de amizade, alguns dados e campos para convidar alguém para ingressar no ambiente (somente pode se cadastrar quem for convidado).

Mensagens: informação, eventos, novidades das comunidades e mensagem dos amigos.

Comunidades: lista das comunidades cadastradas – todas as categorias e campo para busca

Pesquisar: campo para buscar os contatos e amigos por nome, sobrenome e e-mail.

Mídia: em inglês, eventos, notícias, exposições indicados pelos usuários e pelo site.

O que há de novo: lista com os novos serviços oferecidos pelo ambiente virtual.

Imagem principal de Identificação do usuário – não é obrigatório ser uma imagem real.

E-mail (conta ou nome do usuário)

Configurações: senha, idioma, como receber os recados e mensagens, excluir conta, alterar convite, como receber notificações.

Ajuda: resposta para as 5 perguntas mais populares do dia e auxílio sobre o manuseio, conta, amigos, comunidades, perfil e configurações, conectando pessoas e sobre o ambiente.

Sair: finalizar a conexão com o ambiente virtual.

Estrelas: As pessoas que são fãs.

Carinhas: mede o grau de confiança

Cubos de gelo: mede o grau de simpatia (cool/legal)

Corações: mede o grau de sensualidade

Fãs: pessoas que o adicionaram como amigo, medido em quantidade.

Recados: reservado para o contato entre as pessoas, envio de recados – qualquer pessoa pode enviar um recado mesmo sem fazer parte dos amigos cadastrados (scrap/recado).

Fotos: reservado para o usuário colocar fotos e legendas e ilustrar seu perfil.

Social: informações sobre o usuário, quem sou eu, aniversário, estado civil, o que gosta de ler, comer, religião, etc.

Profissional: informações como escolaridade, curso, descrição do trabalho, etc.

Pessoal: informações sobre o par perfeito e preferências, o que mais chama atenção no usuário, etc.

Exemplo e modo de exibição de um perfil SOCIAL.

Depoimentos: mensagens que os amigos deixam sobre o usuário, relato de experiência, exposto grau de amizade, qualidades, etc. - pode ser visualizado por todos os membros do ambiente.

Amigos: Visualização dos 8 amigos cadastrados pelo usuário, que acessaram o ambiente recentemente. A quantidade total de amigos do usuário é mostrada.

Comunidades: Visualização de 8 comunidades que o usuário é membro. A cada acesso a posição é atualizada. A quantidade total de comunidades do usuário é mostrada.

3. Processo de aprendizagem projeto e apoio online

Exemplo 1 - Projeto Solo na Escola

O Projeto “Solo na Escola” é um projeto de Extensão Universitária criado pelo Professor Valmiqui Costa Lima e coordenado pelo Departamento de Solos e Engenharia Agrícola (www.dsea.ufpr.br) da Universidade Federal do Paraná (www.ufpr.br). O objetivo geral deste projeto é promover, nos professores e estudantes do ensino fundamental e médio, a conscientização de que o solo é um componente do ambiente natural que deve ser adequadamente conhecido e preservado tendo em vista sua importância para a manutenção do ecossistema terrestre e sobrevivência dos organismos que dele dependem. <http://www.escola.agrarias.ufpr.br/>

e-mail solonaescola@ufpr.br

Página Principal da Comunidade

PROJETO SOLO NA ESCOLA - UFPR

descrição: O Projeto "Solo na Escola" é um projeto de Extensão Universitária criado pelo Professor Valmirqui Costa Lima e coordenado pelo Departamento de Solos e Engenharia Agrícola (www.solos.ufpr.br) da Universidade Federal do Paraná (www.ufpr.br). O objetivo geral deste projeto é promover, nos professores e estudantes do ensino fundamental e médio, a conscientização de que o solo é um componente do ambiente natural (as chamadas "solos vivos") e, portanto, também, nutrido e preservado tendo em vista sua importância para a manutenção do ecossistema terrestre e sobrevivência dos organismos que dele dependem.

http://www.solo.na.escola.ufpr.br
e-mail: solo.na.escola@ufpr.br

categoria: Escolas e Cursos
 dono: Humberto J. J.
 tipo: pública
 fórum: não-anônimo
 idioma: Português
 local: CMB, Brasil
 criado: 25 de Agosto de 2005
 membros: 52

participar
 ver fóruns
 ver eventos
 convidar amigos
 fazer o perfil do usuário

comunidades relacionadas

forum	autor	postagens	ver todos os discussões
Professores do FEM que participam do Projeto	Jim	1	02/09/2005 - 04:44
COMO SE MANEJA O QUE ACORRÁ O SOLO III	xximilka	1	13/12/2005 - 10:36
CONVERSAR COM QUEM SABE O QUE DIZIIII	anônimo	3	11/12/2005 - 16:19
Projeto Solo Escola	Isabe Bertelle	3	11/12/2005 - 16:01
Lição com a natureza	anônimo	1	19/11/2005 - 11:56

eventos

A interface das comunidades do ambiente virtual Orkut é semelhante à interface do usuário, onde mantém a mesma unidade visual em cores, fontes e disposição.

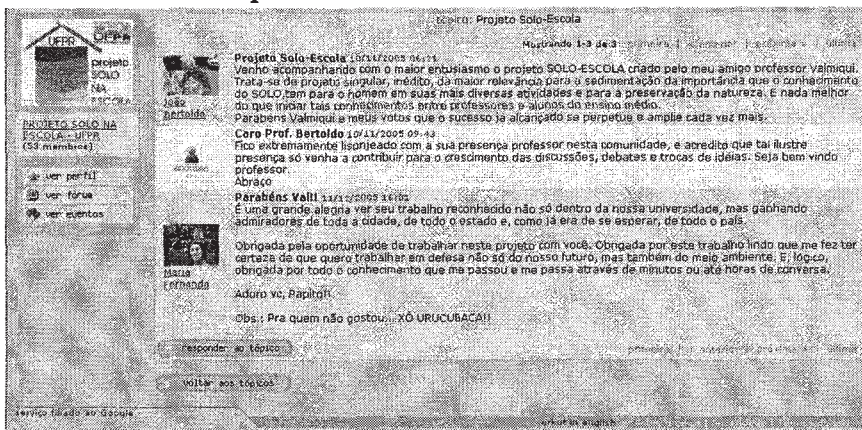
A diferenciação é percebida no menu à esquerda com novas ferramentas que se referem especificamente à comunidade, como participar, visualizar as mensagens e os eventos.

Um diferencial interessante é o tópico “Comunidade Relacionada” que contém outras comunidades cadastradas no ambiente e que foram escolhidas pelo criador da “Comunidade principal” e que podem auxiliar e trazer novas informações para os usuários sobre os temas e assuntos abordados.

Os oito membros cadastrados nesta comunidade e que acessaram o ambiente virtual recentemente são expostos na página principal.

Os tópicos mais recentes, abertos no fórum ou nos eventos, ficam expostos e ao clicar em um deles podemos visualiza-los por completo.

Detalhe de um dos tópicos do fórum vinculado a comunidade

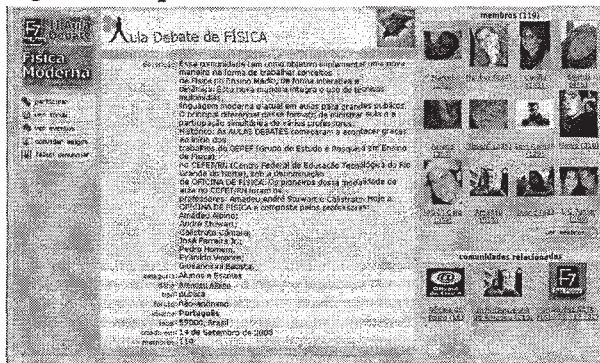


Exemplo 2 – II Aula Debate de Física moderna

Essa comunidade tem como objetivo implementar uma nova maneira na forma de trabalhar conceitos de Física no Ensino Médio, de forma interativa e dinâmica. Esta nova maneira integra o uso de técnicas multimídias, linguagem moderna e atual em aulas para grandes públicos. O principal diferencial desse formato de ministrar aula é a participação simultânea de vários professores.

Histórico: As Aulas Debates começaram a acontecer graças ao início dos trabalhos do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino de Física (GEPEF), Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (CEFET/RN), sob a denominação de Oficina de Física.

Página Principal da Comunidade




Tópicos abordados no Fórum

tópico	autor	postagens	última postagem
ROAS FESTAS	Giovannini	2	06/12/2005 - 10:42
A Aula Debate de Física Moderna foi SHOW!!!	Pedro Herbem	3	17/11/2005 - 15:10
FÍSICA MODERNA - Aula Debate	Amadeu	1	15/10/2005 - 10:38
Quem th foi sortudo d ganhar um "brinde"?	Camila	2	14/10/2005 - 14:24
Aula Debate - CEEF - 12 outubro	Giovannini	1	13/10/2005 - 10:53
Aula Debate de FÍSICA - 12/outubro/05	Amadeu	12	13/10/2005 - 07:56
Princípios de Conservação em Física	Amadeu	1	04/10/2005 - 11:11
Aula Debate - Impacto	Giovannini	7	02/10/2005 - 20:01

Abertura do tópico

Mostrando 1-10 de 12 | [procurar](#) | [contatos](#) | [próxima](#) | [última](#)



Aula Debate de FÍSICA - 12/outubro/05 15/05/2005 12:44

Coloque aqui suas dificuldades com relação ao conteúdo de Física do próximo vestibular, para que possamos direcionar nossa próxima AULA DEBATE que será realizada no próximo dia 12/10 no Auditório do CEEF.

Comentários e registros dos participantes.

ex aluno 15/09/2005 17:32
amadeu, ex-aluno pode participar, neh? até!

Thiago 15/09/2005 17:44
fala seu amadeu... na minha opiniao... Um assunto bom seria relatividade geral o centenário das publicações de Einstein e tais... vai cair bem no vestib... viuwww

Frederik **Pode Cre** 16/09/2005 17:41
omni a parte assim de Relatividade, quântica claro q é de praxe, resumindo moderna em geral...e axo q podia da um pegno enfoque em oscilação e ondas...

André Vinícius **física... óptica** ... 17/09/2005 05:45
realmente não me dou com a matéria por mais que caiam questões mtu parecidas eu n consigo assimilar de jeito nenhum ...

Nyan **Física eh fácil, a galera que dificulta** 17/09/2005 11:12
Qualquer assunto cai bem,mas axo que devemos dar uma importancia a mecanica classica pq eh a materia q td mundo se da mau,inclusive os alunos de fisica na UFRN...

Igor 18/09/2005 10:21
relatividade ia ser legal, mas pode mesmo sem o assunto ter sido dado em aula? se não der certo eu gostaria de dica, sempre confunda uma coisa e outra em relação aos focos, polarização e tal XD...

Ana Luiza 18/09/2005 16:06
Ai amadeu! Acho que seria melhor dar enfoque em Física moderna, porque quase ninguém viu e esse ano vai cair, com certeza no vestib. questões fuderosais sobre isso... Abracos

4. Considerações Finais

Os dois exemplos apresentados diferem em seus objetivos específicos, porém a finalidade em promover a interação, articular a coletividade, identificar indivíduos e expandir o alcance do projeto ou debate através da comunidade virtual permanece igual.

Muitos colégios e faculdades não possuem **uma plataforma própria**, disponível aos professores para auxiliar e complementar sua **disciplina e/ou registrar** projetos e discussões, fora do horário de aula, a distância.

Neste aspecto o ambiente virtual Orkut pode ser **uma solução** viável para a implantação de tais objetivos, pois se trata de um ambiente de **fácil** manuseio e de acesso facilitado.

Mesmo que a grande massa não tenha acesso **ao ciberespaço**, o número de internautas cresce a cada dia e o hábito de utilizar a **internet e ambientes** virtuais é cada vez mais presente entre os jovens e adultos.

Fernandes (2004) afirma que encarar a **tecnologia digital** não é uma opção. A revolução da informação é um processo sem retorno.

A apropriação das TIC pelos professores é necessária **para promover e mediar** debates, discussões, registros on-line entre os alunos, onde a opinião de cada um tem extrema importância para os projetos, como compartilhar o que realmente são e viver coletivamente.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERNANDES, Natal L. **Professores e computadores: navegar é preciso**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1999.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para a sala de aula on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RHEINGOLD, Howard. **La comunidad virtual: uma sociedade sin fronteiras**. Barcelona: Gedisa, 1996.

ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS UTILIZANDO INTERNET

Luís Paulo Leopoldo Mercado

1. Introdução

A Internet, como recurso pedagógico, é uma ferramenta que encerra muitas possibilidades para uma exploração pedagógica, necessitando de um planejamento cuidadoso em termos organizacionais e didáticos.

O trabalho com a Internet implica a criação de ambientes de aprendizagem voltados para a socialização, a solução de problemas, a gestão compartilhada de dados, de informações e a criação e a manutenção de uma “memória coletiva compartilhada”, que contenha informações de interesse do grupo, capazes de modelar conhecimentos sobre as mais diferentes áreas de aplicação.

Integrar a utilização da Internet no currículo de um modo significativo e incorporá-la às atuais práticas de sala de aula, numa aprendizagem colaborativa, poderá fornecer um contexto autêntico em que alunos desenvolvem conhecimento, habilidades e valores. Nesse contexto, as atividades propostas permitem aos alunos analisar problemas, situações e conhecimentos dentro de um contexto e em sua totalidade, utilizando, para isso, os conhecimentos presentes nas disciplinas e na sua experiência socio-cultural.

2. Estratégias Didáticas Utilizando Internet

2.1 – Aulas-Pesquisa

Uma das atividades mais exitosas de aplicação da Internet na educação é a busca, seleção e análise de informações, permitindo aos alunos desenvolverem investigações, estimulando a busca de informação e análise da mesma, selecionando aquelas mais relevantes.

Segundo Stanton (2001), a publicação eletrônica têm várias vantagens, como a possibilidade de consulta simultânea de diferentes leitores ao mesmo texto, disponibilidade imediata após a publicação. Permite a interligação entre documentos, através do hipertexto, possibilitando o uso de ferramentas de buscas, tornando mais eficaz o processo de divulgação.

Um recurso importante para os projetos do aluno está disponível em jornais e revistas online. Com a Internet, os alunos podem ter acesso a fontes de

notícias em tempo real, com grupos de discussão, páginas **configuradas** para seguir eventos atuais.

Isso fornece uma excelente oportunidade para **compararem versões** diferentes de matérias jornalísticas e examinarem questões como quando **as notícias** podem ser tendenciosas ou que tipo de matéria são consideradas de **valor jornalístico**.

Alguns jornais e revistas oferecem arquivos de **matérias jornalísticas** do passado, que podem ser utilizados para estudar eventos **que conduziram** até uma matéria à luz do seu resultado.

Algumas atividades ou projetos em que se utiliza **Internet** como recurso de investigação, implicam não só a coleta e análise de **informação**, mas também a organização dessas informações em bases de dados que os **estudantes participantes** do projeto e outros possam utilizar para diversos estudos e, inclusive, **servir** para outros estudantes em níveis ou anos diferentes.

A investigação pode ser ainda mais poderosa se implicar a **coleta** de dados em múltiplos sites para serem reunidos em outro momento e serem **analisados**.

Segundo Morán (1997), como existem várias possibilidades de pesquisa e facilidades de dispersão, o professor precisa ficar atento e escolher o melhor momento de cada aluno comunicar os seus resultados para a classe. A comunicação de resultados é espontânea quando o professor pede que, no momento que alguém encontrar algo significativo, o comunique a todos, ajudando para que os colegas possam **avançar** mais, aprofundar os melhores sites, os mesmos assuntos. Pode-se, também, ao final da pesquisa, pedir aos alunos que relatem a síntese do que encontraram de mais significativo. Os alunos terão gravadas as principais páginas, junto com um roteiro de anotações, para esclarecer a navegação feita e encontrar melhores relações. Os alunos fazem, fora da aula, a análise das páginas encontradas, procurando o que houve de mais significativo e apresentam esses dados ao grupo na aula seguinte, relacionando os pontos convergentes e divergentes entre os resultados encontrados e as informações já refletidas, usando materiais da Internet, em CD- Roms, livros e revistas.

Para Moran (2000), pode-se transformar uma parte das aulas em processos contínuos de **informação**, comunicação e de pesquisa, onde vamos construindo o conhecimento, equilibrando o individual e o grupal, entre o professor-coordenador-facilitador e os alunos-participantes ativos. O papel do professor passa a ser o de gerenciador do processo de aprendizagem, o de coordenador de todo o andamento, do ritmo adequado, gestor das diferenças e das convergências.

Os grandes temas da disciplina são coordenados, iniciados e motivados pelo professor, motivados pelo professor, mas pesquisados pelos alunos, às vezes, todos simultaneamente; às vezes, em grupos; às vezes, individualmente. A pesquisa na Internet pode começar de forma aberta, dando somente o tema sem referência a sites específicos, para que os alunos procurem de acordo com a sua experiência e conhecimento prévio. Isso permite ampliar o leque de opções de busca, a variedade de resultados, a descoberta de lugares desconhecidos pelo professor. Eles vão registrando os endereços, artigos e imagens mais interessantes e também fazem anotações escritas, com rápidos comentários sobre o que estão salvando. O professor incentiva a troca constante de informações, a comunicação, mesmo parcial, dos resultados que vão sendo obtidos, para que todos possam se beneficiar dos achados dos colegas.

Pesquisa livre na Internet

O professor coordena a síntese das buscas feitas, organiza os resultados, os caminhos que parecem mais relevantes.

Num segundo momento, passa-se à pesquisa mais focada, mais específica, a partir dos resultados anteriores. O tema vai ser pesquisado nos endereços significativos selecionados pelos alunos ou professores, de forma semelhante por todos. É uma forma de aprofundar os dados conseguidos anteriormente e evitar a dispersão que pode acontecer na pesquisa livre. Como na pesquisa livre, é importante a troca de informações, a divulgação dos principais achados.

Para Padilha (2002), na pesquisa livre, os alunos podem seguir por caminhos distintos. Dentre a variedade enorme de sites sobre o tema e sem um roteiro que determine o conteúdo específico que se quer trabalhar, o aluno pode se perder diante de tantas informações. Apesar disso, no momento de sistematização, em que os alunos têm que apresentar suas pesquisas, verifica-se que cada grupo tem uma contribuição riquíssima a dar para a discussão do tema, pois, dependendo de seus próprios interesses, cada grupo focaliza um determinado aspecto do tema. Mesmo quando dois grupos vêem o mesmo aspecto, podem ter pesquisado em sites diferentes, portanto, a visão daquele aspecto pode mudar, dependendo da concepção do site acessado.

Exemplo de Aula Pesquisa na Internet

Escolha um tema relacionado com a área de educação de interesse da dupla e faça uma pesquisa livre, usando os programas de busca relacionados com a área de interesse: **disciplina, monografia ou uma aula na área que ensina.**

Registrar a pesquisa: descrever cada site visitado, indicando o nome do site, informando o endereço, o que pesquisou, o que tinha de interessante para seu tema e que tipo de informação encontrou. Anexar o material selecionado ou indicar o endereço em que está disponível.

Exemplo de relato de uma pesquisa na Internet:

Escolhemos o tema **O PROFESSOR NA ERA DA TECNOLOGIA**. Iniciamos a pesquisa no buscador: www.google.com.br. Encontramos o tema: **Ensino Superior na Era Lula** no endereço: www.ufop.br/ulthora/unifed1.htm. Outro tema encontrado foi: **Os caminhos do professor na Era da Tecnologia**, no endereço: www.fde.sp.gov.br/acervo/ acesso/ acesso13/ acesso_p3.htm. O terceiro tema de nossa escolha é: **A EDUCAÇÃO NA ERA DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO** encontrado no endereço: <http://www.connect.com.br/~ntemg7/educera.htm>. O quarto tema selecionado é: **Informática na Educação - Para Todos ou para Alguns**, encontrado no endereço: http://www.milenio.com.br/professor/informatica_na_educacao.htm. O quinto tema escolhido é: **TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO - A Educação na era da informática**, situado no endereço: <http://www.meubrfree.com.br/~pedagogiadestaq/tecedset2000.html>

Dado o grande volume de informação, torna-se importante a aquisição de estratégias de busca, que permitam um acesso à informação relevante de maneira mais eficiente.

Para facilitar o trabalho de pesquisa, existem instrumentos chamados sites de busca (Altavista - www.altavista.com, Cadê - www.cade.com.br, Google - www.google.com, Lycos - www.lycos.com, Yahoo - <http://lycos.ce.cmu.eduwww.yahoo.com>), que permitem explorar a Internet para encontrar informações relacionadas a palavras-chave que são digitadas pelo usuário. Algumas ferramentas são organizadas em índices hierárquicos de assunto onde os usuários podem escolher os títulos, subtítulos e tópicos.

Muitos alunos acreditam que só pelo fato de encontrar o material desejado e gravá-lo ou imprimi-lo, já cumpriram suas tarefas escolares. O professor precisa esclarecer o aluno os procedimentos de pesquisas que precisam ser respeitados.

O pesquisador acessa o instrumento, indica que palavras deseja que sejam pesquisadas e recebe uma lista de sites que possivelmente seja de interesse. Essa potencialidade permite acessar quantidades enormes de informações sobre os mais diversos assuntos usando bases de dados e bancos de informações organizados e mantidos pelas mais diversas entidades e organizações.

Muitas vezes, uma busca por palavra única traz muito mais sites do que o usuário precisa e mais assuntos diferentes do que ele está pesquisando. Por isso, o usuário precisa aprender a “filtrar” sua busca para que os resultados fornecidos pelo site sejam os mais próximos possíveis do que ele está procurando.

Algumas maneiras de efetuar uma pesquisa mais específica, em que os sites que não interessam ao usuário são “filtrados” pelo buscador:

SINAL	FUNÇÃO	EXEMPLO
" " (aspas)	Definir uma frase na ordem desejada	'Presidente Getúlio Vargas', evitando-se Presidente Vargas
* (asterisco)	Após digitar uma palavra para conseguir respostas que comecem com parte de uma palavra.	Comput* vai trazer resultados, entre eles computadores, computação
- (menos)	Para eliminar uma palavra ou frase no resultado	Escola - Direção, vai trazer sites que contenham a palavra escola sem a direção.
T	Antes de digitar uma palavra para que a ela apareça título do site pesquisado.	t: TIC trará sites que contenham a sigla TIC no título do site.
E	Se o objetivo for achar as palavras em uma mesma página	Tecnologias e educação
Ou (and e or)	Encontrar qualquer uma das palavras digitadas.	Tecnologias ou educação
Não (ou not)	Para pesquisar textos que tragam uma frase e não tenham outra	Educação not infantil vai trazer resultados que não tenham a palavra educação infantil
() (parênteses)	Para agrupar frases complexas.	(Educação AND Infantil) AND (Tecnologia OR Máquinas). Pode trazer resultados com as palavras Educação e Infantil e Tecnologia ou Máquinas.

Os procedimentos básicos para a pesquisa na Internet são:

1. Definir o tema, estabelecer as palavras-chave que auxiliarão a busca de informações, os conceitos relacionados a esses termos, os nomes (pessoas ou instituições) que participaram e colaboraram no tratamento do tema em questão.
2. Definir o site de busca no qual vamos fazer nossa pesquisa.
3. Escolher e analisar a confiabilidade dessas fontes, os documentos que serão usados na elaboração do trabalho.
4. Classificar as fontes a partir dos interesses do grupo ou de cada pesquisador.
5. Discutir as fontes fidedignas para a elaboração do texto, a partir dos parâmetros: autoria do site, abordagem do assunto, fontes utilizadas para construir o texto e a navegação; periodicidade em que o site é atualizado. A partir dessa análise, o site está ou não apto para ser usado como fonte da pesquisa em questão.

Para Padilha (2002), a pesquisa direcionada é mais densa e aprofundada, e nela os alunos têm um caminho a seguir: a indicação de sites e um roteiro de trabalho. O roteiro facilita a busca das informações e impede que o, aluno se disperse na pesquisa.

2.2 – Bibliotecas Virtuais

Bibliotecas digitais, segundo Perez (2002), são bibliotecas eletrônicas, que permitem acessar bancos de informação em formatos eletrônicos, inclusive catálogos automatizados de bibliotecas tradicionais.

Biblioteca eletrônica: conteúdos em suporte eletrônico, acesso por meios físicos (CD-ROM), ou eletrônicos (acesso on line).

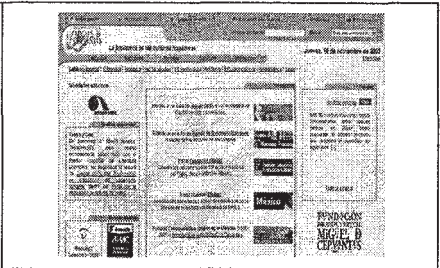
Biblioteca digital: conteúdos em suportes eletrônicos e digitais, acesso on line através de redes telemáticas.

Biblioteca virtual: conteúdos em suporte eletrônico e digital, e acesso on line através de redes telemáticas (como nas bibliotecas digitais).

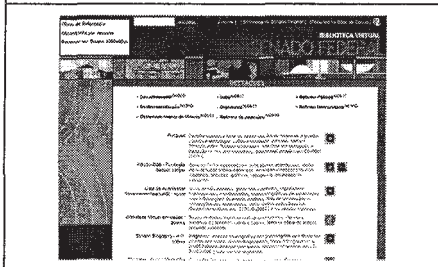
As bibliotecas estão tendo um grande avanço com os recursos eletrônicos, sendo que já há vários projetos de **bibliotecas parcialmente ou totalmente virtuais**, como as seguintes:



Biblioteca del Mundo



Biblioteca Virtual Manuel Cervantes



Biblioteca do Senado Federal



Biblioteca de Obras Raras- USP



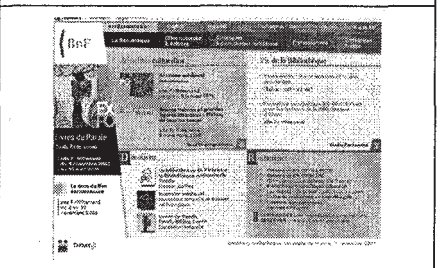
Library of Congress (EUA)





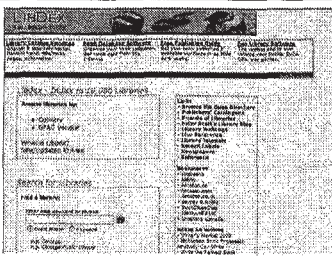
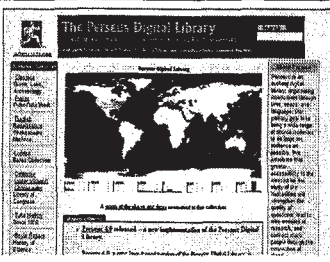
Project Gutenberg



Bibliotheca Alexandrina



Biblioteca Nacional Francesa

	
British Library	Gallica
	
LibDex	The Perseus Digital Libraries

Sites de grandes bibliotecas também podem trazer dados e acervos mais diferenciados do que o simples texto. Um exemplo disso é a página da Biblioteca Nacional (www.bn.br), localizada no Rio de Janeiro. O site traz uma seção com imagens e arquivos integrais de alguns dos tesouros da biblioteca, como o do único exemplar da Gramática (1539) de João de Barros, a segunda editada em língua portuguesa, e o da primeira edição de Os Lusíadas (1572), antes restritas a pesquisadores, essas obras agora podem chegar ao público, mediadas pelo computador e disponibilizadas na Internet.

Proposta de atividade usando Biblioteca Digital

Escolher um tema e pesquisar nas bibliotecas virtuais abaixo relacionadas:

1. Visitar duas Bibliotecas Virtuais, localizando materiais para utilizar em sala de aula na área curricular escolhida.
2. Relate a visita feita: nome do site, área pesquisada, o que tem de interessante para sua área.
3. Caracterizar os materiais localizados.

Sites de Bibliotecas Virtuais

Bibliomania - www.bibliomania.com

Biblioteca del Mundo - www.cervantesvirtual.com

Biblioteca Digital Andina – www.comunidadandina.org/bda

Biblioteca Digital de Obras Raras – www.obrasraras.usp.br

Biblioteca do Senado Federal – www.senado.gov.br/biblioteca

Biblioteca Nacional - www.bn.br

Biblioteca Virtual de Literatura - www.biblio.com.br

Biblioteca Virtual de Literatura – www.unicamp.br/nipe/litera.htm

Biblioteca Virtual em Saúde – www.bireme.br

Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes - www.cervantesvirtual.com

Bibliotheca Alexandrina – www.bibalex.org/website

British Library - www.bl.uk

Periódicos CAPES - www.periodicos.capes.gov.br

Digital Library of MIT Theses – <http://theses.mit.edu>

Gallica - <http://gallica.bnf.fr>

Library of Congress – www.locweb.loc.gov

Perseus Project - www.perseus.tufts.edu

Project Gutenberg - www.gutenberg.net

PROSSIGA¹ - www.prossiga.br/bvtematicas

SciELO² - www.scielo.br

The Digital Library – www.dypl.org

¹ **Prossiga** Este *site* é um portal de informação brasileira em Ciência e Tecnologia. Tem por base selecionar e disponibilizar informações relativas à educação no que diz respeito a Pesquisadores; Docentes; Cursos de Especialização; Cursos de Doutorado; Cursos de Mestrado; Cursos de Graduação; Bibliotecas; Centros de Informação; Centros de Documentação e Atividades de Pesquisa. As informações têm como origem, Institutos de Pesquisa e Tecnologia e Universidades.

Bibliotecas Virtuais disponíveis: Estudos Culturais, Políticas Públicas em C&T, Energia, Referência para Pesquisa em C&T, Inovação Tecnológica, Economia, Óptica, Educação à Distância, Engenharia de Petróleo, Educação, Jurídica Virtual, Saúde Reprodutiva, Bibliotecas Virtuais, Ciências Sociais, Engenharia Biomédica, Saúde Mental, Museus de Ciência e Divulgação Científica, Astronomia, e Mulher.

² **SciELO - Scientific Electronic Library Online** É uma biblioteca virtual que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. O acesso aos títulos dos periódicos e aos artigos, inclusive na área educacional, pode ser feito através de índices e de formulários de busca. Periódicos disponíveis: **Ciências Sociais Aplicadas:** Ciência da Informação; **Ciências Humanas:** Cadernos CEDES; Dados - Revista de Ciências Sociais; Educação & Sociedade; Educação e Pesquisa; Estudos Afro-Asiáticos; Estudos de Psicologia (Natal); História, Ciências, Saúde - Manguinhos; Mana - Estudos de Antropologia Social; Psicologia USP; Psicologia; Reflexão e Crítica; Psicologia: Teoria e Pesquisa; Revista Brasileira de Ciências Sociais; Revista Brasileira de História; Revista da Faculdade de Educação; Revista de Antropologia. **Linguística:** DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada

2.3 – Revistas Eletrônicas

Na Internet vamos encontrar três tipos de publicações eletrônicas:

Anúncio de publicação impressa – A revista anuncia sua aparição e seu conteúdo mediante índices e resumos dos artigos que a integram. Inclui-se na edição eletrônica a possibilidade da aquisição do número atual ou anterior e da assinatura mediante correio eletrônico ou outro meio. Inclui a relação de números anteriores, que podem ser igualmente solicitados. Modalidade bastante freqüente em revistas consolidadas em sua tiragem. A inclusão dos títulos dos artigos, dos autores e dos temas tratados permite sua localização mediante “buscadores”. Toda essa informação circulará pela Internet remetendo à revista. Ex.: Revista Presença Pedagógica.

Edição de forma simultânea (impressa e eletrônica) - A revista que se incorpora à Internet é uma duplicata da lançada no mercado no formato impresso. A revista existe, em duas versões: a digital e a impressa. Essa fórmula pode ter diversas variantes dependendo de sua finalidade. Por exemplo, os assinantes da revista podem receber com antecedência a edição eletrônica e posteriormente a edição impressa. Nos casos em que é fundamental a velocidade de distribuição por ser a informação de vigência limitada, essa modalidade permite uma distribuição impressa, mais cômoda, sem tanta pressa. O usuário dispõe antes da informação online e, mais tarde, receberá seu exemplar impresso.

Outra modalidade, dentro dessa fórmula, é oferecer aos assinantes um dos formatos possíveis da revista. A edição eletrônica é oferecida com um preço menor do que o cobrado para adquirir a versão impressa.

Também é possível oferecer uma “edição especial” digital da revista impressa. Os meios digitais podem oferecer algumas características que sejam impossíveis oferecer na impressão (por exemplo, arquivos de som ou de imagens em movimento). Nesse caso, se aproveita a especificidade do meio atendendo a publicação dos elementos que podem ser considerados necessários, convenientes ou, simplesmente, que a melhoram. Ex: Revistas disponíveis no SCIELO (www.scielo.br).

Edição digital - A revista eletrônica que não tem versão impressa. É produzida expressamente para sua distribuição através da Internet. Os artigos, formam uma nova unidade de edição. É necessário ter em conta as novas possibilidades que oferecem os formatos hipertextuais. Ex.: Revista e-curriculum (PUC/SP), disponível em www.pucsp.br/curriculum.

Sites de Revistas Científicas Eletrônicas:

Boletim técnico do SENAC www.senac.br/informativo/bts/index.html

Píxel Bit. Revista de medios y educación. www.us.es/pixelbit/pixelbit.htm

Quaderns Diditals. www.quaderns/digitals.net

Revista Iberoamericana de Educación www.campus-oei.org/revista/

Comunidade Virtual das Universidades Católicas Brasileiras – www.ricesu.com.br/colabora

Revista Eletrônica de Educação – www.um.es/~icemur/curso.cpr/recursos/revst.htm

Revista de Estudo Superior – www.abmes.org.br

Revista Conect@ - www.revistaconecta.com

Em Aberto (INEP) – www.inep.gov.br/cibec/linha_editorial/on_line.asp

Revista Bras. Est. Pedagógicos – www.inep.gov.br/cibec/linha_editorial/periodicos/rbep.htm

2.4 – Avaliação de Sites Educativos

Sites desenvolvidos com o propósito de facilitar a aprendizagem ou proporcionar aos usuários acesso a recursos didáticos (MARQUES, 2001). Podem ter finalidades educativas e serem elaborados especificamente para uso educativo. Podem ser de diversos tipos: espaços de formação tutorizada, material didático para uso on line, web temático educativo, jornal eletrônico e publicações educativas, Portal de recursos educativos, portais educativos.

Uma vez encontrados os conteúdos pesquisados, é necessário confrontá-los com os próprios ou de outras fontes, para creditar sua veracidade. Também é conveniente registrar o endereço, dos materiais consultados para, gerar indicação webgráfica que facilitem futuras buscas e apoiem o desenvolvimento de estratégias de busca e manejo da informação que sustentará sua utilização.

A prática de habilidades de busca de informação na Internet para um futuro trabalho, considerará atitudes como ler a informação de forma completa e resumida ou adaptá-la segundo as suas necessidades, evitando atitudes como copiar/colar sem ler antes. Daí a importância de uma atividade guiada e apoiada por roteiros ou guias pelo professor.

Conteúdos: extensão, estrutura e profundidade, vocabulário, estruturas gramaticais, exemplos, simulações e gráficos.

Atividades e seções: tipo de interação, duração, elementos motivacionais, mensagens.

Ambientes de comunicação: planilhas, sistema de navegação, mapa de navegação.

Atividade: Avaliando Sites na Web

É relativamente fácil criar uma página na Web. As oportunidades existentes permitem a qualquer pessoa publicar alguma coisa instantaneamente na WWW que pode ser vista potencialmente em todo o mundo. Isso não acontece com outros meios de comunicação como rádio, televisão, filmes, livros e jornais onde há um número relativamente pequeno de fornecedores de conteúdo. Escolha dois sites dos sugeridos e os avalie seguindo os critérios abaixo selecionados.

CRITÉRIO	ITENS A AVALIAR
1. Precisão	A informação é correta e sem erros? A informação é consistente e sem contradições? A informação não contém erros gramaticais de ortografia?
2. Autorização	Existe a indicação do autor (informações bibliográficas, título e/ou cargo)? Há patrocinadores da página? Quem patrocina é uma organização respeitada? São fornecidas informações para contato com o autor e o patrocinador? São fornecidas as fontes de onde foram retirados os fatos apresentados?
3. Lógica e sensatez	A informação apresentada aparenta ser justa/imparcial? Qual é o propósito do site? Aparece algum anúncio no site? É claramente direcionado do conteúdo de informações? Para que tipo de público este site se destina? Os links são relevantes e adequados?
4. Atualização	É indicada a data de criação da página? É fornecida a última data de atualização? Os links são atuais? Alguns estão fora do ar ou foram transferidos? Há mais alguma indicação de que o material é mantido atualizado?
5. Finalização	Quais tópicos são tratados? O que esta página oferece que não se encontra em uma outra página? A informação é de fácil compreensão? Há alguma indicação de que a página já foi finalizada ou ainda está em construção? Os links direcionam para locais dentro do próprio site, sites externos ou ambos? Os links fornecidos são abrangentes?
6. Facilidade de uso	As páginas Web resultam agradáveis, fáceis de usar e auto-explicativas, de maneira que os usuários possam utilizá-las sem dificuldade e ver realizados seus propósitos de localizar informação, obter materiais, arquivá-los e imprimi-los, encontrar links, consultar materiais didáticos, realizar aprendizagens? Em cada momento o usuário conhece o lugar do espaço Web onde se encontra e tem a possibilidade de mover-se segundo suas referências: retroceder, avançar? Existe sistema de ajuda on-line para solucionar as dúvidas que surjam?
7. Bidirecionalidade	A potencialidade formativa de um material aumenta quando permite que seus usuários não sejam só receptores da informação e executores das atividades que propõe mas que também possam ser emissores de mensagens e informação para terceiros (professores, outros estudantes, autores do material...).

<p>8. Qualidade dos conteúdos</p>	<p>A informação apresentada é correta na extensão, rigor científico e atualidade, apresenta-se bem estruturada diferenciando adequadamente: dados objetivos, opinião e elementos fantásticos? Os textos têm erros de ortografia e a construção das frases não está correta? A informação é organizada em blocos e páginas, apresenta-se mediante parágrafos breves para facilitar a leitura? A fragmentação própria do sistema hipertextual facilita a leitura e o acesso aos conteúdos (não dificulta o acesso e a compreensão da informação)? Proporciona conexões entre distintos conceitos, que estão atualizados? Não existe discriminações? Os conteúdos e as mensagens não são negativos nem tendenciosos e não fazem discriminações por razão de sexo, classe social, raça, religião e crenças?</p>
--	---

Exemplos de Avaliação de Sites

Exemplo 1:

No site: www.escolanet.com.br, existe a relação de vários sites relacionados com a educação. Um deles é: www.aomestrecomcarinho.com.br. O site possui boa aparência e não necessita de senhas para se ter acesso as informações tem propaganda dos patrocinadores e de algumas livrarias virtuais, com referências para contato. As matérias existentes no site vêm acompanhadas da procedência e da autoria. O site tem o propósito informativo, educacional e cultural, e se destina a estudantes e profissionais ligados ou não a educação. O site é atualizado diariamente, mas não possui a data de criação. A indicação de que o site é atualizado diariamente são as informações dos noticiários que são repassadas quase que em tempo real.

Exemplo 2:

Critério	www.escolanet.com.br	www.inep.gov.br
Precisão	Informações consistentes e corretas.	Excelentes informações que apresentam consistência.
Autorização	Constam indicações dos autores, patrocinadores e fontes, orientando a comunicação com autor e patrocinador.	Com informação dos autores e fontes pesquisadas. O patrocinador, que é o governo, é informado, orientando como acessar o autor.
Lógica e sensatez	Informação imparcial, direcionada à educação. Os anúncios apresentam-se distintos das informações. Destinam-se a professores e estudiosos. Possui links relevantes e adequados.	Site direcionado para pessoas ligadas à área educacional, com informações precisas e imparciais, com links relevantes. Não constam anúncios em virtude de se tratar de site do governo.
Atualização	Sites atualizados com indicação de datas e com links atualizados.	Site bastante atualizado com indicação de datas e com material sempre atualizado.

2.5 –Reportagens On-line

Um recurso importante para os projetos do aluno está disponível em jornais e revistas on-line. Com a Internet, os alunos podem ter acesso a fontes de notícias em tempo real, com grupos de discussão de notícias ou páginas da Web configuradas para seguir eventos atuais. Esses materiais fornecem uma excelente oportunidade para compararem versões diferentes de matérias jornalísticas e examinarem questões como quando as notícias podem ser tendenciosas ou que tipo de matéria são consideradas de valor jornalístico.



Os recursos de notícias na Internet podem ser facilmente utilizados para monitorar a abrangência de uma matéria além de um período de semanas. Por exemplo, os alunos podem examinar como uma eleição é informada em dois jornais diferentes. Alguns jornais e revistas oferecem arquivos de matérias jornalísticas do passado. Esses podem ser utilizados para estudar eventos que conduziram até uma matéria à luz do seu resultado.

Sites Recomendados:

Clarín - www.clarin.com

Corriere della Sera - www.corriere.it

Der Spiegel - www.spiegel.de

El País - www.elpais.es

Época – www.epoca.globo.com

Estação de Jornais do UOL - www.uol.com.br/jornais

Estação Revistas do UOL - www.uol.com.br/revistas

Folha de S. Paulo - www.folha.com.br

Galileo - www.galileo.com.br

IstoÉ - www.terra.com.br/istoe

Jornal do Brasil - www.jbonline.terra.com.br

La Nación - www.lanacion.com.ar

Le Monde - www.lemonde.fr

National Geographic – www.nationalgeographic.com

Nature - www.nature.com

Newsweek - www.newsweek.com

O Estado de São Paulo - www.estado.com.br

O Globo - www.oglobo.com.br

Popular Science - www.popsoci.com

Scientific American - www.sciam.com

Superinteressante - www.superinteressante.com.br

The New York Times - www.nytimes.com

The Washington Post - www.washingtonpost.com

Time - www.time.com/time/index.html

USA Today - www.usatoday.com

Veja – www.veja.com.br

2.6 –Museus Virtuais

Uma viagem on-line pode ter como destino um museu ou uma galeria em qualquer lugar no mundo. Os museus e centros de Ciências oferecem oportunidades interessantes para aprender diversos assuntos.

Atividade com Museu Virtual

Escolha um museu nos abaixo indicados, faça uma visita virtual no seu acervo e descubra o que está disponível. Prepare um relatório do museu visitado, indicando:

Qual o museu visitado?

Qual o URL? (<http://>)

Qual é o foco deste museu (arte, animais, história)?

Descreva uma exposição especial ou recurso nesse museu que seus colegas podem achar interessante explorar.

Você encontrou quaisquer outros recursos nesse museu que podem ser úteis, se você ou um de seus colegas estiver fazendo uma pesquisa?

Sites de Museus Virtuais:

American Museum Natural History - www.amnh.org

Guggenheim Museums - <http://guggenheim.org>

Kyoto National Museum - www.kyohaku.go.jp/

Metropolitan Museum - www.metmuseum.org

Museu de Arte de São Paulo - www.masp.uol.com.br

Museu de Ciências – www.cite-sciences.fr

Museu do Louvre - <http://mistral.culture.fr/louvre>

Museu do Prado - www.museoprado.mcu.es

Museu do Vaticano - www.christusrex.org

Museu Virtual da Arte Brasileira - www.museuvirtual.org.br

Museum of Modern Art - www.moma.org

Museus do Mundo – www.comlab.ox.ac.uk/archive/other/museums.html

Museus Virtuais – www.museus.art.br

Musée On-line - www.musee-online.org

Projeto Portinari - www.portinari.org.br/

Smithsonian Institution - www.si.edu

The State Hermitage Museum - www.hermitagemuseum.org

Whitney Museum of American Art - www.whitney.org

2.7 – Viagens Virtuais

Visitas a instituições e lugares são atividades que enriquecem as experiências dos alunos e o currículo escolar. Os custos de traslados, as distâncias e outros obstáculos, limitam a freqüência e possibilidade desse tipo de atividades presencial. A Internet permite uma alternativa muito atrativa, econômica, diversificada e flexível, possibilitando aos alunos viajarem por inúmeros lugares, abrindo as portas da escola à comunidade nacional e internacional.

Essas viagens virtuais são como uma excursão a um determinado lugar, representado em páginas, que facilitam a exploração, investigação e o percurso no lugar escolhido. O professor prepara previamente um guia de excursão, com perguntas que orientem o deslocamento e a busca de informações por parte dos alunos.

Atividade co Viagem Virtual

Selecionar sites na Internet para organizar uma viagem ao país que escolherem em conjunto. Antes de apresentar o projeto aos alunos, decida que parâmetros você quer adotar para as viagens virtuais. Os parâmetros poderão incluir: duração: quanto tempo a viagem durará?; orçamento: quanto os viajantes podem gastar?; transporte: vai usar mais de um tipo?; pontos de interesse; mapas. Diga a seus alunos que farão parte de uma agência de viagens com a responsabilidade de traçar uma viagem emocionante em torno do mundo para seus clientes. Além de descobrir tudo sobre o país que os viajantes queiram visitar, os alunos necessitarão planejar uma amostra do itinerário e o orçamento completo. Escolha dois destinos e explore-os usando as viagens virtuais. Leia artigos sobre o país que escolheu, para aprender mais sobre sua história, geografia, clima, língua, capital e as outras cidades maiores, atrações principais e transporte. Tenha sempre em mente o tempo da viagem e o limite do orçamento. Organize fatos, figuras e fotos sob títulos que expressem o que você recolheu, como a vista geral do país, o mapa, a geografia, o clima, a população e as atrações especiais.

Sites de Viagens:

360 Graus - www.360graus.com.br

Aventura Brasil – www.aventurabrasil.com.br

Capitais do Mundo – www.capitals.com

Cidades Históricas – www.cidadeshistoricas.terra.com.br

CNN.com Travel - www.cnn.com/travel

Decolar.com www.decolar.com

Discovery.com - www.discovery.com

Fodors.com - www.fodors.com

Frommer's - www.frommers.com

GuiaTurismo - www.guiagnet.com.br/guiatur

Horizonte Geográfico - www.horizontegeografico.com.br

Lonely Planet - www.lonelyplanet.com

Nossa Terra - www.nossaterra.com.br

O viajante – www.uol.com.br/oviajante

Passaporte – www.passaporte.com.br

Planet Ware - www.planetware.com

Portal da Viagem - www.portaldaviagem.com.br

Time Out - www.timeout.com

Viagem e Turismo - www.viagem-e-turismo.com.br

Viajantes - www.viajenaviagens.com.br

ViaMichelin - www.viamichelin.com

Atividade: Um dia pleno no Brasil

Imaginar um deslocamento livre, por todo o território brasileiro, sem problemas logísticos, nem de horários, de tal forma que as escolhas dos locais fossem feitas apenas pelos ditames do coração, mais ou menos como aquela máquina do tempo, há tanto tempo inventada pela ficção científica, para transporte imediato pelo espaço, a partir de uma desintegração molecular, instantânea, recomposta no destino, à velocidade da luz. Compor uma seqüência de lugares que permita desfrutar esse Brasil das infindáveis versões de locais e coisas bonitas, que apreciamos e valorizamos.

2.8 – Ensinando com Histórias

Uso da literatura nas diversas disciplinas curriculares. O ensino com a ajuda de histórias traz bons resultados, pois elas têm a capacidade de dar uma dimensão humana para assuntos como Ciências e Matemática.

Contar histórias é um momento de intimidade entre o adulto e a criança e, por isso, pode ajudar o relacionamento professor-aluno. Elas são eficientes para ensinar justamente porque encantam as crianças. É fácil entender esse fascínio. Basta lembrar que a literatura tem como matéria-prima a emoção.

As histórias podem ser utilizadas de várias maneiras: podem servir de apoio a um tema já estudado, ou entrar como apresentação de conteúdos um pouco mais complicados. Sugestões de trabalho com histórias: criar uma história futurista; criar cenas a partir das histórias criadas pelos alunos; elaborar uma entrevista com autores via e-mail; criar um jornal literário, sugerindo novos títulos; confecção de livro contendo as histórias construídas pelos alunos.

Sites com Histórias:

Barney & Amigos - www.geocities.com/TelevisionCity/3540/barney.htm

Bichos na net - www.uol.com.br/bichos

Bugigangue - www.bugigangue.com.br

Cabana do Papim - www.papim.com/

Canal Kids - www.canalkids.com.br

Castelo RáTimBum - www.nextweb.com.br/castelo/

Contos de Fadas - www.contosdefadas.com

Crianças no Uol - www.uol.com.br/criancas

Cyber Kids - www.cyberkids.com/fg/fb

Disney – Brasil - www.disney.com.br/

Doce de Letra - www.docedeletra.com.br

Duendes - www.duende.com.br

Duendes - www.jornaleko.com.br

EcoKids - www.uol.com.br/ecokids/

Edukids - www.minerva.uevora.pt/Edukids/edukids.htm

Fábulas de Esopo - www.uol.com/criancas/fabulas

Folclore Brasileiro - www.abrasoffa.org.br/principal.htm

Fox Kids - www.foxkids.com/

Guri - www.guri.com.br
Hanna Barbera - www.hannabarbera.com.br
Histórias do Guri - www.mundodehistorias.cjb.net
Iguinho - www.iguinho.com.br
Infância 80 - www.infancia80.com.br/
Jangada Brasil - www.jangadabrasil.com.br
Kinder Ovo - www.kinderovo.com.br
Mamamedia.com - www.mamamedia.com/home/superdoorway/home.html
Meleca - www.meleca.com.br
Pequeno Artista - www.pequenoartista.com.br
Ratolândia - www.uol.com.br/folha/ratolandia/rato_interface.htm
Ruth Rocha - www.uol.com.br/ruthrocha
Senninha - www.senna.globo.com/senninha/
Site da Mônica - www.monica.com.br/
Site da Xuxa - Portal X - www.portalx.globo.com/
Terra Encantada - www.terra-encantada.com.br
Terra Kids - www.terra.com.br/kids/
Uol Crianças - www.uol.com.br/criancas/
Zuzubalândia - www.zuzubalandia.com.br
Mingau Didital – www.mingaudigital.com.br
Sapo Brothers – www.sapobrothers.com.br
Fábulas – www.uol.com.br/criancas/fabulas
Papelzinho – www.uol.com.br/bibliot/papelzinho

Lendas/Fábulas/Histórias Infantis

Cataratas do Iguazu – www.riogrande.com.br/cultura/lendas.htm
Clarice Lispector – www.terra.com.br/istoegente/45/diverte/livro_lendas.htm
Folclore - www.canalkids.com.br/central/arquivo/cultura_folclore2.htm
Lendas do Norte – www.amazonmyths.cxom.br/lendas/populares.htm
Luís da Câmara Cascudo – www.memoriaviva.digi.com.br/cascudo/index.htm
Mitos da Amazônia – www.projesom.com.br/cartofiliaitajuba/lendas.htm
Monteiro Lobato – www.lobato.globo.com.br
Mula-sem-cabeça – www.escolainternacional.com.br/Portugues/FeiraCiencias/mula.htm
Página do Gaúcho – www.paginadogaicho.com.br
Saci Pereê – www.sitededicas.com.br/folko1.htm
Salamanca do Jarau – www.jangadabrasil.com.br

Mitologia e Contos Universais:

Afrodite e Adônis – www.loggia.com/myth/galleryadonis.html

Afrodite e Pintores – www.loggia.com/myth/galleryaphrodite.html

Apolo e Diana – www.mundodosfilosofos.com.br/appolo.htm

Branca de Neve em Inglês – www.pitt.edu/~dash/type0709.html

Cinderela – <http://surlalune.tripod.com/illustrations/cinderel/burnecindy.html>

Contos de fadas – www.contosdefadas.com

Contos de Princesa – www.amybrowart.com/links.asp

Deméter – www.pegue.com/grecia/demeter.htm

Irmãos Grimm – <http://school.discovery.com/lessonplans/programs/brothersgrimm/>

Jean de la Fontaine – www.lafontaine.net/menu.htm

Lendas – www.indiantemples.com/Tamilnadu/df076.html

Mitologia – www.mitologia.com.br

Mitologia do Japão – www.sonoo.com.br/mitologiadojapao.html

Mitologia em Inglês – www.middlebury.edu/~harris/GreekMyth/Preface.html

Mitologia Grega – www.loggia.com/art/19th

Shiva – www.indobride.com/stories/SHIVA.htm

Vishnu – www.godstatues.com/vishnu.html

Brincadeiras

Banana Kids - www.bananakids.com.br

Bichos – www.uol.com.br/bichos

Bugigangue - www.bugigangue.com.br

Canal Kids - www.canalkids.com.br

Cartoon – www.cartoon.com.br

Crianças Criativas - www.criancascriativas.com.br

Divertudo – www.divertudo.com.br

Folhinha Online - www.folha.com.br/criancas

Fox – www.foxkids.com.br

Funbrain – www.funbrain.com

Garfield - www.garfield.com.br

Guri – www.guri.com.br

Hauster – www.hamsterdance.com

Hopihari – www.uol.com/hopihari

Humor – www.mgnet.com.br/humor

JC Kids - www.jckids.com.br
Kids – www.kidsnet.com.br
Kids – www.revistakidmais.com.br
Kinderovo – www.kinderovo.com.br
Mamamedia – www.mamamedia.com
Mingau Digital - www.mingaudigital.com.br
Mônica - www.monica.com.br
Netds – www.netds.com.br/kids
Palavra Cantada - www.palavracantada.com.br
Pooh – www.poohfriendshipday.com
Ratolândia - www.folha.com.br/ratolandia
Terra Crianças - www.terra.com.br/criancas
UOL Crianças - www.uol.com.br/criancas
UOL Jogos - www.uol.com.br/jogos

2.9 – Desafio Colaborativo

Estudantes trabalham conjuntamente para enfrentar um desafio ou resolver um problema. Podem trabalhar via correio eletrônico, encontros virtuais em uma sala de chat, ou juntar-se em grupo na aula. Para Padilha e Vicente (2002), o desafio pode variar desde resolver um conjunto de problemas difíceis de matemática (do tipo problema da semana), basta resolver um conflito real entre duas pessoas, ou completar uma sequência de obstáculos virtuais.

O desafio colaborativo é utilizado no trabalho com os alunos para identificar um desafio que deseja confrontar. Os estudantes necessitam ser reconhecidos para um desafio cooperativo para trabalhar. É conveniente ter opções disponíveis caso eles tenham dificuldades de identificar alguma. Permite explorar os temas de cooperação em comparação com os de competição ao longo do currículo (literatura, história, ciência, e inclusive matemática apresentam excelentes oportunidades para discutir os benefícios da cooperação em comparação com a competição).

É importante assegurar que o desafio apresenta um nível de dificuldade adequado, levando o aluno à superação de determinado nível. Forçar os estudantes até a um novo nível. Incrementar gradualmente a dificuldade do desafio através de vários projetos. Recordar aos estudantes o que está acontecendo e quando tem chegado.

Essa atividade pode ser utilizada quando os estudantes têm dificuldades para trabalhar conjuntamente, para fortalecer a confiança num sentido de êxito nos estudantes, para levá-los a um novo nível de dificuldade e de domínio de um conceito. Pode ser utilizada também para ensinar quando e como a cooperação pode ser uma opção viável para responder aos problemas e conflitos.

2.10 – Caixa de Tesouro

Uma *caixa do tesouro*, segundo Adell e Sales (2003) é um tipo de atividade didática muito simples que os professores utilizam para integrar a Internet ao currículo. Consiste numa série de perguntas e numa lista de sites dos quais possam extrair-se ou inferir-se as respostas. Alguns incluem uma “grande pergunta” ao final, que requer que os alunos integrem os conhecimentos adquiridos no processo.

Uma caixa do tesouro bem desenhada vai mais além da aquisição de pequenas unidades de informação, mais ou menos estruturada, sobre um tema determinado. March (1999) sugere que, escolhendo adequadamente perguntas que definem as dimensões fundamentais de um tema, os alunos não só averiguam respostas concretas, mas aprofundam nos aspectos essenciais do tema. Além da aprendizagem de fato e conceitos, uma caixa do tesouro estimula a aquisição de habilidades sobre a tecnologia da informação e comunicação, conhecimentos práticos sobre Internet e a navegação pela informação on-line.

As “caixas do tesouro” são de fato muito populares entre os professores como estrutura didática para a integração por várias razões:

- a) são relativamente fáceis de criar para o professor e são divertidas e formativas para os estudantes. Bem planejadas, parecem um jogo, mas os alunos aprendem muitas coisas durante uma caixa de tesouro (e não só as respostas às perguntas).
- b) podem tratar sobre quase qualquer aspecto do currículo (sempre que encontramos recursos adequados ao tema e idade dos alunos na Internet) e proporcionam conhecimentos sobre os conteúdos e experiência no manejo de ferramentas Internet.
- c) podem ser utilizadas como atividades para realizar em grupo ou individualmente.
- d) podem ser simples ou complicadas, tal como dadas circunstâncias.

Uma alternativa para estudantes de níveis superiores é fazer que, em lugar de resolvê-las, preparem eles mesmos suas próprias “caixas de tesouro”, adotando o

papel do professor. As caixas podem ser preparadas em equipe e, posteriormente, cada grupo pode resolver a casa elaborada por outra equipe. Nesse caso, o critério para avaliar a qualidade da casa deveria incluir a representatividade, a pertinência ou a relevância das perguntas do tema em questão e os recursos disponíveis.

Exemplo de Caixa do Tesouro:

As cores do universo

http://www.education-world.com/a_lesson/hunt/hunt001.shtml

Como preparar uma caixa do tesouro

1. Eleição do tema e dos objetivos didáticos - Escolher algum tema a respeito do qual estamos insatisfeitos com nosso trabalho atual e que tentamos criar algumas atividades novas, como caixa do tesouro, para mudar a dinâmica da aula, nosso enfoque ou as atividades dos alunos.

2. Preparação da folha de trabalho - Preparar uma folha de trabalho de suporte papel ou em HTML para que os alunos consultem on-line ou em Cd-rom e possam ir aos recursos web com um só clique no mouse, sem necessidade de escrever nos endereços. Estruturar a folha de trabalho em quatro partes: Introdução, Perguntas, Recursos e "A grande pergunta".

Introdução - Descrever a tarefa e as instruções para realizá-la. Motivar o interesse dos alunos para averiguar as respostas das perguntas.

Perguntas - Listar e enumerar as perguntas ou pequenas atividades a realizar. Para formular as perguntas, devemos copiar e pegar as frases exatas que contêm a informação relevante que queremos que encontrem (uma de cada página web da lista de recursos) e logo transformá-las em perguntas diretas. Efetuar perguntas que impliquem atividades mais complexas, relacionadas com a leitura compreensiva, a inferência, reunião e a organização da informação e a comparação. Se planejamos pequenas atividades, podem-se realizar com certa rapidez: ler um mapa, efetuar um cálculo, averiguar o resultado de uma pequena simulação. Exemplo, pode-se perguntar sobre o por que (analise por que as coisas ocorrem da maneira em que fazem?), sobre o como (solução de problemas: como pode fazer melhor?) e sobre o que fazer? (tomada de decisões: que opção devo escolher?). Para fazer perguntas consistentes, primeiro deve-se escrever a pergunta, logo reformulá-la (um máximo de 50 palavras), especificando o que pretende que os alunos aprendam, respondendo-a.

Recursos - Listar os títulos e URL das páginas a consultar para encontrar as respostas às perguntas ou realizar as atividades. Podem-se utilizar buscadores. Um bom hábito é marcar os recursos interessantes que encontramos quando navegamos na Internet, mesmo quando não for o que estamos buscando: assim poderemos explorá-los posteriormente.

A grande pergunta - Incluir uma pergunta final, global, cuja resposta não se encontra diretamente em nenhuma página da lista de recursos, mas que dependa das respostas das perguntas anteriores e do que foi aprendido, buscando as respostas. Deverá coincidir com um objetivo curricular e pode incluir aspectos valorativos e de opinião pessoal sobre o tema buscado. Podemos trabalhar normas, atitudes e valores, pedindo que os alunos reflitam sobre as implicações pessoais, sociais, políticas do tema da caixa.

Formação de grupos - Formar grupos com estudantes em função de sua experiência e conhecimentos sobre a Internet de maneira que os mais experientes ajudem e ensinam os menos experientes. Assegurar que os menos familiarizados tenham oportunidade de adquirir a experiência que falta. Não devemos converter a caixa em uma competição em base ao tempo.

Procedimento - Dependendo do número de computadores conectados à Internet disponíveis, organizar os períodos de busca e os de organização da informação e respostas às perguntas. Numa aula de informática, todos os grupos podem dispor de um computador e espaço para trabalhar em duplas ou trio. Em aula, no canto do computador e um ou vários computadores, os alunos irão usá-los em turnos diferentes e posteriormente elaborando as respostas.

Avaliação - Avaliar em função do produto; da qualidade dos acertos dos estudantes. É interessante estabelecer alguns indicadores da qualidade do processo: grade de elaboração das estratégias de busca, originalidade, trabalho em equipe, manejo da tecnologia, entre outros.

2.11 – Jogos na Internet

Os jogos, geralmente desenvolvidos com a finalidade de lazer, podem permitir interessantes usos educacionais, principalmente se integrados a outras atividades. Um exemplo de jogo que permite a criação de interessantes contextos de aprendizagem é o *SimCity*. Ambos possuem capacidade de utilização ao longo de várias aulas, rico material de apoio, possibilidade de integração com outras mídias, (como vídeos, imagens, desenhos), permitindo atividades multidisciplinares, por professores de diversas áreas.

Jogos online são ferramentas educacionais que divertem enquanto motivam, podem ser mais complexos e desafiadores que seus pares não computadorizados. Um só jogo pode servir como contexto para a aprendizagem de múltiplos conceitos e variadas habilidades, de natureza bastante sofisticada, tudo isso de maneira que o aluno dificilmente fica desmotivado no processo. Os jogos na Internet ganham maior popularidade nas escolas, justamente por causa da capacidade de motivação, pois os professores encontram nos jogos de computadores um poderoso motivador para o início do processo de aprendizagem.

Atividade com Jogos online

1. Pesquise na Internet sobre a importância dos jogos eletrônicos em computadores na vida de crianças e adolescentes. Como o computador e a Internet podem ser explorados na educação para, através de jogos/simulações, propiciar um ambiente de ensino-aprendizagem cativante e motivador?
2. Analise, no mínimo, dois sites com jogos educacionais quanto: dados sobre o jogo (nome, que produz, ambiente requerido para execução); a quem se destina, à área de aplicação; a observações e comentários.
3. Sugira, a partir de pesquisa na Internet usando programas de busca, dois novos sites com esse tipo de material para ser usado em sala de aula.

Sites com Jogos

Agashkaar: Terra dos Dragões - www.agashkaar.cbj.net	Mamamedia - www.mamamedia.com
Angelfire - www.angelfire.com/ab/jogos	Meleca - www.meleca.com.br
Anjinhos - www.nick.com	Mplayer.com - www.mplayer.com
Cartoonnetwork - www.cartoonnetwork.com/games/index.html	Multiplayer - www.multiplayer.com
Club Kids - www.clubkids.com.br/	Netsds - www.netsds.com.br/kids
Cyberjogos - www.cyberjogos.com.br	Nitendo - www.nitendo.com
Disney - www.disney.com.br	Nossoamiguinho - www.nossoamiguinho.com.br/
Divertudo - www.divertudo.com.br	Outerspace - www.outerspace.com.br
Download de jogos - www.geocities.com/Athens/3106/download.html	Recreio - www.recreio.com.br
Estação Jogos do UOL - www.uol.com.br/jogos	Simcity Live - www.simcity.com
Fox Kids - www.foxkids.com.br	Snoopy - www.snoopy.com.br
Gamesmania - www.gamesmania.com.br	Tangram - www.pensediferente.com.br
Hotwebgames - www.hotwebgames.com	Tecmoinc - www.tecmoinc.com
Infogames - www.infogames.com.br	Terra Games - www.terra.com.br/games
Jogos - www.jogos.com.br	Theogames - www.theogames.com.br
Jogos - www.postmarf.org.br	Tukids - www.tukids.tucons.com
Jogos on-line: www.klickeducacao.com.br:8000/klickids/jogos/jogos.asp	Wonka - www.wonka.com
Jogos, brincadeiras - www.luj.com.br/index1.htm	Xadrez - www.chessclub.com
Lag Zero - www.lagzero.com.br	Zeeks - www.zeeks.com
Lego - www.lego.com.br	Jogos virtuais - www.divertudo.com.br/jogos.htm

2.12 – Jornal Online

O jornal é um mosaico de informações cotidianas, um registro da história no seu dia-a-dia. A linguagem do jornal é rica e variada. É preciso ter um bom conhecimento da linguagem em geral e das funções da linguagem em particular, para

avaliar/produzir um texto jornalístico. Sem contar a imprescindível capacidade de síntese e de objetividade.

O jornal impresso ou na versão on-line usa linguagens específicas, para transmitir a informação: o texto escrito, a imagem em geral e a disposição das informações na página e nas seções (diagramação, lugar e espaço ocupado pela notícia, caracteres tipográficos usados, cores, outros). A linguagem do jornal é rica e variada, sem contar a imprescindível capacidade de síntese e de objetividade. A produção de jornais apresenta inúmeras possibilidades e coloca o aluno em contato com a linguagem informativa, aproximando-o de fatos cotidianos.



A organização de um jornal propicia um veículo da produção em dupla diversificada; um instrumento de socialização dos produtos; oferecer ferramentas de apoio ao trabalho pedagógico do professor e informações apresentadas serão utilizadas pelos leitores.

Montagem do Jornal

Nos exemplos abaixo, apresentamos a construção de um jornal online. A metodologia utilizada envolveu as seguintes etapas:

a) Divisão das equipes: o grupo é dividido em equipes para cuidar das diferentes seções do jornal. Cada equipe produz textos para sua seção, define aspectos metodológicos, tais como: escolha do nome do jornal (o qual poderá ser o resultado de uma competição entre os alunos), sugere um título e um logotipo para o jornal.

b) Escolha dos temas: escolha das editorias que serão desenvolvidos: meio ambiente, política, turismo, educação, cultura, comportamento, saúde, esportes.. Após a escolha das editorias, o professor, junto com as equipes, discute atividades a serem realizadas e publicadas, tais como: entrevistas, depoimentos, músicas, poesias, recados, quadrinhos, desenhos, orientações de profissionais especializados, cruzadinhas, caça-palavras, fotos, cartoons e outras que forem interessantes para a escola.

c) Busca de informações: escolhidos os temas, os alunos foram estimulados a compor o trabalho, realizando pesquisas na Internet, na biblioteca escolar, em Cd-rom, entrevistas e questionários com pessoas da própria comunidade ou de outras comunidades através de correio eletrônico.

d) Elaboração dos textos: definido o tema e tendo coletado informações sobre o mesmo, inicia-se a elaboração dos textos da introdução que mostre o tema a ser tratado, uma discussão das principais idéias, para apresentação das descobertas e um fechamento no qual se expressa a opinião do grupo.

e) Análise crítica dos textos: troca de textos entre o grupo é fundamental para estimular a escrita e melhorar a qualidade do material produzido. Estimula também a leitura, interpretação e análise crítica de textos. As trocas acontecem via e-mail. Cada integrante da equipe escolhe o texto de um outro integrante, faz uma leitura crítica, pede mais informações, sugere mudanças para melhor compreensão, aponta possíveis erros gramaticais ou de concordância, e também contribui com dicas bibliográficas.

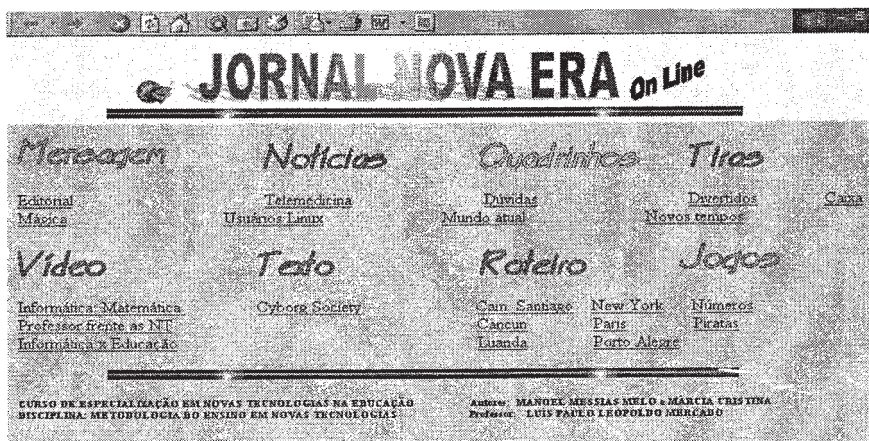
f) Elaboração do produto final: cada autor pega seu texto novamente, faz a leitura das contribuições e inicia a reestruturação, fazendo as modificações que achar pertinentes. Depois do texto pronto, elaboram um título para a matéria e uma chamada para publicação no jornal.

g) Publicação do material na Internet: a equipe que organizará o jornal recebe todo o material (textos, imagens, arquivos), organiza nas diferentes seções do jornal e faz a publicação da nova edição.

h) Avaliação: o processo de construção do jornal é uma atividade estimulante para o grupo, é um momento rico de aprendizagem e de convivência para alunos e professores que têm oportunidade de estarem juntos trabalhando em um projeto de interesse comum.

A atividade proposta de organizar um jornal tem vantagens de ser aberta e permitir que se incorpore na mesma diferentes atividades. No caso dos exemplos trazidos aqui, trabalhamos com várias atividades, desenvolvidas ao longo das aulas e que foram, ao final, organizadas no jornal on-line.

Exemplo – Jornal On Line



A proposta de construção do jornal envolveu várias etapas por parte dos alunos e muitas decisões e buscas de materiais que não estavam prontos. Podemos levantar os seguintes pontos como de grande relevância na realização dessa proposta: O jornal permite que cada grupo ou dupla realizem atividades diferentes ao mesmo tempo; é um excelente recurso para socializar as informações pesquisadas e coletadas ao longo do processo; cada parte do jornal ou cada texto feito é original, pois foi construído pelo aluno, a partir das informações coletadas, não sendo mera cópia das fontes indicadas. Isso se deve à forma como as atividades

são pensadas e construídas; é um trabalho interessante, envolvente, que exige organização do aluno (do material recebido, pesquisado), exige domínio de diversas ferramentas (editor de textos, navegação na internet, uso de e-mail, ferramentas de editoração do jornal, manuseio de figuras); envolve um extenso processo de pesquisa na Internet e nos meios convencionais.

Sugestão de Projeto: Jornal do Bairro

Esta proposta envolve o conhecer melhor sua comunidade, observar sua organização e seu crescimento para poder atuar positivamente sobre ela. Tem como objetivo principal despertar o interesse pelo resgate da memória histórica, social e cultural da comunidade.

Atividades:

1. Comparação das mudanças na paisagem da comunidade pesquisada: alterações ocorridas e quais benefícios trouxeram para a comunidade.
2. Registro de depoimentos de sua família, dos funcionários da escola, dos moradores do bairro, buscando indicadores das transformações ocorridas.
3. Pesquisa de fotos velhas, jornais antigos, mapas, plantas do bairro, como fontes de informações para a montagem do jornal.
4. Construção do jornal, desenvolvendo vários tópicos, como: história do local, aspectos regionais (população, clima, arquitetura, etc), principais atrações, espaços culturais e sociais (parques, museus), depoimentos dos moradores, transformações regionais (mudanças mais drásticas ocorridas no local).

3. Conclusão

A utilização da Internet na educação é um desafio à formação dos professores por exigir novas formas de manuseio e de seleção das informações que circulam na rede, e que são relevantes, e exclusão das não-relevantes. Para isso, o professor precisa estar preparado para conduzir o trabalho em grupo, ser dinâmico, saber guiar diversas situações simultâneas e dominar o conteúdo envolvido nos projetos com Internet, a qual cria novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

Referências

ADELL, Jordi; SALES, Auxi. **El professor online**: elementos para la definición de un nuevo rol docente 2003. Disponível em: <http://tecnologiaedu.us.es/edutec/paginas/105.html>. Acesso: 06/04/03.

MERCADO, Luís P. **Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação**. Maceió: Edufal, 2004.

MORAN, José M. **Como utilizar a Internet na educação**. São Paulo, Ciência da Informação, v.26(2):146-153. Maio-agosto 1997.

_____. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Porto Alegre, Informática na Educação: Teoria & Prática. PGIE-UFRGS, v.3, n.1, setembro 2000.

PADILHA, Carmem P; VICENTE, Dolores. **Los seis grandes tipos de actividades com la web**. Disponível em: <http://www.quadernsdigitals.net/articuloquaderns.asp?IdArticle=3574>. Acesso: 12/02/03.

PEREZ, Dora. **La biblioteca digital**. Disponível em: http://www.uoc.es/web/esp/articles/La_biblioteca_digital.htm. Acesso: 24/03/02.

STANTON, Michael. **As bibliotecas no tempo da Internet**. Disponível em: www.unirede.br/infsecopiniao.html. Acesso: 02.07.01.

COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim

1. Introdução

A Internet não é apenas uma rede por onde transita a informação. É um espaço que abrange diversos meios, que, ao serem cada vez mais utilizados – com a multiplicação e proliferação dos chats, grupos de discussão, listas de discussão, fóruns, blogs, trocas instantâneas de mensagens, etc, evidenciam novos padrões de interação social e vêm caracterizando-a como uma comunidade virtual.

Novas ferramentas como os blogs e wikis, ao serem incorporadas na educação, permitem explorar novas formas de interação didática, com a eliminação de limites de espaço e tempo, e conseqüentemente promovem a criação de verdadeiras comunidades globais de aprendizagem.

Para Burbules (2004), a Internet compreende diferentes meios que moldam e são moldados por grupos que os utilizam com diferentes objetivos, não sendo apenas um conjunto de indivíduos conectados a outros, mas um espaço onde os grupos que se formam interagem e trabalham cooperativamente, proporcionando a constituição de novos grupos.

Como a Internet encurtou distâncias, potencializando a formação de grupos de pessoas que se comunicam por afinidades e com objetivos comuns, vem favorecendo o desenvolvimento de atividades cooperativas e colaborativas, contribuindo para a evolução da educação a distância e o redimensionamento dos papéis de professores e alunos.

A Internet, como comunidade virtual, baseada na comunicação online, cria e amplia variados ambientes de aprendizagem. Segundo Mattos (2002), esses ambientes de intensa participação on-line, foram naturalmente e rapidamente vistos como possíveis ambientes de aprendizagem, com o potencial de serem aproveitados em processos educacionais formais e na EAD.

Em Adell (2003), encontramos comunidade definida como um grupo de pessoas que mantêm uma relação, em torno de um interesse pontual ou concreto, de um conjunto de idéias, crenças, práticas, valores ou formas de comportamento.

Para Schlemmer (2001, p.5), “comunidades virtuais são redes eletrônicas de comunicação interativa autodefinida, organizadas em torno de um interesse ou finalidade compartilhados”. Desse modo, tal sistema de

comunicação pode abranger e integrar diversas formas de expressão, interesses, valores, imaginações e conflitos, especialmente em função da sua “diversificação, multimodalidade e versatilidade”.

Um dos primeiros pesquisadores a estudar o tema, e a usar o nome “comunidades virtuais” foi Howard Rheingold. Sendo ele próprio um formador de comunidades, questiona se um site, ou um ambiente educativo na Internet, pode funcionar bem sem estar ajustado à perspectiva de uma comunidade virtual.

Para Rheingold (1994), a comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, que passa a existir quando as pessoas realizam trocas e estabelecem laços sociais. Portanto, essas comunidades, podem ser entendidas como agregados sociais que surgem na Internet, quando um grupo de pessoas compartilham discussões, durante um determinado tempo, envolvendo sentimentos humanos e formando teias de relacionamento no ciberespaço.

Pressupõe-se que, nessas comunidades virtuais, grupos de pessoas unam-se em torno de interesses comuns para compartilhar e construir conhecimentos, formando um ambiente construtivo e participativo, onde virtualmente ocorre a cooperação e a colaboração entre os participantes. Segundo Tajra (2002), as comunidades virtuais têm o potencial de promover o desenvolvimento de serviços públicos, disponibilizando o acesso a “todos”, podendo contribuir para a melhoria das relações sociais, políticas, econômicas e de saúde entre a diversidade de grupos humanos do planeta, de modo democrático, com o favorecimento da construção ativa de conhecimentos.

Cooperação, colaboração, trabalho e aprendizagem são conceitos que se associam e se integram, representando um continuum da ação humana. Desse modo, o trabalho em grupo, realizado colaborativamente, precisa necessariamente estar integrado em todas as atividades de ensino e aprendizagem, convergindo para a formação de comunidades virtuais de aprendizagem, que por sua vez, proporcionam a oportunidade para todos os seus participantes tornarem-se potenciais construtores de conhecimento.

Conhecer a definição, o potencial e as atribuições de uma comunidade virtual de aprendizagem é muito importante, porém precisamos também questionar sobre as condições de sua formação.

2. Criação de Comunidades Virtuais de Aprendizagem?

A concepção de redes de aprendizagem como paradigma da educação no século XXI foi lançada por Harasim et al (1995). Nessa concepção a comunicação ocorre no entorno, entre as redes, mediada por um facilitador e independentemente do local se produz uma interação entre o grupo de pessoas conectadas. Tais redes de aprendizagem permitem, a qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer momento, ser um aluno ou um professor, ou seja, estar aprendendo continuamente. Essas redes são o que agora denominamos comunidades virtuais de aprendizagem.

Não basta participar da comunidade, é preciso que os integrantes desta contibuem efetivamente e substancialmente para o seu desenvolvimento:

A simples participação não é suficiente para criar e sustentar a comunidade de aprendizagem online. Segundo Palloff e Pratt (2004) as diretrizes mínimas de participação ajudam a conquistar e manter os alunos online. Contudo, apenas entrar no site regularmente, mas não contribuir com algo substancial para a discussão, é pouco para sustentar o desenvolvimento da comunidade de aprendizagem.

Algumas comunidades são formadas e organizadas por instituições ou por alguém que fica responsável por criar e/ou coordenar o ambiente virtual, são as comunidades previamente planejadas.

Uma comunidade pode se construir a partir de pessoas que se conhecem em salas de chat, por exemplo, e passam a se encontrar, virtualmente, constantemente para discutir e conversar sobre determinados temas, assim vai se estruturando uma comunidade sem planejamento prévio. Para Fonseca e Couto (2005, p.1)

Na rede, as comunidades virtuais se estabelecem nas infovias, que se interligam no planeta sem marcação de fronteiras e redefinem a questão do tempo e do espaço. Tais comunidades atendem a determinados fins, conforme os grupos de pessoas que se aglutinam para novas descobertas e conquistas, em que seu interesse é norteador desses caminhos.

De acordo com Palloff e Pratt (2002), a construção de uma comunidade, na qual o processo de aprendizagem possa ocorrer de forma rica e autônoma, deve seguir alguns preceitos como:

- definição clara da proposta do grupo;
- criação de um local diferenciado para o grupo;

- promoção de lideranças internas eficientes;
- definição das normas e código de conduta com clareza;
- abertura para que os membros atuem com autonomia e assumam diferentes papéis no grupo;
- viabilização e facilitação para a formação de subgrupos;
- autonomia para que os participantes resolvam suas próprias discussões.

Para Tajra (2002), construir comunidades virtuais, implica em uma abertura para o paradigma do pensamento coletivo e para a formação de uma comunidade global, além de contribuir para integrar seres humanos com interesses comuns, que intencionam o autodesenvolvimento.

Para Burbules (2004), na comunidade virtual, todos os participantes são construtores de conhecimento, participando ativamente dos processos envolvidos em suas atividades. A partir das interações entre os seus componentes, ocorrem contínuas transformações nos textos, que continuam a ser o principal meio de interação online, tanto no correio eletrônico como em publicações (boletins, artigos). O texto além de ser um meio de construir a comunidade, é um meio de comunicação dentro dela.

As comunidades virtuais de aprendizagem são ambientes abertos à cooperação e à participação, mas são organizacionalmente fechados, mantendo-se como unidades autônomas e auto-organizadas. A dinâmica relacional mantida entre os componentes permite a manutenção de sua identidade, ao mesmo tempo em que a existência da comunidade é mantida com a permanente dinâmica de interações.

Os recursos interativos utilizados pela comunidade podem sofrer acréscimos ou alterações, podendo-se operar inicialmente com um fórum e, depois, substituí-lo por uma lista de discussão, por exemplo. As listas de discussão são responsáveis pelo surgimento da sensação de integração, apesar da distância entre os participantes, dando a idéia de comunidade.

Desde o final da década de 90, professores, alunos e pesquisadores passaram a utilizar e-mail e as listas de discussão em suas atividades. A lista é criada a partir de um tema, com o objetivo de aprofundar e ampliar a discussão. Os chats, que permitem a comunicação síncrona e os fóruns, numa comunicação assíncrona, são, também, muito utilizados. Os fóruns são interessantes porque são mecanismos que se

assemelham às listas de discussão, com a vantagem de não sobrecarregar a caixa postal do usuário.

O aluno, dentro de uma comunidade de aprendizagem, precisa desenvolver habilidades que o ajudem a trabalhar colaborativamente com os seus colegas, como: saber buscar, usar e socializar a informação; saber classificar, discriminar, selecionar e recuperar essa informação; colaborar com projetos.

3. Aprendizagem na Educação Online

A construção do conhecimento, de acordo com Graván (2003) é um processo de adequação de mentes. Isto nos faz refletir sobre os processos através dos quais nossos alunos aprendem. Se a comunicação com o grupo desenvolve a mente da pessoa, fomenta as habilidades de trabalho em equipe e responde a forma de trabalho que será provavelmente utilizada nos próximos anos, então os processos educativos devem passar por uma transformação, deixando o foco da aprendizagem individual e voltando-se para a aprendizagem em grupo.

A aprendizagem virtual não ocorre passivamente. Para que ela ocorra, professor e aluno devem ter uma participação ativa, assim como todos os envolvidos, criando uma rede. Ou seja, aprenderna educação online, é um processo ativo, no qual, uma rede de aprendizagem vai sendo formada, nas interações entre os próprios estudantes, entre professores e estudantes, na colaboração que se estrutura das próprias interações.

Segundo Palloff e Pratt (2002, p.27), “a formação de uma comunidade de alunos, por meio da qual o conhecimento seja transmitido e os significados sejam criados conjuntamente, prepara o terreno para bons resultados na aprendizagem”.

O processo colaborativo é um processo ativo por parte do estudante, onde ele trabalha para construir seus próprios conhecimentos e onde o docente torna-se o facilitador da aprendizagem, tendo no próprio grupo a fonte de motivação, informação e interação. A construção do conhecimento vai ocorrendo coletivamente. Para trabalhar com a aprendizagem colaborativa devemos seguir, de acordo com Sánchez (2005) princípios como: distribuição dos alunos por equipe; divisão do trabalho em etapas; incentivo de discussões entre grupos e inter grupos; participação de todos os componentes na elaboração das leituras, resumos, respostas e perguntas; além da disponibilização de todas as produções do grupo.

Na EAD, o desenvolvimento da sensação de comunidade, entre os participantes do grupo, é um fator determinante para o sucesso do processo. Isso ocorre porque o conhecimento, na sala de aula online, é produzido fundamentalmente por meio dos relacionamentos e da interação que se estabelece no grupo. Nesse ambiente, a comunidade deve ser estimulada como um meio promissor para a educação. Segundo Palloff e Pratt (2002), juntamente com a facilitação online bem sucedida, para que a aprendizagem em comunidade ocorra, é preciso que haja honestidade, adequabilidade, respeito, franqueza, autonomia, flexibilidade.

Porém não podemos acreditar que esse modelo educativo será a solução para todos os nossos problemas. A educação online não é a panacéia que resolverá todos os males da educação atual. Contudo, de acordo com Palloff e Pratt (2002), se facilitada de um modo que incorpore a comunidades no processo, é uma maneira de incentivar a formação de alunos mais bem preparados, que possam navegar com sucesso pelas reivindicações de uma sociedade do conhecimento.

Nas comunidades virtuais de aprendizagem, grupos de aprendizes trabalham juntos no espaço online. Apesar de ficarem geograficamente dispersos, os participantes conectados buscam e constroem conhecimento em um mundo assíncrono ou síncrono, de acordo com suas necessidades.

Se não houver uma nova forma de conceber o conhecimento e seu processo construtivo, com a compreensão do significado da colaboração online, as TIC só servirão para dar uma nova roupagem a antigas práticas.

De acordo com Mattos (2002), os processos colaborativos envolvidos nas comunidades virtuais de aprendizagem podem ser mais bem compreendidos com base nas teorias:

- **Sócio-construtivismo de Vigotski** – parte do princípio de que a aprendizagem ocorre principalmente na interação entre os sujeitos. O sujeito aprende no confronto entre suas experiências com as do grupo;
- **Construtivismo de Piaget** – caracteriza-se essencialmente na relação causal estabelecida entre o ambiente sócio-histórico e a cognição individual, denominando apropriação ao fenômeno de aprendizagem que se dá num processo determinado de busca por soluções de problemas;
- **Cognição-distribuída de Hutchins** – que teve seu conceito desenvolvido a partir das pesquisas a respeito da cognição situada. Considera que a cognição tanto está presente no indivíduo como no contexto, distribuída desigualmente.

Aí, a tecnologia serve como mediadora e ao mesmo tempo fator determinante, de carga cognitiva própria, conectando os diversos conhecimentos;

- **Aprendizagem por indagação de Dewey** – considerando que a aprendizagem torna-se realmente significativa quando ocorre num contexto problematizador. Sua escola didática tem o objetivo de que os alunos aprendam ao mesmo tempo sobre o conteúdo e sobre o processo de sua construção. Nessa perspectiva, parte-se de uma situação problematizadora-motivadora (criada em geral pelo professor), onde os alunos (de modo cooperativo) formulam hipóteses para explicar a situação e resolver essa situação, reunindo dados comprobatórios, chegando a conclusões e analisando o processo percorrido ao longo da aplicação dessa metodologia.

As comunidades virtuais de aprendizagem encontram, nessas teorias, fundamentos, apoio e indicadores para possíveis avanços e inovações no ensino, no qual se coloca em prática, verdadeiramente, o aprender a aprender.

Para Carrillo (2001), os aportes do construtivismo nos desenhos didáticos on-line são múltiplos, pois a utilização das ferramentas de intercâmbio de informação digital e de construção do conhecimento compartilhado pode contribuir para o intercâmbio das hipóteses de investigação e a resolução de problemas, além de favorecer as tarefas virtuais na estruturação e organização dos conceitos e procedimentos de investigação.

Pablos (1996) ressalta a importância de se tomar como base as fontes do construtivismo psicopedagógico, mostrando que os alunos precisam perceber os conteúdos como problemas e lacunas a serem resolvidos, para assim considerar a aprendizagem significativa. Partindo-se das idéias prévias dos alunos e ajustando-as às novas idéias, surgidas nas interações do grupo, os novos conhecimentos irão sendo construídos dentro de uma significatividade psicológica para esses alunos. As melhores práticas, no ensino online, mantêm o foco no aluno. Portanto é preciso entender quem são esses alunos; entender como estes aprendem; ter consciência das questões que os afetam e à sua aprendizagem; conhecer suas necessidades; conhecer o melhor modo de contribuir para sua participação e para o seu desenvolvimento reflexivo; encontrar meios para envolver os alunos; respeitar os direitos dos aprendizes e o seu papel no processo de aprendizagem; bem como atentar para a melhora contínua da qualidade, tendo em vista o progresso dos alunos para o alcance de suas metas. Tudo isso, de

acordo com Palloff e Pratt (2004), poderá ser obtido através do desenvolvimento de ações como: humanizar do site do curso; respeitar as diferenças dos estilos de aprendizagem; incentivar o respeito mútuo entre os membros do grupo; incentivar a colaboração mútua na resolução de problemas; incorporar as sugestões dos alunos no desenvolvimento do curso; desenvolver cursos com conteúdos relevantes, entre outras.

Nas comunidades de aprendizagem todas as experiências devem ter como base os conhecimentos prévios dos alunos, enquanto o papel do professor passa a ser o de motivar, facilitar, apoiar, desafiar, discutir e proporcionar exemplos. Ao aprender colaborativamente, os estudantes trabalham em equipe e se constrói uma obra coletiva, assim os resultados são compartilhados e utilizados na aprendizagem de modo contínuo. A atividade pedagógica é aberta e estruturada com base na flexibilidade, na experimentação, na exploração. A aprendizagem vai ser o resultado das atividades da comunidade, onde seus membros desenvolvem competências pessoais, profissionais e pessoais importantíssimas na chamada sociedade pós-moderna.

4. Formação de Professores em Comunidades Virtuais de Aprendizagem

O grande desafio lançado aos professores que trabalham na perspectiva de comunidades de aprendizagem é a criação de espaços informáticos, de aprendizagem, onde ocorra o favorecimento de operações mentais complexas e o desenvolvimento de habilidades como a autogestão e o autoconhecimento. Isso requer competências e habilidades que a grande maioria dos professores não possui, pois não foram preparados para trabalhar nessa perspectiva.

Ao se formar um ambiente de aprendizagem, uma rede de interações vai se estruturando em torno dos participantes e do professor. Nessa rede, o processo de aquisição do conhecimento vai sendo construído colaborativamente. De acordo com Palloff e Pratt (2002), o professor precisa estar preparado para “criar uma espécie de embalagem na qual o curso transcorra com o envio de metas, de objetivos e de resultados esperados”, estimulando o questionamento, a discussão e a participação de todos na estruturação do curso.

Na aprendizagem online precisamos usar a nossa melhor experiência como educadores e aplicá-la em um ambiente não habitual. Surgem problemas totalmente novos, para os quais é necessário que haja muita flexibilidade e inovação na sua resolução. As técnicas utilizadas nas salas de aula convencionais, em geral, não funcionam nas salas de aula virtuais, e nas comunidades virtuais de aprendizagem.

Os desenhos didáticos de cursos online, que pretendem se estruturar como comunidades de aprendizagem, deverão conter mecanismos que permitam ao aluno a comprovação da veracidade e correção das respostas geradas nas atividades. O tutor poderá evitar possíveis erros na aprendizagem de conteúdos ou na apreensão das aplicações das atividades propostas munindo-se de meios síncronos e assíncronos, ao mesmo tempo, para comunicação com seus alunos. Também poderá fazer uso de mensagens personalizadas para o esclarecimento de erros cometidos, para propor novas atividades ou para comunicar os acertos, dar incentivos.

De acordo com Carrillo (2001), os materiais didáticos online devem estar bem estruturados, com objetivo muito bem definido, de forma que o aluno seja capaz de determinar com rapidez e certeza em que estágio do mapa conceitual de aprendizagem se encontra. As atividades propostas devem ter clareza, evitando-se nos primeiros momentos da aprendizagem uma resposta generalizada, que não atenda ao que foi proposto.

O professor, nas comunidades virtuais de aprendizagem, deixa o papel de centralizador da informação para assumir novos papéis, como mediador, facilitador, organizador, animador, comunicador de informações. Elas podem contribuir para a educação de cidadãos ativos na sociedade, se utilizadas com o objetivo de promover a democracia em tempo real e a construção de ambientes cooperativos.

Alguns fatores são apontados, por Palloff e Pratt (2002) como essenciais para a obtenção de bons resultados na educação online: o modo de ensinar ou facilitar; as normas estabelecidas ou as diretrizes para a participação; o grau de participação do grupo; a intervenção do professor facilitador no processo.

O sucesso dependerá do estabelecimento de igualdade nas relações facilitador-participante e participante-participante. Todo o grupo se envolve, tendo o facilitador como mais um membro do grupo. A facilitação correta é a que abre espaço para que a metodologia de aprendizagem seja modelada pelo grupo.

Nas comunidades virtuais de aprendizagem os professores ou tutores, ao interagir em ambientes democráticos e de construção colaborativa, capacitam-se para construir pontes entre os integrantes do ambiente de aprendizagem, aprendem a aprender de forma colaborativa e coletiva, podendo criar redes de relações sociais e formar grupos de trabalho entre os integrantes de seu grupo. Habilitam-se, portanto, a criar promissores ambientes de aprendizagem coletiva e colaborativa.

As responsabilidades do tutor na aprendizagem colaborativa são diversas, como: conhecer a estrutura da disciplina; planejar a aprendizagem ativa baseada na compreensão; fomentar o raciocínio indutivo na aprendizagem.

Mediatização, interatividade e interação são palavras-chave no contexto da EAD e, especialmente, da aprendizagem autônoma e colaborativa proposta pelas comunidades virtuais: o contato regular e eficiente, com seu tutor e entre colegas, proporciona ao aluno segurança psicológica e motivação, por isso a importância das ferramentas de comunicação; a competência da mediatização é indispensável para qualquer professor ou tutor em toda ação ou concepção de EAD. É preciso que o professor saiba escolher o melhor meio para assegurar a comunicação, elaborando discurso apropriado, escolhendo por metodologias e estratégias que possibilitem a aprendizagem autônoma dos seus alunos.

Para Hernandez e Diaz (2005), o estabelecimento de comunidades de aprendizagem, dentro dos processos de formação, não tem sido fácil, mas devemos reconhecer que as comunidades virtuais de aprendizagem são espaços nos quais a formação de tutores é enriquecida, que permitem a promoção da solidariedade, integração e respeito aos diversos pontos de vista de um mesmo problema, permitindo não somente formar e atualizar nos aspectos teóricos, como também na prática. Sua continuidade é interessante já que é um mecanismo de formação permanente, que permite a descoberta das necessidades e problemas de seus integrantes, originados em suas práticas, assim como a busca por soluções.

Segundo Levy (1999), nas comunidades virtuais de aprendizagem, as relações on-line envolvem muitas emoções, há uma afetividade que vai se formando entre seus membros apesar da distância. Também se desenvolve um forte conceito de “moral social” entre os membros da comunidade, desse modo ela mesma se auto-regula, se organiza. Isso é que a caracteriza como uma comunidade.

O professor, um animador da comunidade, deve oportunizar aos membros destas, atividades, ferramentas e espaços que os conduza à meta-cognição, a regulamentação de sua própria conduta, a reflexão.

5. Exemplos de Comunidades Virtuais de Aprendizagem

Segundo Matta (2003), as comunidades de aprendizagem formal vêm se multiplicando, embora nem todo tipo de EAD possa receber esse conceito. É comum

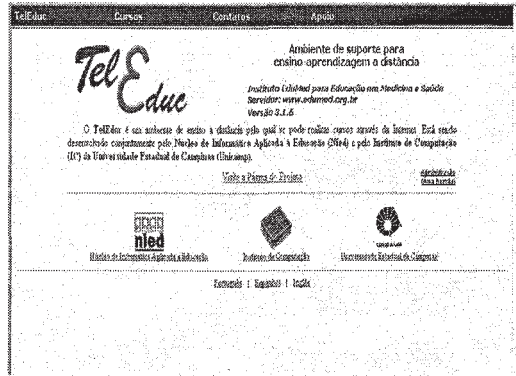
encontrar propostas de EAD que se configuram como simples transposições da escola clássica para a Internet.

De acordo com Matta (2003), casos como o Virtual University, o Knowledge Forum e o Teleduc são exemplos desses ambientes voltados para a formação dessas verdadeiras comunidades de aprendizagem, pois são sistemas preparados para a articulação de grupos que têm a finalidade de trabalhar a construção do conhecimento e a aprendizagem em rede.

Segundo Burbules (2004), o espantoso crescimento de setores da Internet fez com que sites como Google e Yahoo, entre outros, passassem a promover ambientes denominados de comunidades para usuários com áreas de interesses semelhantes. Isso contribui para reafirmar que a Internet é mais do que uma rede de comunicações, pois ela é também um espaço onde as pessoas se reúnem e interagem. Essas comunidades possuem códigos de conduta apropriada, com conteúdos permitidos ou banidos para páginas da web e administradores que têm a responsabilidade de fiscalizar as páginas dentro de sua comunidade e regular quem pode ou não participar dela.

Em ambientes online, de acordo com Burbules (2004), comunidades de variedade e vitabilidade notáveis formam-se, crescem e desenvolvem novas formas de usar a Internet (e suas capacidades em constante alteração) para atribuir nova forma e significado à sua identidade como comunidade. Como exemplos, citamos algumas comunidades virtuais, que possuem diferentes objetivos e origens, além de diferenciadas propostas, mas que se enquadram nas comunidade virtual, embora apenas o TelEduc e o Educaredo estejam focados na educação e os demais enfatizem a criação e manutenção de relacionamentos sociais, de trabalho ou para outros fins. São ambientes nos quais interesses comuns podem ser compartilhados, discussões, trocas de idéias e debates realizados, com a ocorrência da interação e da interatividade entre seus membros. São eles:

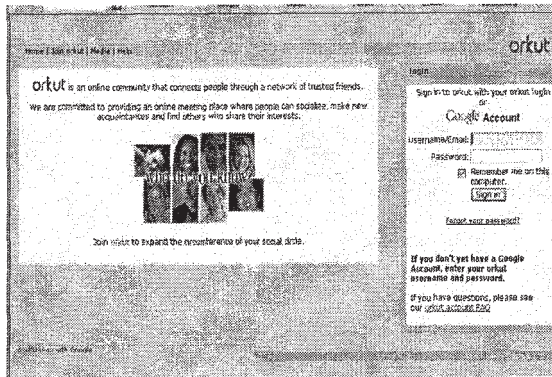
TelEduc (www.edumed.org.br/teleduc) é um ambiente de suporte para ensino-aprendizagem a distância., nele pode-se realizar cursos pela Internet. De acordo Sloczinski e Santarosa (2004), esse ambiente constitui-se como uma comunidade cognitiva, apresentando uma performance com ferramentas de comunicação que viabiliza interações entre aprendizes, na qual são realizadas trocas, esclarecimentos de dúvidas, comentários entre todos, sugestões, avanço na construção realizada.



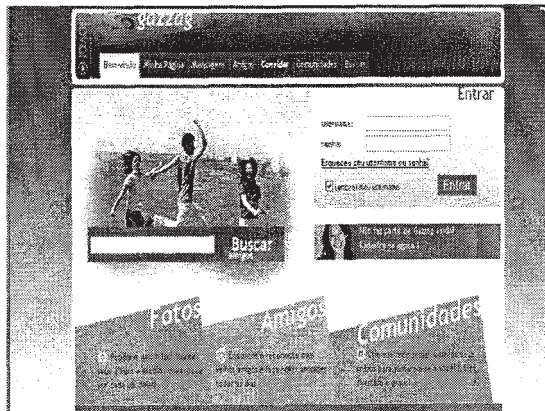
Portal Educarede (www.educarede.org.br) propõe a formação de comunidades virtuais temáticas de aprendizagem, articulando interatividade e conteúdos disponíveis no próprio portal. O objetivo é potencializar o uso do site como espaço de formação, produção de conhecimento e estabelecimento de trocas entre educadores e alunos da rede pública brasileira. Nesse ambiente o educador recebe orientações e suporte para desenvolver, junto com seus alunos, atividades de pesquisa, produção de materiais e trocas de informação pela Internet. Objetivos do portal: criar comunidades virtuais de educadores e estudantes da rede pública nas quais se possa interagir, refletir, cooperar e produzir conhecimento a partir dos temas abordados; incorporar as TIC ao trabalho na sala de aula; estimular o uso da Internet como ferramenta pedagógica; divulgar os projetos que estão sendo desenvolvidos pelos participantes, trocando e gerando novas idéias e, estimulando a produção de seus participantes.



Orkut (www.orkut.com) criado em 2004 e é uma comunidade virtual afiliada ao Google, tendo como objetivo auxiliar seus membros na criação e manutenção de amizades e relacionamentos diversos. Nessa comunidade encontramos uma grande diversidade de outras comunidades, que tanto podem tratar sobre temas interessantes e voltados para a aprendizagem, como podem se voltar para uma banalidade qualquer. Para participar do Orkut é necessário ser convidado por alguém já cadastrado.



Gazaag (www.gazzag.com) é um ambiente criado na mesma perspectiva do orkut, no qual se pode encontrar, reconectar e manter contato com seus amigos; compartilhar fotos; publicar blogs e compartilhá-los; participar de comunidades de seu interesse; assim como criar uma rede social, convidando amigos para participarem em conjunto.



Os fundamentos da comunicação que proporcionam a formação de ambientes de aprendizagem, segundo Sloczinski e Santarosa (2004) com a interação entre os membros do grupo, favorecem a construção do conhecimento como co-criação e não simplesmente como transmissão.

Só poderemos compreender a existência das comunidades virtuais, que agrupam pessoas para compartilhar e interagir, se relacionarmos os aspectos de sociabilidade e de interação social presentes na Internet. No ciberespaço, as comunidades virtuais são sustentadas pela coletividade, a partir de suas relações sociais e transversais, assim como de sua construção conjunta.

6. Considerações Finais

As transformações nas concepções e formas de procedimento na educação têm sido geradas especialmente em consequência do avanço da ciência e da tecnologia, pois a informação é gerada em maior quantidade e agilidade de tempo, sendo disponibilizada globalmente. Dessa forma, passa a existir uma facilidade de se estabelecer redes de comunicação onde são criados ambientes de formação informais, onde pode ocorrer a aprendizagem, a preparação para o trabalho, a interação social, etc.

Uma comunidade virtual de aprendizagem pode ser considerada como um ambiente de aprendizagem colaborativo. Nessa perspectiva podemos considerar a sala de aula como o mundo inteiro, onde a aprendizagem colaborativa ocorre em pequenos grupos que se comunicando, interagindo, compartilhando idéias e informações vão contribuindo para a construção autônoma do conhecimento de cada membro.

A existência das comunidades virtuais de aprendizagem vem a favorecer a disseminação do conhecimento na sociedade global, habilitando as pessoas à convivência, aproximando-as umas das outras e conduzindo-as para além de sua realidade e suas questões locais.

Não é fácil construir uma comunidade de aprendizagem, mas é óbvia a sua importância no processo de formação permanente das pessoas de modo geral, especialmente dos educadores. A educação não se transforma ou é transformada apenas com a utilização de modernas ferramentas pedagógicas. Ela vai se modificando e evoluindo com novas práticas, no compartilhamento e trocas de idéias entre as pessoas. À medida que ousamos fugir dos padrões tradicionais de ensino e passamos a ter uma educação realmente centrada no aluno, nas suas necessidades e interesses.

Referências

ADELL, J. **Comunidades de aprendizaje em la formación presencial**: más allá del curso online. Actas de las I Jornadas Canarias sobre las TIC en la Docencia Universitaria. La Laguna. Las Palmas de Gran Canaria, 2003.

BURBULES, N. C. A Internet constitui uma comunidade educacional global? In: BURBULES, N. C.; TORRES, C. A. e colaboradores. **Globalização e educação**: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CARRILLO, J. A. O. Contribución de las teorías de enseñanza-aprendizaje al diseño de los procesos tecnológico-didácticos de enseñanza virtual. In LORENZO M.; CARRILLO, J. A. O. y otros (org.) **Las organizaciones educativas en la sociedad neoliberal**. Vol. III. Granada: Grupo Editorial Universitario, pp. 2113-2118. Disponível em: <http://www.ugr.es/~sevimeco/biblioteca/distancia/Diseno%20de%20programas%20de%20EV.pdf>. Acesso em: 10/09/06.

FONSECA, D. C.; COUTO, E. S. **As comunidades virtuais e a formação de professores na sociedade digital**. Belém; XVII EPMN, 2005.

GRÁVAN, P. R.. **La flexibilización de los espacios de aprendizaje a través de entornos de trabajo colaborativos telemáticos**. III Congreso Internacional Virtual de educación, 2003 (CIVE 2003). Disponível em: <http://www.cibereduca.com>. Acesso em: 10/09/06.

HARASIM, L.; et al. **Learning networks**: A field guide to teaching and learning online. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995

HERNÁNDEZ, J. M.; DÍAZ, J. V. **Formación de tutores y comunidades de aprendizaje**. México, Virtual educa 2005.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MATTOS, F. L. **Precariedade de práticas colaborativas em cursos online**: avaliação de uma experiência de formação de professores. XI ENDIPE, 2002.

MATTA, A. E. R. **A Educação a distância e as trans-urbanidades**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/seminario2003/texto02.htm>. Acesso em: 10/09/06.

PABLOS, J. **Tecnología y Educación**. Barcelona: Cedecs, 1996.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **O aluno virtual**: um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **Construindo comunidades de Aprendizagem no ciberespaço**: estratégias eficientes para a sala de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RHEINGOLD, H. **The virtual vommunity**: homesteading on the electronic frontier. Harper Perennial Paperback In USA, 1993. Disponível em: <http://www.well.com/user/hlr/vcbook/index.html>. Acesso em: 10/09/06.

SÁNCHEZ, E. R. **El aprendizaje colaborativo en entornos virtuales**: comunidades que aprenden en comunidad. México, Virtual Educa, 2005.

SALINAS, J. **Comunidades virtuales y aprendizaje digital**. Disponível em: <http://www.ucv.ve/edutec/Conferencias/conferenciasalinas.doc>. Acesso em: 10/09/06.

SCHLEMMER, E. Projetos de Aprendizagem baseados em problemas: uma metodologia interacionista/constructivista para formação de comunidades em ambientes virtuais de aprendizagem Colabora: Revista Digital da CVA-RICESU, v.1, n. 2, novembro 2001. Disponível em: http://www.ricesu.com.br/colabora/n2/artigos/n_2/id02.htm. Acesso em: 10/09/06.

SLOCZINKI, H.; SANTAROSA, L. M. Compartilhando e aprendendo junto com o aluno: experiências de processo mediado pela web. **Informática na Educação**: Teoria & Prática. Porto Alegre, v.7, n.2, p.63-80, jul./dez. 2004.

TAJRA, S. F. **Comunidades virtuais**: um fenômeno na sociedade do conhecimento. São Paulo: Érica, 2002.

EXPERIÊNCIAS UTILIZANDO FERRAMENTA SÍNCRONA NA EDUCAÇÃO

Wladia Bessa da Cruz

1. Introdução

Durante as últimas décadas, o desenvolvimento das TIC assumiu um ritmo sempre crescente imprimindo à sociedade novos rumos, não só tecnológicos, mas também sócio-econômico-culturais.

Não parece haver dúvidas que essas tecnologias são fundamentais para a sobrevivência de nossa sociedade cada vez mais complexa, e que, desde a invenção da escrita e da imprensa, nada tem causado tanto impacto social e estimulado tantas mudanças no mundo.

Nossas crianças nascem, crescem manuseando as tecnologias que estão ao seu alcance. Muitos pais ficam atordoados pela habilidade que esses pequenos têm com equipamentos como computador, celular, videogame, e essas crianças, cada vez mais utilizam o computador e a Internet no seu dia-a-dia, seja para trabalhos escolares, para divertir-se ou para fazer novas amizades. Tem-se que aproveitar essa habilidade e motivação que crianças e adolescentes têm ao utilizar o computador para ser mais uma ferramenta no seu processo de aprendizagem.

Precisamos dar aos alunos o acesso ao conhecimento, prepará-los para uma vida de aprendizagem e descoberta, com o domínio das habilidades e ferramentas de pesquisa como parte de sua educação básica, e, para isso, precisamos criar um ambiente de aprendizagem que integre ensino e pesquisa, no qual os alunos exercitem constantemente a comunicação e colaboração. Precisamos ajudar os alunos na construção de sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional – do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos.

A revolução tecnológica produziu uma geração de alunos que cresceu com fontes de mídia multidimensional e interativa, uma geração cujas expectativas e visão de mundo diferem daqueles que a precedeu. Isso tudo pode causar um mal estar nos docentes e discentes, os primeiros por não conseguirem acompanhar o ritmo dessas inovações e os segundos por acharem que a aula não pode ser a mesma de 50 anos atrás.

Na educação atual, os estudantes deveriam aprender formas de pesquisar, de escolher informações e saber criticar as mesmas, bem como a perceber a cultura do computador como terreno que contém textos, jogos e multimídia interativa que pedem novos tipos de conhecimentos. Além disso, a “cultura da informática” é um espaço discursivo e político no qual estudantes, professores e cidadãos podem intervir, engajando-se em grupos de discussão e projetos de pesquisa em equipes, criando seus sites, produzindo multimídia criativa para divulgação cultural e entrando em novos modos de interação e aprendizagem inovadoras.

Acredita-se que a Internet é uma interface que pode ajudar os alunos a desenvolverem um sentido de responsabilidade pessoal com seu próprio aprendizado. Eles expandem seus horizontes, aprendendo a comunicar-se, a colaborar e, de fato, a aprender. Os professores que entendem que o mundo está mudando, também entendem que o aprendizado na sala de aula precisa mudar.

De acordo com Mercado (1998, p.16) , “pesquisadores afirmam que a escola é um espaço privilegiado de interação social, mas esta deve interligar-se e integrar-se aos demais espaços de conhecimento hoje existentes e permitindo fazer as pontes entre conhecimentos se tornando um novo elemento de cooperação e transformação”.

A Internet oferece uma comunicação do tipo muito—a—muito, como também abre caminhos para as pessoas se tornarem membros de uma gama de novas comunidades, possibilitando que elas se tornem produtoras e distribuidoras de seus próprios produtos culturais. Ambientes como a Internet só vêm acrescentar, na formação do educador, maiores chances de troca de informações e intercâmbios entre professores de diversos lugares ultrapassando o espaço geográfico, podendo os mesmos, aprenderem mais com troca de experiências e até mesmo inovando em vários projetos.

O desafio não é simples: como professores precisamos preparar os alunos para trabalhar com um universo tecnológico no qual nós mesmos ainda somos principiantes, e eles muito mais experientes e ágeis que nós. Mudam as tecnologias, mas também muda o mundo que devemos estudar, e precisam mudar as próprias formas de ensino. A informática não é apenas a chegada de novas máquinas, e neste caso, não resolve sequer a mentalidade do “manual de instruções”: a compreensão das novas dinâmicas ainda está em plena construção. Ter computadores nas escolas não vai colaborar com as mudanças nem mudar paradigmas, precisa-se conhecer as tecnologias para sabermos como utilizá-las e saber como tornarmos as nossas aulas mais instigantes e interessantes.

O conceito que está em evidência é a “*aprendizagem colaborativa*” ou “*aprendizagem cooperativa*”, que na linguagem comum, são tomados como sinônimos, no entanto, no contexto de estudos sobre aprendizagem os dois termos apontam para significados diferentes. “*Cooperação*” é entendida como uma divisão de trabalho na qual cada um é responsável por uma parte da solução de um problema, “*colaboração*” é entendida como o engajamento mútuo dos participantes, num esforço coordenado para resolver um problema em conjunto (ROCHELLE y TEASLEY, 1995), e isso implica que vão existir atividades compreendendo situações que envolvam vários sujeitos em situações de aprendizagem, mediados por TIC, num esforço coordenado para solução de problemas. Sabendo que a atividade colaborativa sempre existiu na escola, em tempo/espaço reais, mas, com outros nomes, o que acontece hoje é que ela está mais evidenciada nesses novos ambientes de aprendizagem. Em certos casos ela é muito importante, como por exemplo entre alunos de diferentes escolas, mas mesmo assim ela é complementar ao cotidiano da escola.

O professor que deseja melhorar suas competências profissionais e metodológicas de ensino, além da própria reflexão e atualização sobre o conteúdo da matéria ensinada, precisa estar em estado permanente de aprendizagem. As mais modernas TIC exigem uma reestruturação ampla dos objetivos de ensino e de aprendizagem e, principalmente, do sistema escolar como um todo.

2. Chat na aprendizagem e sala de aula virtual

A Internet oferece várias interfaces com as quais alunos e professores podem trabalhar, temos: e-mail, listservers, newgroups, fóruns, FTP, teleconferência, audioconferência, videoconferência, chat e blog. Oferece recursos onde favorece a construção cooperativa, o trabalho conjunto entre os professores e alunos, próximos física ou virtualmente. Podemos participar de uma pesquisa em tempo real, de um projeto em vários grupos, de uma investigação sobre um problema da atualidade. Uma das formas mais interessantes de trabalhar colaborativamente é criar uma página dos alunos, como espaço virtual de referência, aonde vão construindo e colocando o que acontece de mais importante no curso, os textos, os endereços, as análises, as pesquisas.

Por meio de leituras realizadas sobre a utilização da Internet na educação e das diversas interfaces que a mesma oferece como recursos didáticos, o chat nos chamou atenção por ser dinâmico e pelo fato de ser utilizado muito ativamente na aprendizagem por projetos.

Para utilizá-lo na sala de aula, requer que se faça um planejamento detalhado, de tal forma que as várias atividades integrem-se em busca dos objetivos pretendidos que as várias técnicas sejam escolhidas, planejadas e integradas de modo a colaborar para que o processo de aprendizagem aconteça.

Ainda há muito a aprender sobre como usar o chat em diferentes ambientes educacionais e sobre qual a melhor maneira de integrar essa interface com as demais tecnologias de informática e da Internet ao processo educacional. Algumas experiências utilizando-a como recurso nos cursos à distância e nos presenciais mostram que ela pode ser utilizada como recurso no processo de ensino-aprendizagem combinada com as outras. À medida que mais e mais professores por todo Brasil começarem a usar o chat como parte rotineira da educação, mais aprenderemos sobre o poder pedagógico desta interessante interface de comunicação.

A aprendizagem em ambientes virtuais é aquela na qual os alunos são construtores dos seus conhecimentos e precisam saber relacionar informações de maneira crítica numa perspectiva de enfoque globalizador centrado na resolução de problemas significativos. Num ambiente com Internet, a aprendizagem poderá ser um processo ativo e construtivista, onde a interação é um fator de suma importância no processo de aprendizagem e interfaces como o chat proporcionam esse fator entre os participantes. Outro ponto é a motivação que muitos alunos têm em usar as interfaces que o ambiente proporciona como também a colaboração que existe para tornar a aprendizagem mais dinâmica. Dentro dessa definição, mostraremos como o chat possui algumas características que acreditamos ser significativas nesse processo de aprendizagem como: interação, motivação e colaboração.

A experiência como professora de informática de uma escola particular, me fez observar que muitas das interfaces oferecidas pela Internet são pouco utilizadas e que algumas podem ser utilizadas no processo de aprendizagem dos alunos de uma forma mais significativa. Uma delas é o chat, que permite a comunicação síncrona entre distintas pessoas que se encontram distantes. A sua principal característica é a comunicação em grupo, não podendo desconsiderar o verdadeiro fascínio das crianças, adolescentes e adultos por essa interface, não só porque podem conversar de maneira à vontade e até através de códigos, mas de uma forma ou de outra eles estão interagindo e trocando idéias, podendo nessas conversas gerar posterior reflexão e entusiasmo para pesquisa de um determinado assunto.

O chat permite que as pessoas permaneçam anônimas, se assim optarem, e, muitas vezes, estas usam codinomes (nicknames) ou até mesmo assumem uma nova identidade. Essas características são fortemente responsáveis tanto por tê-lo tornado um dos recursos mais populares e divertidos da Internet, quanto pelo fato de muitos educadores o considerarem de muito pouco valor educacional. Essa interface também está sendo usada em projetos colaborativos pode ser uma maneira extremamente poderosa para tornar a educação baseada em projetos mais dinâmica e interessante.

O chat envolve um processo maior nas interações aluno/aluno, aluno/professor, professor/professor, como também a dinâmica da mesma, acreditando contribuir para um processo de aprendizagem mais prazeroso para os alunos.

Acredita-se que o recurso mais poderoso da Internet seja seu potencial como interface de comunicação. Jonsson (1997, p.19) afirma que, “o professor precisará distinguir ‘ferramenta’ de ‘interface’”. Ferramenta é o utensílio do trabalhador e do artista empregado nas artes e ofícios. A ferramenta realiza a extensão do músculo e da habilidade dos humanos na fabricação, na arte. Interface é um termo que na informática e cibercultura ganha o sentido de dispositivo para o encontro de duas ou mais faces em atitude comunicacional, dialógica ou polifônica. A ferramenta opera com o objeto material e a interface é um objeto virtual. A interface está para a cibercultura como espaço on-line de encontro e comunicação entre duas ou mais faces. É mais do que um mediador de interação ou tradutor de sensibilidades entre faces. Isso sim seria “ferramenta”, termo inadequado para exprimir o sentido de “ambiente” de “espaço” no ciberespaço ou “universo paralelo de zeros e uns”.

A conectividade também é uma ferramenta poderosa para os professores. Salas de aulas globais, nas quais várias classes em torno do mundo trabalham em um tema comum, permitem aos professores colaborar no planejamento da lição, nas atividades estudantis e nas técnicas de avaliação. O crescimento profissional é um resultado natural, quando professores aprendem juntos e beneficia-se da experiência um do outro.

Um chat pode ser definido como uma série de textos, frases ou sentenças curtas (em geral 1 a 3 linhas), em tempo real, trocada entre participantes que estão conectados simultaneamente no mesmo sistema de computadores, usufruindo as mesmas facilidades. As interações aparecem na tela, como linhas individuais de texto, associadas ao nome do autor. Cada vez mais se percebe a utilidade dos chats para o desenvolvimento de trabalhos colaborativos e discussões focadas, juntamente com as

las na sua sala de aula, assim, criando um ambiente mais prazeroso e dinâmico para seus alunos.

3. Interatividade na Internet em salas de aula presenciais e virtuais.

Quando os professores começam a utilizar TIC na educação, enfrentam um novo conjunto de questões de ordem física, emocional e psicológica que se soma às questões educacionais. Na sala de aula tradicional, se o aluno experimenta certo devaneio, o professor ou seus colegas podem nem perceber. O aluno, às vezes, está fisicamente presente, mas psicologicamente ausente. Todavia, na sala de aula virtual, se um aluno deixa-se levar pela imaginação, sua ausência é sentida e pode ter um impacto profundo no grupo. Claro que muitas pessoas ainda preferem as aulas presenciais, pois, questionam o olho-no-olho, o ouvir a voz, o estar junto, coisas que não acontecem na sala de aula virtual, porém, pessoas tímidas que têm vergonha de se expressar para muitas pessoas, sentem-se mais à vontade num ambiente virtual. As crianças têm muita facilidade em acessar informações sejam na internet, videogames, eles esperam maneiras mais ativas de buscar o conhecimento e o entretenimento. As aulas presenciais da forma que eram ministradas não são mais atrativas para essas crianças, temos que motivá-las a buscar seu conhecimento e o uso da Internet é uma ferramenta para isso.

A natureza híbrida faz dela um gênero único na história da lingüística e uma atraente fonte para a análise do discurso. Os serviços de comunicação na Internet servem como substituto escrito para a conversação. Eles estendem o domínio da escrita até cobrir áreas da comunicação que ficavam anteriormente limitadas às interações face a face, correio ou telefone. Permitem comunicação menos confusa entre vastas regiões do mundo e entre partes da sociedade, trazendo mudanças para os relacionamentos entre os grupos sociais e alterando a percepção de tempo e espaço. Comunicar implica falar a alguém e para alguém e implica ainda que entre os interlocutores possa haver conflitos, negociação, relações afetivas e/ou hierárquicas as mais diversas que se atualizam no momento da comunicação, ou melhor, nas palavras de Koch (1992), comunicar significa interagir socialmente por meio da linguagem, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados.

Segundo Silva (2004) interatividade é a modalidade comunicacional que ganha centralidade na cibercultura, isto é, na era da interconexão mundial dos computadores pessoais. O modo de comunicação interativa ameaça a lógica unívoca

las na sua sala de aula, assim, criando um ambiente mais prazeroso e dinâmico para seus alunos.

3. Interatividade na Internet em salas de aula presenciais e virtuais.

Quando os professores começam a utilizar TIC na educação, enfrentam um novo conjunto de questões de ordem física, emocional e psicológica que se soma às questões educacionais. Na sala de aula tradicional, se o aluno experimenta certo devaneio, o professor ou seus colegas podem nem perceber. O aluno, às vezes, está fisicamente presente, mas psicologicamente ausente. Todavia, na sala de aula virtual, se um aluno deixa-se levar pela imaginação, sua ausência é sentida e pode ter um impacto profundo no grupo. Claro que muitas pessoas ainda preferem as aulas presenciais, pois, questionam o olho-no-olho, o ouvir a voz, o estar junto, coisas que não acontecem na sala de aula virtual, porém, pessoas tímidas que têm vergonha de se expressar para muitas pessoas, sentem-se mais à vontade num ambiente virtual. As crianças têm muita facilidade em acessar informações sejam na internet, videogames, eles esperam maneiras mais ativa de buscar o conhecimento e o entretenimento. As aulas presenciais da forma que eram ministradas não são mais atrativas para essas crianças, temos que motivá-las a buscar seu conhecimento e o uso da Internet é uma ferramenta para isso.

A natureza híbrida faz dela um gênero único na história da lingüística e uma atraente fonte para a análise do discurso. Os serviços de comunicação na Internet servem como substituto escrito para a conversação. Eles estendem o domínio da escrita até cobrir áreas da comunicação que ficavam anteriormente limitadas às interações face a face, correio ou telefone. Permitem comunicação menos confusa entre vastas regiões do mundo e entre partes da sociedade, trazendo mudanças para os relacionamentos entre os grupos sociais e alterando a percepção de tempo e espaço. Comunicar implica falar a alguém e para alguém e implica ainda que entre os interlocutores possa haver conflitos, negociação, relações afetivas e/ou hierárquicas as mais diversas que se atualizam no momento da comunicação, ou melhor, nas palavras de Koch (1992), comunicar significa interagir socialmente por meio da linguagem, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados.

Segundo Silva (2004) interatividade é a modalidade comunicacional que ganha centralidade na cibercultura, isto é, na era da interconexão mundial dos computadores pessoais. O modo de comunicação interativa ameaça a lógica unívoca

da mídia em massa, oxalá como superação ao constrangimento da recepção passiva. Nos termos da comunicação interativa reconhece-se o caráter múltiplo, complexo e sensorial, participativo do receptor, o que implica conceber a informação como manipulável, como “intervenção permanente sobre os dados”. Na perspectiva da interatividade, é preciso que o suporte informacional disponha de flexibilidade de lógica da distribuição (transmissão) para a lógica da comunicação (interatividade). Para Kapelian apud Silva (2004, p.3).

Até hoje tivemos muitos produtos com a estrutura de árvore, o multimídia linear, que reproduz um livro, que apenas conta histórias. Este tipo de estrutura já está ultrapassada. No presente só se pode adquirir (receber) informação, o saber. A grande evolução é ter a experiência, o que é diferente de ter (receber) a informação. O próximo passo da criação será o conhecimento, a participação na elaboração do conteúdo, em sistemas que são muitos abertos, o que dará oportunidade de o usuário ter sua própria experiência de conteúdo, única. Hoje, você pode escolher um caminho entre os possíveis, mas são sempre os mesmos caminhos.

Segundo Silva (2000, p.3), “a interatividade permite ultrapassar a condição de espectador passivo para a condição de sujeito operativo”, explicando a ocorrência da interatividade relacionada com o diálogo entre emissão e recepção, a criação conjunta da comunicação e a intervenção do usuário. Noutra obra, o autor afirma: “A interação caracteriza-se pela ação de ouvir, ver, leras informações veiculadas”. O autor acrescenta:

A comunicação por meio da TIC caracteriza-se como uma nova modalidade comunicacional que permite romper a linearidade e unidirecionalidade entre emissor e receptor e potencializa a comunicação multidirecional pela criação de redes formadas na diversidade das informações, recursos, intervenções, o que oferece desenvolver sofisticados processos de *design* e produção, rápida emissão e distribuição de conteúdos, interação com informações e recursos oriundos de distintas fontes e mídias. (SILVA, 2004, p. 204)

Muitos professores acreditam que ministrar uma aula online é muito mais fácil e rápido que uma aula presencial, mero engano. O professor não pode simplesmente

enviar o material do curso e ausentar-se por uma semana. Se isso acontecer, quando retornar, terá inúmeras mensagens dos alunos e não conseguirá retornar para discussão. Os professores descobrirão que o tempo necessário para ministrar um curso desse tipo é duas ou três vezes maior do que um curso presencial.

Uma outra questão referente ao tempo de aula online é a sobrecarga de informações que muitos alunos não conseguem acompanhar. A adição à informação, geralmente chamada de sobrecarga de informação ou “infoglut” (excesso de informação), vai, na verdade, além do que pensávamos ser uma sobrecarga. Em tal situação, os alunos e os professores recebem uma quantidade de informação tão pouco organizada que pensam jamais poder acompanhar o que lhes chega. Uma reação típica à sobrecarga é o afastamento do aluno. Temos que ouvir os alunos e encontrar técnicas mais adequadas para ajudá-los, pois, só recentemente eles conheceram a realidade do meio digital e com frequência nos chamam para ajudá-los a receber a informação gerada pelo curso e a respondê-la. Nesse sentido, dar dicas de como ler e responder as atividades sempre ajuda.

Aprender com uma aula online é saber dividir seu tempo em tarefas: ler o material enviado e preparar-se para a discussão online, ler as contribuições dos outros alunos e preparar a sua, participar nos trabalhos em pequenos grupos e completar as demais tarefas do curso.

Na sala de aula tradicional os alunos muitas vezes só estudam ou interagem na aula se for uma arguição e nas muitas vezes nem assim participam, mesmo sabendo que não irão obter um resultado satisfatório. Eles estudam mais sozinhos, há poucas contribuições dos colegas que o ajudaram a aumentar seu conhecimento. Na aula a distância acredita-se que a colaboração do grupo ajuda a todos a buscar e achar soluções mais facilmente.

Um seminário em uma aula presencial se torna mais fácil no aspecto de juntar o grupo e mobilizar o mesmo para a criação do trabalho, porém na fase de apresentação, pessoas que são tímidas preferem não apresentar para o grupo, isso já não acontece nas aulas à distância. Nesse seminário, a dificuldade maior a distância é a junção do trabalho já que cada participante fará uma parte, mas isso é resolvido colocando um aluno como o redator do grupo, isto é, ele receberá as contribuições e fará uma apresentação única.

Outro aspecto muito importante em relação à interação é a questão do tamanho do grupo, ela está intimamente relacionada ao tempo — é uma questão da maior importância

na sala de aula online e diz respeito à habilidade do professor ter alguma espécie de controle sobre o processo sem submeter os participantes à sobrecarga de informação.

Se um seminário ou encontro sincrônico estiver acontecendo, o grupo deve ser pequeno o suficiente para que haja uma participação integral e para impedir a sobrecarga de informação, o número ideal de participantes varia entre cinco a dez.

O professor precisa ser criativo para fazer o melhor uso possível do tamanho do grupo. Também a escolaridade dos participantes e o conteúdo do curso têm um papel importante. A dinâmica do grupo online e o processo pelo qual se desenvolve são semelhantes aos do grupo presencial. O professor precisa monitorar tal processo e agir como facilitador quando necessário. Quando se trabalha com um grupo, é importante salientar que os integrantes do grupo têm responsabilidade mútua, ou seja, dependem um do outro para o sucesso do curso. Uma maneira para que todos trabalhem é estabelecer diretrizes para a participação. Isso não é garantia que vai ser resolvido o problema da participação desigual, porém isso também ocorre da mesma forma na aula presencial.

Segundo Harasim et al (1996, p.226),

Um dos benefícios potenciais das redes de aprendizagem é o de que de cada aluno pode participar igualmente dos debates e das atividades de aula. Nem todo estudante, contudo, produz o mesmo volume e a mesma qualidade do material. As diferenças oriundas do interesse pessoal do aluno, de sua capacidade, de sua disponibilidade e de outros fatores têm um impacto tanto nos mais altos quanto nos mais baixos níveis de participação, alguns alunos podem dominar o grupo e outros podem recusar-se a participar.

Por isso numa aprendizagem em rede e de forma colaborativa, todos têm que ter consciência do seu papel no grupo, sabendo que o sucesso do grupo depende dele também, e é assim que se trabalha colaborativamente.

4. Chat como Interface Pedagógica

A comunicação mediada por computador tem se tornado alvo de debate acadêmico em várias áreas da lingüística e, dentre o grupo de gêneros emergentes

mais utilizados, encontra-se o e-mail e o chat. Estes são os que mais explicitamente viabilizam a comunicação interpessoal e interativa.

O chat permite comunicação síncrona entre diferentes pessoas que se encontrarem conectadas em um determinado momento. A principal característica do chat vem da sua utilização para comunicação em grupo. O diálogo pode tomar qualquer direção, desde que não existam regras ou uma mediação por parte de um professor, mas, dependendo do grupo e do propósito da conversa, as pessoas conversam apenas amenidades. Por isso o chat, na maioria das vezes, fica mais próximo da esfera do lúdico e do prazer. A comunicação no chat se dá via texto, como no correio eletrônico, aqui também há uma recuperação da escrita.

A comunicação síncrona é exemplificada pelos diversos sistemas de chat. Ela é caracterizada por um tipo de comunicação na qual, os participantes trocam mensagens em tempo real, ou seja, o que é digitado na tela é visto simultaneamente pelos outros participantes. As mensagens trocadas na comunicação síncrona são usualmente bastante curtas e recebem o feedback imediato dos demais integrantes.

Fonseca (2002) classifica os chats em: chats de texto livre (encontrados nas salas de bate-papo dos portais e o tema é livre), chats de texto moderado (existe a presença e um moderador e um tema definido) e chats de texto especial, estes tem as mesmas características do anterior, contando ainda com o horário e a data, previamente combinados. Nas experiências que serão relatadas utilizamos o chat de texto moderado, nos dois grupos trabalhados.

Essa interface causa um verdadeiro fascínio nas crianças e adolescentes, não só porque podem conversar de maneira descontraída e muitas vezes através de códigos, mas porque, de uma forma ou de outra, eles estão interagindo e trocando idéias e, acima de tudo, estão aprimorando a sua capacidade de raciocínio e agilidade na escrita. Porém, quando se utiliza essa interface na educação, temos que alertar aos alunos para o não uso dos códigos, para que possam redigir de forma correta.

A aplicação o chat na educação, está na possibilidade de compartilhar informações em tempo real (ao mesmo tempo em lugares diferentes ou não) servindo de plataforma para debates, discussões, análise de alguns problemas desde diferentes pontos de vista.

Dentre as potencialidades do uso educacional do chat, identifica-se a constituição de um espaço para explorar novos modelos educacionais onde há ausência de conteúdo expositivo, alta dialogicidade e descaracterização do professor como

detentor do conhecimento e da palavra. Identifica-se que a conversação informal, típica da interface, possibilita o aprendiz perceber melhor o outro, e perceber-se melhor como parte do grupo, proporciona uma espaço para emoções que diminuem a sensação de impessoalidade e isolamento.

Esta interface possibilita-nos conhecer as manifestações espontâneas dos participantes sobre determinado tema, ampliando um posterior estudo e aprofundamento deste tema através de outras interfaces pedagógicas da Internet ou até mesmo mais convencionais; possibilitando-nos também preparar uma discussão mais consistente, motivar um grupo para um assunto, incentivar o grupo quando o sentimos apático, criar ambiente de grande liberdade de expressão. Esta técnica sempre envolve muitos participantes, o professor tem que fazer um acompanhamento muito atento durante todo o processo.

No uso dos chats não podemos desconsiderar a relevância do “outro” para que a interação entre os interlocutores, princípio fundador da linguagem, se dê efetivamente. Já sabemos, portanto, que, toda expressão lingüística, seja ela oral ou escrita, está sempre visando interlocutores, ou seja, é orientada por eles, e neste sentido, temos a nítida visão do caráter não só do dialógico, mas sociológico da linguagem. Também na escola, para se promover uma conversa em um chat ou considerações numa lista de discussão, o professor tem que orientar o tema ser discutido e mediar essa discussão. Os interesses na idade e a possibilidade de interação ocorrida nos chats estão contribuindo para a formação subjetiva destes adolescentes.

Para Vygotsky (1996), “a conduta do indivíduo é idêntica à conduta social”. Portanto, o indivíduo é aquilo que o meio social o faz ser. Os adolescentes nos chats e listas de discussão se interessam sobre um assunto e dialogam sobre as questões colocadas. É assim que podemos vislumbrar o nascimento de novos interesses que contribuirão para sua formação subjetiva.

Nos projetos usando chat, as atividades de redação deixam de ser exercícios artificiais e passam a ser atividades verdadeiramente comunicativas através do uso autêntico da língua. Os aprendizes se comunicam não porque obedecem a instruções sobre o que dizer, mas porque sentem necessidade de se comunicar. As atividades do chat com orientação podem ajudar os estudantes a refletir sobre a linguagem e sobre os desafios de escrever com clareza de modo que outras pessoas possam entender. Por causa da dinamicidade do chat, muitas pessoas abreviam algumas palavras criando uma linguagem própria que somente as pessoas que são acostumadas a bater-papo

informalmente que conhecem, porém no uso educacional temos que tentar escrever de uma forma mais clara possível.

A interface chat tem algumas características particulares das mídias síncronas que faz com que os alunos sintam-se mais motivados na aula, isso porque muitos deles conhecem essa interface e por ser uma forma diferente de interagir com outros alunos/professores. Uma das vantagens dela é o aluno conseguir tirar suas dúvidas on-line, não deixar para depois. Acredita-se que essa interface pode proporcionar uma aprendizagem colaborativa. A comunicação na aprendizagem colaborativa possui uma importância fundamental, e o chat é uma forma nova de comunicação na educação. O professor necessita incentivar a participação coerente, certificar-se de que há uma distribuição de autoridade, enfatizar a responsabilidade de cada um pelo aprendizado do colega, limitar o debate de argumentos, sem permitir que seja desviado para o nível pessoal, assegurar que existam oportunidades iguais de manifestar o desenvolvimento da habilidade comunicativa.

Uma das características do chat é a utilização do nickname, Garbin (2003, p.132) acredita que “a utilização desses nicks é um dos grandes identitários da Internet. É uma das principais características que têm sido associadas à questão das identidades virtuais e podem ser vistos como uma das suas principais marcas”. Turkle (1997) argumenta que contribui para encarmos a identidade como multiplicidade. Muitas pessoas gostam de permanecerem anônimas, se assim optarem, e, muitas vezes, estas usam codinomes ou até mesmo assumem uma nova identidade. Porém, essas características do chat são fortemente responsáveis tanto por tê-lo tornado um dos recursos mais populares e divertidos da Internet, por isso também que muitos educadores o considerarem de muito pouco valor educacional.

Para pessoas tímidas e que não participam na sala de aula presencial, o chat, contribui para que essas pessoas se desinibam e participem mais ativamente nas aulas online. Até mesmo, crianças com deficiências auditivas sentem-se extremamente felizes por poder comunicar-se à distância sem precisar da ajuda de outra pessoa.

Outro aspecto importante da utilização do chat é a possibilidade de armazenar uma cópia dos debates num arquivo de registro. Este arquivo de registro se mostra um dos recursos pedagógicos mais importantes, pois, pode ser utilizado pelos professores e alunos, para reflexão sobre a discussão realizada, para identificar erros de expressão que possam ter ocorrido, para planejar tópicos para discussões e pesquisas futuras, e até mesmo para serem avaliados. O arquivo de registro pode ajudar aos professores a

superar um dos aspectos mais desafiadores da educação baseada em projetos, que é identificar e responder às necessidades dos estudantes.

4.1 Vantagens e desvantagens da utilização do chat

Cada vez mais se percebe a utilidade dos chats no desenvolvimento de trabalhos colaborativos e discussões focadas, juntamente com as mídias assíncronas e eventuais discussões presenciais. Eles permitem um senso de comunicação imediata, de presença pessoal (o que se resente na comunicação assíncrona). Os diálogos gerados nesta forma de comunicação, quando bem estruturados, podem ser uma boa saída para diminuir a sensação de isolamento e a distância transacional; questões pendentes podem ser resolvidas rapidamente, e mal entendidos solucionados.

Extremamente útil nos processos de tomada de decisão, resolução de problemas, brainstorming, criação e fortalecimento de laços sociais; mas por outro lado não é adequado a atividades onde se exija tempo maior de reflexão e elaboração de conteúdos mais complexos, para isso, utilizamos os meios assíncronos como: fóruns (mais estruturados), e-mails, newgroups, listas de discussão.

A sensação de presença existe, já que acontece em tempo real, vivencia-se uma experiência de fluxo, onde a ação e atenção caminham juntas; não se percebe o tempo passar e o engajamento é profundo. Diminui-se a sensação de isolamento causada na comunicação assíncrona, porém existem as pessoas que ficam “ausentes” na discussão, mas a presença do mesmo é real no acompanhamento da discussão.

Para Ortega (2000), o chat tem algumas vantagens:

- 1 a possibilidade de nos comunicar com pessoas potencialmente distantes, sem que isso seja nenhum inconveniente. Graças a esse serviço desaparecem as barreiras geográficas e o conceito de contexto social em que habitualmente nos movemos e se converte no conceito de aldeia global;
- 2 o computador desfavorece a comunicação humana eliminando os componentes quente e afetivo, sendo que oferece um novo tipo de comunicação mais rica em possibilidades, mais completa e mais criativa;
- 3 o chat aparece como uma possibilidade aberta em tempo real que ajuda a localização rápida e precisa da informação sobre um determinado tema.

Outra vantagem é que no chat nos comunicamos como se estivéssemos falando com o outro cara-a-cara, sendo que esta é na ponta dos dedos, e temos que ter agilidade para digitar.

Quanto ao tamanho do grupo isso vai variar de acordo com a finalidade pedagógica que se quer realizar. Segundo Mercado (2004) podemos realizar um chat com várias finalidades: encontros eletrônicos com especialista; desafio colaborativo; aula virtual; avaliação e intercâmbios pessoais. Por exemplo, vamos supor que será uma entrevista de uma turma de alunos do ensino médio com um especialista (médico), onde eles querem fazer perguntas sobre a profissão, nesse caso, é interessante que seja no máximo 10 pessoas por sessão, pois o especialista pode demorar a responder e os mesmos ficarem impacientes. Quando se fala em utilizar o chat com turmas que estão distantes fisicamente podemos ter um número maior, pois, eles se comunicam entre si, depois formam pares, trios e conseguem trocar várias informações. O tempo ideal para um chat é de 60 minutos, caso a conversa esteja sendo produtiva e o mediador da discussão sinta necessidade de prolongar por mais alguns minutos não tem problema, porém, lembrando o tempo máximo deve ser de 90 minutos, pois, passando disso as conversas se dispersam e as pessoas começam a sair do ambiente.

O autor afirma que essa interface não serve para palestras e exposições longas, pois, para isso, temos outras como a videoconferência. Quanto a habilidade de digitar e usar a interface, as pessoas que irão utilizá-la se angustiam por não conseguir acompanhar o ritmo, porém, elas vão adquirindo essa habilidade, pois, temos que digitar rápido e também ler a mensagens enviadas para nós e as do contexto geral.

Alguns outros problemas:

- 1 uso do teclado para comunicar-se pode converter-se em um elemento pesado que produza aborrecimento (falta de interatividade) o cansaço nos usuários;
- 2 pessoas que têm dificuldade de redação sentem-se inibidas. Pessoas que escreve errado, ou não tem uma boa concordância, ficam inibidos de participar;

- 3 pela velocidade da discussão, a participação pode não ser produtiva. Muitas vezes necessita-se de outra interface da Internet para fechar a discussão, pois, dependendo do fluxo de informações, não conseguimos acompanhar a discussão;
- 4 muitas vezes causa confusão pela falta de clareza entre instruções que guiam a conversa.

Um grande desvantagem que se tem no chat é a falta de estrutura da interface, pois, várias pessoas escrevem ao mesmo tempo e ficamos perdidos com tanta informação sendo escrita e lida, mesmo que seja de uma mesma temática. A interface Fórum é mais estruturada de que o chat, contudo, uma não tira a finalidade da outra, na verdade podem ser complementares.

Contudo, para tentarmos contornar esses problemas, podemos: reduzir o número de participantes, temos mais clareza nas instruções prévias, definindo regras de convivência, atendimento ao horário definido, e realizando uma aula demonstração para que os alunos se familiarizem com o ambiente. Este encontro em rede pode ser dinâmico e produtivo, podendo facilitar o intercâmbio de idéias e levar a aprendizagem.

O uso do chat produz efeitos psicológicos tanto positivos e negativos. Algumas pessoas se desinibem nesse ambiente, comportam-se de uma forma diferente do real, sentem-se mais a vontade para expressar seus sentimentos e pontos de vista. Outros vêem o chat como um refúgio em sua forma de relacionar-se com o resto da sociedade, que pode induzir-lhes a falta de contato direto, o isolamento e a dependência desse meio.

4.2 A linguagem do chat

Segundo Garbin (2003), nos chats se “fala”, se “escreve”, se “grita”, se “chora”, se “canta”, há toda uma manifestação discursiva que se transforma em marcadores escritos. Trata-se de uma “conversa teclada”, que resume uma nova articulação entre as linguagens orais e escritas, resultando da interações desenroladas entre os jovens frequentadores dos chats.

Uma característica do dessa interface é o fato de que nela poderemos verificar a ocorrência freqüente de atos de fala bastante típicos da comunicação cara-a-cara. Por

esse motivo de comunicação que sugere uma analogia escrita coma fala, os usuários de chat tendem a desenvolver alguns dispositivos que colaboram com a economia da escrita e resultam no efetivo aumento da velocidade de comunicação. Normalmente eles reduzem a ortografia e utiliza-se muito dos emoticons para expressar sentimentos, isso normalmente de forma informal.

Para o uso dessa interface na educação, é bom que sejam cumpridas algumas condições, como o adequado planejamento e regras de convivência feitas pelo professor, e combinadas com os alunos antes da utilização do chat, segue abaixo algumas regras:

- 1 fazer uma motivação com a turma fora do computador;
- 2 pedir aos alunos para identificarem-se com os nomes e não com apelidos, pois assim é mais fácil de acompanhar a participação;
- 3 elaborar um roteiro de análise com questões a serem inseridas;
- 4 salvar o debate para ser feita uma análise posteriormente para ser dada uma seqüência no tema.

Ao usar o chat é conveniente guardar normas básicas de boa conduta, como saudar ao entrar e despedir-se ao sair de um canal ou sala, já que normalmente se desconhece o resto dos usuários conectados, mesmo que já se conheça essas regras são básicas.

A comunicação escrita limita altamente o discurso potencial em toda comunicação humana e pode dar lugar a mal entendido. Para tentar evitar esse problema, se usa palavras bastante expressivas (ooooooooá!!!) e sorrisos, também chamados *emoticons*. Os sorrisos consistem na combinação de vários caracteres ASCII que expressam sentimentos (riso, pranto, alegria). Como ocorrem com os gestos faciais reais, todos eles podem conter múltiplos significados e sua interpretação depende do contexto. Alguns exemplos são:

☺ :-)	- sorriso ou alegria.	:-	- indiferença.	:-&	- não pode falar.
;-)	- picar o olho.	:->	- comentário sarcástico.	0:-)	- sou um anjo.
:-D	- gargalhar	:'-)	- uma lágrima.	:-*	- beijar.
:-P	- tirar a língua.	:-O	- surpresa, gritar.	:@	- morreu.
☹	- tristeza.	:-x	- lábios fechados.	[]	- abraços.

Existem muitos emoticons e cada dia surge mais nessa linguagem de símbolos que expressam emoções. Torres (2001) apud Planells (2002) oferece uma

tipificação que os classifica a partir de sua funcionalidade pragmática, distinguindo-os do seguinte modo: *Emoticons* que expressam a emoção do emissor; *Emoticons* de interpretação da mensagem; *Emoticons* de cumplicidade; *Emoticons* preservadores da imagem (do emissor); *Emoticons* preservadores da imagem (do receptor).

Assim, os emoticons transmitem de gestos que codificam a gestualidade da conversação oral por meio de um exercício de abstração e expressão criativa.

A tensão imposta pelo pouco tempo e a limitação de espaços no chats se manifestam na linguagem, que costuma ser caracterizada por formas lingüísticas e expressivas bastantes simplificadas, tais como abreviaturas (vc em lugar de “você”, tb em lugar de “também”) e acrônimos (EMHO para dizer “em minha humilde opinião”).

De acordo com Chaves (2001), temos agora uma comunicação “falada pelas pontas dos dedos”, contextualmente livre, mas sensível ao contexto. No processo de digitação e de transmissão/recepção, não só devido às inúmeras estratégias criadas pelos usuários como também ao avanço da tecnologia, a interação tem se tornado mais veloz e, dependendo da modalidade adotada, aproxima-se do discurso falado.

5. Relato de Experiências utilizando chat como Interface Pedagógica

Os chats que serão lembrados ocorreram em situações diferentes, utilizado em aulas à distância. Em cada chat realizado tivemos a visão de como alunos e professores interagiram, pessoas que participaram ativamente e outros que não conseguiram acompanhar o ritmo acelerado, ocorrendo o silêncio virtual. Alguns fatores importantes foram destacados pelos participantes como a motivação, interação, e impaciência durante a participação dos mesmos na aula.

As experiências analisadas envolveram dois grupos de experimentação com características semelhantes e realidades diferentes que utilizaram a mesma interface. Em cada grupo tivemos a visão de algumas categorias e a análise da interface, como também os depoimentos dos professores e alunos que participaram do projeto inovador. Os grupos trabalhados foram:

Grupo 1: 35 professores de várias partes do Brasil com especialidades e experiências diferentes que participaram de um chat no portal educacional Educarede (www.educarede.org.br).

Grupo 2: 24 alunos do curso de complementação pedagógica de Formação de Professores de uma faculdade particular de maceió.

Estas experiências foram desenvolvidas numa aula a distância com professores de vários lugares, e outra com alunos bacharéis de um curso de formação de professores de uma faculdade particular de Maceió, na qual se compara da utilização dessa interface em cima de algumas categorias: interação, motivação e colaboração.

A pesquisa de campo ocorreu em ambientes à distância, apenas com um diferencial, o grupo 2 teve um momento presencial de socialização com entrevistada.

A primeira experiência foi realizada com um chat no portal do Educarede (www.educarede.org.br). Como pesquisadora, enviei um e-mail para o portal educarede o qual são realizados diariamente bate-papos sobre várias temáticas, das quais muitas estão relacionadas à utilização da Internet na educação. O e-mail falava da minha vontade de debater a temática dessa pesquisa (chat como ferramenta pedagógica) com professores de todo o país, para que juntos pudéssemos trocar experiências, angústias e expectativas. Fiquei muito feliz quando obtive o resultado desse e-mail, no qual estaria agendado no portal para o dia 14/06/2004 às 16h30min o chat. No dia 30/05/2006 começou a aparecer uma chamada para quem quisesse participar do chat e lá eram disponibilizados dois artigos para os participantes realizarem um leitura prévia. Essas leituras são muito importantes no processo de utilizar o chat na educação, pois, com leituras, vídeos, ou outro recurso que o professor escolher, podemos dar um direcionamento na discussão, e é bom para os participantes pois mesmo que não tenham domínio da temática já vão com algum embasamento.

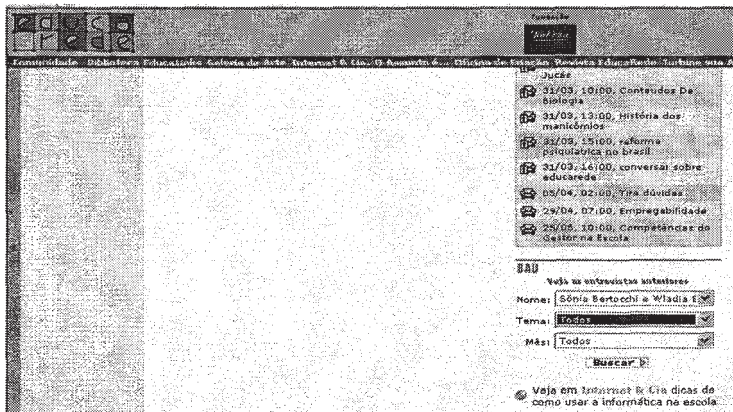
The screenshot displays the Educarede website interface. At the top, there is a navigation menu with options like 'Biblioteca', 'Comunidade Virtual', 'Educação', 'Educação de Arte', 'Internet & Cia', 'Oficina de Inovação', 'Revista Educarede', 'Revista sua aula', 'Bate-papo', and 'Forum'. Below the menu, there are several content blocks:

- Turbine sua Aula:** A section with a small image of a turbine and text about MEC opening a spot for teachers and a survey on initial education.
- Tabela Interativa:** A section titled 'Contra a dita de Quintina da Intarnaça Mayla Escarra. Atenção professores de exatas: que tal dividir com os colegas suas melhores aulas? 10% das dicas recebidas são da área, enquanto 40% são do Português.' It includes a small diagram of a triangle.
- DESTAQUES:** A section with a small image of a person and text about 'Gravidez precoce' and 'Dia Mundial da Água'.
- RECURSOS EDUCATIVOS:** A section with a small image of a person and text about 'Você já programou um local para visitar com a turma neste ano?' and 'Conheça as sugestões de livros enviados pelos professores'.

At the bottom of the page, there are sections for 'PARTICIPE' and 'SERVIÇOS'. The interface also features a search bar, a 'BIBLIOTECA' section, and various icons and logos.

O chat aconteceu no dia 14/06/2004 as 16h30min, as entrevistadas no chat foram a professora Sônia Bertocchi (membro do portal), Wladia Bessa, a mediadora foi Liliana Souza e Silva. Conversamos com professores de todo país sobre o tema: chat como ferramenta pedagógica. A sessão teria duração de uma hora, que é tempo ideal para realização desse tipo de atividade, porém, o mesmo foi estendido por mais meia hora. Estava na sala uma média de 35 pessoas, no qual discutiam a temática, e todos tiraram suas dúvidas sobre a utilização do chat na sala de aula, e também houve troca de experiências de professores que já utilizavam essa ferramenta e outras tecnologias. A conversa foi muito rica e proveitosa no aspecto pedagógico, pois, quem nunca tinha participado de um chat como esse se interessou em buscar mais informações como se utilizar o chat em projetos de sala de aula. Alguns alunos ficaram em silêncio, somente acompanhando a discussão. Essa questão do “silêncio virtual” é muito complexa, pois uma pessoa pode não ter colaborado, mas pode ter realizado um processo reflexivo buscado novas informações para aprimorar seus conhecimentos. Quando se fala de participação ativa, não significa apenas o quantitativo e sim a qualidade das contribuições enviadas, e as reflexões feitas.

A íntegra da conversa pode ser encontrada no site do Educarede, na seção Bate-papo (Baú – http://www.educarede.org.br/educa/html/index_chat.cfm).



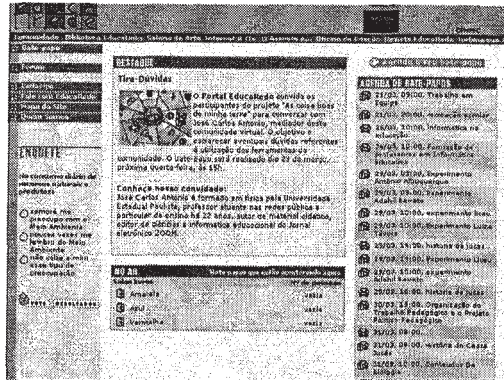
A segunda experiência foi realizada com a turma de formação de professores de educação, do curso de complementação pedagógica A professora

Aparecida Viana que estava ministrando a disciplina Tecnologia na Educação em agosto de 2004, me convidou para realizar a pesquisa com a turma. A professora utiliza as TIC aulas e permitiu que explorasse esse espaço. Primeiramente, houve uma conversa dela com a turma conscientizando que eles iriam participar dessa pesquisa e que a temática do chat seria “As novas tecnologias na educação”. No dia 07/08/2004 apareci na aula deles para me apresentar e mostrar que aquele momento que seria “novo” para muitos, faria parte de uma pesquisa. Falei sobre algumas regras de convivência e como deveriam se comportar no momento do chat e os alunos me fizeram algumas perguntas e ficou tudo acertado.

O chat foi marcado para o dia 21/08/2004 às 16h30min no Portal Educarede na sala vermelha, com o tempo de duração de 50 minutos, o mesmo aconteceu na data marcada. O formato do bate-papo foi de entrevista, pois, os alunos fizeram perguntas sobre a temática: “As novas tecnologias na educação” e queriam tirar dúvidas principalmente sobre a metodologia Webquest que aprenderam em uma disciplina do curso.

Participaram 24 alunos, a professora Aparecida como observadora e mediadora da discussão, a professora Chirley Lúcio, onde discutiam a temática, e todos tiraram suas dúvidas sobre a utilização das tecnologias de uma forma geral. A experiência foi enriquecedora para mim como pesquisadora e para muitos professores que tiveram a oportunidade de utilizar essa interface pela primeira vez, com certeza foi bem diferente da outra experiência, no qual muitos professores já utilizavam essa interface, houve uma mistura de ansiedade e euforia na utilização da mesma. No final, muitos deles se interessaram em buscar mais informações como utilizar o chat, outras interfaces e metodologias utilizando as TIC na sala de aula. A íntegra da conversa pode ser encontrada nos anexos dessa pesquisa. Para uma primeira experiência com a interface, do total de alunso participantes (24), uma média de 13 alunos participaram ativamente, 7 fizeram poucas colaborações e 4 somente observaram. O chat teve a duração de 45 minutos e foi concluído as 17h28min.

No endereço: www.educarede.org.br/educa/html/index_chat.cfm, visualizamos algumas das salas disponíveis do educarede.



O chat do Grupo1 em muitos momentos foi diferenciado do Grupo 2, pois, o primeiro apesar da presença das mediadoras, o grupo interagia entre si também, o que quase não aconteceu no segundo grupo, pois o caráter do chat foi uma entrevista com uma especialista, daí os alunos praticamente perguntavam somente a entrevistada. Apesar dessas diferenças, características discutidas serão encontradas nos dois grupos. Por isso os primeiros questionamentos do Grupo 2 foi conhecer o perfil da entrevistada, tais como formação, com que trabalhava, como surgiu o interesse para fazer essa pesquisa, como vemos a seguir:

(16:32:20) WLADIA fala para TIC TIC AG: SOU PROFESSORA DE INFORMÁTICA E TRABALHEI MUITO TEMPO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E VERIFICANDO O INTERESSE DELES PELO CHAT. PENSEI: POR QUE NÃO PODEMOS UTILIZÁ-LO COMO FERRAMENTA??

(16:33:21) TIC TIC AG fala para TODOS: sim, gostaria de saber como poderíamos utilizar esse recurso em uma escola da rede pública que não apresenta um laboratório de informática?

(16:34:18) WLADIA fala para TIC TIC AG: É DIFÍCIL, POIS ESSA FERRAMENTA SÓ PODE SER USADA COM UM COMPUTADOR LIGADO A INTERNET.

(16:34:57) fofinho fala para WLADIA: gostaria de saber quais são as principais idéias que te levaram a crer que o bate-papo pode contribuir para o aprendizado?

(16:33:22) WLADIA fala para TIC TIC AG: ESSA FERRAMENTA CAUSA GRANDE FASCÍNIO NOS ADOLESCENTES E NÓS COMO EDUCADORES DEVEMOS BUSCAR FERRAMENTAS QUE NOS AUXILIAM NO DIA-A-DIA PARA QUE NOSSOS ALUNOS SE SINTAM MAIS MOTIVADOS A BUSCAR SEU CONHECIMENTO.

(16:40:57) moa fala para aparecida: Wladia vc trabalhar a muito tempo com este recurso?sentiu muita dificuldade?

(16:43:04) WLADIA fala para moa: NÃO. O CHAT É UMA PESQUISA RECENTE QUE ESTOU FAZENDO NO MESTRADO E TEM POUCAS EXPERIÊNCIAS NO MUNDO SOBRE ISSO. O PAÍS QUE TEM ALGUM MATERIAL A MAIS É A ESPANHA.

Numa passagem, percebemos a ênfase em características relevantes contidas no processo de aprendizagem como: motivação, interação, colaboração e algumas outras complementares são encontradas no chat.

Algumas vantagens foram citadas na utilização do chat, uma delas foi o registro do mesmo em arquivo gravado, podendo ser discutido e aprofundado a temática posteriormente com a turma num momento presencial. Outra vantagem é que muitas pessoas que são tímidas para se expressar na sala de aula, conseguem participar de uma forma mais ativa, isso fica muito claro no trecho do grupo 1 relatado abaixo:

Grupo 1

(16:26:06) Pestana fala para TODOS: Acredito que uma das principais vantagens, além do registro histórico de informações para consulta posterior, é a possibilidade de diminuir possíveis bloqueios gerados pela timidez numa abordagem presencial.

(16:27:35) Sônia fala para Pestana: Pestana, bem lembrado. Ao final, podemos salvar o conteúdo do bate-papo. E vamos tentar vencer a timidez...

(16:27:59) Airton-SP fala para Eliane/RJ: À medida que elas vão se apropriando dessa nova tecnologia, vão se soltando mais.

(16:33:18) Ange fala para TODOS: Com certeza o chat desenvolve mais os nossos pensamentos e até humaniza um pouco mais a máquina

Verificou-se no trecho acima a vantagem dessa interface relacionada a pessoas tímidas, que tem dificuldade de expressar-se em sala de aula tradicional e tem uma participação mais ativa na sala virtual, como também acredita-se que como é uma muito dinâmica diminui o isolamento causado pelas máquinas. No chat parece que estamos conversando frente-a-frente por isso temos a sensação que o outro está mais próximo, mesmo estando a quilômetros de distância.

Na pesquisa teórica vê-se que a interface por ser síncrona utilizada para tirar dúvidas, troca de experiências, entrevistas, como também para construção colaborativa de textos, por exemplo. Todas as interfaces síncronas e assíncronas oferecidas pela Internet, são recursos que se completam e que estão disponíveis para professores e alunos para ajudar no processo de aprendizagem. O mais importante é o diferencial que a Internet nos oferece quando se fala em “distância física”, pois, relatos confirmam a importância desse tipo de interface, onde professores que estão distantes fisicamente podem participar de atividades como essa. Nos relatos do professores do grupo 1 falam de algumas experiências e sugestões de como utilizar essa interface.

(16:32:16) **Márcia_NTE fala para TODOS:** temos tido experiências interessantes com o bate-papo, onde orientamos algumas atividades através desta ferramenta. Alguns professores já criaram blogs durante o bate-papo.

(16:34:46) **Eliane/RJ fala para Márcia_NTE:** Esta semana também estaremos criando blogs através de bate-papo no Educarede com a turma "O uso das novas tecnologias no Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa.

(16:35:41) **Márcia_NTE fala para Eliane/RJ:** Que legal. o bate-papo possibilita oferecer um atendimento em tempo real quando dúvidas surgem.

(16:36:21) **Sônia fala para TODOS:** Gosto do chat para discutir textos literários, por exemplo. É uma maneira interessante de avaliar leituras. Os alunos não se sentem cobrados porque a conversa fica descompromissada, gostosa. Depois, tenho o bate-papo salvo e impresso para verificar com mais cuidado as posições dos alunos.

(16:43:51) **Wladia fala para Elizmar:** Era um projeto sobre xadrez e depois ele convidou o presidente da federação alagoana e os alunos conversaram sobre jogadas e tudo mais.

(16:58:09) **MarciaNTE fala para Wladia:** Sim, utilizamos o bate-papo semanalmente e nossos cursos a distância onde há uma oportunidade do tutor tirar dúvidas em tempo real como também a levantar questões a serem debatidas. Um fato interessante foi um professor-cursista participar da Austrália.

(17:02:06) **Carmem fala para TODOS:** Sim Sônia. Os professores aqui na Paraíba estão começando a usar tal ferramenta e estão gostando bastante. Já estão planejando utilizar o mesmo recurso com os seus alunos. Para ficarem mais a vontade com a máquina, estou planejando um bate papo entre professores das várias escolas do estado que estão fazendo o curso de formação continuada. Eles trocarão experiências sobre o uso da máquina, da Internet, do chat e do fórum

(17:05:07) **Luis Paulo fala para TODOS:** minha experiência do uso do chat é muito rica. Venho utilizando o mesmo em sala de aula em cursos de graduação e pós-graduação. Esta ferramenta tem vários usos, como diálogos on line, tutoria, seminários virtuais, trocas de experiências e conversas com especialistas.

(16:37:45) **Rosane/sc fala para TODOS:** experimentem explorar um assunto em sala de aula e complementá-lo com um chat com um convidado especial, antecipadamente agendado...

Verifica-se também nesses relatos, as várias possibilidades de se utilizar o chat na educação, como na construção colaborativa de atividades, entrevistas, tutoria, trocas de experiências.

Sabe-se que precisamos pesquisar mais sobre o chat e aprofundarmos a forma de utilizá-lo, porém, com as experiências que já estão sendo feitas à distância ou presencialmente, discutiu-se, no grupo 1, algumas sugestões de como utilizá-lo na educação.

(16:37:47) **Airton-SP fala para Sônia:** Também é uma ótima ferramenta para se trabalhar produção de textos...

(16:44:08) **Ange fala para Elizmar:** Usar o chat para Matemática poderia ser por ex.: a formulação de problemas diferenciados em determinados assuntos, bem como elaborar jogos matemáticos e trocar experiências do que deu certo ou não

(17:04:12) **Mila fala para TODOS:** Bom, levantamos alguns usos do bate papo nessa conversa: forma'cao de professores, atividades com alunos, entrevistas, intercambio, tira d'uvidas...como vcs podem ver essa ferramenta possibilita atividades no contexto pedagogico. Outro aspecto interssante 'e a troca com pessoas em lugares distantes... Vcs viram que temos participantes em diversas regioes do Brasil...eu por exemplo estou em Londres...nao parece n'e?

(17:15:44) **Eliane/RJ fala para ceu:** Na escola onde trabalho com Língua Portuguesa não há laboratório, mas se houvesse procuraria uma parceria com outra escola para incentivar os alunos a se comunicarem via chat, tentaria uma entrevista com algum escritor, há muitas idéias... No momento, trabalho a ferramenta com as turmas de EAD aqui no NTE, usando os recursos do Educarede.

(17:28:54) **AnatáliaBa fala para MarciaNTE:** Márcia, penso que o chat é um ótimo recurso para se trabalhar a diversidade dos usos da linguagem. Penso que as abreviaturas e outras “cositas mas”, criam vínculos e são resultados de um construção social mediada pelo ambiente virtual em que há uma interlocução entre saberes regionais que são culturais e se tornam interculturais... ciberneticamente reais no dia-a-dia na escola, na vida..

Acredito que todas as áreas do conhecimento podem utilizar o chat, o que se precisa fazer é mostrar de que forma os professores podem utilizar essa interface e cada um insere no contexto das suas atividades. Pelo que foi dito nas experiências realizadas, que ainda são relativamente pequenas, podemos utilizá-lo de várias maneiras, só precisamos conhecer a interface, ter boa vontade e praticar com nossos alunos.

Os trechos que seguem são do Grupo 2 e estão relacionados a perguntas sobre experiência utilizando o chat em diversas áreas como a Matemática, Física, Literatura. Como era a primeira experiência para todos, eles faziam muitas perguntas sobre o que fazer como, isso trará bons resultados.

(16:37:11) **o gueto fala para WLADIA:** oi Wladia, que bom mantermos o nosso primeiro contato, gostaria de lhe conhecer melhor para debatermos assuntos matemáticos e do dia a dia.

(16:38:35) **WLADIA fala para o gueto:** TIVE UMA EXPERIÊNCIA AGORA COM UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA QUE DESENVOLVEU UM PROJETO DE XADREZ E UTILIZOU O CHAT NUMA DAS ETAPAS.

(16:40:19) **JoaoTomaz fala para TODOS:** Professora Wladia, estou gostando muito da experiência de estar na sala de bate-papo. Me conte a suas vivencias do projeto xadrez.

(16:41:27) **WLADIA fala para JoaoTomaz:** O PROFESSOR PAULO MADEIRO DESENVOLVEU O PROJETO DE XADREZ E UMA DAS ETAPAS FOI UM DEBATE COM O PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DE XADREZ COM OS ALUNOS SOBRE ALGUMAS JOGADAS E CURIOSIDADES DO XADREZ. FOI MUITO INTERESSANTE.

A **colaboração** é entendida como o engajamento mútuo dos participantes, num esforço coordenado para resolver um problema em conjunto. Os ambientes eletrônicos e as atividades em grupo oferecem um imenso potencial como contexto para a colaboração. A premissa para a comunidade virtual de aprendizagem é a colaboração (criação compartilhada), a interface tem um potencial enorme para isso, pois, os alunos podem realizar atividades juntos, colaborativamente. E também pode entender colaboração de algum (ns) mediador(es) tirando dúvidas de alunos, de qualquer forma eles estão colaborando para reflexão ou para a construção do

conhecimento dos mesmos. Vimos muito presente a questão da colaboração nas experiências relatadas pelos professores do Grupo 1.

Verificou-se que houve grande **interação** dos participantes do Grupo 1 e 2, a **participação ativa** de algumas pessoas foi muito clara. Por exemplo, a professora Márcia do NTE do Rio de Janeiro participou ativamente e também colaborou com nossas reflexões a cerca da temática, contribuindo também com as suas experiências utilizando o chat, abaixo é uma pequena amostra da participação dela, no grupo 1.

1) (16:38:23) Marcia_NTE fala para Sônia: É muito bom poder gravar o bate-papo e que os alunos tenha acesso a este material, pois assim podem refletir sobre o que escreveram.

2) (16:39:24) Marcia_NTE pergunta para TODOS: O que vocês acham de limitar o número de participantes num bate-papo? (Limite da quantidade de pessoas na sala)

(16:39:58) Airton-SP fala para Marcia_NTE: Depende do que se pretende com o bate-papo...

3) (16:41:40) Marcia_NTE fala para Airton-SP: Por exemplo?

4) (16:43:45) Marcia_NTE fala para Sônia: Acho que o tema do bate-papo precisa ser preciso e as questões de investigação precisam ser bem orientadas. É muito difícil manter todos ligados na discussão e conseguir conciliar os discursos se tivermos temas múltiplos.

5) (16:47:44) Marcia_NTE fala para TODOS: Concordo. Os alunos precisam entender que estão se comunicando com outras pessoas e que esta precisa ser agradável, em relação ao tema acho que o bate-pa ode ser utilizado como um ambiente para se tirar dúvidas, trocar informações, com a possibilidade de se dar um retorno em tempo real.

6) (16:48:12) Marcia_NTE fala para AnátaliaBa: Oi, sou Márcia do NTERJ10 - São Pedro, tudo bem?

7) (16:51:29) Marcia_NTE fala para lilian: Os alunos podem se dividir em salas diferentes, eles podem trabalhar em grupos, de forma que haja um digitando, enfim, existem muitas possibilidades e será utilizada a que o professor achar mais apropriada...

(16:56:02) Wladia fala para MarciaNTE: Oi Márcia, você já teve muitas experiencias utilizando o chat como ferramenta ??

8) (16:58:09) MarciaNTE fala para Wladia: Sim, utilizamos o bate-papo semanalmente e nossos cursos a distância onde há uma oportunidade do tutor tirar dúvidas em tempo real como também a levantar questões a serem debatidas. Um fato interessante foi um professor-cursista participar da Austrália.

(16:59:31) Wladia fala para MarciaNTE: Pois é, minha dissertação de mestrado é sobre esse tem e estou verificando em muitos projetos que é um recurso muito interessante para ser utilizado.

9) (17:00:34) MarciaNTE fala para Wladia: Concordo.

10) (17:05:32) MarciaNTE fala para Mila: Isso é fantástico!

11) (17:07:49) MarciaNTE fala para Marcelo: como foi esta experiência?

12) (17:09:44) MarciaNTE fala para ceu: Muitas vezes no bate-papo nos sentimos na obrigação de dar conta de tudo, mas não precisa necessariamente ser assim. Podemos gravá-lo e lê-lo posteriormente.

(17:11:07) AnátaliaBa fala para MarciaNTE: É verdade, Márcia.

13) (17:11:55) MarciaNTE fala para AnátaliaBa: Aquele curso terminou, entretanto existem outros cursos, entre eles o uso do blog como ambiente de aprendizagem e um curso para professores de língua portuguesa, que também utilizará blogs. As inscrições são no site do NTE www.nerj10.see.rj.gov.br

- 14) (17:14:12) MarciaNTE fala para TODOS: O ingrediente principal para um bate-papo é o envolvimento, o interesse nas discussões, sem conversas paralelas.
- 15) (17:17:49) MarciaNTE fala para Luis Paulo: Acrescentando o seu comentário, é muito bom utilizar uma sala de bate-papo como a da Educarede, que você pode colocar uma senha e somente acessa os que tiverem a senha.
- (17:20:38) Wladia fala para MarciaNTE: Vocês têm alguma experiência utilizando o chat sem ser em cursos a distância?? Em algum colégio por exemplo?
- 16) (17:22:20) MarciaNTE fala para Wladia: Sempre utilizamos o bate-papo do Educarede em nossos cursos pelo serviço diferenciado que o mesmo possui, como a possibilidade de gravar o bate-pape e a possibilidade de colocar senha. O bate-papo será amanhã as 10:00, neste site.
- 17) (17:25:10) MarciaNTE pergunta para TODOS: Em relação ao uso da linguagem no bate-papo, o uso de gírias e abreviações, o que acham?
- 18) (17:26:56) MarciaNTE fala para Luis Paulo: Você acha adequado exigir?
- 19) (17:28:28) MarciaNTE fala para Wladia: Alguns professores cursistas desenvolveram Webquests em nosso NTE. Foi bem interessante.
- 20) (17:30:12) MarciaNTE fala para Luis Paulo: Você colocou que um critério para incentivar o uso da tecnologia pelos professores seria exigir que os mesmos usem as TICs em uma aula. Pergunto: você acha que exigir é o melhor caminho?
- 21) (17:34:19) MarciaNTE fala para TODOS: Infelizmente preciso ir, gostei muito de estar com vocês, um grande abraço a todos.

No Grupo 2 a dupla que estava com o nickname Louraya participou ativamente do chat tirando suas dúvidas e questionando sobre alguns assuntos relacionados ao uso do chat.

(16:31:37) louraya entrou na sala...

- 1) (16:34:28) louraya fala para TODOS: OLÁ, WLADIA A ELABORAÇÃO DA WEBQUEST REQUER TEMPO COMO O PROFESSOR PODE CONSEGUIR ADMISTRAR ESSE RECURSO COM OS VARIOS AFAZERES?
- (16:35:26) WLADIA fala para louraya: NOSSA PROFISSÃO TEM DESSAS COISAS, PRECISAMOS ARRANJAR TEMPO PARA PLANEJAR ATIVIDADES DIFERENCIADAS , POIS, NOSSOS ALUNOS HOJE SÃO DIFERENTES DE ALGUNS ANOS ATRÁS. ELES LIDAM COM AS TECNOLOGIAS NO DIA-A-DIA DELES.
- 2) (16:37:02) louraya fala para WLADIA: QUAIS OS OUTROS RECURSOS QUE PRECISAMOS PARA A ELABORAÇÃO DE WEBQUEST (PROGRAMAS)?
- 3) (16:38:13) louraya fala para TODOS: HÁ CURSOS NO MERCADO? ONDE?
- 4) (16:40:40) louraya fala para WLADIA: NA AREA DE WEBQUEST (ELABORAÇÃO)
- 5) (16:42:14) louraya fala para WLADIA: E O QUE VC ACHA DO BLOG? TB PODE SER UTILIZADO COMO RECURSO DIDÁTICO?
- (16:44:38) WLADIA fala para TODOS: LOURAYA O BLOG TB É UMA FERRAMENTA NOVA, LI POUCAS MATÉRIAS SOBRE ISSO, MAS ACREDITO QUE QUALQUER FERRAMENTA QUE AUXILIE E AGILIZE A DINÂMICA ELA É VÁLIDA.
- 6) (16:47:56) louraya fala para TODOS: OLÁ LUIS PAULO, QUE BOM Q/VC VEIO NOS ENRIQUECER COM SEUS CONHECIMENTOS
- 7) (16:48:36) louraya fala para Luis Paulo: QUAIS OS TRABALHOS QUE VC ANDA DESENVOLVENDO ATUALMENTE?

- 8) (16:50:43) louraya fala para Luid Paulo: GOSTARIA DE SABER MAIS SOBRE A SUA OPINIAO SOBRE O BLOG...O QUE ACHA COMO RECURSO PEDAGÓGICO?
- 9) (16:51:10) louraya fala para TODOS: PODERIA SER COMPARADO A UM PORT-FÓLIO? (BLOG)
- 10) (16:57:12) louraya fala para Luis Paulo: IÚ PERGUNTA SE SOMOS VERDADEIRO DIGITADORES ESPERTOS?
- 11) (16:58:21) louraya fala para WLADIA: VC NÃO ACHA QUE O CHAT FAZ COM QUE O ALUNO DESCONECTE COM A GRAMÁTICA?
- 12) (16:59:31) louraya fala para WLADIA: CONCLUINDO O MEU PENSAMENTO ENQUANTO FACILITA OUTRAS DISCIPLINAS PREJUDICA A GRAMATICA O CHAT?
- (16:59:48) WLADIA fala para louraya: QUANDO SE UTILIZA O CHAT DE FORMA INFORMAL SIM, MAS QUANDO UTILIZAMOS ELE DE FORMA PEDAGÓGICA COLOCAMOS ALGUMAS REGRAS E PRINCIPALMENTE EM RELAÇÃO A GRAMÁTICA.
- 13) (17:00:57) louraya concorda com Tata: É UM PONTO NEGATIVO.
- 14) (17:02:34) louraya fala para Chirley: ESTAMOS TENTANDO FAZER A WEBQUEST ASSUNTO DE MATEMÁTICA...COMO PODEMOS TORNÁ-LO DINAMICO E INTERESSANTE?
- (17:03:52) Chirley fala para louraya: Vcs podem usar gifs animados e podem tb usar o flash (se conhecerem o soft)
- 15) (17:04:36) louraya fala para Chirley: O QUE É GIFFS? DESCULPE A MINHA IGNORANCIA?
- 16) (17:05:26) louraya fala para Chirley: MUITO OBRIGADA POR ESSA GRANDE CONTRIBUIÇÃO...
- 17) (17:07:07) louraya fala para WLADIA: É BOM TER PROFISSIONAIS COMO VC QUE FAZEM DA EDUCAÇÃO UM ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO E PRINCIPALMENTE CRIAÇÃO. ATE SEGUNDA FEIRA.
- (17:08:00) WLADIA fala para louraya: OBRIGADA LOURAYA, PRECISAMOS ACREDITAR NA EDUCAÇÃO E SABER QUE PODEMOS INOVAR APESAR DOS PARADIGMAS DA NOSSA EDUCAÇÃO SEREM MUITO ANTIGOS.
- 18) (17:10:27) louraya fala para TODOS: ATÉ BREVE PESSOAL..

A questão sobre a importância da **interatividade** foi citada nos dois momentos.

(17:24:53) **Sonia 2 fala para TODOS:** Nossos alunos gostam de interatividade, assim o chat os motiva a desenvolver uma serie de atividades. – **Grupo**

1(16:49:27) Icaozinho fala para WLADIA: OBRIGADO PELA OPORTUNIDADE DE INTERAGIR COM TODOS DO CURSO E TAMBÉM COM VC. **Grupo 2**

Segundo Ortega (2000) uma das vantagens do chat é podermos nos comunicar com pessoas potencialmente distantes, sem que isso seja nenhum inconveniente. Graças a esse serviço desaparecem as barreiras geográficas e o conceito de contexto social em que habitualmente nos movemos e se converte no conceito de aldeia global. Constatamos isso nas afirmações de duas professoras do Grupo 1.

(17:04:15) **MarciaNTE fala para Wladia:** meu e-mail: marcianterj10@yahoo.com.br Uma outra experiência que tive foi que participei de um seminário em Brasília, entretanto participei de um bate-papo com minha turma no horário combinado. É interessante perceber como a distância deixa de ser um problema quando estamos conectados.

(17:08:33) **AnatáliaBa fala para Mila:** Mila, que legal!! Também fiz assim estava no Fórum Municipal de Educação em Sampa e de lá conversei com as professoras de Barreiras - Bahia. Elas ficaram empolgadíssimas!!!! É uma conquista de tempo que aproxima à distância pessoas pelos interesses e afinidades pessoais ou profissionais. Penso que o mais interessante é que, com o exercício constante cria um sentimento de pertencimento com a máquina que faz do professor um usuário. Para a nossa realidade aqui na Bahia, essa É A MAIOR CONQUISTA!!!!

(17:02:24) **Luis Paulo fala para Wladia:** Wladia, custei mas consegui entrar achar uma Internet barata aqui em Barcelona.

A **motivação** dos alunos foi uma questão discutida pelos professores, onde verificamos a cada projeto que os alunos se empenham e sentem-se mais motivados em realizar projetos utilizando as interfaces oferecidas pela Internet. Muitos alunos têm a disposição várias mídias e tecnologias para obter informação, e não querem mais as aulas tradicionais e unidirecionais, querem um ambiente de aprendizagem onde possam pesquisar, questionar e ser questionado, colaborar com a sua e a aprendizagem dos seus colegas, trocar informações e assim refletindo sobre tudo isso de uma forma crítica poderá chegar a uma aprendizagem significativa e prazerosa, como percebemos no trecho do grupo 1 abaixo:

(16:33:16) **Sônia fala para TODOS:** Temos que aproveitar o fato de nossos alunos já gostarem de chat fora da escola .. e usar essa preferência a nosso favor

(16:43:57) **Carmem fala para Sônia:** Olá Sônia, acabei de encerrar o bate papo com uma parte da turma de cursistas do Ensino Médio de Catolé do Rocha. Eles curtem bastante o chat como interface pedagógica.

Como todas as interfaces, o chat também tem suas desvantagens, uma já citada nos estudos teóricos é a falta de habilidade com a mesma, com isso, a primeira experiência para uma pessoa que não tenha habilidade pode ser frustrante. Contudo, nada que não possa ser resolvido com um pouco de prática. Nos relatos verifica-se que os adolescentes têm um pouco mais de habilidade com a interface porque a utiliza no seu dia-a-dia, informalmente, e eles também gostam muito da dinâmica e interação existente nela.

(16:35:17) Pestana fala para TODOS: No caso de alunos de faixa etária abaixo dos 24, OK, mas quando fala-se em alunos de cursos EAD de especialização, ou cursos corporativos, um chat encontra bastante resistência, pois muitos não estão familiarizados. Eu sou favorável ao uso das ferramentas tecnológicas e acho que temos que vencer essas barreiras.

(16:54:50) Airton1-SP fala para TODOS: Mas não podemos esquecer que nossos alunos têm uma agilidade com a qual não estamos contando. O problema de ritmo é mais nosso e menos deles.

(16:55:27) Wladia fala para TODOS: É isso aí. Eles são extremamente rápidos nesses bate-papos.

(16:37:08) iva fala para TODOS: E muito interessante este chat mas estamos perdidas, ja estamos tontas.

(16:40:37) Reginaldo fala para WLADIA: estou precisando de mais técnicas para tornar o bate papo mais proveitoso.

(16:52:56) eva fala para WLADIA: e tudo tão rápido que não conseguimos interagir.

(16:54:27) WLADIA fala para eva: ESSA É UMA DAS DIFICULDADES DO CHAT, PRECISAMOS ADQUIRIR ESSA HABILIDADE, DE DIGITAR RÁPIDO E CONSEGUIR LER AS MENSAGENS. MAIS VOCÊ CONSEGUE... Grupo 2

Isso não quer dizer que adultos não tenham habilidade com a mesma, somente que os adolescentes identificam-se e tem uma maior habilidade por utilizarem mais.

Outra dificuldade apresentada pelos professores é a dinâmica apresentada pelo chat, eles ficam perdidos com tanta informação e a forma que é estruturada. Necessita-se fazer mais estudos sobre como modificar e melhorar a estrutura do chat, pois ainda é muito confusa para quem não tem a prática, por isso muitos educadores acreditam mais nas interfaces síncronas, pois perdem-se na dinamicidade das síncronas. É refletida também a quantidade de pessoas que participam desse momento, como percebemos no trecho do grupo 1 abaixo:

(16:37:22) Cristina fala para Louren_RJ: Está tudo muito rápido, mas praticando um pouco eu chego lá.

(16:46:56) Elzimar fala para Wladia: Já começou a melhorar... Estou me empolgando apesar deste ser a minha primeira vez. O ritmo está acelerado, mas tudo bem!!!

(16:47:39) Eliane/RJ fala para Marcos: Marcos, acabei de retomar uma fala sua lá em cima, falando sobre como o chat para uso educacional fica complicado devido ao ritmo frenético, fiz isso porque pude desmarcar a rolagem automática e dar uma relida nas mensagens, além do que elas podem ser salvas, para se rediscutir num outro momento. Já vi pessoas pegarem conteúdo num chat de que não participaram porque tiveram acesso a ele depois.

(16:44:07) lilian fala para TODOS: Tá ficando muito confuso!!!!

(16:39:24) Marcia_NTE pergunta para TODOS: O que vocês acham de limitar o número de participantes num bate-papo?

(16:43:17) Sônia fala para Rosane/sc: Para não pirar, é preciso começar com um nº pequeno de participantes, com um assunto delimitado para a conversa não dispersar.

Um cuidado que devemos ter no chat educacional são as conversas paralelas, nos dois grupos encontramos esse tipo de atitude, porém, no Grupo 1 foi bem menor. Cabe aos professores e mediadores chamar atenção do grupo naquele momento para que a conversa siga em cima da temática proposta. Por isso, pede-se sempre que na utilização do chat na educação, os alunos não utilizem nicknames e sim entrem com seus nomes verdadeiros para que se possa identificar cada um deles. Isso foi citado por uma das professoras participantes.

Eliane/RJ fala para K@RYN: É importante combinar com os alunos que eles **usarão seus nomes**, e não nicks que os escondam, aqui o objetivo não é se esconder atrás de nicks, como acontecem em chats comuns, senão fica confuso saber quem participou, para não dizer impossível.

Esses são alguns trechos de conversas paralelas, que acabam atrapalhando. O papel do professor e mediador é intervir.

(16:45:21) se jhbhy fala para TODOS: eija jão
 (16:45:29) Lau fala para TODOS: Eu realmente esperie outra coisa desse chat
 (16:46:31) se jhbhy fala para educarede: eai gata tudo bem
 (16:51:08) AnataliaBa fala para TODOS: Márcia, kd você???
 (16:51:08) Marcelo fala para TODOS: CEU São Matheus
 (16:52:31) Theo fala para TODOS: E aí senhorita!
 (16:52:32) Robertinha fala para TODOS: oi macelo sao matheus!quem é ceu?
 (17:02:12) ceu fala para Marcelo: Qtos anos vc tem???
 (17:02:24) Marcelo fala para ceu: 25
 (17:02:41) ceu fala para TODOS: Eu tb.

Grupo 1

(16:31:51) Tata fala para moa: Oi gata!!!!!! Tudo bem?
 (16:31:59) **fofinho fala para JoaoTomaz:** E ai quero patrão, como estas
 (16:38:34) **Ieãozinho fala para JoaoTomaz:** eu prefiro o João.Ele é baixinho mais tem um coração grande.
 (16:45:30) **joninhas fala para Regnaldo:** Vc é um BO
 (16:45:34) **Ieãozinho fala para fofinho:** VC É UMA PESSOA BASTANTE ESPECIAL.
 (16:45:47) Tata fala para TODOS: Estão piores do que nossos adolescentes!!!!!!

Grupo 2

Intervenção da professora com participantes do Grupo 1 e entrevistada Wladia no Grupo 2.

(16:52:06) aparecida fala para TODOS: O tema do chat é tecnologia na educação.

(16:52:47) WLADIA fala para TODOS: PESSOAL, VAMOS NOS VOLTAR PARA A TEMÁTICA COMO FALOU A PROFESSORA APARECIDA, POIS ESTÃO EXISTINDO AS CONVERSAS PARALELAS.

Um fator de grande relevância para que um chat dê certo é a quantidade de participantes do mesmo, a quantidade ideal vai depender do propósito do chat, como entrevista constatei que no máximo 12 pessoas, pois, esse direcionamento é de um para muitos, caso esse número seja maior poderá causar frustrações nos participantes. Difere da situação de se utilizar o chat como debate em uma turma, onde todos participarão e o professor ou mediador irão intervir no momento necessário. Quando se tem muitas pessoas perguntando e essas não obtêm respostas, elas tornam-se impacientes. Essa impaciência pela demora de segundos ou até poucos minutos, constata-se tanto nos adultos como nos adolescentes, como constado no grupo 1.

(16:42:14) peti fala para TODOS: Professora Wladia você não respondeu a minha pergunta. Por que?

(16:44:42) leãozinho fala para WLADIA: AGUARDO RESPOSTA KD VC?

(16:46:10) o gueto fala para WLADIA: Mais uma vez , responda se você conhece algo nas áreas de Literatura, Espanhol, Língua Portuguesa.

(16:48:04) WLADIA fala para o gueto: TENHO ALGUM MATERIAL NA LINHA DE PORTUGUÊS E INGLÊS, UTILIZANDO O CHAT COMO FERRAMENTA.

De acordo com a entrevista realizada com a professora da disciplina de Tecnologia na Educação, a mesma disse que ao tomar conhecimento da pesquisa sobre chat na educação, passou a ter interesse pelo assunto por trabalhar com adolescentes e sentir o quanto eles gostam de interagir no chat, ficou muito curiosa em participar para conhecer através da pesquisadora um pouco mais sobre o assunto. A professora trabalha com a TIC desde 1996 nas suas aulas, e acredita que elas contribuem na aprendizagem dos seus alunos, pois eles interagem, melhoram a participação, trazem novas idéias, mudam a postura, estão sempre respondendo aos apelos do professor. Quanto a participação dos seus alunos na pesquisa ela disse que a aula foi muito diferente, interativa, não houve rejeição, todos queriam participar de alguma forma, no início ficaram um pouco impacientes por problemas no site e por um pouco de demora nas respostas, mas, no final todos queriam mais. Sobre a questão de existir construção do conhecimento nesse processo, ela disse: “Sim, a partir do momento em que os alunos constroem seus pensamentos, escrevem o que querem se comunicar,

lutam pora serem atendidos e respondem as interações, decidem sugestões e intercâmbios de saberes, há sim uma construção do conhecimento”. A sugestão que a professora dá é que os alunos sejam sabedores do tema com antecedência, e se possível seja disponibilizado material para que os mesmos possam fazer boas colaborações na discussão. Marcar a hora, data e local e divulgar a todos com antecedência são essenciais.

A aluna SG do curso de formação de professores (capacitação pedagógica), disse que já tinha utilizado a interface chat, mas não em uma aula, ela achou sua participação satisfatória e ativa. Ela acredita que a utilização do chat na aula despertou para a sua importância como ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e como veículo de troca de informações, tendo a oportunidade de aprender mais. Ele achou que aprendeu algo mais utilizando essa interface, porém, é preciso conscientizar o aluno para que o mesmo não desvie dos objetivos, como também sempre ter um mediador para ficar verificando a conversa e dinamizar esse processo despertando a participação de todos que estão no chat. A aluna referenciou alguns pontos positivos: mais uma ferramenta para auxiliar no processo ensino aprendizagem; incentiva a participação e torna o processo mais dinâmico; desperta curiosidade do aluno em aprender determinado assunto. Pontos negativos: pode tender a bagunça se não tiver objetivos claros; por causa da dinamicidade e não habilidade com a interface, muitos alunos desrespeitam as regras gramaticais, mudando palavras e usando abreviações.

O aluno GFB, acredita que das utilidades que a internet tem, o chat era coisa inútil, porém, a partir da aula que participou, onde houve a interação aluno professor, “Vi que o chat pode ser usado de maneira correta e enriquece um simples trabalho. Gostou da sua participação, achou apenas que o tempo foi pouco e a partir dali já teve idéias e começou a aplicar com seus alunos”. Verificou também que o chat pode ser utilizado não só em projetos pedagógicos, mais em outros tipos de projetos. Destacou como pontos positivos o universo de informações que podemos obter ou fornecer sem muito esforço, porém é uma pena que esse tipo de acesso é limitado, restringindo algumas pessoas da sociedade, porém não as excluindo, pois podemos de alguma forma levar para essas pessoas com um pouco de esforço essa ferramenta.

6. Conclusão

Vivemos numa sociedade globalizada, e com o advento das TIC essa sociedade parece não mais sobreviver sem elas, desde a invenção da escrita e da imprensa, nada tem causado tanto impacto social e estimulado tantas mudanças no mundo, sejam

elas sociais, educacionais e comerciais. Nessa sociedade da informação oferecer aos alunos o acesso ao conhecimento, e prepará-los para uma vida de aprendizagem e descoberta, com o domínio das habilidades e ferramentas de pesquisa como parte da sua educação básica, e, para isso, precisamos criar um ambiente de aprendizagem que integre ensino e pesquisa, no qual os alunos exercitem constantemente a comunicação e colaboração. Essas habilidades incluem saber utilizar os computadores e mais importante ainda são as habilidades pessoais e sociais que devem ser desenvolvidas. Precisamos mostrar caminhos onde os alunos busquem seu próprio conhecimento de uma forma eficaz e prazerosa.

A Internet oferece várias interfaces, que favorecem a construção cooperativa e o trabalho em grupo entre professores e alunos, podendo estar próximos fisicamente ou virtualmente. Uma das interfaces que é mais utilizada substituindo a conversa face a face é o chat, nela, indivíduos se comunicam em tempo real como se estivessem conversando. Segundo Koch (1992), comunicar significa interagir socialmente por meio da linguagem, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados. E o chat é a forma mais dinâmica de se interagir na internet, a sua principal característica é a comunicação em grupo.

Na experiência realizada com alunos da 7ª série do ensino fundamental de uma escola particular, verificou-se através de seus depoimentos que há algumas categorias como interação, dinâmica da aula e até mesmo a motivação dos alunos foram destaques entre eles. Como é uma interface conhecida pelos alunos, pois se utilizam dela no seu dia-a-dia para conhecer novos amigos ou simplesmente para bater-papo, eles têm uma ótima aceitação em utilizar essa interface na educação, porém, precisa-se conscientizar o trabalho com eles para que sigam regras de utilização da mesma no meio pedagógico, que é diferente da conversa informal com os amigos. Todo adolescente, pela sua essência, gosta de desafios e novas metodologias para tornar a aprendizagem mais agradável e a Internet com suas diversas interfaces como chat, correio eletrônico, blogs, fotologs, chamam atenção deles, pois, fazem parte do dia-a-dia de muitos.

Realizamos uma experiência também com alunos de pós-graduação, muitos deles nunca tinham utilizado essa interface na educação, mas no final da experiência acharam que mais uma forma de modificar e ajudar no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, já que é uma interface dinâmica e que ajuda a tirar suas dúvidas em tempo real.

Um dos pontos que chamou a atenção no depoimento dos adolescentes que participaram da pesquisa foi que eles disseram que é muito bom aprender com prazer como se estivesse brincando, e outro fator citado foi a interação com os colegas, que muitas vezes não acontece na sala de aula por diversos fatores.

Uma das grandes vantagens do chat é a interação online e o trabalho em equipe, a colaboração de todos, não necessariamente situados no mesmo ponto geográfico. Apesar de suas vantagens, de trabalhar colaborativamente demanda um esforço adicional para a coordenação de seus membros. Sem coordenação, boa parte dos esforços de comunicação será aproveitada na cooperação, isto é, para que o grupo possa operar em conjunto de forma satisfatória, é necessário que os compromissos assumidos nas conversações entre os participantes sejam realizados durante a cooperação. O mediador dessa sessão de chat se não tiver pulso firme, o debate pode virar um bate-papo improdutivo.

Considerando os objetivos propostos nessa pesquisa e analisando os dois grupos: professores de outros estados que já utilizam o chat e uma turma de formação de professores que nunca tinham utilizado a interface, tiramos algumas conclusões a respeito da utilização do chat como interface pedagógica.

Nos dois grupos de pesquisa, em cima da análise dos dados, entrevista e no decorrer do próprio chat constatei a possibilidade de se utilizar essa ferramenta de aprendizagem, portanto, precisamos levar em consideração alguns fatores que influenciam no bom andamento do chat e no objetivo proposto pelo mesmo. Esses fatores variam desde a quantidade de alunos participantes, a dinâmica do chat, a motivação dos alunos e até o planejamento e conscientização dos alunos com a proposta.

A respeito da quantidade de alunos participantes depende do propósito do chat, como já foi dito antes. Quando ele tem caráter de entrevista com um especialista é sempre bom que tenha uma pessoa que auxilie o mesmo, pois, nas muitas vezes os alunos não tem muita paciência de esperar muito tempo pela resposta, ou até mesmo não obtê-la por causa da quantidade de perguntas, o número de participantes nesse caso deve ser no máximo 10 pessoas. O fator “impaciência” verificou-se principalmente no Grupo 2 pois estavam entrevistando um especialista e ficavam insatisfeitos se não obtinham a resposta, porém o grupo era muito grande para apenas um entrevistado.

Quanto aos desafios da utilização do chat, a dificuldade dos adultos é mais explícita pois, principalmente no grupo que não tinha experiência com a interface. Alguns participantes dessa pesquisa utilizaram pela primeira vez o chat, e nem mesmo

sabiam que ele poderia ser utilizado de forma pedagógica. O mesmo é muito usado em cursos à distância, onde os professores agendam chats para que assuntos sejam debatidos ou até mesmo para que dúvidas que surgiram sobre uma determinada temática sejam discutidas. Verifica-se nesses cursos que mesmo os alunos que não tem habilidade com a interface, vão adquirindo na medida em que existem chats vão acontecendo, pois eles são marcados sistematicamente, e faz parte da nota do aluno participar deles.

No grupo de professores que participou do chat do Educarede, a maioria já conhecia a interface e já tinham utilizado de forma pedagógica daí a riqueza nas contribuições sobre essa temática. Dentre as discussões sobre a questão dos desafios dos educadores em utilizá-lo presencialmente ou à distância, constatou-se que é necessário um bom planejamento desse momento; ter o cuidado de como dividir a participação dos alunos; deixar bem claro as regras de convivência, para que não aconteçam conversas paralelas; enviar antecipadamente para os alunos um material relacionado à temática que será discutida; e retomar, se necessário, na sala de aula, alguns pontos que não ficaram claros na discussão, ou até mesmo aprofundá-los.

Um ponto negativo que foi citado por alguns é a estruturada confusa do chat, como muitos não tem habilidade de utilizar o chat, fica muito confuso de acompanhar, então é necessário que o professor antes de acontecer à sessão, ele faça algumas aulas no laboratório para que os alunos familiarizem-se com a interface.

Quanto à questão da utilização do chat no contexto presencial ou a distância, não existe diferença, pois, os cuidados em relação ao planejamento, conscientização e motivação dos alunos são a mesma, o que é muito importante é que os alunos estejam engajados no projeto e encarem aquele momento como mais uma forma que eles terão para interagir e de alguma forma ampliar seu conhecimento. Como pesquisadora participei de um chat como entrevistada juntamente com a professora Sonia Bertocchi, e no segundo fui entrevistada pelo grupo de alunos. Quanto a participação do Grupo 1 verificamos que foi grande e não sabemos como seria numa aula presencial, pois essa experiência foi totalmente a distância. Quanto ao Grupo 2, através do relato da professora, e pelo relato no próprio bate-papo eles afirmaram que a experiência foi muito enriquecedora e que queriam conhecer um pouco mais sobre a interface para poder aplicar em seus projetos.

Pelo que foi observado nos arquivos dos chats e na entrevista com os alunos, podemos afirmar que surgiram reflexões a respeito de como se utilizar o chat na educação,

motivação para buscar mais informações sobre isso e a certeza de que podemos utilizá-la como interface pedagógica.

Precisamos disseminar o uso dessa interface e aprofundarmos nossa pesquisa em algumas questões, porém, apesar dos cuidados que devemos ter para utilizá-la como: bom planejamento, regras de convivência, mediadores com habilidade e boa vontade por parte de todos, podemos sim tornar essa interface nossa aliada em nas aulas, para que nossos alunos se tornem mais autônomos na busca de seu conhecimento. Ainda temos que nos aprofundar nossos estudos no que diz respeito à avaliação em meios síncronos (chat) como também pesquisarmos e criarmos um ambiente mais estruturado. Quanto a questão da avaliação no chat, podemos utilizar o arquivo gravado, para sabermos das colaborações de cada aluno, mas isso ainda é uma área muito nova na educação.

Como a utilização do chat como interface pedagógica ainda é muito nova, é preciso aprender muito mais, a aprender como utilizá-lo em diferentes ambientes educacionais e pesquisar sobre qual a melhor maneira de integrá-la com as demais tecnologias da Internet. Professores precisam incluir na sua rotina de trabalho a utilização dessa interface para que possamos aprender mais com as experiências realizadas, podendo assim saber mais como utilizá-la no processo ensino-aprendizagem.

Referências

CHAVES, Gilda M. Interação on-line: análise de interações em salas de chat. In: MENEZES, Vera (org.). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

FONSECA, Lorena. O uso dos chats na aprendizagem de línguas estrangeiras. **Caligrama**. Revista do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, V. I. 07, 2002.

GARBIN, Maria E. Cutur@as juvenis, identid@ades e Internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Maio/Jun/Jul/Ago, nº 23, 2003.

HARASIM, L. et al. **Redes de aprendizaje**: guía para la enseñanza y el aprendizaje em red. Madrid: Gedisa, 2001.

HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. **Guia do professor para a Internet**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

JONSSON, Ewa. **Electronic discourse: on speech and writing on the internet**. Disponível em: <http://www.luth.se/users/ionsson/D-essay/EletronicDiscourse.html>, 1997. Acesso em: 25/08/2004.

KOCH, Ingedore V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

MERCADO, Luis P. **Formação docente e novas tecnologias**. Maceió: Edufal/INEP, 1998.

_____. Chat como ferramenta didática na formação de professores. **V Encuentro Internacional sobre educación, capacitación Profesional y Tecnologías de la Información.Virtual Educa 2004**. Disponível em: <http://www.virtualeduca.org>. Acesso em: 20/10/2004.

ORTEGA, F. et al. El IRC como herramienta para la formación flexyble y a distancia. **Revista Pixel-Bit**, 14, p. 31-41, 2000.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PLANELLS, Joan M. **Genero chat: o como la etnografia puso pie em el ciberespaço**. Barcelona: Gedisa, 2002.

ROCHELLE, J; TEASLEY,S. **Computer-supported collaborative learning**. New York: Springer-Verlag, 1995.

SILVA, M. **Professores são resistentes à educação a distância**. Disponível em: http://atribunadigital.globo.com/bn_conteudo.asp?cod=173781&opr=116. Acesso em: 24/09/2004.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da Internet**. Lisboa: Relógio D'água. 1997.

VYGOTYSKY, L S. **Obras escogidas IV; Psicologia Infantil**. Madrid: Visor, 1996.

TUTORIA NO CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE

Luís Paulo Leopoldo Mercado

1. Introdução

O curso TV na Escola e os Desafios de Hoje resultou de uma parceria entre a Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação – SEED/MEC, a Universidade Virtual Pública do Brasil (UniRede) e as Secretarias Estaduais de Educação, representadas pelas coordenações Estaduais da TV Escola. Essa parceria tem possibilitado a integração entre os profissionais da rede pública de ensino superior.

O curso foi estruturado para atender professores, supervisores e diretores de escolas públicas de ensino médio e fundamental, visando capacitá-los para o melhor uso, no cotidiano escolar, dos recursos proporcionados pelas TIC, com ênfase na comunicação audiovisual.

O curso ofereceu, segundo Farias et alii (2003), 30 mil vagas na 1ª turma (30.046 cursistas). As duas turmas seguintes tiveram, respectivamente, 48.235 e 32.040 professores inscritos. Mais de 110 mil professores da rede pública já passaram pelo curso, no período entre outubro de 2000 e março de 2003. A 4ª turma teve início em agosto de 2003 e atendeu a uma demanda inicial de cerca de 30 mil professores. Para a oferta da 1ª turma, a UniRede organizou 18 núcleos, que se constituíram como resultados da colaboração formal entre cada Secretaria Estadual de Educação e universidade local. Na 2ª Turma foram 24 núcleos e 27 a partir da 3ª turma, incluindo o Núcleo Virtual para o curso *online*, em fase experimental.

2. A Tutoria no Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje

A tutoria visa a orientação acadêmica, acompanhamento pedagógico e avaliação da aprendizagem dos alunos na EAD. Envolve o atendimento à educação individualizada e cooperativa numa abordagem centrada no ato de aprender que coloca à disposição do aluno recursos que lhe permitem alcançar seus objetivos no curso.

A tutoria é uma instância de mediação entre o estudante e o material didático, na busca de uma comunicação ativa e personalizada. Orientando e supervisionando o processo de aprendizagem do cursista, o tutor conhece as

dificuldades do aprendiz e o ajuda a responder, de maneira adequada, aos desafios impostos pela educação individualizada.

Uma sessão típica de tutoria consiste no exame que o tutor faz de um trabalho do aluno: um texto sobre determinado assunto, por exemplo. Durante a sessão, o tutor irá procurar apontar os aspectos positivos do trabalho, mas reservará ênfase especial para as eventuais falhas ou lacunas. Estas falhas ou lacunas quase sempre são inevitáveis. Desta maneira, o aluno sentirá que conquanto possa ter realizado um bom trabalho, resta ainda espaço para seu desenvolvimento, o que implica pesquisar mais. O tutor age, assim, como um catalisador do desenvolvimento de seu aluno.

No curso em foco, o processo de seleção de tutores envolveu análise de currículo e entrevista. Os critérios adotados foram: formação docente; disponibilidade de tempo; disponibilidade de viagens aos pólos de tutoria; experiência em EAD; e interesse em pesquisar sobre a temática EAD.

2.1 - Formação de Tutores

A formação dos tutores aconteceu em dois momentos: uma formação inicial, utilizando material do curso e textos complementares e uma formação continuada durante toda a execução do curso envolvendo reuniões semanais com a coordenação, construção dos memoriais de cada tutor e realização das atividades dos módulos.

A formação inicial teve como objetivo mostrar situações de orientação e atuação do tutor num curso de EAD, para que pudesse acompanhar, intervir, atender solicitações da aprendizagem, pois do tutor se exige conhecer os temas, sua relação com práticas pedagógicas, dificuldades de compreensão, objetivos das unidades, atividades previstas, materiais.

O processo de tutoria foi iniciado com o curso de capacitação e com muitas expectativas dos tutores por ser uma experiência de EAD na qual tinham pouca experiência, como podemos perceber nas expectativas registradas pelos tutores no início do curso:

As minhas expectativas foram criadas por ter o termo “tutora” vários significados: de proteção, direcionamento e de guia de alguém que nos leva a ter uma grande responsabilidade sobre o andamento do curso. Essas transformações têm incomodado o setor educacional, quer pelas mudanças no comportamento que elas modelam nos estudantes, através

do seu uso cotidiano. Acreditamos que, em geral, o professor enfrenta os desafios de ter as tecnologias diversificadas no mundo, de colocar de forma prática na sala de aula. Acredito neste trabalho desenvolvido pela TV na escola, pois passei pela fase de cursista e agora como tutora do mesmo, tenho visto que o grande desafio é fazer da tecnologia presente hoje na escola, um recurso metodológico que auxilie o professor na sua prática pedagógica e a desenvolver seus alunos para serem críticos e políticos com tudo que os cercam. Este curso de extensão tem sido uma grande oportunidade de experimentar. Deixando de ser professor passivo para ser professor ativo frente as novas tecnologias no que se refere ao uso da TV e o vídeo. (CH)

Minhas expectativas iniciaram quando soube que teria outra turma do curso da TV Escola, pois já era tutora na turma anterior e estava apaixonada pela sua programação, levando-me inclusive a conhecer bem de perto o acervo existente na secretaria. Iniciaram as inscrições e superaram as nossas expectativas em número de inscritos, onde pude perceber o interesse do professor em se aperfeiçoar para atender a evolução dada pela educação em nosso estado nestes últimos três anos. Percebi as mudanças acontecidas na estrutura e organização geral do curso, como exemplo, a capacitação de tutores o que foi um grande avanço para nós, nos dando oportunidade de socializarmos nossas idéias, interagindo-as. (RO)

Desde que fui selecionada para desempenhar esta função fiquei muito ansiosa, apesar de já ter experiência com a educação à distância, mas no sentido da tutoria, as expectativas foram desde a responsabilidade assumida, assim como em lutar contra a evasão de um curso de natureza como esse. A princípio, a empolgação em conferir materiais, confirmar lista de participantes, depois o impacto já de começo com o número de pessoas que não tinham pego o material. Mas, “corri contra o tempo”, através do telefone passei três dias, inclusive em horários não comerciais, noturnos e sábado ligando para as pessoas, confirmando o recebimento ou não do material, o interesse de fazer o curso e em muitos casos, explicando o curso em sua metodologia, estrutura, etc. para pessoas que não tinham compreendido sua estrutura. (AL)

A formação inicial se deu através do curso de capacitação de tutores, com carga horária de 40 horas na primeira e segunda edições do curso e 80 horas na terceira, sendo 50 horas presenciais e 30 horas a distância. Essa formação envolveu discussões sobre os momentos presenciais, entrega do material, acompanhamento/atendimento aos cursistas (registros), dificuldades, plantão nos pólos de tutoria no interior do estado, evasão no curso. A capacitação dos tutores esteve assim organizada:

- a) Apresentação do curso: objetivos, organização do curso, conteúdo dos módulos, materiais de estudo, funcionamento do curso e núcleo UNIREDE, gestão do curso na SEE e no Núcleo Alagoas, tutoria.
- b) Seminário: Educação a Distância – discussão das temáticas: importância da educação a distância; importância dos materiais didáticos nesta modalidade; papel e atuação do tutor; avaliação da aprendizagem dos cursistas; experiência de acompanhamento do curso pela coordenação e pelos tutores que já atuaram nas edições anteriores do curso. Para subsidiar estas discussões foi entregue um volume com textos sobre educação a distância e tutoria para leitura e posterior discussão no seminário.
- c) Relatório Final do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje das edições realizadas em Alagoas. Ênfase nos indicadores: avaliação do curso, dificuldades e análise dos memoriais dos tutores.
- d) Manual de Orientação Acadêmica (tutoria do curso): processo operativo da orientação acadêmica (tutoria); atribuições do tutor: orientação de estudos; como trabalhar o memorial?; atividades de aprendizagem e atividades de avaliação de desempenho.
- e) Leitura do material impresso dos três módulos do curso.
- f) Assistência e discussão dos vídeos dos módulos do curso.
- g) Planejamento dos encontros presenciais e tutoria.
- h) Construção do memorial individual e relatório de tutoria.

Nos momentos da formação dos tutores, foram estabelecidas metas, atividades, juntamente com o relato das dificuldades e dos avanços dos cursistas e do curso. Os cursistas também tiveram oportunidade de ouvir relatos das experiências vivenciadas pelos tutores nos plantões realizados nas cidades do interior do estado de Alagoas, nos momentos presenciais onde foram trabalhadas várias atividades, as quais os cursistas tinham dúvidas, cuja participação foi efetiva deixando os tutores interessados pelo empenho dos cursistas, socializando os avanços que provocaram uma nova visão do

uso da TV e do vídeo, tanto em casa, como na escola, pois começaram a analisar o que vem sendo apresentando nos programas dos diversos canais.

A formação dos tutores se orientou por processos reflexivos de investigação, a partir de um currículo consistente, baseado na relação teoria e prática. Nessa, o tutor repensa sua prática, direcionada para o aprender a aprender. Buscamos direcionar esforços na personalização da EAD, mediante apoio sistemático e organizado, que ajude os cursistas na utilização dos materiais educativos oferecidos, proporcionando orientação individual e coletiva, facilitando e motivando as situações de aprendizagem.

Na carga horária a distância (30 h), foram realizadas as seguintes atividades: leitura de textos sobre tutoria em EAD a serem e trabalhados pelo tutor ao longo do curso e construção de memorial individual e relatório de tutoria.

2.2 - Papel do Tutor no Curso

Num curso desenvolvido na modalidade de EAD, o tutor tem um papel fundamental no processo e portanto deve ter um perfil de educador que passa a orientar as atividades a serem executadas e esclarecer dúvidas sobre os conteúdos que serão trabalhadas, procurando acima de tudo motivar e encorajar os seus cursistas, para que realmente haja a construção do conhecimento.

Para Masuda (2003), o tutor tem função de mediação entre o cursista, o material didático e o professor e também entre os estudantes entre si na busca de uma comunicação cada vez mais ativa e personalizada, respeitando-se a autonomia da aprendizagem.

Para Malbrkan (2004) a tutoria pode ser implementada com vários propósitos: orientar trabalhos de campo; melhorar ofertas acadêmicas; preparar o estudante para a avaliação; oferecer apoio no manejo das tecnologias segundo as necessidades detectadas nos participantes; orientar na busca, seleção e utilização da informação; prover feedback informativo; clarear dúvidas sobre o conteúdo e as atividades; ajudar o cursista a dominar os conteúdos das unidades; ajudar o cursista a desenvolver habilidades de estudo; favorecer a troca de experiência e conhecimentos em atividades de grupo; encorajar o processo de aprendizagem do cursista; e ajudar o cursista a alcançar autonomia na produção científica.

O tutor deve ter capacidade de gerenciar equipes e administrar talentos, habilidades de criar e manter o interesse do grupo pelo tema; ser motivador e

empenhado em acompanhar a aprendizagem dos alunos, pois terá grupos de alunos heterogêneos, formados por pessoas de regiões distintas, com vivências bastante diferenciadas, culturas e interesses diversos, exigindo do tutor uma habilidade gerencial com pessoas extremamente eficiente. Deve ter domínio sobre o conteúdo do texto e do assunto para ser capaz de esclarecer possíveis dúvidas referentes ao tema abordado pelo autor, a bibliografia recomendada, as atividades e eventos relacionados ao assunto.

No curso analisado, os tutores assim destacam o papel do acompanhamento do curso:

O meu papel como tutora será de acompanhamento junto aos professores cursistas que estão sob a minha responsabilidade, com o objetivo de motivá-los e orientá-los no decorrer dos três módulos, para que os mesmos não venham a evadir do curso, visto que, os meios audiovisuais desempenham um papel importante no acesso ao conhecimento, permitindo o desenvolvimento e o crescimento dos educadores e também dos educandos. (AD)

A tutoria tem um papel muito importante e funciona como parceira, auxiliando o professor cursista no desenvolvimento da aprendizagem. Tendo como principal objetivo qualificar professores, coordenadores e diretores de escolas públicas do ensino fundamental e médio em todo país, o curso é um fundamento das práticas pedagógicas de utilização da televisão e de vídeos, ao mesmo tempo em que procura responder ao porquê das tecnologias na escola, possibilita a esses profissionais meios para conhecer e utilizar a televisão e outros recursos tecnológicos aplicados na educação. (AM)

Nossa maior meta é fazer com que os cursistas percebam a importância das tecnologias para a nossa vida e reconheçam as alterações provocadas por elas, sentindo a necessidade de uma mudança em sua prática pedagógica, vencendo a cegueira tecnológica, agindo com clareza sobre a televisão e o que ela trás consigo. Somente assim compreenderemos os objetivos e finalidades reais da TV e do vídeo estarem inseridos no cotidiano escolar. (AP)

A tutoria é função muito difícil e ao mesmo tempo polarizadora de concepções contribuidoras para a permanência do (a) professor(a) no curso. Pois, é um trabalho a começar pelo dito “as primeiras impressões são as que ficam”, em relação a

informação, a motivação, a qualidade e com certeza a responsabilidade de desempenhar satisfatoriamente nosso papel. É processo que não tem receita, mas sim uma construção a partir da relação ora distante, ora pessoal, ora interativa e porque não dizer, ora interpessoal, característica fundamental mesmo na educação a distância. (AL)

As possibilidades de leitura e a construção do conhecimento a partir de materiais impressos e vídeos favorecem ao professor cursista adequar a sua prática pedagógica ao que aprende no curso. Nesse processo, a tutoria tem um papel fundamental e funciona como mediadora da prática pedagógica, orientando o professor a superar suas dificuldades e a responder de maneira adequada as questões impostas pela educação a distância, buscando com o mesmo, um compromisso de querer mudar sua prática. Apesar de ter um pouco de experiência com Educação a Distância e de ter participado do curso como cursista, onde aprendi o quanto as tecnologias influenciam sobre nosso comportamento e pode modificar as concepções e o papel do professor no processo ensino-aprendizagem, fiquei um pouco ansiosa quando fui selecionada, mas acredito que com a oportunidade que me foi confiada para ser tutora aprenderei muito mais, interagindo com os colegas tutores e com os cursistas sobre a utilização dos audiovisuais, pois analisar a televisão e incorporá-la ao currículo, pode proporcionar ao aluno mais reflexão e criticidade ao ver TV. (AMI)

3. Acompanhamento e Tutoria no Curso

No início de cada módulo, aconteceram momentos presenciais nas cidades pólos, que serviram de orientações preliminares como embasamento para as atividades propostas nos módulos.

A preparação do momento presencial se deu com a confirmação e o convite dos professores cursistas selecionados para participar do curso.

Foram realizados três momentos presenciais nos quais foram explicados o funcionamento e estrutura do curso e indicação das unidades dos módulos além de orientação sobre as atividades solicitadas para elaboração dos trabalhos.

A programação dos encontros envolveu: discussão sobre as dúvidas dos alunos; encaminhamentos para a avaliação dos módulos; exibição dos vídeos referentes aos

módulos, disponibilizando a gravação/reprodução das fitas; calendário para conclusão de cada módulo.

Os momentos presenciais são muito valorizados pelos tutores e alunos, pois:

O momento presencial é uma oportunidade muito boa para interagirmos com os alunos, que se sentem inseguros em participar de um curso onde não vão estar numa sala de aula com a presença de um professor, terão que estabelecer uma rotina de estudos, e criar o hábito de recorrer ao tutor diante de dificuldades que se apresentem durante os estudos. É um contato muito importante porque de certa forma a materialização do curso, faz as pessoas acreditarem na seriedade do mesmo. (CA)

(...) aconteceram de forma bem tranqüila, os cursistas chegaram bastantes ansiosos para saber como seria este segundo módulo, mas assim que começaram as explicações dos tutores, viram que seria bem mais fácil do que o primeiro, já que neste eles trabalhariam mais a reflexão da prática, e também, com relação as questões selecionadas eles poderiam expor melhor suas opiniões já que as mesmas eram bastante pessoais. (AD)

Todos os professores cursistas que participaram dos momentos presenciais receberam um kit contendo os módulos, a relação de acompanhamento da tutoria e carta informando o tutor designado para cada aluno.

Os cursistas que não compareceram ao momento presencial, receberam seus módulos durante os plantões dos tutores na capital e interior ou pelo correio. Posteriormente, houve a confirmação do recebimento por telefone e atendimento individual aos cursistas, para explicações do funcionamento do curso e atividades solicitadas.

O curso se caracterizou por ter uma tutoria descentralizada, sendo o acompanhamento dos tutores feito de forma cooperativa, a partir de encontros de coordenação de cada região. Todo atendimento foi registrado e os registros serviram para a elaboração dos memoriais e dos relatórios de coordenação pedagógica para as coordenações estadual e do núcleo.

3.1 - Atendimento dos cursistas pelos tutores

As sessões de tutoria presencial têm por objetivo disponibilizar espaço para o encontro dos alunos de forma a promover uma aprendizagem colaborativa, ajudá-lo a construir uma metodologia de estudo que lhe possibilite tornar-se um aprendiz autônomo, promovendo um espaço de estudo agradável para facilitar a aprendizagem e tirar dúvidas através do debate.

A partir do acompanhamento feito durante os plantões definido para cada tutor, discutimos a importância que cada tutor teve no processo, promovendo e ajudando a melhorar a postura do professor frente o uso das tecnologias, principalmente a TV e vídeo, como suporte pedagógico de trabalho que facilita as situações de ensino aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento das produções e ampliando o intercâmbio e a interatividade entre os alunos.

Neste sentido, vimos que, por ser um curso desenvolvido na modalidade de EAD, o tutor tem um papel fundamental no processo e deve ter um perfil de educador que passa a orientar as atividades a serem executadas e esclarecer dúvidas sobre os conteúdos que serão trabalhadas, procurando acima de tudo motivar e encorajar os seus cursistas, para que realmente haja a construção do conhecimento.

Assim, o papel do tutor será de facilitador, orientador e mediador no processo ensino-aprendizagem, acompanhando o desenvolvimento das atividades propostas.

Entretanto alguns tutores tiveram posturas frente ao processo, que precisam ser revistas e analisadas como: insegurança nas orientações a serem dadas; falta de compromisso com o horário de tutoria; modo de analisar as atividades propostas; orientação ao professor cursista; falta de motivação na busca e conquista do cursista; falta de disponibilidade.

O acompanhamento do processo de estudo dos cursistas, aconteceu através de e-mail, ligações por telefone, envio de correspondências, bem como o atendimento pessoal nos plantões. No primeiro módulo as dúvidas foram mais no que se refere ao memorial e como elaborá-lo, e na escrita de forma geral. O registro ainda continua sendo uma das grandes dificuldades dos nossos educadores, apesar de estarem lidando rotineiramente com a linguagem oral e escrita. E outras, que colocavam a dificuldade nas atividades que precisava do uso da TV e vídeo por ainda não terem na escola o kit tecnológico infelizmente.

Nos plantões pedagógicos, espaço de grande relevância para o atendimento aos cursistas, estes foram recebidos muitos cursistas para explicar questões

relacionadas às atividades, solicitação de gravação de fitas, esclarecimentos de dúvidas enfim o apoio fundamental ao bom andamento do curso.

Após este momento aconteceu certo distanciamento em relação aos professores, visto que nos dias em que fui até a escola eles estavam bastante atarefados com as atividades e final de ano (avaliações, cadernetas, recuperações, etc.) e pediram que fosse dado um tempo maior para que respondessem as atividades. Sendo também professora e tendo ciência da dificuldade que este período representa para todos nós, deixei-os a vontade para que pudessem resolver suas pendências com a escola. Transcorrido o mês de Dezembro, e nos meados de Janeiro entrei em contato com a escola e soube, através da coordenação, que uma boa parte dos professores estava de férias, mas que um pequeno número estava se reunindo para responder as questões do curso, tentei entrar em contato via telefone e tive mais uma dificuldade, é que o nosso telefone (do NTE) passa a maior parte do tempo mudo, portanto incomunicável. Quando o mesmo funciona tem a questão do celular, esta linha não faz ligações para celular, e uma boa parte dos professores eu não consigo contactar no telefone residencial. Fiquei um pouco apreensiva porém resolvi aguardar o momento presencial, qual foi a minha surpresa quando só contei com um número muito reduzido de professores cursistas, cerca de 20. Falei com alguns e conforme o combinado com a coordenadora, prolonguei o prazo de entrega, tendo a esperança que eles cumpram. Durante os meus plantões tenho recebido a visita de poucos professores, nestes momentos de plantão fico contactando-os através do telefone onde procuro reanimá-los e combinar a entrega de atividades e tirar algumas dúvidas existentes. (VA)

Acredito que estou fazendo o possível para ajudá-los, como também deixar bem claro que o objetivo do curso é a sua atuação e o seu entendimento sobre as tecnologias da comunicação e da informação e a integração dessas no seu contexto escolar. Para isso tentei ajudá-los a entender melhor os conteúdos abordados em cada unidade do módulo. (...) é necessário que ajudemos os nossos cursistas a reverem seus conceitos e posicionamentos acerca da sua prática, refletindo sobre suas concepções de ensino-aprendizagem, conscientizando-os sobre o fato de que utilizando bem estes recursos, podemos despertar nos alunos, o gosto pelo aprender, além da formação do senso crítico dos mesmos. (MA)

O tutor neste curso, teve a função de estimular, motivar e orientar o estudante a acreditar em sua capacidade de organizar sua atividade acadêmica e de auto-aprendizagem, oferecendo suporte necessário para que ele possa superar os problemas que for encontrando no seu percurso, tanto no que diz respeito à compreensão dos temas específicos em estudo, quanto na adaptação à modalidade de EAD.

3.2 - Resgate dos evadidos/desistentes

Alguns tutores encontraram formas criativas para resgatar e inserir o professor cursista no andamento do curso, enfatizando que a postura que o tutor adota é fundamental para que seja adquirido um resultado satisfatório no desenvolvimento e crescimento real do aluno. A seguir, temos o relato de uma reunião de tutoria:

Tivemos a 1ª reunião de tutores no dia 31 de julho, na qual a coordenadora apresentou o material já organizado para os momentos presenciais (transparências), a serem realizados no período de 20 a 26 de agosto, informou o cronograma do curso, e apresentou os tutores selecionados para a 4ª turma. Ficou definido também que a estrutura de gravação dos vídeos seria mantida. Foram definidos os plantões nos pólos, sendo 2 em cada módulo. Nesta reunião foram distribuídos os alunos por tutor. A 2ª reunião foi realizada em 15 de agosto, para orientar quanto a realização dos momentos presenciais, especialmente no que se refere às informações relevantes para os cursistas. Foram dadas orientações gerais, tais como: acompanhar o aluno de perto, seja por carta, por telefone ou por e-mail, incentivando-o a não desistir na primeira dificuldade; separar os melhores trabalhos para xerocar e arquivar, preparar as correspondências tanto para confirmar o momento presencial, como as que forem necessárias ao longo do curso. Foi salientada a necessidade de cumprir os plantões estabelecidos, o preenchimento das fichas de acompanhamento dos alunos, organização da lista de frequência para o momento presencial e uma outra identificando os cursistas por escola e município. (AN)

3.3 - Plantões, envio de atividades e acompanhamento dos cursistas

Os plantões foram momentos muito ricos neste curso. É nesta ocasião que os cursistas têm a oportunidade de tirar suas dúvidas. O contato pessoal entre o cursista e o tutor é o momento que o cursista sente-se à vontade para

questionar, debater e pedir auxílio para responder as atividades e, sobretudo, de como construir o memorial.

Abaixo, temos um exemplo de atendimento aos cursistas:

Dos dias 18 a 26/09, atendi cursistas por telefone para tirar dúvidas de atividades, telefonei para cursistas resolvendo os recebimentos dos módulos, conversei pessoalmente com mais três cursistas sobre as dúvidas e o envio das atividades para análise. Fiz também atendimento a um cursista em três momentos, onde analisei e fiz as devidas orientações sobre o trabalho, orientei-o também para que assistisse ao vídeo do curso para de complementar o estudo. Nos demais dias atendemos a cursistas por telefone e pessoalmente, tirando dúvidas sobre as atividades e o memorial. Percebendo que as dúvidas se encontravam nas atividades 04 e 23, onde se abordavam as questões da leitura interpretativa da TV e sobre o uso dos games, fizemos algumas análises de programas e propagandas para ver como a TV usa imagens e sons, com cores brilhantes para desprezar essa leitura e mascarar as suas falhas, contribuindo para sermos analfabetos televisivos. (...) Foi muito bom, pois foram tiradas todas as dúvidas que ainda tinham. (MA)

As atividades tiveram um prazo de entrega determinado pela coordenação e os tutores. No início de cada módulo era divulgado aos cursistas as atividades e o prazo da entrega. Percebemos grandes avanços no desempenho dos cursistas em relação ao desenvolvimento das atividades, motivando-os a busca da grade de programação da TV Escola e fitas de vídeo para responder as atividades propostas no módulo. Verificamos também que houve um envolvimento e entendimento maior em relação a metodologia do curso e seus instrumentos de avaliação.

No quadro a seguir, temos um exemplo de plantões de tutoria, acontecidos durante o módulo 2:

Plantão	Ações Desenvolvidas
1º	Elaboração de correspondências para os cursistas definindo o local, data e horário do 1º momento presencial; definição das regiões de responsabilidade de cada tutor.
2º	Digitação do banco de dados, com os nomes dos cursistas, endereços e telefones; elaboração das fichas de acompanhamento dos cursistas.
3º	Marcação dos plantões no interior. Passamos o restante do plantão telefonando para as CRE's, para fazer o levantamento do número de cursistas.
4º	Ligar para os cursistas do interior, para avisar das vagas e do dia do momento presencial.
5º	Realização do momento presencial e de entrega dos módulos aos cursistas das CRE's, onde foram discutidas as atividades propostas.
6º	Prosseguimento nas inscrições e entrega do módulo I; orientamos para a elaboração do material do curso – aproximadamente 20 pessoas; organizamos os cursistas por tutores; enviamos as correspondências aos cursistas.
7º	Momento presencial, realizado na sede da CRE e entrega do I módulo para aqueles que não foram no momento presencial inicial; discussões sobre as atividades, orientações; inscrição de cursistas, a ansiedade do primeiro encontro com outros cursistas, cuja intenção era motivar a participação de todos para evitar a desistências deles.
8º	Divisão dos cursistas restantes fazendo o levantamento por escola e dos cursistas que receberam o módulo I; começamos a receber fitas para a gravação do módulo I; atendimento por telefone aos cursistas.
9º	Preenchimento da lista dos cursistas para colocação dos conceitos – na ficha elaborada pelos tutores.
10º	Orientação aos cursistas sobre as atividades propostas – 08 e 34; continuamos a listagem dos cursistas para a ficha de conceito.
11º	Atualização da listagem dos nomes dos alunos; atendemos cursista, sobre a estrutura (formato) das respostas; telefonamos para CRE com o objetivo de fazer um levantamento das inscrições realizadas.
12º	Recebimento de devolução de correspondências, organização dos certificados dos cursistas, por ordem alfabética.
13º	Entrega dos módulos aos cursistas, recebimento de fitas para a gravação do I módulo.
14º	Recebimento de e-mail marcando a reunião com tutores; atendimento pelo telefone de cursistas com a dúvidas sobre as atividades propostas.
15º	Momento presencial: tirar dúvidas sobre a elaboração do memorial; aplicamos uma leitura e discussão das questões através das respostas dos cursistas, já apresentadas; dentre as outras atividades as de número 08 e 23, sendo levada xerox da reportagem da revista Superinteressante.
16º	Telefonei para os cursistas, que por algum motivo não receberam as correspondências, telefonei para a CRE para avisar do envio dos módulos restantes; atendemos cursistas sobre as questões 08 e 34, como também para pegar as fitas gravadas.
17º	Reunimos com os tutores para o levantamento parcial dos tutores.
18º	Iniciamos as correções dos trabalhos recebidos, fazendo observações e atribuições de conceitos.
19º	Recebimento de trabalhos.
20º	Recebimento dos trabalhos; atendimentos pelo telefone.
21º	Treinamentos e capacitações dos tutores. Pauta: avaliação e relatório do módulo I; correção dos trabalhos; planejamento do II módulo; ambiente virtual do curso; algumas comentários foram feitos oralmente; definiram-se os momentos presenciais do II módulo.
22º	Elaboração e envio das correspondências para os cursistas, através de mutirão dos tutores, parabenizando e convidando para o momento presencial.

3.4 - Análise e avaliação das atividades pelos tutores

Uma das atividades nas quais os cursistas encontraram maior dificuldade foi o projeto de trabalho final, devido a falta de experiências em elaborar e executar um projeto didático em sala de aula ou direcionados para os gestores. A falta do kit tecnológico funcionando nas escolas também foi um dos fatores que contribuíram para o aumento destas dificuldades.

Constatamos a busca de informação nos plantões em relação a procura nas gravações das fitas. Os cursistas demonstraram maior conscientização em relação aos trabalhos, o que estimulou a autonomia dos professores no que se refere a pesquisa e a utilização das tecnologias, provocando uma mudança na prática pedagógica de sala de aula.

Ao analisar as atividades realizadas, constatamos que a cada módulo o compromisso e a responsabilidade foram evidenciados e também o quanto eles expressaram sua opinião em relação a importância do curso, destacando que através dos estudos e respostas das atividades propostas tiveram oportunidade de colocar em prática o uso, de forma integrada, das tecnologias existentes na escola. Outro ponto que enfatizamos é a elaboração do memorial no qual vivenciaram a prática da auto-avaliação, possibilitando ao cursista a reflexão do processo de construção do conhecimento, bem como uma reflexão sobre seus limites, dificuldades e possibilidades frente aos desafios das tecnologias.

Vimos que, no decorrer dos módulos, as atividades com maior dificuldade de realização se deram pela ausência ou mal funcionamento dos equipamentos. A dificuldade estava no Kit tecnológico com defeito ou carência no acervo de vídeos que as escolas não tinham disponíveis. Atividades que exigiam a visita à videoteca, conhecer e comentar sobre um programa da TV Escola e o planejamento com uso de um vídeo na sala de aula.

Mas as dificuldades não eram pedagógicas mas de problemas com os equipamentos sem manutenção. Para isso seria necessário se deslocar a Secretaria de Educação para gravarem o vídeo a ser aplicado na sala de aula, quando o vídeo e TV estão funcionando.

Percebemos alguns cursistas com dificuldades, principalmente de leitura e compreensão. Não acompanhavam a evolução das atividades, mesmo assistidos pela tutoria. Não sabiam relacionar diversos tipos de linguagem. Faltavam-lhes construir competências e habilidades para continuarem. Muitos trabalhos foram devolvidos para que fossem refeitos.

Mesmo com as dificuldades, entre as quais a falta de hábito de estudo por parte de muitos cursistas, pudemos observar no desenvolvimento do trabalho de tutoria, que houve aprendizagem, troca de experiências, desenvolvimento dos cursistas. Conforme as redações dos memoriais, verificamos que o trabalho em dupla foi uma proposta enriquecedora, uma vez que proporcionou troca de idéias, discussões, fortalecendo assim a continuidade, a construção de opiniões sensatas e coerentes, mesmo existindo a subjetividade de cada cursista.

Os tutores perceberam que muitos alunos não souberam interpretar algumas questões, alguns não fizeram a devida leitura, já que na questão 34 alguns se referiram a escola aberta como abrir a escola para a comunidade não com um programa da TV escola. Mas sem dúvida nenhuma, a maior dificuldade dos cursistas, é não ter acesso ao Kit tecnológico em sua própria escola.

MOTIVO DA PROCURA DA TUTORIA	PROCEDIMENTOS E ENCAMINHAMENTOS DADOS PELO TUTOR
Elaboração do memorial	O tutor explicou que o memorial é um registro pessoal das dificuldades, dos percalços e empecilhos encontrados no decorrer do curso como também as mudanças de enxergar as tecnologias no processo ensino-aprendizagem como mediadora ou facilitadora da prática pedagógica na sala de aula. Foi apresentado alguns pontos básicos para produção do memorial como principais dificuldades encontradas no decorrer do curso solicitando ao cursista a descrição de como a superou como também as mudanças, caso houvesse ocorrido, na prática pedagógica com a utilização do vídeo e TV no processo ensino-aprendizagem. Foi dito a cursista que o memorial era resultado da sua percepção pessoal do curso, no qual ela registraria suas impressões, questionamentos e meios encontrados para solucionar os problemas. A cursista foi orientada a registrar suas impressões do curso, apresentar as modificações na sua prática pedagógica, os principais empecilhos encontrados durante o primeiro módulo.
Dificuldade de realizar as últimas tarefas do módulo haja vista o kit não funcionar na sua escola	Foi solicitado a cursista que respondesse as perguntas por ser exigência do curso a realização de todas as atividades. Foi sugerido que procurasse fitas na Secretaria de Educação já que não possuía na sua escola e que procurasse uma escola que pudesse manejar o kit tecnológico. O tutor providenciou a grade da programação, na qual o cursista poderia selecionar os programas mais adequados para responder as atividades propostas.
Desmotivação em continuar o curso devido a falta de tempo para estudar e debater o assunto do módulo com sua colega.	Foi ressaltada a importância do curso e a cursista foi estimulada a continuar no curso apesar dos problemas citados por ela.
Esclarecimento sobre a formação de dupla e como esta deveria trabalhar.	Foi assinalada a importância do trabalho ser realizado em dupla pela abertura de troca de idéias, debates e/ou discussões e sobretudo a facilidade de responder as atividades.
Organização do trabalho e solicitou um tempo mais longo para entregar as atividades, haja vista não ter participado do momento presencial.	Foi explicado que os trabalhos poderiam ser enviados pelo correio ou via e-mail. Foi salientada a importância de enviar até o último prazo para entrega das atividades mas se acaso encontrasse problemas em enviar até a data determinada entrasse em contato com a coordenação.

Esclarecimento sobre a execução das atividades 31 e 32 já que ela era diretora e não trabalhava em sala de aula.	A cursista foi incentivada a procurar um professor que usasse frequentemente a TV e o vídeo na sala e após anotasse os procedimentos que o professor realizou usando o vídeo. Foi solicitado que elaborasse um planejamento de aula e o uso didático do filme assistido.
Correção de atividades	Após ler as perguntas, foi percebido que algumas atividades precisavam de correções, de uma análise mais profunda e/ou reflexiva. Foi sugerido que a cursista debatesse com outros cursistas que assistiram a programação da TV Escola para ter embasamento maior para responder as atividades.
Estrutura ou forma que deveria ser confeccionados e entregues as atividades e o memorial.	Foi explicado que não se preocupasse muito com estética do trabalho, apenas que fosse organizado e poderia ser entregue manuscrito, datilografado ou digitado, mas que a escolha era dela. Foi enfatizada a importância dos conteúdos e informações apresentadas nas respostas.
Problemas em responder as questões, como também os meios disponíveis para enviar os trabalhos após concluídos.	Foi explicado que as respostas eram pessoais e que deveria consultar o módulo para aprofundar o conhecimento sobre os assuntos. Foi sugerido ao cursista que enviasse as atividades por e-mail para facilitar o seu trabalho, já que o mesmo tinha acesso à Internet.
Dificuldades de responder as questões do módulo e dúvidas sobre a elaboração do memorial.	O tutor leu, juntamente com a cursista, as perguntas e fez um breve comentário dos assuntos abordados no módulo. Incentivou a cursista assistir o vídeo, o qual esclareceria bastante e a ajudaria a elaborar o memorial e a responder as perguntas propostas. Enfatizou que o memorial é uma espécie de "diário" no qual ela deveria anotar os problemas encontrados.
Dificuldades na elaboração do Projeto	O objetivo do projeto era despertar a cursista a incorporar na prática pedagógica a utilização dos recursos audiovisuais que seriam mais interessantes e produtivos. Foi ressaltada a importância de realizar trabalhos com projetos, como forma de enriquecer a prática pedagógica. Em seguida, foi explicado os procedimentos que o cursista deveria seguir para produzir um excelente projeto, enfatizando a necessidade de leitura dos módulos anteriores, os quais seriam de grande auxílio na elaboração do projeto.
Desmotivação por não encontrar tempo hábil para responder as questões.	O tutor motivou a cursista a permanecer no curso como também procurar outros cursistas para debaterem as atividades. Foi proposto que se reunissem com cursistas nos finais de semana para assistir outros vídeo da TV Escola.
Prazo de entrega das respostas dos módulos e a possibilidade da gravação de fitas com a programação.	Foram providenciadas a gravação em fitas de vídeo, dos programas de apoio, como também um dos programas do TV Escola.
Dificuldade de utilizar vídeos da TV Escola, com alunos especiais.	O tutor escolheu com a cursista outros vídeos onde pudessem inserir as crianças especiais tendo um bom aproveitamento nesta atividade.

3.5 – Acompanhamento da Tutoria

O processo de tutoria foi acompanhado pela coordenação a partir dos encontros de capacitação e dos memoriais enviados pelos tutores. Os memoriais conduzem a uma reflexão sobre a realização dos objetivos do curso e sua prática na escola, contém as atividades de avaliação de desempenho, para validar os resultados de seus estudos e é um documento no qual escrevem suas impressões sobre a aprendizagem do cursista,

acertos e avanços mas também as faltas, momentos de dificuldades, as paradas. Exemplo de avaliação dos tutores, enfocando a aprendizagem do tutor no curso:

Agora que chegamos ao final do curso, sinto o quanto foi importante participar como tutora. Constatei a necessidade do uso das tecnologias para um bom desempenho das aulas. A televisão, pelo seu poder de sedução sobre o homem, é um fator de mudança muito importante no modo de aprender, e utilizada de forma educativa pode transformar a sala de aula em um ambiente atrativo para os alunos. Penso que o acompanhamento dos avanços tecnológicos e suas mudanças constantes, representam um desafio para os educadores conhecer as tecnologias, compreender suas mensagens e aplicá-las no processo ensino-aprendizagem. (AM)

Na conclusão do módulo, percebi que cresci juntamente com os cursistas, aprimorei a minha prática pedagógica e também errei em alguns pontos principalmente referente a organização pessoal, porém, essas falhas não deixaram de ser aprendizado e incentivo para alcançar as prerrogativas postas sobre a função do tutor. Espero continuar contribuindo para o sucesso dos cursistas nos módulos seguintes. Outro ponto importante foi a integração e auxílio mútuo entre os tutores e funcionários da Secretária de Educação pertencentes ao Programa de Tecnologia Educacional. (AR)

Ao observarmos os meios de comunicação criticamente, percebemos que as informações transmitidas pela televisão aparecem cheias de imagens e sons, trabalhando o visual e sensorial, despertando o emocional com muita propriedade, burlando o nosso senso crítico e fazendo-nos analfabetos visuais. Mas, todos esses fatores serão inibidos quando a escola começar a integrar no seu currículo a leitura de mundo e a inserção das tecnologias, podendo o professor em suas aulas conhecer, discutir e analisar sobre os meios de comunicação, contribuindo para o combate a falta de critérios desenvolvida por esses meios. Assim, teremos não somente um mero transmissor de imagens, idéias e fatos, e sim, um difusor de conhecimentos. É o professor que, fará um bom uso desses recursos, permitindo a participação dos alunos de forma dinâmica e significativa, integrando-os com o objetivo de promover a aprendizagem no sentido amplo de preparação para a vida, inclusive sem excluí-los desse conhecimento que é exigido a todo o momento, no

trabalho, na rua, em casa, no mundo, hoje denominado “sociedade tecnológica. (MA)

É notória a importância da atualização do professor, pois como vemos as informações hoje nos chegam muito rápidas, assim como, as mudanças que ocorrem, exigindo de todos uma atualização constante para acompanhar o desenvolvimento que a tecnologia tem proporcionado. É com a contribuição dessa tecnologia, através da utilização dos recursos da Educação a Distância, que os profissionais de educação que não tiveram oportunidade de completar seus estudos por dificuldade de locomoção, tenham condições de se atualizarem, com a formação continuada, renovando os conhecimentos e incentivando uma mudança na prática pedagógica. (MA)

Verificamos que os tutores foram capazes de coordenar discussões e trabalhos em grupos, problematizar os temas propostos, mobilizar os conhecimentos prévios dos cursistas, dar-lhes feedback do seu desempenho e, ajudá-los na recuperação de conteúdos e habilidades que não atingiram plenamente.

Os memoriais dos tutores relatam todas as expectativas e experiências adquiridas com o curso, desde o seu momento de implantação. A importância da convivência com a metodologia e conteúdo do curso como aprendizes, analisando e refletindo mais de perto, aprofundando os conhecimentos sobre os avanços das tecnologias no mundo e a necessidade da inserção das mesmas nas escolas, oferecem a oportunidade dos tutores ficarem mais próximos dos cursistas que utilizam os recursos nas escolas, conhecendo suas dificuldades e procurando junto buscar soluções para ampliar o uso das TIC na escola.

Os tutores também avaliavam, quinzenalmente, os memoriais dos cursistas, os quais relatavam o desenvolvimento, as dificuldades, as experiências e as reflexões do cursista durante o curso.

Nos memoriais, estão expressas as impressões dos cursistas sobre o curso, a reflexão sobre a prática pedagógica e a necessidade de melhoria desta, como podemos perceber nas falas dos tutores e cursistas a seguir, que enfocam a relação do professor com as informações disponibilizadas através do material do curso.

Com esse memorial falarei um pouco da troca de experiências e informações adquiridas no decorrer da minha tutoria, na edição anterior, onde, analisamos fatos, trocamos idéias e, até,

solucionamos problemas referentes ao programa TV Escola, e ao uso adequado da tv e vídeo na sala de aula. Assim, pude fazer um balanço das contribuições que este trabalho integrado do curso possibilitou avaliar melhor as ações do programa no Estado, priorizando as necessidades das escolas no tocante ao uso das tecnologias, que ora chegam para atender aos avanços que a sociedade exige. (MA,)

Adorei as dicas, exemplos de vídeos por disciplinas, isso nos leva a fazermos gravações, empréstimos, nos dá meios de pesquisar em outras fontes, a utilizar novos recursos ao trabalharmos determinados assuntos(...), vejo hoje a TV e suas programações como aliada para formular opiniões e conceitos educativos com os alunos”. E que nesses estudos viram que: “a telenovela mostra fatos que ocorrem na vida real. No entanto, acreditamos que ela deve ser discutida, para então se destacar os benefícios ou malefícios que podem acarretar caso alguém queira seguir o exemplo de algum personagem (...), ela poderá contribuir para o processo de ensino aprendizagem, no entanto, é preciso que se tenha claro qual é o objetivo. (AC)

Os memoriais já estão mais estruturados, buscando relatar as dificuldades e avanços, fazendo referências aos conteúdos trabalhados pelo módulo e a prática pedagógica. Alguns curtos, mas ricos em informações e experiências. (MA)

Alguns memoriais não foram bem trabalhados, pois se envolveram no projeto e esqueceram de melhor relatarem sobre o que adquiriram no decorrer do trabalho, empobrecendo-os. Os demais trouxeram relatos interessantes, como o abaixo:

todos os trabalhos foram muito importantes para nós, são trabalhos que não iremos esquecer, riquíssimos em conhecimentos e experiências diz também que “(...) os novos conhecimentos adquiridos permitem que hoje enfrente as questões diversas com segurança e que os recursos utilizados no curso constitui para mim um valioso agente de mudanças para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem. (MA)

O Projeto Final do Curso foi a atividade que mais apresentou dificuldades, porque muitos cursistas nunca haviam trabalhado com projetos e os que já haviam elaborados algum anteriormente, sentiram dificuldade por não terem dado ênfase

a utilização dos audiovisuais. Mas, apesar destas dificuldades, os tutores observaram que os avanços foram bastante evidentes e demonstraram que os conhecimentos adquiridos no curso contribuíram de alguma forma na melhoria da prática pedagógica.

O terceiro módulo do curso provocou uma reviravolta, na opinião dos cursistas, quando tiveram que analisar criticamente as mensagens audiovisuais e os programas de tv vistos diariamente, levando a conhecer seus bastidores, sua produção, para vivenciar e compreender como se dá todo este processo, que é visto na TV já pronto, parecendo ser fácil e rápido de ser montado.

Nestes módulos são colocadas as propostas de inserção da uso do vídeo e da tv na escola, já a partir da discussão no Projeto Político Pedagógico, o que favorecerá a sua utilização, garantindo efetivamente uma aula inovadora e dinâmica.

Muitos cursistas demonstraram interesse em filmar seu projeto e as atividades desenvolvidas, querendo até alugar filmadora para registrarem estes momentos.

Algumas propostas de projetos:

Leitura na escola, que visa conscientizar os alunos sobre a importância da leitura e que a partir de uma reflexão possam mudar de atitude.

Despertando e valorizando o uso do audiovisual na escola, que visa despertar e incentivar a valorização e manuseio dos recursos audiovisuais.

Uso das tecnologias vivenciando situações reais de ensino aprendizagem – proposta que insere o conteúdo do curso no processo de formação continuada dos professores alfabetizadores (PROFA);

Escola Viva – proposta de organização de uma sala de recursos audiovisuais, programando os vídeos a serem utilizados bimestralmente por professores de 1ª a 4ª série, com acompanhamento e avaliação periódicos.

Inclusão do uso de recursos audiovisuais no Projeto Político Pedagógico – proposta para um trabalho de articulação de atividades com uso de tv e vídeo, com o objetivo de reverter o quadro de repetência da escola, aumentando a qualidade da aprendizagem dos alunos.

Produção de vídeo escolar em Matemática – proposta para organizar um vídeo com os principais temas de matemática aplicada ao nosso dia-a-dia.

Documentando nossa história – proposta de produção de um vídeo resgatando a história do município de Lagoa da Canoa.

Centenário de Cândido Portinari que resgata um pouco da história da arte, analisando suas obras e mostrando que ao trabalhar o vídeos em sala, ajuda na aprendizagem e desperta o senso crítico e criativo dos alunos;

Desembrulhando a aprendizagem diante da TV, que surgiu quando uma aluna em conversa informal na sala de aula, falou que “ toda vez que surgisse um modelo novo de sandália ela iria comprar”. Daí veio a lembrança dos estudos do módulo 3, e resolvemos estudar esse tema, por reconhecermos ser a mesma um veículo importante no processo de ensino-aprendizagem, passando a construir uma consciência crítica do que assistem.

Utilizando o vídeo “Uma baita embalagem” - aborda a questões referentes a televisão, enfocando os aspectos positivos e negativos. Trabalha o processo de produção de um audiovisual, criando roteiros de filme e comercial, abordando o conteúdo “reciclagem”, fizeram entrevistas imitando repórter. A culminância se da com uma exposição de todos as produções e a apresentação da produção do comercial e telejornal utilizando uma TV de caixa de papelão.

Cine-Vídeo na escola - levar para a sala de aula o uso dos audiovisuais, exploram através de filmes, diversos conteúdos curriculares, possibilitando a ampliação do universo cultural do aluno, onde cada filme utilizado será analisado, resultando em resumos, resenhas, críticas, etc.

Compartilhando desafios com as novas tecnologias - proposta de trabalhar programas de TV em sala de aula, analisando-os criticamente, fazendo assim, melhor uso dessas mídias. E portanto intensificando o uso da TV e vídeo na escola.

O Cordel e a TV na escola - resgate da literatura de cordel, cultura popular tão rica e tão poderosa. Trabalhando com programas de TV e produções audiovisuais nas áreas de língua portuguesa, literatura e arte.

Vídeo como meio de expressão escrita e oral - parte da dificuldade que os alunos de 5ª série apresentam ao trabalhar interpretação e escrita e do resultado dos estudos do módulo 3, que ajuda a trabalhar o recurso da TV como estratégia pedagógica para motivar o aprendizado e informar o aluno, além de exercitar a liberdade de expressão, auto-estima, produção de texto e a criticidade.

Matemática e audiovisual: uma parceria que dá certo - desenvolver um trabalho inserindo ao ensino da matemática o auxílio de TV e vídeo, visando uma aprendizagem mais significativa, que a partir de experiências do cotidiano, busquem soluções para os problemas que envolvem a matemática.

A maioria dos projetos entregues foram muito significativos e tivemos a convicção que os conteúdos trabalhados durante o curso foram assimilados pelos cursistas, como no depoimento abaixo

acho importante destacar que está é sem duvida a atividade mais importante ao longo do curso, nos coloca frente a frente a um desafio de por em prática todo o conjunto de conhecimentos que construímos ao longo do curso, é sem dúvida o momento de mais nos instiga a refletir sobre o uso da tv/vídeo na sala de aula, já que é essencial pensar numa

prática fundamentada na teoria e por a teoria de forma coerente em prática. (EC)

Na avaliação de alguns projetos, foram solicitadas reformulações, por não corresponder com os requisitos exigidos para a elaboração dos mesmos. Após a correção, os cursistas sentiram que foi uma experiência difícil, mas compensadora, por aprofundar os conhecimentos sobre a utilização das TIC, conforme depoimento da tutora abaixo transcrito.

Fui muito procurada em virtude do trabalho final do curso e as dúvidas geradas por ele, principalmente pela dificuldade em se montar um projeto pedagógico com a utilização do audiovisual. Percebi a deficiência dos professores em dominar este recurso, recorrendo inclusive a projetos já existentes em sua escola, mais que não correspondiam as necessidades do curso. Por este motivo, a coordenação resolveu prorrogar a data da entrega dos trabalhos, dando chance dos projetos serem refeitos e melhorados. (Ana)

Contribuições do Curso na Prática Pedagógica

As palavras dos participantes concluintes no que diz respeito aos pontos, contrapontos, relevâncias e impactos sociais foram:

No momento pensei: estou no lugar errado e na hora errada. Sabe porquê? Moro na zona rural, um pouco afastada da cidade e da civilização, na minha casa não tem energia elétrica e nem tão pouco disponho de TV, vídeo e muito menos antena parabólica.... Mas busquei e encontrei apoio com os colegas de trabalho, que dispuseram de emprestar-me o vídeo. A cada atividade que terminava era uma tarefa cumprida, novos conhecimentos adquiridos e mais suporte para a minha prática pedagógica. Mas, apesar de tudo, valeu a pena. Estou feliz. E não vou desistir. (MA)

A TV Escola mostra várias maneiras de se trabalhar, tornando a sala de aula um ambiente inovador, provocador de polêmicas e compete ao educador direcionar as discussões problematizando, levantando o aluno a pensar, transformando as informações em conhecimentos, desenvolvendo a criticidade do aluno, tornando-o um agente ativo, capaz de intervir na transformação da sociedade mais humana, justa, igualitária, incluyente e exerça a cidadania de forma consciente. As dificuldades foram

superadas, com o apoio do vídeo, a fita é clara e evidente. É uma honra poder desenvolver os trabalhos com apoio de tecnologias que são de fundamental importância na aprendizagem dos alunos e enriquecem os projetos desenvolvidos baseados nas programações enviadas pela TV Escola, ajudam muito a todos nós professores. (JC)

Na escola em que leciono na zona rural, infelizmente não possui esses recursos tecnológicos, mas espero que futuramente possamos nos dispor dessa nova tecnologia, colocando em prática os conhecimentos adquiridos através desse curso. Foi maravilhoso e só tenho a agradecer por ter a oportunidade de adquirir novos conhecimentos para meu crescimento profissional e intelectual, pretendo participar de novos cursos para me aperfeiçoar cada vez mais. (LU)

Dificuldades na Realização do Curso e Evasão

Dificuldade de acesso de muitos professores aos vídeos, por problemas nos equipamentos ou na gestão das escolas; o período de realização das atividades impossibilitou a prática, de forma que alguns professores relataram experiências já vividas, ou apenas disseram o que poderiam fazer; alguns professores inclusive desistiram diante da impossibilidade de realização prática de algumas atividades; apesar de terem avaliado o material como excelente, percebemos na elaboração das questões dificuldades de compreensão, contradições; alguns professores se organizaram em grupo para estudar, mas não tiveram o cuidado de elaborar individualmente o seu material, gerando a apresentação de atividades muito semelhantes, apenas com troca de palavras; durante os momentos presenciais percebemos que a maioria dos cursistas não participou para esclarecer dúvidas porque não havia ainda lido o material do primeiro módulo, mesmo aqueles que receberam ainda em novembro; desistência de muitos cursistas, que alegam não ter tempo para estudar e realizar as atividades do Módulo, mesmo com a ampliação dos prazos; falta de entendimento para elaborar o memorial. Observamos uma disparidade intelectual entre os alunos; dificuldade de acesso de muitos professores aos vídeos, por problemas nos equipamentos das escolas; falta de tempo para apreciação dos programas e vídeos; apesar de terem avaliado o material como excelente, percebemos na elaboração das questões dificuldades de compreensão; Muitos professores alegam não ter condições de responder algumas das atividades por estar fora de sala de aula.

Quanto aos poucos alunos que evadiram neste módulo 3, foram cursistas que não se enquadraram dentro da metodologia do curso, pois tentei resgatá-los de várias maneiras, desde atendimentos individuais em horários e dias disponíveis deles, independente dos meus plantões, até aulas e montagens de projetos que servissem de exemplo de estudo para eles. Sinto que meu dever foi cumprido pois verifiquei no relato do memorial dos alunos o quanto foi importante para eles quando eu ligava, cobrava, dava força e até desafiava dizendo que conhecia a sua capacidade e competência e sabiam que podiam fazer melhor. Isto influenciou-os e impulsionou-os para continuar. Percebi que construímos uma relação sincera e segura que entende os limites e avanços de cada um. Isto para mim enquanto tutora é muito gratificante, pois sei que cada avanço está diretamente ligado a minha parceria. (AC)

Ao refletir sobre a clientela “vaciladora”, observamos que o prazo, mesmo prorrogado, ainda não era suficiente para animá-la. Reclama-se de jornadas de trabalho, dos compromissos escolares exigidos no final do ano; e, às vezes, notava-se, sutilmente, que tudo não passava de medo. Ora, como já é conhecido, todos têm medo de mudanças; acomodam-se, resistem às inovações. A inibição dava-se, também, pelo desconhecimento total do suporte pedagógico que a TV ESCOLA oferece aos docentes; inclusive, a dificuldade de manuseio com relação aos equipamentos, seja pela falta de interesse ou pelo difícil acesso ao kit, na escola; ficando assim, mergulhados na obscuridade da lógica da tecnologia e sua maneira particularizada. Observamos, ainda, nos contatos com outros cursistas que eram contaminados pelos desistentes que os desestimulavam com idéias pessimistas. Com receio da evasão, tínhamos o cuidado para que esse desânimo não chegasse à massificação e, assim, a clientela ficasse reduzida, reduzidíssima! (AC)

É triste e comprometedor a falta de interesse e até mesmo de conhecimento de alguns de nossos colegas que desistem nas primeiras dificuldades ou simplesmente porque acham que “dá muito trabalho”. Fico muito preocupada em relação ao material que foi entregue, porque se foi lido, que não temos certeza contribuiu para o conhecimento destes mas, se foi engavetado sinto pelo desperdício para com o dinheiro público. Inclusive sugiro até como prevenção para os próximos Módulos

uma correspondência informando da devolução do material mediante a desistência. (NA)

Os participantes que desistiram e evadiram alegaram as seguintes razões: depressão, entrada na aposentadoria, não era o que ela/ ele pensava, muita viagem a trabalho, falta de tempo uma vez que trabalham os três horários, atividades complexas e em grande quantidade, local de tutoria distante.

Durante essa 4ª edição do curso, discutimos muito essa questão da qualidade dos trabalhos dos cursistas e chegamos à conclusão que não podemos permitir que eles desanimem e desistam do curso, pois entendemos que estamos colaborando para que esse professor melhore pelo menos em alguns aspectos, o seu trabalho e com isso beneficiando os alunos, maiores prejudicados pela falta de competência dos professores. O curso de extensão “A TV na Escola e os Desafios de Hoje”, oportuniza que professores de todo o Estado, tenham contato com um material rico, atual, capaz de ajudá-los a refletir sobre sua prática e subsidiá-los na melhoria do trabalho pedagógico. Com isso ganham os professores, ganham os alunos da escola pública, tão carentes de um trabalho efetivo, comprometido com a qualidade necessária à formação de cidadãos. (CA)

O curso transcorreu tranqüilamente, a única coisa que me deixa apreensiva é o fato dos colegas professores cursistas terem dificuldade em cumprir os prazos estipulados para entrega das atividades, sempre que possível entro em contato com eles e tento negociar um novo prazo, tudo dentro dos limites que o curso oferece. Coloco para eles a importância deste trabalho para o uso integrado das tecnologias na escola, alguns ficam sensibilizados e resolvem continuar com o curso outros devido as diversas atividades não conseguem conciliar e desistem, isto me deixa um pouco angustiada porque enquanto tutora o meu desejo é que todos terminem o curso de forma satisfatória porém sinto que isto não depende só de minha atuação, vários fatores (carga horária, trabalhar em diversas escolas, problemas pessoais, etc.) contribuem para que o professor fique desestimulado para a capacitação em serviço mesmo sabendo que este é o caminho mais adequado para que nós possamos atualizar nossos conhecimentos e exercer de forma satisfatória nossa função de educador. Durante os plantões recebi a visita poucos professores

outros preferiram telefonar. Nestes momentos de plantão fico contatando-os através do telefone onde procuro reanimá-los e negociar entrega de atividades e tirar algumas dúvidas existentes, só não consigo falar com aqueles que só informaram telefone celular já que no NTE não podemos fazer estas ligações. (MA)

Os desafios começaram a surgir mediante os conceitos de educação a distância não estar bem definidos e claros para uma boa parte dos cursistas, haja visto que uma boa parcela deles, eram a primeira vez que faziam um curso dessa natureza. Então comecei a maratona. Passei a ligar uma vez por semana para todos, incentivando-os a não desistir do curso, xeroquei vários textos que trazia conceitos de educação a distância, a utilização de vídeos em sala de aula, interdisciplinaridade, levei-os (evidentemente que alguns) para a sala onde eu trabalho para que eles pudessem fazer uma pesquisa a internet, me disponibilizei a qualquer hora, mesmo que não fosse o dia do meu plantão a tirar dúvidas, e por fim propôs um encontro no auditório da 1ª CRE onde dos cem cursistas 70 compareceram e fizemos trabalho em grupo agrupando por dificuldades de questões, objetivando atender a todos na sua dificuldade. O estudo teve uma duração de uma média de 3 a 4 horas. Este foi um dos momentos mais emocionante que já vivenciei, pois, percebi a vontade e o interesse que cada um demonstrava em trocar experiências, aprender aprender com o outro, entendi, também, que é no coletivo que os nossos professores irão refletir a sua prática. (MA)

4. Conclusão

Vimos que a atualização do professor é necessária, pois as informações hoje nos chegam muito rápidas, como também, são assim as mudanças que ocorrem, exigindo de todos uma atualização constante para acompanhar o desenvolvimento que a tecnologia tem proporcionado. Utilizando o recurso da EAD, proporciona a todos atualização e ainda possibilita aqueles que não tiveram a oportunidade de completar seus estudos por dificuldade de locomoção, a formação continuada. E junto a esses programas a TV Escola desenvolve um trabalho voltado para a formação continuada dos professores, renovando os conhecimentos e incentivando para uma mudança na prática pedagógica.

Achei a atividade 11 (2º módulo), uma das mais proveitosas, pois nunca havia assistido uma novela observando o conflito existente na cena e muito menos como poderia ser resolvido. Acabei envolvendo a minha mãe na resolução da atividade. Antes, quando um aluno falava de uma cena que havia visto em uma novela, eu mandava mudar de assunto, achava que era perda de tempo. Hoje, graças ao curso, encaro a situação de outra forma, não mais como perda de tempo e sim como meio de enriquecer a aula através da discussão do assunto abordado. (LU)

O curso nos abre os olhos ao que vemos e temos dentro da nossa casa que serve como meio de “educar” nossos filhos. Devemos estar sempre atentos ao que é exibido e ver o que se esconde por trás de cenas aparentemente inocentes. O curso é uma forma de nos educar para que possamos educar os outros. (RE)

No exercício de fazer acontecer a aproximação da TV na vida escolar as dificuldades surgiram além do medo do novo, a falta dos recursos (fitas, vídeo). Neste momento, o desejo de melhorar e o compromisso com a educação fizeram-me continuar buscando novas metodologias. Ainda não me sinto segura, mas já ensaiei algumas aulas com a TV/Vídeo. Comprovei como estes recursos são importantes, enquanto instrumentos de interação professor/aluno, onde o papel do educador nessa mediação é o de contribuir para a construção e desenvolvimento da aprendizagem com nova compreensão, na qual o professor não só ensina, como também aprende. (GR)

Através do curso, construímos competências e habilidades e ampliamos a compreensão do uso das tecnologias da comunicação eletrônica têm provocado mudanças no paradigma educacional e que todo profissional comprometido com a formação de crianças, jovens e adultos, precisa trabalhar com as tecnologias, tornando as aulas atraentes e diversificadas, buscando subsídios no acervo da TV Escola e tantos outros. (FL)

Foi um longo caminho percorrido durante estes três módulos, mas em nenhum momento pensei em desistir, pois deste curso está dependendo toda uma escola. Não se trata apenas do certificado que vou receber, mas dos conhecimentos que adquiri e que pretendo passar adiante. Meu maior objetivo é colocá-lo em prática e cada vez mais aperfeiçoá-lo e se houver outra oportunidade, facilitarei para que todos os professores também participem. (ED)

Acreditamos neste trabalho desenvolvido pela TV na escola, pois passei por todas as fases de cursista e agora como tutora do mesmo, tenho visto que o grande desafio é fazer da tecnologia presente hoje na escola, um recurso metodológico que auxilie o professor na sua prática pedagógica e de desenvolver em seus alunos uma consciência crítica e política em relação a tudo que os cercam. Este curso de extensão tem sido uma grande oportunidade de experimentar, ou seja, deixando de ser professor passivo para ser professor ativo frente às novas tecnologias no que se refere ao uso da TV e o vídeo. (CH)

Percebemos que as novas informações ajudaram os professores aprofundarem seus conhecimentos, renovando suas práticas. As experiências com o uso de vídeo, nos projetos desenvolvidos por eles na escola começaram a acontecer. Em alguns relatos falavam que “a partir desse curso sinto-me aberta para as transformações das práticas pedagógicas, aceitando sem desespero, as dificuldades e as carências existentes no meu cotidiano escolar. Sinto-me mais consciente da grande influência exercida pelos meios de comunicação e que preciso mais do que nunca incorporá-lo na minha prática docente”. Outros dizem que “a televisão domina nos lares de bilhões de pessoas, inclusive no lar de nossos alunos, por isso acho que devemos tê-la como aliada no processo de aprendizagem”. Essas colocações e a procura do setor em busca de vídeos para trabalharem seus conteúdos curriculares nos levam a dar continuidade, mesmo com dificuldades o nosso trabalho.

Constatamos através dos memoriais e trabalhos desenvolvidos que o compromisso e o envolvimento dos cursistas têm aumentado substancialmente, os avanços são constatados através do uso do vídeo em sala de aula, as concepções a respeito das novas tecnologias e principalmente o reconhecimento da importância do curso para que estas tecnologias sejam incorporadas a sua prática educativa.

Os avanços dos cursistas são evidentes e demonstram interesse e participação na utilização dos recursos tecnológicos. Em seus memoriais, as cursistas relatam o quanto é importante fazer um curso como este:

Agora, sei como observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostra-lo em minha sala de aula, discutindo com meus alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos da programação. (ML)

Diante do que foi trabalhado nesses três módulos, fica claro que é preciso assegurar aos cidadãos o acesso as informações sobre o mundo que os cerca pois a escola tem papel fundamental nessa socialização, estabelecendo diálogo e criando acesso aos meios de comunicação de massa para que os educandos tornem-se críticos e participativos. (QU)

As vezes fico pensando como passei tanto tempo sem enxergar realmente qual o papel da televisão e do vídeo em nossas vidas. De como nunca tinha parado, para analisar o recurso tecnológico riquíssimo que temos em nossas mãos e deixamos passar em branco. Lamento por todos os educadores que estão na minha situação anterior, seja por comodismo, por medo do desconhecido ou por não se darem conta que da sua participação depende a aprendizagem de outras pessoas - seus alunos- pois é uma porta para novas possibilidades. (MV)

Por experiência própria, sei que os alunos sempre preferem aulas que envolvam a utilização dos vídeos. Eles conseguem, com a utilização dessa ferramenta pedagógica, visualizar melhor o assunto e a aula cresce em dinamismo e participação. (DA)

Ufa!!! Terminei... Cheguei com mais conhecimento, conseqüentemente mais responsabilidade e comprometimento. Aprendi muito. Aprendi com os livros, com os vídeos e aprendi muito com você, quer dizer com vocês, pois todas as vezes que precisei de informações ou tirar dúvidas, vocês se disponibilizaram sempre cordiais, afetuosas, compreensivas. Vocês estão de parabéns, mostrando que a educação, o estudo, a atualização e o aperfeiçoamento são o caminho para a melhoria do nosso país, e a nossa melhoria só depende de nós. (MR)

Acredito que no decorrer dos módulos e etapas desse curso, os professores participantes como eu, obtiveram uma boa qualificação para a melhor utilização da TV e do vídeo no cotidiano da escola. O objetivo do curso, que é preparar o educador para a integração do audiovisual à sua prática foi plenamente atendido. (DAniela)

Este é o grande desafio de hoje, fazer a interação do cotidiano com o meio tecnológico. Desafio esse que começou a ser despertado e auxiliado pelo curso de extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje. Curso diferente que nos mostrou que hoje todo profissional comprometido com a formação de crianças, jovens

e adultos precisa trabalhar com as tecnologias, de modo econômico, criativo e crítico, construindo a cidadania que é um direito de todos. (MV)

Trabalhar com vídeo na escola foi uma experiência que constituiu um momento histórico para a minha escola. Pois ninguém havia se habilitado antes a fazer um trabalho como esse, por considerarem os alunos indisciplinados, violentos, sem jeito, a escola sem recursos e sem espaço. Resolvi representar o vídeo que assistimos e via em seus semblantes a expressão Eu sou capaz!. (RO)

Vejo a importância que este curso teve para nós e quanto preparou o professor, tornando-o apto a trabalhar com tv e vídeo, pois nos ofereceu um conhecimento aprofundado e enriquecido destes recursos tecnológicos em todas as suas dimensões, analisando a forte influência deles em nosso meio. (AP)

Confesso que no início não acreditava em curso a distância, mas atualmente mudei a minha concepção a esse respeito, confio totalmente em cursos assim, pois aprendi que tiramos proveito independente de onde estejamos. (VT)

Hoje sinto-me mais segura para manusear os canais de informação como o TV Escola este esta me ajudando muito a elaborar minhas aulas e facilitar o processo ensino aprendizagem, como trabalho com a formação de futuros professores, estou neste momento ministrando aulas de tecnologias em Educação e estou fazendo uso desse material distribuído pela SEE para subsidiar a transmissão dos conteúdos dessa disciplina. Chego a conclusão que está de grande valia minha participação neste curso. (AN)

Este curso é muito importante para o meu desempenho em sala de aula, porque me deu a oportunidade de inovar minha prática pedagógica, aliando as experiências adquiridas às novas tecnologias que temos ao nosso alcance. No momento, o meu relacionamento com estas tecnologias é moderado, os recursos disponíveis são poucos, mas no limite do possível tento fazer o melhor uso, para que as informações dos programas da TV Escola cheguem ao aluno com clareza e exatidão. Nestes termos eu posso contribuir para um ensino-aprendizagem de melhor qualidade. (CI)

O curso, em seu todo, atingiu significativamente o seu objetivo, pois os cursistas que permaneceram até o final compreenderam toda a sua proposta de utilização e introdução da tv/vídeo na prática pedagógica, além de fazer uma análise crítica da tv e entender como ela funciona.

Percebemos claramente a importância dele na prática dos tutores e na prática dos professores cursistas que agora encerram este curso com outra visão e cultura a respeito das tecnologias, dos desafios de hoje e do que a TV Escola é, o que ela oferece e como explorá-la.

Sinto-me feliz e gratificada em saber que toda essa conscientização e crescimento pessoal e profissional de meus cursistas passaram pela minha ajuda, análise e crítica, principalmente aqueles alunos de zona rural com carência em tudo, até sem energia elétrica mais com uma força de vontade enorme em atingir seu maior objetivo que era a percepção total do objetivo do curso, chegando neste processo final com esta visão crítica e seletiva a respeito das novas tecnologias. (AP)

O curso conseguiu sanar algumas dificuldades que o Programa TV Escola em Alagoas vinha passando desde a sua implantação, em 1996. Passamos por diversas capacitações na tentativa de ativar o funcionamento, objetivando a inserção do recurso pedagógico do vídeo no currículo da escola, como também o uso do programa Salto para o Futuro na formação continuada dos professores. Infelizmente não tivemos bons resultados, por falta de uma política que direcionasse recursos para esse fim, tínhamos sempre que programar capacitações com uma metodologia do efeito multiplicador, que só atendia a um professor por escola dificultando cada vez mais a qualidade do resultado, caindo sempre no descrédito.

Hoje, graças a muitas cobranças dos que fazem a TV Escola nos estados, o MEC buscou recursos para nos atender com esse curso que permite que vários professores de cada escola possam ser capacitados, estamos vendo que o resultado está realmente acontecendo e as escolas estão cada vez mais fazendo uso desse recurso, realizando o que tanto esperamos. Agora poderemos fazer um planejamento para acompanharmos as escolas, desenvolvendo juntos atividades integradas ao currículo da escola.

Este trabalho desenvolvido pela TV na escola tem um grande alcance no ambiente escolar, pela mudança que provoca, quando os cursistas deixam de ser meros espectadores e passam a ser mais crítico em relação ao que é visto nas TV de todo o país. Mas o grande desafio é continuar a fazer da tecnologia, um recurso metodológico

que o professor precisa se apoderar na sua prática pedagógica, desenvolvendo seus alunos para que eles também sejam conscientes de seu poder de decisão na hora em que escolhem os programas e muitas vezes utilizam como exemplos de vida. Sendo estes críticos e políticos com tudo que os cercam. Este curso de extensão tem promovido esta oportunidade de experimentar.

Como o objetivo do curso foi capacitar o professor para uso das tecnologias, percebemos que o resultado foi alcançado. Os trabalhos demonstraram que ao estudarem o conteúdo que abordam os usos da televisão e do vídeo na escola, estavam adquirindo conhecimentos que ajudariam a analisar e criticar o papel da televisão como formadora de opiniões e a responsabilidade que os educadores teriam para orientar os jovens a melhor escolherem os programas, aprendendo a analisá-los criticamente.

Ao término do curso, vimos que as escolas estão começando a buscar soluções para minimizar os problemas referentes ao uso de tv e vídeo, fazendo esforço para que os professores possam desenvolver seus projetos integrando o audiovisual ao conteúdo curricular.

Referências

BRASIL, MEC/SEED/UNIREDE. **TV na Escola e os Desafios de Hoje**. 3ª. ed. Brasília: Editora da UnB, 2002.

FARIA, Dóris et al **Análise dos resultados do desempenho dos núcleos do curso de extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje** (SEED/MEC). Disponível em: http://www.unirede.br/agenda/passados/docs/analise_resultado_tv_escola.doc Acesso em 16.04.04

MALBRAN, Maria C. **La tutoria en el nivel universitario**. Virtual Educa 2004. Disponível em www.virtualeduca.org Acesso em 10/02/05.

MASUDA, Masako. **Orientação acadêmica nos cursos de graduação a distância**. Disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/edu/textxt3_3.htm. Acesso em: 11/11/03.

NÚCLEO UNIREDE ALAGOAS. **Relatório do Curso Tv na Escola e os Desafios de Hoje**: primeira edição (2001), segunda edição (2002), terceira edição (2003) e quarta edição (2004). Maceió.

USO DE FERRAMENTAS NA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

Nara Pollyanne de Araújo Ramalho Oliveira

1. Introdução

Vivemos numa sociedade na qual a informação chega a todos os instantes e de várias formas através de livros, jornais, revistas, TV, rádio e internet. O educador atual deve educar frente a uma sociedade que muda, ajudando a desenvolver vários níveis de competência. Isto nos faz perceber a importância da formação docente em sintonia com as TIC, levando em conta que devemos usá-las para transformar a informação em conhecimento, pois “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, conhecimentos ou técnicas), mas, sim, através de um trabalho de reflexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal” (KULLOK,1999, p.70) e para isso não precisa deixar-se influenciar, pelo medo do novo e tão pouco alienar-se.

As mudanças tecnológicas refletem-se diretamente na educação. Portanto é necessário pensar em um ensino diferente, prático, ágil, dinâmico dentro de um espaço interativo, investigador e para que isso aconteça, o ensino semipresencial pode oferecer esta oportunidade, podendo desenvolver novas habilidades, aumentando a iniciativa dos alunos com outros alunos, com outras realidades de ensino, aumentando o envolvimento dos mesmos em sala, estruturando uma maior dinamicidade no processo ensino aprendizagem.

A legislação brasileira sobre EAD permite e incentiva a prática da EAD semipresencial e totalmente a distância. A Portaria nº 4059 de 10 de dezembro de 2004 deixa a critério das instituições de ensino superior a utilização da modalidade semipresencial com base no artigo 81 da Lei 9393/96 possibilitando a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que façam uso das TIC, sendo estas usadas de forma integrada para a realização dos objetivos pedagógicos, bem como para prever encontros presenciais e atividades de tutorias.

Partindo do pressuposto de que a utilização da proposta semipresencial de ensino com momentos presenciais e a distância promove a aula diversificada, dinâmica, aberta a novas interações e buscas, diminui o “conteudismo” e abre

caminhos para novos conhecimentos, as aulas poderão tornar-se mais criativas, interativas, nas quais alunos e professores se tornam leitores e pesquisadores. São estas algumas das capacidades que devem ser repassadas na condição de sensibilizar, contagiar os futuros docentes as práticas do uso das TIC na sala de aula e da proposta de ensino semipresencial como instrumento também indispensável para uma boa prática pedagógica.

A EAD, numa proposta semipresencial, não é segundo Moran (2000, p.27) [...] “fast-food em que o aluno se serve de algo pronto. É uma prática que permite um equilíbrio entre as necessidades e habilidades individuais e as do grupo – de forma presencial e virtual”. A EAD é de grande potencial para a educação pelas várias oportunidades que ela propicia e propõe.

Nas últimas décadas, devido ao surgimento de novas tecnologias, a EAD retomou fôlego, podendo a sua crescente presença ser notada nas diversas áreas de formação e atualização profissional. É o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente, pois se normalmente não estão juntos fisicamente, podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a internet e outras como a televisão, o vídeo, o cd-rom.

A EAD se apresenta hoje como uma modalidade de educação que possibilita a inovação dos procedimentos de ensino, o desenvolvimento de uma educação que utiliza os diversos meios eletrônicos de comunicação, possibilitando o acesso de novos públicos em locais distantes e dispersos geograficamente. Sandholtz et al (1997, p.68) afirma que: [...] “a experiência acumulada nesta área nos permite afirmar que não á a tecnologia que garante o sucesso da EAD.

Segundo Mercado (2002, p.15) “existem dificuldades, através dos meios convencionais para se preparar professores para usar adequadamente as novas tecnologias. É preciso formá-los do mesmo modo que se espera que eles atuem”. É preciso encontrar conexão entre a teoria e a prática nos cursos de formação docente inicial. Enfim, as TIC permitem dar um grande salto nas formas, organização e conteúdo da educação no seu sentido mais amplo, com novas funções do docente como mediador deste processo. Na EAD o presencial se virtualiza e a distância se presencializa, o professor passa a ser mais um arquiteto de conhecimentos, organizando apenas atividades que devem ser desenvolvidas pelo aluno:

Os encontros em um mesmo espaço físico se combinam com os encontros virtuais, à distância, através da internet [...] que permite que os professores e alunos falem entre si e possam formar pequenas comunidades de aprendizagem. (MORAN, 2004, p.247)

A EAD se apresenta na esfera pedagógica como mais uma opção metodológica, trazendo consigo características próprias que impõem a necessidade de novas aprendizagens por parte de quem as planeja, desenvolve e avalia, implicando, inclusive, a necessidade de que seja construída uma nova maneira de compreender o processo educativo a distância; possui muitas características distintas das identificadas no ensino presencial, como já foi especificado anteriormente.

2. As TIC na Docência do Ensino Superior

Colocar as TIC no cerne da evolução do ofício do professor, na formação inicial, é aspecto especial para a abertura que as mesmas propiciam no âmbito educativo, pessoal e na comunidade em que estes futuros professores estarão inseridos; espera-se, assim, que sua formação inicial tenha proporcionado condições para o uso das mesmas de forma adequada, possibilitando uma melhor atuação dos mesmos. Inserir o uso das TIC na formação inicial não se restringe apenas a aprender informática, saber ligar ou desligar computadores, digitar, imprimir, ou tão pouco enviar emails, e sim integrar a tudo isto as funções pedagógicas e didáticas para que a prática não se resume apenas a aulas de informática.

Por que fazermos uso das TIC na formação docente? Porque proporcionam não só à atividade docente em nível superior mas, à sociedade como um todo. O professor que utiliza as ferramentas oferecidas pelo computador terá melhor habilidade em lidar com as situações que forem surgindo no decorrer das aulas, ampliando as oportunidades de aprendizagem e seu potencial teórico mais rico e diversificado em conhecimentos e atividades, diferentemente daqueles que em sua prática não dispõem destas ferramentas. Ainda temos, no entanto, educadores que são entusiasmados, que utilizam o computador sem ter recebido em sua formação inicial esta visão voltada para o uso das TIC, que sem formação apropriada dificultam o aprender dos discentes sem lhes dar meios de uma utilização crítica dessas ferramentas; banalizando o uso das mesmas. Portanto,

A docência é entendida como transmissão rápida de conhecimentos consignados em manuais de fácil leitura para os estudantes, de preferência, ricos em ilustrações e com duplicata em CDs. [...] A docência é pensada como habilitação rápida para graduados, que precisam entrar rapidamente num mercado de trabalho do qual serão expulsos em poucos anos, pois tornam-se, em pouco tempo, jovens obsoletos e descartáveis; ou como correia de transmissão entre pesquisadores e treino para novos pesquisadores. Transmissão e adestramento. Desapareceu, portanto, a marca essencial da docência: a formação. (BARRETO, 2001, p.12)

Neste contexto de aula em ambientes virtuais de aprendizagem têm-se encontros de presencialidade, de escrita por meio da interpretação de textos, debates nos diversas ferramentas do ambiente virtual. Conhecer os interesses e necessidades dos alunos é essencial para implantá-los intencionalmente nas ações da formação docente, visando favorecer e ampliar a construção e obtenção de conhecimento por meio das TIC.

Os ambientes virtuais de aprendizagem são cenários que permitem a interação entre docentes discentes, intermediada por apoio técnico e pedagógico, que possuem ferramentas para a atuação autônoma, individual, coletiva ou monitorada. Segundo Martins (2004, p. 192) “preparar um curso “virtual” não se limita de modo algum, a “escrever páginas”, é necessário provocar reflexões, de preferência através de interações entre os colegas virtuais em fóruns, reuniões online.”

O ponto de encontro da junção presencial-virtual varia de acordo com o professor, o curso, a área e, em especial, o nível de desenvolvimento online do conteúdo programático do componente curricular a ser implementado semipresencialmente. Para Moran (2002) “o modelo tradicional carece do encontro seja ele presencial ou virtual, enquanto que o ensino presencial carece da autonomia que o bom ensino virtual tende a proporcionar com facilidade”.

Entre os objetivos de se trabalhar na formação inicial com as ferramentas do Portal, por exemplo, situa-se o de refletir sobre os limites e possibilidades das TIC para o ensino e a educação como um todo; é necessário posicionar-se de forma crítica diante das novas formas de ensino on-line; oportunizar a vivência de um modelo novo de “comunidade virtual educacional” de aprendizagem e também elaborar projetos educativos e colaborativos de ensino fazendo o uso da internet.

A necessidade de se realizar em atividades colaborativas de aprendizagem exige a presença e a participação permanente e integral de todos os envolvidos. Tanto no presencial quanto no ambiente virtual esta participação é definida pela “escrita”. O aluno precisa escrever suas opiniões, realizar tarefas e comunicar-se com a equipe para ser “observado”, “avaliado”, “visto”.

A formação inicial deve capacitar para o uso das TIC, para conhecer o ambiente virtual, as ferramentas, o modo como se usa o material, como mandar atividades, a participação em fóruns, em chat. É necessário que este contexto se torne familiar entre os docentes, para que a formação capacite em ambientes virtuais de aprendizagem. O autor citado (2004, p.251) afirma que:

Os ambientes virtuais complementam o que fazemos em sala de aula. O professor e os alunos são “liberados” de algumas aulas presenciais e precisam aprender a gerenciar classes virtuais, a organizar atividades que se encaixem em cada momento do processo e que dialoguem e complementem o que estamos fazendo na sala de aula e no laboratório.

O uso das TIC no ensino superior presencial e a distância, na perspectiva orientada pelos propósitos da sociedade da informação, exige a adoção de novas abordagens pedagógicas, novas consultas que desarticulem com o isolamento do ensino e o coloquem em permanente situação de diálogo e cooperação com as demais instâncias existentes, a começar pelos alunos.

O acesso à internet permite que a aprendizagem ocorra no espaço virtual, que precisa ser inserido nas práticas pedagógicas. O acesso à internet e a disseminação do uso das TIC estão provocando uma revolução no conhecimento. A forma de produzir, armazenar e repassar a informação está mudando; o enorme volume de fontes de pesquisas é aberto aos alunos pela Internet, bibliotecas virtuais e videoconferências.

A EAD propõe novas estratégias para ensinar e conseqüentemente para aprender, favorecendo a construção do conhecimento, no entanto, apresenta um lado conservador, por nossa abordagem educacional metodológica ser baseada no sistema tradicional de ensino. Aceitando com certa recusa que as informações agora também chegam via rede de computadores, que a sociedade do conhecimento surge de profissionais preparados para atuar e enfrentar as mudanças, a EAD e as TIC podem ser utilizados no processo de construção do saber.

Frente a esse contexto, o processo de ensino aprendizagem, por meio da EAD, permite articular alternativas que possibilitem novas concepções de aprendizagem, como também o acesso e a continuidade na (re)elaboração do saber. A EAD intenciona propiciar uma reflexão teórico-metodológica para estimular os profissionais da educação superior a perceberem alternativas no processo ensino aprendizagem que os conduzam a repensar e a redimensionar sua prática pedagógica como auxílio das TIC.

Diante disto, Sigalés e Badia (2004, p.3) afirmam “de todos os modos, a virtualização parcial ou total de uma atividade formativa leva implícita, um significativo conjunto de transformação na organização da docência”. Deve-se observar pelo menos alguns fatores que dizem respeito aos alunos: familiarização e conhecimento prévio dos conteúdos que serão abordados como objeto de estudo; nível de habilidade quanto ao domínio das TIC, motivação e autonomia nos estudos, grau de acessibilidade telemática. Assim, pois, na organização da docência:

Baseada nas TIC deveríamos ter em conta os diversos tipos de perfis dos alunos e as características enquanto acesso e representação da informação digital, no momento de decidir o maior e o menor grau de presencialidade que vá contemplar uma determinada possibilidade de formação e o papel que vai ser atribuído as TIC ao longo do processo. (SIGALÉS e BADIA, 2004, p.5)

As oportunidades oferecidas pela combinação do presencial e virtual nas possibilidades de formação universitária permeiam por distintos cenários em que a tecnologia e os professores desempenham visões diversificadas. As TIC integradas nos processos de formação docente inicial mantêm de maneira significativa as atividades presenciais, e estas tecnologias permitem flexibilização e contribuem para a melhoria da qualidade docente; suas habilidades no uso das TIC, uma maior oportunização tanto na quantidade, quanto na qualidade de interação entre aluno e professor e entre os próprios alunos, facilitando feed-back, maior acesso aos conteúdos e suas diferentes representações, gradação de dificuldades, adaptação ao ritmo e necessidade de cada aluno, mudança na visão do professor convertendo-se em dinamizador, facilitador do processo ensino aprendizagem, e além da própria evolução da atividade docente, contínua, ampla, dentro de um rol de atividades que os alunos e professores terão apreendido tanto presencial quanto virtual.

Em EAD a responsabilidade de aprender é primordialmente do aluno; entretanto os professores representam um expoente significativo, tanto na produção do material de estudo, como na condução do processo. Este processo de aprendizagem se realiza basicamente através de materiais didáticos, de orientações para o estudo, e outros meios. Pensando assim, vemos o papel relevante do docente, não só pelo domínio dos conteúdos e os conhecimentos pedagógicos, mas também pela relação que se estabelece com o aluno, entre eles e a instituição que oferece o curso e a criação de situações e estratégias de ensino que favoreçam a aprendizagem.

Os cursos presenciais podem ser combinados com tempos e espaços não presenciais. Podemos sair, em determinados momentos de um curso, de sala de aula. Podemos aprender também em ambientes virtuais, combinando-os com os presenciais. “O objetivo principal dos cursos presenciais e virtuais é o mesmo: que os alunos aprendam, mudar algumas formas de ensinar, de organizar a aprendizagem, as mídias, mas, no conjunto os processos são semelhantes” (MORAN, 1999, p. 03).

Isso abre para a EAD uma possibilidade ímpar: os alunos, estejam onde estiverem, podem interagir e trocar sua produção, não só com os responsáveis diretos, os professores, como com seus pares. Como decorrência, é fundamental desenvolver estratégias para criticar e avaliar as informações conseguidas na internet, este mar infundável de dados, alguns bem fundamentados, outros completamente fantasiosos.

3. O Portal Educacional e as Ferramentas para a Prática docente dos Professores

A utilização de um portal em sala de aula oferece ferramentas que ampliam horizontes no trabalho didático. A avaliação poderá ocorrer ao longo do processo, é diversificada, já que há muitos ambientes de interação; é mais centrada na pessoa e na prática de auto-avaliação. A legitimidade da utilização de portais educacionais deverá ser conquistada através de estratégias inteligentes, que envolverão atividades on line, acompanhamento personalizado e novos objetivos a serem alcançados, que não mais assimilação e memorização de conteúdos.

Os professores devem ter contato com os recursos do portal, incluir seus planos de aula e de ensino para que os mesmos sejam divulgados no portal, para que os alunos possam ter acesso e organizarem-se para as aulas, com intuito de promover a familiarização dos professores quanto à utilização de um novo ambiente para dispor o conteúdo

programático de suas aulas. Nesta fase também é necessário que os professores façam a inclusão dos materiais de aula tais como: indicações bibliográficas de livros, artigos, sites, uploads de arquivos de apresentação das aulas e arquivos de documentos das aulas, material acessível a todos os alunos. Após a inserção dos planos de aula e ensino podem ser realizadas orientações para a utilização dos recursos pedagógicos do portal, dentre os quais se destacam: debate, sala de aula virtual e a construção de páginas.

Esta orientação para utilização dos recursos do portal como ferramenta pedagógica deve ter como pressuposto o desenvolvimento de atividades temáticas, conforme sugestão da representação esquemática a seguir:

- **Definição do tema:** todas as atividades devem ser norteadas de preferência por um conteúdo da disciplina que está sendo ministrada. Neste momento compete ao professor fazer a descrição das atividades a serem realizadas.
- **Pesquisa:** as atividades de pesquisa não precisam se restringir apenas à internet, porém, é importante que o portal possua várias opções de pesquisa na rede.
- **Discussão:** após os resultados obtidos com a pesquisa, o professor pode promover discussão seja pelo recurso do debate ou sala de aula virtual.
- **Exposição:** momento dos alunos apresentarem suas conclusões sobre as atividades propostas anteriormente.
- **Construção coletiva:** a partir das atividades anteriores, e o professor ainda pode direcionar para uma construção coletiva como um trabalho final.

Todos os elementos que formam parte do modelo pedagógico são colocados à disposição dos estudantes no portal, para que possam gerir seu próprio processo de formação. Os próprios alunos são os verdadeiros protagonistas de seu processo de aprendizagem regulando seu próprio ritmo de trabalho. Este tipo de ensino semi-presencial utilizando as ferramentas do portal educacional, é capaz de modificar idéias prévias, de ampliar a rede de conhecimentos e inclusive de estabelecer novas relações entre conhecimentos. Assim, este ensino consiste em revisar, modificar e enriquecer os esquemas prévios e estabelecer novas conexões e relação entre os envolvidos: alunos e professores, em definitivo, consistem em construir aprendizagens.

Tomando com referência o enfoque dado por Squires e McDougall (1997, p.77) fazendo referência à utilização de portal educacional, “sugerimos interessantes questões de debate como atividades que possam desenvolver o trabalho em grupo, a responsabilidade da aprendizagem, as funções do docentes, as teorias da aprendizagem

e questões e implicações curriculares.” Para fomentar uma cultura de aprendizagem colaborativa em que onde o intercâmbio e a colaboração estão presentes como uma prática habitual, faz-se uso da Internet, do e-mail, do chat, de portfólio como recursos que facilitem a comunicação, a informação, a aprendizagem e a formação dos docentes.

Hanna et al apud Ropoli (2001, p. 37) apresentam algumas sugestões para o professor trabalhar com as TIC no Portal,

conhecer sua fundamentação pedagógica; determinar sua filosofia de ensino e aprendizagem; ser parte de uma equipe de trabalho com diversas especificidades; aprender novas habilidades para o ensino on line; conhecer seus aprendizes; conhecer o ambiente on line; aprender sobre tecnologia; aprender sobre recursos tecnológicos; reconhecer a ausência da pessoa física; criar múltiplos espaços de trabalho, interação e socialização; incluir múltiplos tipos de interação; estabelecer o tamanho da classe desejável; criar relacionamentos pessoais on line; desenvolver comunidades de aprendizagem; aprender por meio do diálogo; estar preparado e ser flexível; definir suas regras para as aulas on line; esclarecer suas expectativas sobre os papéis dos aprendizes.

O que muda no papel do professor? Muda a relação de espaço, tempo e comunicação com os alunos, pois o espaço de trocas se estende da sala de aula para o virtual. O tempo de ensinar ou receber informações se amplia para qualquer dia da semana. A comunicação se dá na sala de aula, na internet, no email, no chat. É um papel de comunicação e coordenação muito mais flexível e constante, que exige muita atenção, sensibilidade, intenção e domínio tecnológico.

Os novos suportes digitais permitem que as informações sejam manipuladas de forma extremamente rápida e flexível. “As TIC não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos” (CASTELLS, 1999, p.51). O papel do professor na educação semipresencial, ou fora dela, tem como desafio integrar ao currículo multirreferencial permitindo que as competências dos sujeitos sejam resignificadas, que provoquem situações, arquitetem percursos, formulem problemas, criem possibilidades de envolvimento, estimule a intervenção dos alunos como co-autores da construção do conhecimento e da comunicação.

O portal não oferece conteúdos prontos e estáticos, mas leva o aluno a construir seu conhecimento com a ajuda de seus pares, fazendo uso da proposta pedagógica da pedagogia de projetos e formando uma comunidade dinâmica de

aprendizagem (LUCENA, 2001), em que onde professores e demais educandos são os sujeitos de uma aprendizagem cooperativa. Nessa troca de experiências, todos assumem o papel de consumidores e o de produtores de informação. As interações acontecem em listas de discussão, atividades temáticas, cursos on line, sugestões de pesquisa e debate.

A utilização de portais educativos sugere o trabalho em grupo, a produção de melhores resultados em um ambiente projetado para o aprendizado colaborativo. Normalmente, ocorre a complementação de capacidades, de conhecimentos e de esforços individuais, permitindo que os membros do grupo identifiquem mais facilmente inconsistências e falhas em seus raciocínios ao interagirem com os colegas. Existem também portais que são apenas depósitos de informações em sua maioria.

Os portais educativos proporcionam programas distribuídos em etapas consecutivas: apresentação, lista de discussão, estudo e discussão dos tópicos do curso, conferências, debate sincrônico, produção de conteúdo interativo multimídia, tarefas, dentre outras. E isto é possível a partir da utilização de uma dinâmica pedagógica contextualizada, possibilitando atividades que estimulem o fazer-aprendendo.

O objetivo da utilização das ferramentas do portal educativo é potencializar esse espaço de formação, produção de conhecimento e estabelecimento de trocas entre educadores e alunos; ele é composto por conteúdos de apoio ao processo ensino aprendizagem, promoção, apoio ao uso pedagógico da internet, ferramentas e metodologias de interação e expressão. A comunidade virtual é uma oportunidade para praticar o uso das ferramentas de comunicação e de pesquisa na internet e descobrir as possibilidades que elas oferecem para a formação de cidadãos ativos e participantes.

Para tanto, um portal educativo traz informações, agendas, orientações gerais aos educadores e áreas para comunidades específicas, onde o internauta encontra informação, ferramentas de trabalho e de comunicação para trabalhar colaborativamente, seja no desenvolvimento de projetos pedagógicos, na criação literária ou na discussão de temas de interesse. As ferramentas disponíveis variam de acordo com cada comunidade. Cada portal tem sua página própria, com informações específicas do seu funcionamento, materiais de apoio, mural da comunidade e acesso às ferramentas de trabalho e de comunicação de que a comunidade dispõe.

O trabalho na comunidade virtual baseia-se em três pontos: produção, troca de informações e apresentação dos resultados. As comunidades variam em suas propostas, metodologias e ferramentas que podem ser ferramentas de trabalho: oficina de criação; ferramentas de comunicação: bate-papo, fórum, mural e ferramentas de exposição: galeria de arte, up load de arquivos.

A concepção do ambiente comunidade virtual no portal fundamenta-se na importância da interação no processo de ensino e aprendizagem e na expansão da colaboração possibilitada pelo surgimento da internet e sua ferramentas.

4. Portal Universitário da FEJAL/CESMAC

O Portal Universitário da FEJAL/CESMAC é um sistema de formação e de conhecimento interativo que permite aos professores e alunos dos diversos cursos oferecidos pela instituição, organizar itinerários de aprendizagem, gerar interações com os outros usuários e favorecer cenários de aprendizagem ativos: por colaboração, projetos, problemas.

A sensibilização dos professores se deu via Direção da Instituição, que em várias reuniões com todo o corpo docente e demais funcionários apresentou as vantagens e o desenvolvimento para as atividades docentes, despertando nos mesmos a vontade de melhorar sua metodologia e conseqüentemente sua prática pedagógica, já que o Portal Universitário oferece ao professor uma variada gama de informações e ferramentas que dinamizaria o processo ensino e aprendizagem.

Os professores tiveram capacitações e treinamento para trabalhar com as ferramentas disponibilizadas pelo mesmo, sempre enfatizando que no decorrer da utilização do Portal os professores iriam se familiarizar com as ferramentas do mesmo e, caso surgissem dúvidas, teríamos o apoio direto dos colaboradores/bolsistas.

Os professores precisam de apoio pedagógico, uma coordenação da área de tecnologia educacional, com função de orientá-los na elaboração de aulas a partir dos recursos oportunizados pelo portal, e monitorar a utilização do portal visando criar estímulos para motivar os professores. A empresa que comercializou o ambiente virtual deve dispor um consultor para orientar o trabalho do técnico de informática.

A diretoria acadêmica do Portal é formada pelos diretores e supervisores de todas as faculdades do CESMAC, seguida do consultor que não tem ligação com as demais a não ser com a parte de suporte e desenvolvimento, mas é responsável por

toda a parte técnica e o bom funcionamento do Portal, onde apresentam à diretoria acadêmica relatórios e planilhas contendo as atividades desenvolvidas por parte de todos no Portal.

A parte de suporte e desenvolvimento fica a cargo dos colaboradores/bolsistas que dão apoio a todos na instituição para que o Portal possa funcionar sem tantas eventualidades que venham a obstruir o desenvolvimento do mesmo.

A coordenação de tecnologia é responsável em capacitar e informar aos professores as novidades, curiosidades, avisos ou notificações ou mudanças no sistema. Os coordenadores dos cursos, envolvidos no processo da utilização do portal como ferramenta de ensino aprendizagem, também exercem uma importante tarefa, pois compete a estes o acompanhamento de inclusão dos planos de aula e de ensino por cada um dos professores e, em casos de dificuldades dos professores, os coordenadores acionam a coordenação de tecnologia educacional para apoiá-los e efetuar uma orientação específica.

No processo de utilização do Portal, em primeiro lugar, é solicitado aos professores sua inscrição para acesso ao Portal, correspondente a um email, login e senha (Fig.1)



Fig. 1 - Página inicial do Portal Universitário

Uma vez dentro da área de usuários, as ferramentas ativas e visíveis aos participantes se descrevem na continuação (Fig 2):

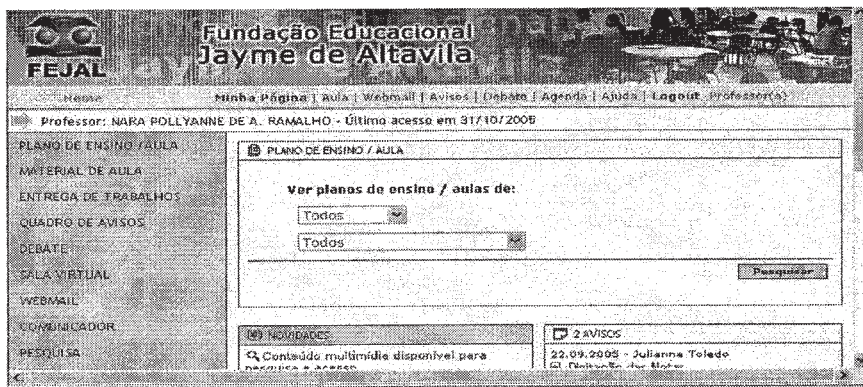


Fig. 2 - Área do usuário

Aqui os professores podem escolher dentre um dos itens oferecidos pelo portal para dar início ou continuidade ao seu trabalho, desenvolvendo o que foi proposto em seu plano de ensino e de aula (Fig.3). Esta ferramenta descreve de forma global as atividades dos professores. É um bom momento para reconsiderar alguns aspectos que possam ser acrescentados, alterados ou excluídos. Nesta página o professor tem acesso a tudo: *plano de ensino/aula* os professores colocam seus planejamentos (ementa, objetivos, conteúdos, avaliações e referências bibliográficas); *material de aula*: são apostilas, pequenos textos ou artigos para que os alunos se fundamentem, pesquisem; *entrega de trabalhos*: são datas pré – marcadas pelos professores para entrega ou elaboração de trabalhos ao longo do semestre; *quadro de avisos*: são notificações ou avisos da própria instituição com a finalidade de manter todos atualizados com os eventos e participação da mesma; *sala virtual*; *pesquisas*: outros textos e fonte de pesquisa para os alunos e professores; *avisos*, espaços para novidades e ainda podem contar com o menu de ajuda.

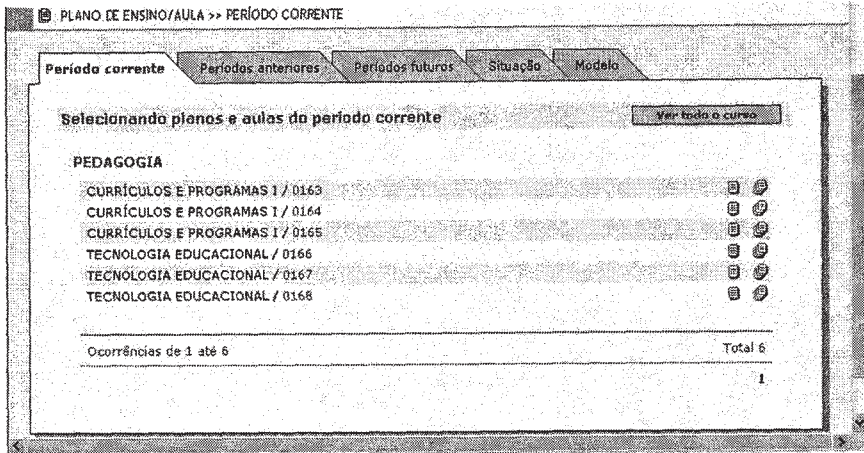


Fig. 3 - Lista das disciplinas

Neste ambiente os professores têm acesso especificamente às disciplinas e aos respectivos períodos, podendo rever aulas anteriores, podendo programar situações futuras, sugerir modelos de esquemas, projetos, artigos, simulações (Fig.4). Podem também ter acesso a todo plano de ensino e de aulas podendo ou não fazer intervenções antes, durante e após processo de ensino.

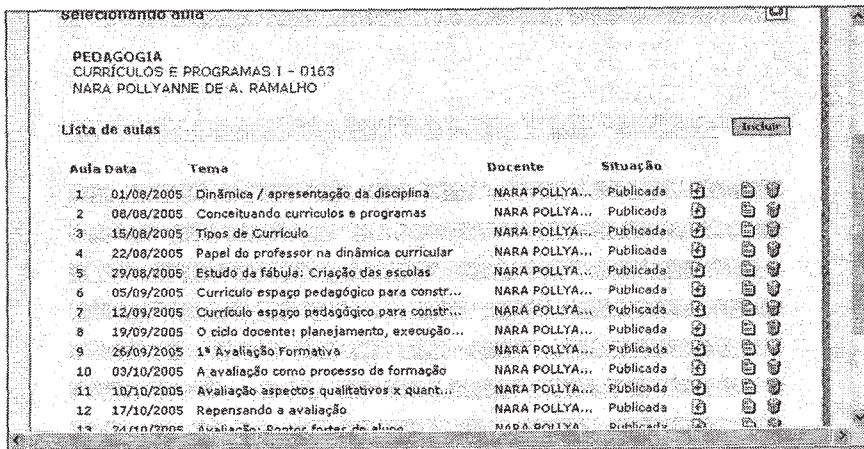


Fig. 4 - Aulas

Para uma melhor organização dos professores, o Portal também oferece a lista detalhada do número de aulas, respectivas datas e lista dos conteúdos e permite também que os professores possam alterar o que achar conveniente, proporcionando flexibilidade. Transferem-se a esta seção apontamentos sobre os diversos conteúdos do curso, exemplos de trabalhos, como devem ser feitas as atividades, os materiais que serão utilizados nas próximas aulas indicações de pesquisas e bibliografias (Fig.5). Também o processo é acompanhado pelo aluno, pois o mesmo toma conhecimento do cronograma semestral de suas aulas.

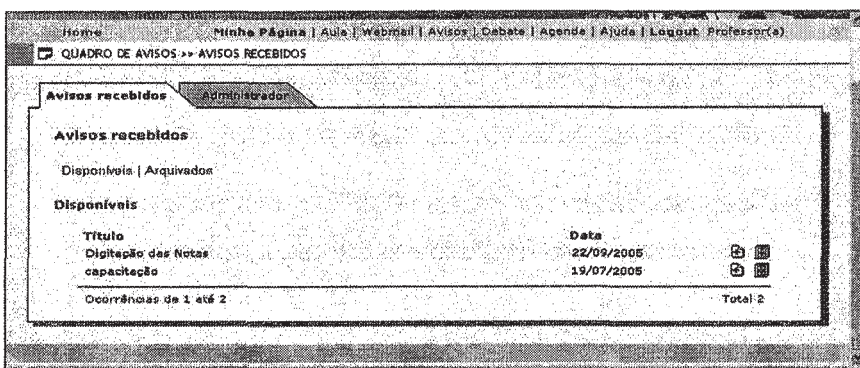


Fig. 5 - Avisos

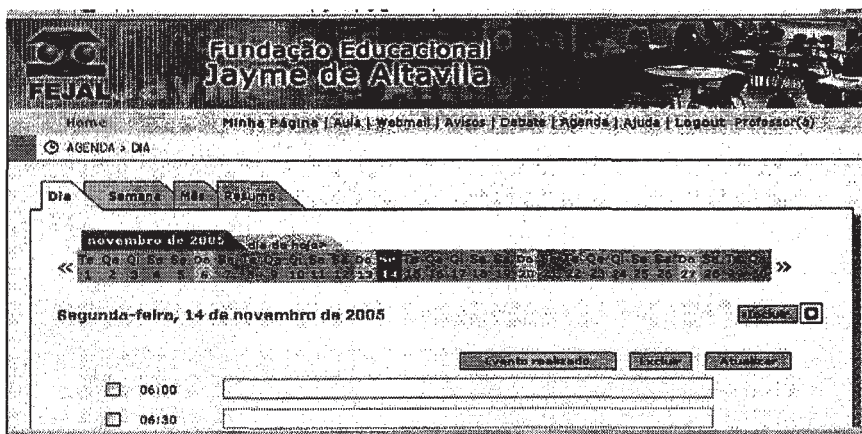


Fig. 6 - agenda

Nas figuras 5 e 6, os professores podem passar recados, informativos, receber recados de outros professores ou dos próprios alunos, havendo o espaço para digitação de notas. Pode também elaborar uma agenda elencando a ordem das aulas trabalhos, cursos, atividades extra-classe, debates como melhor forma de organização que permite ser atualizada à medida que os eventos, aulas, cursos, pesquisas, trabalhos forem acontecendo, informando sobre novidades aos usuários, sobre todas as novidades desde sua última visita ao Portal. Desta forma a agenda se converte em uma seqüência temporal de atividades de aprendizagem que permite anunciar ou recordar uma série de acontecimentos. É útil para informar aos alunos uma nova atividade ou documento e data para entregas de trabalhos, debates ou outra atividade.

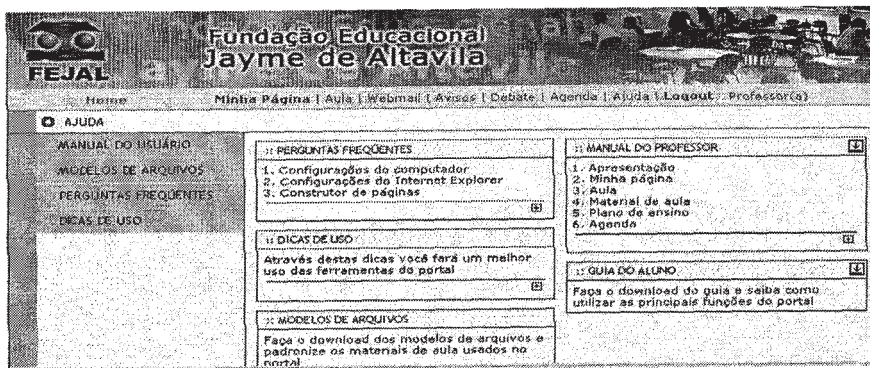


Fig. 7 - Ajuda

Na Fig.7, tanto alunos quanto professores podem acessar a página de ajuda pois ela oferece manual do usuário, modelos de arquivos, perguntas mais frequentes com relação às dúvidas de utilização e dicas de uso.

O valor da utilização da plataforma educativa do Portal Universitário aparece quando este se converte em um processo de aprendizagem para todos, um processo que se enriquece através do diálogo e da reflexão conjunta, abrindo e proporcionando assim um espaço ético em que fazer intercâmbios, dialogar e aprofundar saberes.

A parte relacionada ao espaço de comunicação apresenta as formas de acessibilidade para o portal: através de email, chats, do acesso a fotos a contato telefônico. O espaço destinado à coordenação e aos serviços apresenta busca do interno e externo slides, folders, biblioteca virtual, diretório acadêmico e outros meios de comunicação.

De acordo com a metodologia do estudo de caso, foi possível coletar dados procurando alcançar os objetivos e responder às questões postas nessa pesquisa. Para tanto foram utilizados como instrumentos a pesquisa bibliográfica e um questionário com 15 perguntas. Analisamos as respostas dos professores e agrupei os dados em categorias, a fim de que pudessem mostrar o quanto as ferramentas do Portal Universitário favoreceram o ensino e a aprendizagem, baseados na colaboração e também as dificuldades encontradas e expectativas a partir do olhar dos professores.

Foi em busca de uma proposta metodológica para a internet no Ensino Superior, que realizamos, durante o ano de 2005, um estudo junto a um universo de 80 professores do CESMAC, uma instituição particular, de grande porte, com trinta anos de existência, localizada em Maceió, estado de Alagoas.

O estudo de caso aqui desenvolvido foi direcionado para a utilização e a aplicabilidade do Portal Educacional no desempenho das funções docentes do CESMAC, esclarecendo como a utilização do mesmo facilita o processo ensino aprendizagem através da EAD no ensino superior.

Para responder as questões de estudo, definimos os seguintes passos metodológicos:

1º Levantamento das visões dos professores em relação à formação *on line*, um questionário de sondagem, marcado com antecedência com a coordenadora de cada curso, para que na hora do intervalo de aulas eu juntamente com a mesma, fossemos até a sala dos professores, dos diferentes centros, aplicar o questionário O questionário de sondagem, com quinze perguntas abertas, buscou obter um perfil resumido dos professores e determinar suas expectativas em relação ao uso do Portal. Os professores escolhidos foram os quarenta que mais acessaram e os quarenta que menos acessaram o portal no período de agosto, setembro, outubro e novembro de 2005, de todas as faculdades do CESMAC; a quantidade estipulada de professores foi sugestão do Professor orientador deste trabalho, juntamente com a Banca de Qualificação.

Selecionei como grupo de estudo 40 professores do CESMAC que mais fizeram uso do Portal Universitário, e 40 professores que menos fizeram uso do Portal Universitário, no ano letivo de 2005, durante quatro meses – agosto, setembro, outubro e novembro - os quais participaram respondendo um questionário com quinze perguntas abertas referentes a parte pedagógica, metodológica e a utilização do Portal Universitário.

A coleta de dados foi realizada através do questionário aplicado para os professores que fazem uso das ferramentas oferecidas pelo portal: objetivei perceber a aplicabilidade do uso do Portal pelos professores, as interações estabelecidas na aprendizagem, as produções e os intercâmbios de informações através das várias respostas disponibilizadas durante o curso pelas TIC.

- 2º Análise do desempenho dos professores no Portal. A técnica da coleta de dados através do questionário aplicado de forma coletiva, mas, respondido individualmente, foi ajustada para garantir a análise de produção dos professores e o atendimento dos alunos que eles fazem.
- 3º Interpretação dos dados coletados. As quinze questões abertas, do questionário que foi aplicado para os professores, foram tabuladas, tratadas com parâmetros estatísticos, o que gerou gráficos que facilitaram a visualização desse conjunto de respostas, sofrendo um tratamento quantitativo.
- 4º Estabelecimento das conclusões da pesquisa. buscaram identificar limites e possibilidades da utilização do Portal Universitário pelos professores das seis faculdades do CESMAC.

As categorias escolhidas foram: utilização das TIC; pertinência da utilização do Portal Universitário; dificuldades e contribuições encontradas durante o período de utilização do portal.

Perfil dos professores pesquisados do CESMAC

O objetivo maior dessas análises foi captar as contribuições e lacunas ocorridas na utilização do Portal; em paralelo foi possível observar os avanços e a superação de algumas dificuldades e a contribuição das TIC.

Quanto ao tempo de docência de cada professor, 55 % dos professores da instituição possuem experiência no magistério, com mais de 20 anos de docência.

Ainda analisando a categoria de estudo referente ao professor, foi indagado qual a titulação de cada, vejamos a seguir:

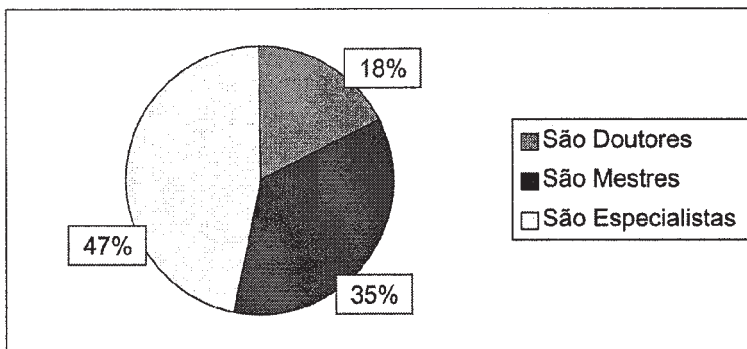


Gráfico 1 – Titulação dos Pesquisados

Interação/utilização das TIC pelos professores do Cesmac

No questionamento sobre quais os professores que fazem uso das TIC.

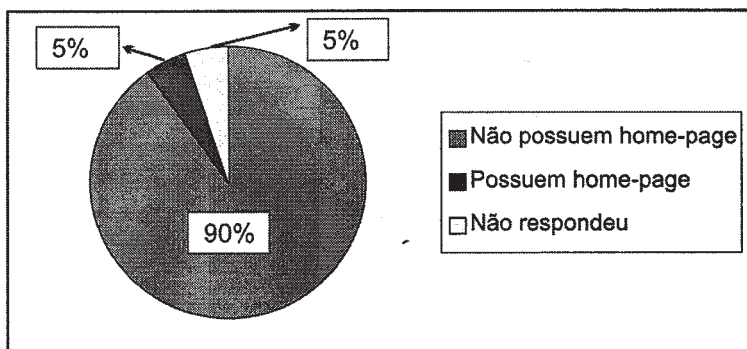


Gráfico 2 – Uso das TIC

A alta porcentagem dos professores que não possuem home-page é devido à quantidade de professores que possuem mais de 20 anos de docência, que é maioria na instituição, o que pode ser por várias questões, como podemos observar em algumas falas:

Home-page, o que é isso? Misericórdia agora que comecei em meus 18 anos de professora trabalhar com um computador você pergunta se tenho home-page? Estou engatinhando ainda. Mas eu chego lá! (MAN).

Pra falar a verdade eu até tenho computador em casa há muito tempo, mas, nunca me preocupei, pois quando eu preciso meus filhos fazem para mim. Agora vou ter que aprender a lidar com essa tecnologia, pois antes eu entregava tudo escrito agora é tudo no Portal. Home-page é interesse futuro. (JFV).

Nunca me preocupei muito em ter home page, sei o básico para não passar sufoco. (LMM).

Muitos, por questão de trabalho, vão se preocupar em “correr atrás” para ter domínio dessas ferramentas, pois é intenção da instituição continuar e ampliar ainda mais a utilização do Portal; em vista disso, acredito que se desencadeará um maior interesse em atuar melhor com as possibilidades que as TIC oferecem. Já na análise realizada com relação aos professores possuírem email, esta resposta foi mais significativa, o que é considerado como fator real, pois onde estivermos ou preenchendo qualquer ficha, documento, cadastro nos é pedido que citemos nosso email.

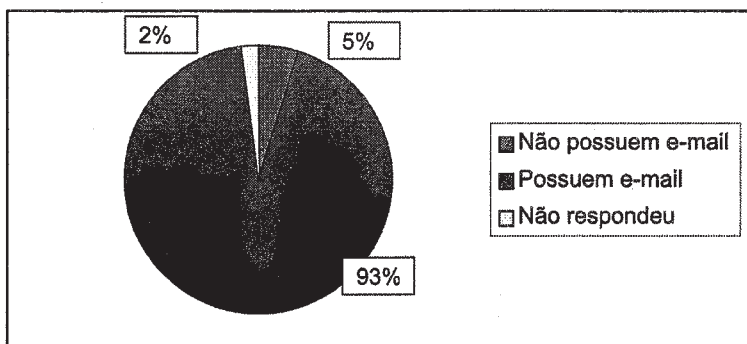


Gráfico 3 – Uso de email

Sobre a forma de disponibilizar material científico na internet, e quais ferramentas utilizam obtivemos em maioria as seguintes respostas: “textos, aulas, exercícios para os alunos, apostilas, listas de exercícios de reforço, arquivos em formato.doc e.pdf protegidos por senha, no portal algumas aulas” (FA), (CC), (FR), (TP), (JP). Outros, que foram a minoria “acrescentam outras referências bibliográficas; e utilizam as ferramentas chat, fórum, email, agenda e os avisos” (FSO), (NL), (TC), (AA).

Em várias IES muitos professores e alunos utilizam o recurso da Internet no desenvolvimento de atividades de forma informal. Surge um novo espaço para aprendizagem “a partir da ampliação e transformação de contextos, eliminando distâncias físicas e provendo a construção cooperativa dos conhecimentos, o desenvolvimento da consciência crítica e o favorecimento das soluções criativas para novos problemas se impõem” (NEVADO, 1996, p. 140).

Pertinência da utilização do Portal Universitário CESMAC

Trabalhar com o Portal Educacional apresenta aspectos positivos como liberdade de tempo e espaço, meios de comunicação, oportunidade de trabalhar em grupo, facilidade de acesso e interatividade, mas pode apresentar, também, aspectos negativos como resistências em trabalhar pedagogicamente com a internet, não conhecer metodologias de aprendizagem on line, inadequação entre a mídia utilizada e o material planejado. No que se refere à construção de conhecimentos, exige-se dos sujeitos envolvidos uma postura diferenciada, seja no aspecto da maturidade ou da objetividade, devido à redefinição dos termos aprender e ensinar.

E mesmo com todo o incentivo por parte da instituição, coordenação pedagógica e suporte técnico, neste item analisado percebemos ainda um número considerável de professores que estão neste contexto, ainda indiferentes à utilização do portal em seus acessos e com pouco uso das ferramentas também.

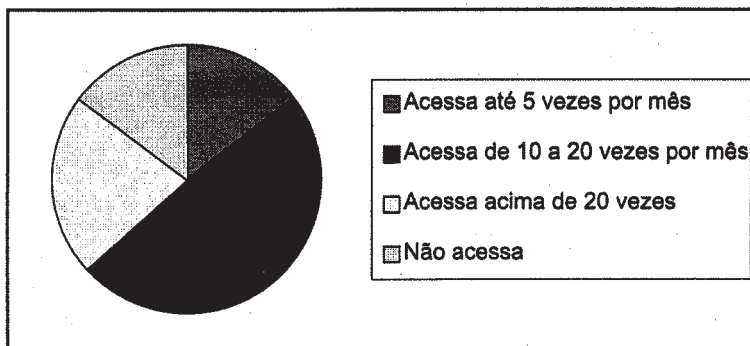


Gráfico 4 – Acesso ao Portal

No gráfico 5 questionei sobre o que os professores faziam nestes acessos, ao que responderam: “digitação de notas, faltas, avisos, modificação na agenda, pôr as aulas do mês, metodologia, o material que vou disponibilizar/precisar para a próxima aula, para pesquisa, para atualização de dados, questões pertinentes a aula e verificar e enviar email.” (AM), (NP), (FS), (TV), (JT), (MS), (AC).

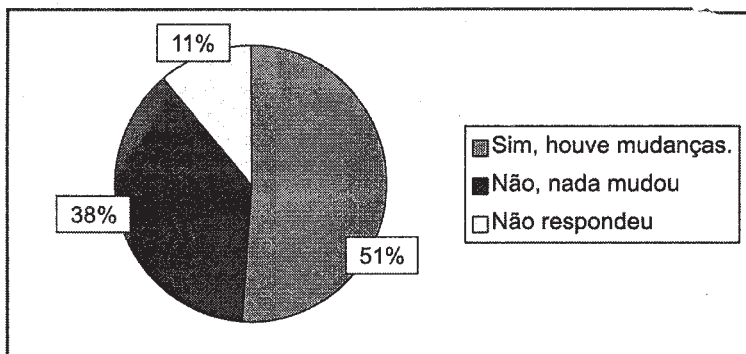


Gráfico 5 – Mudanças no processo de ensino com o Portal

Este resultado nos mostra que ainda é necessário rever a questão metodológica; acredito que o fator tempo de docência pode estar interferindo nesta nova prática da utilização do portal e, conseqüentemente não contribuiu para boa parte dos professores que em sua prática metodológica, “trata-se de professores que não sejam apenas “usuários” ingênuos das TIC, mas profissionais conscientes e críticos que saibam utilizar sua possibilidades de acordo com a realidade em que atuam” (BELLONI, 2001, p.77).

Algumas falas demonstram este olhar tanto positiva, quanto negativa:

Não! Detesto tecnologia! (ZST).

Não!!! (CCA).

Obrigou só o professor a utilizar o portal. (SV).

Só utilizo para colocar notas e faltas. (TC).

O Portal não é acertivo, tão pouco producente. (SL).

Sim! Na divulgação dos conteúdos (EA)

Sim, acesso a mais dos alunos ao material exposto em sala. (CST).

Ótimo, minha pratica mudou, foi legal por exemplo o envio de um questionário para os emails dos alunos, em que os mesmos responderam e eu devolvi via email o resultado. (JE).

Sim, além dos livros e textos que trabalho em sala ainda temos uma infinidade de sites de busca para enriquecermos o conteúdo em sala. A pesquisa é fundamental! (LM).

Sim, facilitou minha interação como alunado fora dos muros da sala de aula. WA.

Dificuldades e contribuições encontradas durante o período de utilização

Foi indagado aos professores qual a opinião dos mesmos frente ao uso da internet na prática docente em cursos presenciais e semipresenciais e quais contribuições e dificuldades foram detectadas no período de utilização do Portal Universitário e podemos apresentar os seguintes aspectos:

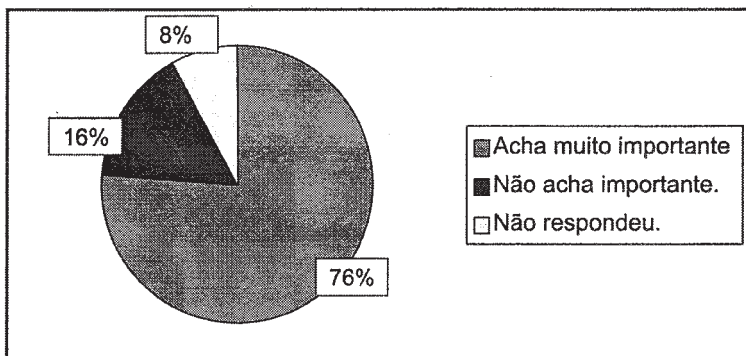


Gráfico 6- Utilização da Internet na Prática Docente

Entrando em contradição com a questão anterior, este gráfico apresenta a necessidade da mudança da prática pedagógica. Ora, como é que o professor acha muito importante, que é válida, que é necessária e não utiliza as TIC? Por que não fazer uso das ferramentas do portal universitário? Ficar na incerteza não funciona em educação, qual, então, o verdadeiro propósito de uso da internet? Em que aspectos é possível sua implementação? Resta sugerir para a direção formas de minimizar a resistência de tão significativas ferramentas.

Sugestões: encontros mensais para conhecer melhor e desenvolver as habilidades que as ferramentas do portal oferece; dar aulas de informática enfatizando o uso das ferramentas do portal, Internet. Promover oficinas com o intuito de sanar

dificuldades, promover chat, fóruns entre os professores para motivação do uso destas ferramentas, fazer divulgação de alguns softwares chamados aplicativos, ler e difundir materiais produzidos sobre essa temática, conhecer a Internet.

Comumente, os professores não se encontravam com frequência para socializarem suas vivências com relação à prática pedagógica. Mas, após solicitação dos professores à Coordenação Pedagógica, esta dificuldade foi sanada quando a instituição passou a proporcionar encontros mensais com os professores e técnicos responsáveis pelo Portal Universitário, para sanar algumas questões relativas ao acompanhamento do mesm. Quais as dificuldades encontradas na utilização do Portal Universitário? Tivemos algumas falas tipo:

O TEMPO!!!! (EM).

O acesso sai do ar e a gente perde o que está digitando. (ED).

Podia ser mais simples sua utilização. (LG).

Falta de prática técnica. (AS).

De tempo, principalmente para disponibilizar textos. (WB).

Os alunos reclamam que não conseguem acesso tão facilmente ao Portal. (IM).

Falta treinamento e incentivo para o professor. (TKV).

O professor necessita de recursos, tais como: 1) máquinas disponíveis; 2) tempo disponível (fora do horário de aula). (AL).

Alunos que não possuem computador e só utilizam os da instituição, falta laboratório no FCET e lentidão no portal. (AD).

Apesar destas dificuldades, elas não chegam a comprometer como um todo do andamento das aulas, nem a atuação dos professores durante o período, mas reconheço que de alguma forma estas lacunas afetam quando se reflete sobre o que é ser professor, a realidade dos alunos e professores e as implicações institucionais.

Com efeito, tive o interesse em saber se após a implantação do Portal Universitário os professores também mudaram sua prática avaliativa, se dos tipos de avaliação aplicadas alguma foi realizada com o auxílio do Portal. À medida que fui fazendo a análise deste item percebi que muitos professores estão ligados às avaliações escritas, o que não é um erro, mas, também não é a única forma de avaliarmos. Observemos o gráfico:

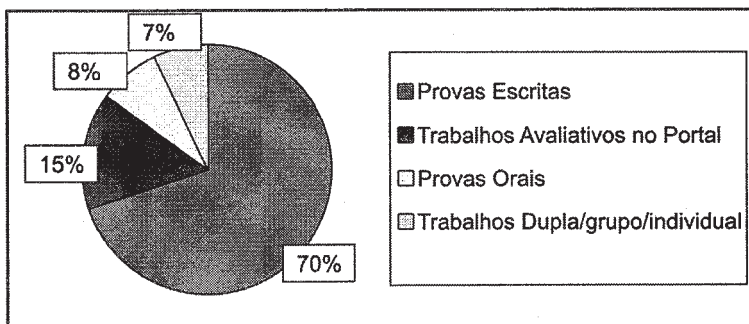


Gráfico 7 – Tipos de Avaliação

A oportunidade de experimentar outros recursos e práticas faz do Portal Universitário um novo aliado para os professores. Além de inovar, percebemos que, mesmo que ainda exista resistência, o que se detecta pela predominância das provas escritas, podemos observar também que o Portal também está sendo utilizado, e com o passar do tempo acredito que esta pequena porcentagem de uso tenderá a crescer: por facilitar intercâmbio entre todos, por aprimorar o desenvolvimento e a responsabilidade de cada um para com as possibilidades do Portal, por poder dar mais dinamicidade ao processo ensino e aprendizagem, no qual críticas e sugestões devam existir sim, sendo possível vencer conflitos interpessoal e intrapessoal.

Partindo para as ferramentas mais utilizadas do Portal, vamos observar o gráfico 9 e depois algumas considerações feitas pelos professores ao responderem ao questionário:

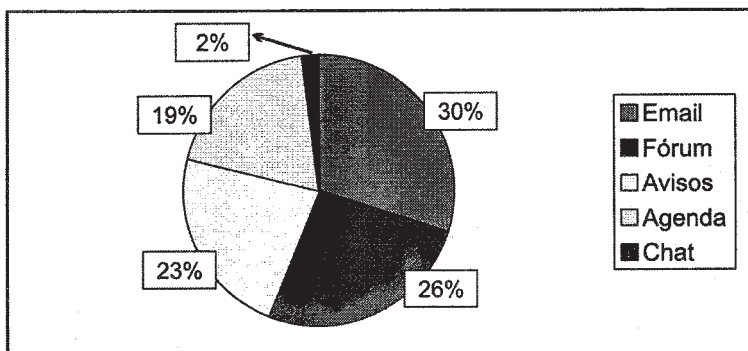


Gráfico 8 – Ferramentas mais utilizadas no Portal.

O correio foi uma das ferramentas mais utilizadas pelo grupo. As mensagens direcionadas para o professor tinham os seguintes itens: tirar dúvidas, pedir sugestões, envio de textos e exercícios. (FR).

As discussões realizadas através dos fóruns foram relevantes e de uma grande importância para o grupo, pois possibilitou a ampliação e aprofundamento de conceitos e temáticas referentes às aulas. (JBR).

Os temas debatidos nos fóruns foram gerados a partir das aulas.”(NP).

Foi ótimo trabalhar com e-mails, fomos para o laboratório eles acessaram o Google, o conteúdo que citei e pedi que pesquisassem para responderem as questões propostas. Após, responderem eles enviaram para meu e-mail as mesmas e eu as corriji. Foi legal, e trabalhei com todos os alunos. (AC).

O e-mail e a agenda foi os que eu mais utilizei. (FC)

Os fóruns de discussão foram utilizados como tema de seminários, os quais foram apresentados e discutidos no grupo de forma presencial. (ZM).

O Portal Universitário nas faculdades: FCJUR, FCBS e FCSA foi implantado em janeiro de 2004 e nas faculdades: FECOM, FCET e FCH em janeiro de 2005, estamos em fase de aprendizagem, de construção “vale ainda ressaltar que o desenvolvimento de qualquer tecnologia de suporte é dialético, no sentido de que as inovações computacionais demandam novas reflexões pedagógicas, e inversamente, necessidades decorrentes de experiências práticas implicam novos desenvolvimentos computacionais e pedagógicos.” (ROCHA, 2003, p.392). Vamos trilhando aos poucos este novo horizonte de oportunidades que o mesmo oferece, a cada dia solidificando as inovações, passo a passo, dentro das possibilidades de cada um.

4. Conclusão

O trabalho com o portal educacional do CESMAC contribuiu e enriqueceu a função docente permitindo uma vasta oportunidade de ampliar os conhecimentos, de dinamizar as aulas, de poder junto com os alunos interagir com mais rapidez e eficiência, sem falar que o portal disponibiliza várias ferramentas interativas que motivaram não só o professor, mas também o aluno.

Foi a criação de um ambiente novo, de interatividade, que descentralizou um pouco mais a ação docente, propiciando aos alunos uma certa independência, uma confiança, em relação à utilização das ferramentas do portal, durante as aulas, permitindo também aos professores acompanhar, intervir e mediar todo o processo

de movimentação dos alunos, à medida que desenvolviam os trabalhos acadêmicos ou atividades propostas.

Este trabalho trouxe contribuições para a área docente limitando-se a investigar o caso da utilização do Portal Universitário do CESMAC, posso afirmar, contudo, que de alguma forma todos foram contagiados no decorrer do processo de implantação e que aos poucos os trabalhos no portal foram sendo desenvolvidos e por que não dizer? Progridem inevitavelmente melhorados e ampliados.

Referências

BARRETO, Edna S. A escola e as tecnologias inteligentes. In: ALVES, Lynn et al (org). **Educação a distância**. São Paulo: Futura, 2001.

COSTA, R.; XEXÉO, G. A internet nas escolas: uma proposta de ação. **Anais do VII SBIE**, Belo Horizonte, 1996. p.105-118.

KULLOK, Maísa. **Formação do professor**: do nível médio ao nível superior. Maceió: Catavento, 1999.

MARTINS. O B. **Educação a distância**: fundamentos e políticas de educação e seus reflexos na educação a distância. Curitiba: MEC/See, 2004.

MERCADO, Luis P. (org.) **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: Edufal, 2002 .

MORAN, José; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

_____. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In.: ROMANOWISKI et al (org.). **Conhecimento local e conhecimento universal**: diversidade mídias e tecnologias na educação. vol 2, Curitiba, Champagnat, 2004, pp.245 – 253.

_____. Internet no ensino. **Comunicação & educação**. V (3): janeiro/abril, 1999.

ROCHA, Heloisa, V. Teleduc: software livre para educação a distância. In: SILVA Marco (org). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 377-393.

SANDHOLTZ, Judith; DWYER, David. **Ensinando com tecnologia**: criando salas de aula centradas nos alunos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SÍGALES, C; BADIA, A. Formación universitaria y TIC: nuevos usos y nuevos roles. **Revista de universidad y sociedad del conocimiento**. México.vol. 1, nº 1. 2004.

EVASÃO NA EAD: RELATO DE CASO

Yára Pereira da Costa e Silva Neves

1. Introdução

A educação hoje não depende somente da escola e sim de toda comunidade e dos meios de que esta dispõe, determinando novos modelos na prática pedagógica. O intercâmbio de idéias perpassa toda a aprendizagem, assim como a formação de comunidades de aprendizagem, presenciais, semi-presenciais e virtuais.

Atualmente o uso de ambientes virtuais de aprendizagem é um modelo educativo inovador no mundo globalizado, onde dispomos de ferramentas na Internet como chat, fórum de discussão, videoconferências, e-mail, as quais propiciam o desenvolvimento de soluções baseadas no conceito de comunidades de aprendizagem interativas, onde o espaço físico desaparece e a aprendizagem sobre o mundo torna-se real e imediata, como coloca Almeida (2000, p.1), quando afirma que

Praticamente todos os campos da ação humana estão envolvidos com mediadores telemáticos, que interferem nas relações humanas, imprimem às comunicações um caráter de interdependência e simultaneidade e levam as pessoas a imergir no mundo virtual, transformando a visão de homem e de mundo.

As avaliações de políticas de EAD estão se realizando como deveriam? Realmente esses programas ofertados estão melhorando a aprendizagem? Os professores inseridos nessas capacitações estão se apropriando de conhecimentos como ferramenta na sua prática pedagógica?

O desenvolvimento desta pesquisa sobre evasão na EAD se justifica pela oportunidade de analisar a utilização da EAD na formação de professores especificamente no Curso de Extensão a distância TV na Escola e os Desafios de Hoje, destinado a capacitação de professores, coordenadores e gestores de escolas públicas de Ensino Médio e Fundamental da rede pública do país, com o objetivo de favorecer o embasamento necessário para utilização das TIC, em especial TV e vídeo.

Pela relevância com que as mídias vêm tratando Escola e Televisão na participação do desenvolvimento das potencialidades humanas, esperamos contribuir para o processo educativo permeado pela mudança de um novo paradigma. Através da “reflexão-na-ação” e “reflexão-sobre-a-ação” buscamos encontrar uma nova forma

de trabalhar em educação em que a aprendizagem se constitua como algo que parte do interior do sujeito e de sua relação com os demais e com sua realidade, e a aquisição de conhecimentos ocorra de forma interativa, refletindo sobre práticas reais.

Tendo em vista o novo quadro social e para atender à demanda de qualificação de docentes do ensino básico, principalmente nas escolas que dispõem do kit tecnológico¹, foi ofertado o primeiro Curso de Extensão da Universidade Virtual Pública (UNIREDE), o TV na Escola e os Desafios de Hoje, promovido pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação (SEED/MEC), em parceria com as Secretarias Estaduais de Educação, favorecendo a oportunidade de capacitação de professores, coordenadores e gestores de escolas públicas de Ensino Médio e Fundamental da rede pública do ensino básico em todo o país, oferecendo formação a distância para utilização das TIC, em especial TV e Vídeo.

O curso tem como proposta fornecer o embasamento necessário a nossa prática pedagógica, com a utilização da televisão e do vídeo, como também oportunizar fundamentação para a importância das TIC na escola. A duração do curso foi de 180 horas, sendo 60 horas para cada módulo. No início do curso, éramos nove e todos os professores participantes da referida escola desistiram ainda no primeiro módulo.

Na primeira oferta desse curso, a demanda excedeu o número de vagas. Foram 170 mil inscrições para 30 mil vagas e era a primeira vez no Brasil que uma rede de instituições públicas de Ensino Superior, junto com as Secretarias Estaduais de Educação e SEED, disponibilizavam um curso de extensão em conjunto numa rede de instituições que apresentou em todos os estados envolvidos um significativo índice de evasão.

Com o propósito de contribuir com o processo educativo para aprimoramento e melhoria dos cursos à distância, uma vez que EAD é ao mesmo tempo resultado e razão das transformações percebidas na sociedade, junto às TIC, buscamos encontrar subsídios que venham contribuir para a diminuição no índice de evasão nos cursos de EAD, já que o curso em análise traduz o compromisso da SEED/MEC/Unirede e secretarias estaduais de educação conforme definido por Neves (2002, p. 2).

¹ Conjunto de equipamentos para recepção dos programas da TV Escola, constituído de: antena parabólica, televisor, receptor de satélite, aparelho de vídeo e dez fitas VHS virgens e um estabilizador de voltagem fornecido às escolas pelo Programa TV Escola.

Os programas desenvolvidos pela Secretaria de Educação a Distância do MEC têm o objetivo de oferecer às escolas de Ensino Fundamental e Médio infra-estrutura, diretrizes e produtos que respeitem a autonomia dos sistemas, promovam parcerias, realcem o projeto pedagógico das instituições e coloquem a tecnologia a serviço da educação.

O que levou o professor-cursista, ciente da necessidade de utilizar-se dos recursos tecnológicos para melhorar sua prática pedagógica, a desistir do curso. Quais as causas do número tão significativo de evadidos, visto que a demanda excedeu o número de vagas?

Os profissionais da educação optaram pelo curso de acordo com suas necessidades, capacidade de interação e trabalho, por ser ele potencialmente realizável e sem custos, ter horários flexíveis e certificação para plano de carreira. Nossa hipótese é que desistiram devido a dificuldades com a sistemática de trabalho de um curso a distância, em lidar com os recursos tecnológicos, com os processos avaliativos e ainda com tipo do material de estudo, estrutura e metodologia do curso, tutoria ou porque “um curso a distância exige do aprendiz, entre outras coisas, muita disciplina e autonomia de aprendizagem” (COSCARELLI, 2001, p. 2).

Essas considerações nos parecem importantes, porque esse curso é um programa da EAD oferecido pela SEED/MEC, destinado à formação de professores da rede pública, resultado de políticas públicas para as TIC na educação. Presumimos que teve origem em uma questão que se tornou socialmente problematizada no meio educacional ou apenas é mais uma interferência dos organismos internacionais. Isso nos leva a uma reflexão quanto ao sentido desse programa, para que não enxerguemos o uso das TIC na educação somente por necessidade de uso de instrumentos e técnicas e sim pela maneira de sua utilização, requerendo dessa forma um olhar mais crítico sobre a prática pedagógica. Acreditamos que as TIC bem utilizadas podem se tornar um elemento estruturante dessa prática, porém isso não acontece em curto prazo, porque mudança de postura é um processo que não se dá apenas com a massificação de programas de políticas públicas de formação de professores, com estratégias, de métodos, técnicas e tecnologia ofertados a escola pública.

2. Políticas Públicas de EAD

O processo de formação a distância para uso das TIC é hoje uma das maiores inovações com respeito à utilização da EAD na capacitação de professores e à introdução das tecnologias educacionais em que os profissionais da educação escolhem o curso de acordo com suas necessidades, capacidade de interação e trabalho potencialmente realizável, flexibilidade de horários, certificação para plano de carreira, oportunidade de acesso à educação para aqueles geograficamente distantes.

A EAD, utilizada com crescente desenvolvimento em todo o mundo, deve ser vista como uma modalidade educacional alternativa que contribua para a busca de novos paradigmas educacionais numa percepção holística, em que a educação pode se desenvolver como um sistema aberto, em conexão com todas as práticas sociais e na relação com o ser humano.

Possibilitando assegurar os dispositivos de incentivo do artigo citado, o MEC, por intermédio da SEED, desenvolve programas de políticas públicas², em diversos horários, áreas diferentes de interesse e profissionais das mais diversas e distantes regiões do país, facilitando a inserção das tecnologias nas escolas públicas.

A EAD desperta interesse em todos os setores da sociedade atual, presenciamos em nosso cotidiano a expansão de ofertas de cursos a distância. Na medida que estão disponíveis e suprem interesses diversos, sua utilização se generaliza e podemos pensar em uma nova postura educacional, apoiada pelas TIC e por novas concepções de conhecimento, devido às novas exigências impostas pela sociedade, uma vez que a EAD “se constitui em um canal privilegiado de interação com as manifestações do desenvolvimento científico e tecnológico no campo das comunicações” (LOBO NETO, 2003, p. 406).

Essa reflexão elucida-nos na buscar de estratégias que realmente disseminem informações suficientes para uma compreensão mais profunda das possibilidades da EAD, desde que se analisem as variáveis que dificultam ou impedem a efetivação dos programas hoje existentes, tendo como prioridade a concepção educacional, identificando

² Programa TV Escola, Programa Nacional de Informática na Educação–PROINFO, Programa de Formação de Professores em Exercício – PROFORMAÇÃO, Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a distância – PAPED, RIVED e Rádio Escola, Programa de Formação Inicial para Professores dos Ensinos Fundamental e Médio - PRÓ-LICENCIATURA, PRÓ-LETRAMENTO PROINFANTIL, PRÓFUNCIONÁRIO-Programa de Formação Inicial de Funcionários de Escolas, PROGRAMA ÉTICA E CIDADANIA, Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação.

a EAD de forma mais consistente, em que se preocupem com os resultados positivos ou não e divulguem os resultados inesperados e ditos negativos, como a evasão de professores. Segundo Parker apud Collins (2004, p. 55),

A persistência em educação a distância é um fenômeno complexo influenciado por um grande número de variáveis[...] pesquisas qualitativas e quantitativas são necessárias para combinar esse grande número de variáveis e determinar sua capacidade em prever desistência em educação a distância.

Mais importante do que discutirmos a sua validade é que não nos passem despercebidas as possibilidades da EAD para a inclusão educacional e o desenvolvimento como ser humano de parte considerável da nossa sociedade, como avalia Almeida (2003 a, p. 164):

Evidencia-se a necessidade de congregar esforços entre poder público, instituições de ensino, especialistas, pesquisadores e educadores, a fim de aprofundar o debate sobre as concepções de educação, tecnologia e educação a distância, bem como desenvolver metodologias que favoreçam uma educação voltada à profissionalização associada ao desenvolvimento das potencialidades do ser humano e à melhoria de qualidade de vida.

Essas ações precisam ser repensadas, visando a uma tomada de consciência da importância dos projetos de EAD comprometidos com a qualidade e que os resultados alcançados nas avaliações nacionais sejam qualificados e não apenas quantificados, como observamos nos discursos de Faria, Quezado, Fiorentini (s/d, p. 10): “em menos de três anos conseguimos que tenham passado pelo curso e seus materiais quase a metade das mais de duas centenas e meia de milhares de primeiros pedidos de inscrição”.

Os números e dados quantitativos são necessários, porém as avaliações não podem se restringir a eles. É importante aliar quantidade, qualidade e desafios para que no final do processo os educadores vislumbrem a necessidade de transformação a fim de que os cursos a distância funcionem como catalisadores da mudança de paradigma educacional e não considerando apenas número de professores cursistas. De nada adianta passar pelo curso. Isso não é indicativo de aprendizagem e mudança. É necessário

que os educadores tenham a oportunidade de compreender o significado dessas referências, criticá-las, interiorizar, experimentar e refletir os aspectos novos que viveram durante a formação para então modificar ou ampliar sua prática pedagógica.

É preciso que se tome a decisão política de implantar programas de EAD, conforme salienta Almeida (2003 a, p.190), “cautelosamente acompanhados e avaliados de acordo com as características do projeto e as condições contextuais, as quais podem apontar diferentes direções”, uma vez que atendem a diferentes realidades com diferentes propósitos.

Parece evidente que os programas de EAD destinados a formação inicial, continuada ou aperfeiçoamento de professores expressam um grande discurso pela adoção de EAD como opção para expandir espaços e atingir as mais longínquas regiões do Brasil. Mas será que no campo prático as políticas públicas não estão responsabilizando o docente como o veículo principal da melhoria da qualidade da aprendizagem e esquecendo que devemos compreender as estruturas sociais que perpassam nossa sociedade?

Acreditamos que, se os órgãos vinculados às políticas educacionais analisassem mais detidamente a efetividade dos programas na prática pedagógica, talvez o resultado fosse melhor, pois entendemos a EAD integrada com as TIC como uma ferramenta capaz de proporcionar a reflexão necessária à prática pedagógica, como também o desenvolvimento de competências ao longo do processo, e que se aproxime mais do objetivo proposto, ou seja, com a intenção de contribuir para catalisar a mudança na educação brasileira.

Os docentes, ao participarem desses programas, estão aptos a fazer uso apropriado das TIC, contribuindo dessa forma para a melhoria da qualidade da educação ou para contribuir na construção de um novo paradigma para a educação brasileira?

Também se faz necessário que os gestores e coordenadores se envolvam com o uso das TIC, especialmente com os programas da TV Escola, PROINFO, RIVED e outros, com a finalidade de analisar as potencialidades e limitações para o uso pedagógico desses recursos e programas, bem como para a incorporação na gestão escolar em suas atividades. Assim, a responsabilidade da inserção das TIC na escola não deve ficar restrita ao professor, uma vez que “A incorporação das TIC na escola vem se concretizando com maior frequência nas situações em que diretores e comunidade escolar se envolvem nas atividades como sujeitos do trabalho em realização” (ALMEIDA, 2002, p. 6), para que possam estimular os professores. Permitindo maior facilidade para manusear

esses recursos e que se apropriem das TIC, com a finalidade de construir seu próprio conhecimento, para poder facilitar a sua prática ajudando aos seus alunos na construção de conhecimentos podendo dessa forma contribuir efetivamente para a mudança que almejamos, como defende Toschi (2003, p. 95):

[...] criar condições organizacionais nas escolas para que a inovação aconteça, para que as experiências pedagógicas não sejam sistematicamente destruídas com argumentos burocráticos, para que os profissionais do ensino se sintam motivados e gratificados por participarem em dinâmicas de mudança

Apesar de toda boa intenção, percebemos que nesse programa, entre outros vinculados às TIC, oferecidos pela atual política educacional de formação docente, os professores se mantêm passivos, resistentes e não se apoderam dos recursos tecnológicos ofertados para o desenvolvimento de sua prática pedagógica de maneira significativa, uma vez que “deveria ter sido precedido de uma conscientização e de uma preparação dos recursos humanos para que fossem capazes de lidar com essa inovação, não apenas no ponto de vista técnico, mas do ponto de vista pedagógico, garantindo, assim, a eficiência e eficácia do Programa”. (CASTRO, s/d, p.11).

Ao treinarmos os professores em serviço, entendemos que talvez, não exista a preocupação de que o docente se apodere dessas ferramentas de maneira reflexiva, com consciência crítica e não de forma aligeirada, como se após o treinamento o professor estivesse apto para utilizar-se da TV e vídeo de maneira rápida e eficiente, sem deixar amadurecer as reflexões dos professores para adotar essas ferramentas.

Será realmente o que a autora defende, ou os professores resistem em apropriar-se porque percebem que quando “um programa não produz os resultados esperados, a tendência é investir na capacitação dos professores para uma utilização mais eficiente” (BARRETO, 2003, p.24), cabendo dessa forma a responsabilidade para o docente?

A utilização e apropriação indicam fatores fundamentais que evidenciam a validade ou não do programa, ou seja, se efetivamente as escolas utilizam o kit, conseqüentemente isso só é possível se os professores, coordenadores e gestores se apropriarem do programa para uso pedagógico e se forem observadas melhorias no ensino e na aprendizagem. O uso pedagógico não significa apenas usar o equipamento e sim incorporá-lo ao projeto pedagógico da escola, compreendendo a concepção

abordada, deixando espaço para que os docentes atuem de tal forma que “quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, do estado da curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2003, p. 36).

Enquanto docente nos cursos de formação de professores, tanto na graduação quanto nas capacitações para professores da rede pública, ao trabalharmos com fitas da TV Escola que abordam o uso das TIC como ferramenta da aprendizagem, ou utilizando material audiovisual da TV Escola, escutamos alegações de que o material é muito rico e interessante, mas bem diferente da realidade deles, como os exemplos “essa fita é muito boa, mas não condiz com nossa realidade, não possui nenhum vínculo com a realidade da nossa escola” (A. B. cursista de capacitação em Informática Educativa, NTE Maceió, 2003).

3. Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje

O curso em análise foi organizado para atender o maior número possível de professores, coordenadores e gestores da esfera educacional pública do país. Após o resultado da pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp, realizada em 1999, em que professores desejavam capacitar-se para melhor aproveitar o kit tecnológico e o acervo da TV Escola, formalizou-se o primeiro repasse de recursos oficiais diretos do Governo Federal para programas do consórcio Unired.

É um curso de extensão universitária à distância com a proposta de abranger o maior número de educadores, permitindo que se qualificassem sem necessitar ausentar-se ou deslocar-se da escola. Quase 34 mil vagas foram ofertadas na primeira edição, em que “250 mil inscrições preliminares apontavam o significado dessa decisão para o sistema educacional brasileiro” (PINTO, MEDEIROS e FIORENTINI, 2002, p. 8).

O curso está inserido nos propósitos da educação para formação de professores a distância, com o objetivo de capacitar profissionais de instituições públicas de Ensino Fundamental e Médio para o melhor aproveitamento das TIC na prática pedagógica. Segundo a visão de Pinto, Medeiros e Fiorentini (2002), apresenta-se com características inovadoras:

- identidade e integração de vídeos e impressos;
- desenvolvimento de competência, atitudes e valores;

- consistência de objetivos e método;
- congruência de objetivos, atividades e avaliação;
- ineditismo da experiência.

Foi desenvolvido por uma universidade pública em cada Estado, que juntamente com a Secretaria de Educação compõem o núcleo regional, promovendo, desta forma, a integração entre os profissionais da rede pública de Ensino Superior e os profissionais que lidam com o Ensino Fundamental e Médio. Cada núcleo possui autonomia na forma de implementação do curso dentro das particularidades regionais.

Na implantação do curso, na primeira edição, houve a criação de 18 núcleos que atuaram em parceria com uma Universidade e Secretarias Estaduais de cada Estado. Dos 18 núcleos, alguns pertenciam a doze Estados do Brasil e seis atuavam em conjunto com dois ou três Estados, cujos núcleos foram: Amazônia Leste (RO, AC, AM); Amazônia Oeste (PA, RR, AP); Central (DF, TO); Extremo Leste (PB, RN); Parnaíba (MA, PI) e São Francisco (PE, AL, SE).

Cada núcleo foi coordenado pela universidade que participa do consórcio, designada para tal e com a coordenação geral da Universidade de Brasília (UnB).

O curso foi organizado em três módulos sequenciais, com 60 horas em cada módulo, totalizando 180 horas. Na ocasião do lançamento, os módulos deveriam ser realizados em três meses, ou seja, um mês para cada módulo. Porém, com as dificuldades apresentadas durante a primeira edição, ampliou-se a carga horária para seis meses, sendo dois meses para cada módulo.

Cada módulo conta com materiais didáticos que compreendem impressos e vídeos integrados entre si. O material impresso consta de um Guia do curso e três volumes equivalentes a cada módulo.

Tanto o material impresso quanto o audiovisual foram elaborados por uma equipe de 32 docentes de Universidades consorciadas da Unirede, sob a responsabilidade da coordenação pedagógica da UnB. Os vídeos de suporte ficam sob a responsabilidade do Centro de Produção Cultural Educativa da UnB.

Esse material foi distribuído durante o momento presencial ou pelos correios no início de cada módulo, juntamente com o Guia do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.

Os vídeos compreendiam doze programas, distribuídos em três fitas equivalentes a cada módulo, e como suporte, 36 vídeos do acervo da TV Escola que

foram veiculados conforme grade de programação previamente divulgada através do Guia de Programas. A grade da TV Escola é ajustada ao calendário do curso, ficando disponível em períodos posteriores.

O conteúdo abordado nos vídeos foi apresentado em diversos formatos, contendo exemplos de experiências vivenciadas no cotidiano, colocações fundamentadas de especialistas e de cursistas e uma retrospectiva ao material impresso. Segundo análise de Carneiro (2003, p.2), “blocos fragmentados em seqüência com formatos híbridos [...] para despertar o gosto pelo estudo, motivar seu entendimento, facilitar sua apropriação, incentivar a experimentação, com quatro a cinco blocos/15 minutos de programa. Sempre seqüenciadamente”.

Cada cursista poderia ter acesso aos vídeos em sua casa, na escola, nos locais que possuíam antena parabólica ou similar. Aqueles que tivessem dificuldades poderiam recorrer aos gestores de sua escola para que fossem gravadas em fitas de vídeo, ou ainda às coordenações estaduais da TV Escola que possuíam cópias das fitas, disponibilizando como empréstimo com o compromisso de devolverem após a cópia.

O Guia do curso além das apresentações formais, continha lista de conteúdos que seriam explorados, a organização do curso, algumas sugestões para o cursista organizar seu horário de estudo semanal: estudos individuais, estudos coletivos, sugestões quanto aos horários de estudos semanais que deve dispor para a realização das atividades propostas, além de orientação para a elaboração do memorial, explicações sobre a atuação do tutor, normas de avaliação da aprendizagem e certificação do curso.

A certificação do curso se deu de forma diversificada. Caso o aluno fosse aprovado, ao final dos três módulos receberia um certificado de extensão de 180 horas, podendo, no entanto, aquele aluno que não desejar completar o curso todo, receber um certificado de 60 horas correspondente ao módulo concluído. Para fins de certificação do curso completo, ou seja, certificação de 180 horas, o aluno deveria apresentar uma proposta de utilização dos audiovisuais explorados, caracterizada como um trabalho final, com o objetivo de integrar o uso e a produção de um projeto audiovisual na sua prática pedagógica.

No final de cada módulo constavam atividades que serviam de orientação para a auto-avaliação do cursista; não tinham caráter obrigatório, e eram apresentadas como comentários.

O curso estabeleceu um sistema de orientação acadêmica do tipo tutoria para dar apoio acompanhando, monitorando e avaliando o cursista durante o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Os tutores receberam um Manual de Orientação Acadêmica contendo orientações necessárias para o seu papel pedagógico e operacional no transcorrer do curso.

O sistema tutorial ficou sob a responsabilidade de cada núcleo englobando a inscrição, processo seletivo e capacitação que fica a cargo da Universidade local, com a responsabilidade de formar uma equipe de atuação que desempenhe conscientemente seu papel, conforme expressa Almeida (2003, p. 3).

[...] caso esse tutor não compreenda a concepção do curso ou não tenha sido devidamente preparado para orientar o aluno, corre-se o risco de um atendimento inadequado que pode levar o aluno a abandonar a única possibilidade de interação com o tutor, passando a trabalhar sozinho sem ter com quem dialogar a respeito de suas dificuldades ou elaborações.

A distribuição dos tutores se deu por número de cursistas, com a função de supervisionar e orientar o processo de aprendizagem desde a confirmação da matrícula. Entre os cursistas e o tutor acontecem momentos presenciais com a finalidade de criar elos que permitissem a criação de um ambiente interativo entre ambos, uma vez que, no contexto de EAD, “É ele que atua junto ao aluno com a responsabilidade de orientá-lo e acompanhá-lo no desenvolvimento dos seus estudos, auxiliando-o no sentido da aquisição de estratégias de aprendizagem, ajudando-o a adquirir autonomia de estudo e práticas auto-avaliativas” (LIMA, 2002, p. 69)

No primeiro contato com o cursista o tutor apresentava o calendário das atividades e a grade horária de plantão, e os meios como deveria se dar a comunicação que geralmente acontecia através de encontros individuais, telefone, fax, carta ou e-mail com o objetivo de favorecer a comunicação entre ambos.

As normas de avaliação da aprendizagem eram de responsabilidade do tutor, que, após a análise, poderia solicitar ao cursista que as revisse ou as complementasse, com a finalidade de sua aprovação no curso, ou “para aprimorar os processos de ensino e aprendizagem, independente de serem ou não objeto de atribuição de nota”. (PINTO, MEDEIROS e FIORENTINI, 2002, p 11). A avaliação foi feita ao longo de cada módulo, com a execução das atividades propostas por meio de escala de conceitos e menções e encaminhadas ao tutor, com época prevista no calendário acadêmico do curso.

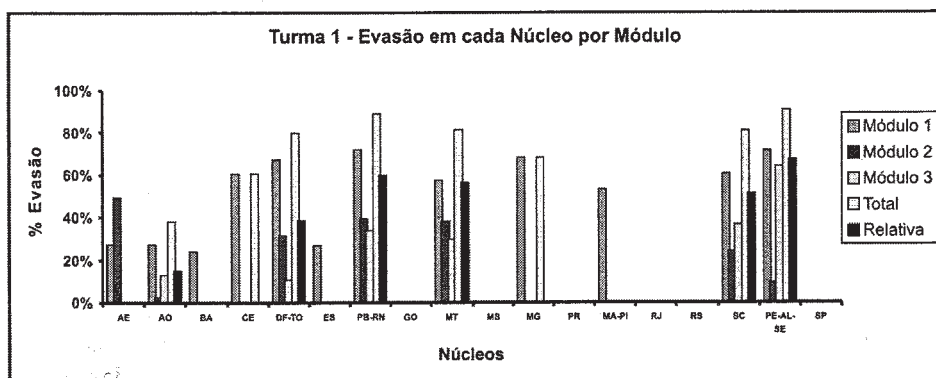
Nas atividades de avaliação de desempenho constavam as informações necessárias para o cursista resolver as atividades propostas no final de cada conteúdo explorado, cuja finalidade era registrar os resultados da aprendizagem adquiridos à proporção que realizavam seus estudos e deveriam ser encaminhadas ao tutor na época prevista no calendário.

Nas atividades optativas sugeriam-se ao cursista estudos através dos recursos da Internet, para obter informações para enriquecer seu estudo com consultas a sites específicos, participação em fóruns, listas de discussão e chat.

Perfil das edições

Na primeira edição, vários fatores influíram para o não aproveitamento efetivo do curso, desde a gestão pedagógica à gestão de sistema pelos órgãos envolvidos, culminando com problemas que denotam o insucesso pelo menos nesse momento. Dentre eles encontram-se os índices de evasão que motivaram pesquisadores a realizar estudos na área para ajudar a compreender a evasão durante o curso, que na primeira edição apresentou um alto percentual em quase todos os estados conforme gráfico 1:

Gráfico 1 - Evasão em cada núcleo por módulo



Fonte: Faria, Quezado e Fiorentini (s/d, p. 3).

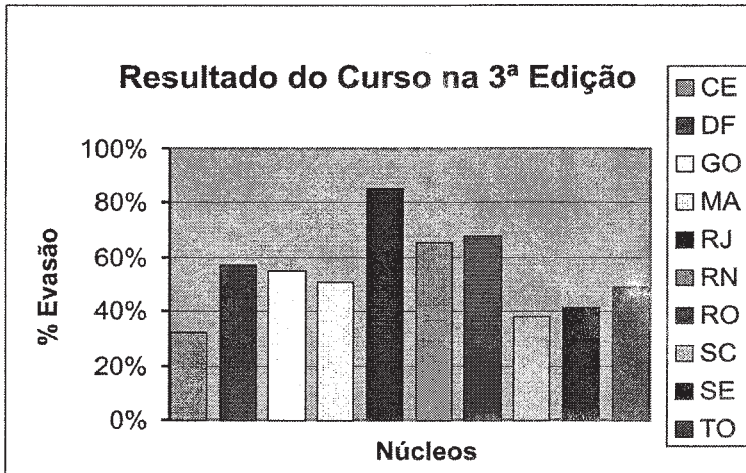
O índice de evasão foi preocupante, tanto que Faria, Quezado e Fiorentini (s/d, p. 4) afirma que “o principal fator para este índice elevado de evasão foi extrínseco ao processo de ensino e causado por problemas relativos à falta de organização da inscrição dos alunos e à informações sobre o tipo de curso”.

Devido às dificuldades que comprometeram o desempenho dos núcleos na realização da primeira edição do curso, os autores citados enfatizam que “ocorreu mudanças estratégicas visando sanar as dificuldades a partir da segunda edição” (FARIA, QUEZADO e FIORENTINI s/d, p. 3).

Aproximadamente 53.000 cursistas foram matriculados na segunda edição. Devido aos problemas apresentados na edição anterior, a matrícula passou a ser descentralizada, não sendo mais a Universidade de Brasília a responsável e sim as Secretarias Estaduais em seus respectivos Estados. Foram implantados núcleos, perfazendo um total de 24 núcleos, em quase todos os Estados. Houve a criação da coordenação administrativo-acadêmico nos núcleos, gerida por técnicos da Secretaria Estadual de Educação de cada Estado, como também a reformulação de todo material, tanto o impresso quanto o audiovisual.

Na terceira edição não houve reformulação dos materiais nem na organização do curso, aconteceu desmembramento e criação de novos núcleos, contando com um total de 27 núcleos, ou seja, em todos os estados brasileiros.

Ainda se percebe evasão em vários estados, conforme o resultado da terceira edição registrado nos relatórios finais do curso, como nos mostra o gráfico 2, embora Faria et al (s/d, p. 5) defendam que houve “uma queda considerável no índice de evasão ao longo das três edições”.

Gráfico 2 - Resultado da 3ª edição em alguns estados brasileiros

É notório que se vem tentando aperfeiçoar e evoluir para a descoberta de padrões mais adequados quanto aos problemas institucionais, técnicos, materiais e de acompanhamento acadêmico (tutoria) pelos núcleos regionais e coordenações estaduais com o objetivo de melhorar qualitativamente o Programa. Justamente por isso, o desenvolvimento de pesquisa que revelem as causas concretas da evasão a partir da “voz” dos professores/alunos pode trazer contribuições efetivas ao aprimoramento do curso.

É um momento de aprendizado para os Núcleos, por ser uma construção coletiva entre os órgãos envolvidos, da implantação do curso ao seu desenvolvimento, e acreditando em Freire, (2003, p. 30). “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”, e com o intuito de entender, descrevo a seguir a situação específica do curso TV na Escola os Desafios de Hoje em Alagoas.

4. Evasão na EAD: o caso do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje em Alagoas

A implantação do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje em Alagoas teve início em junho de 2000, após a divulgação pela coordenação da TV Escola na Secretaria Estadual de Educação, com as inscrições centralizadas na UnB.

Na primeira edição do curso, realizada sob a coordenação do Núcleo São Francisco sob responsabilidade da Universidade Federal de Pernambuco, foram matriculados 617 profissionais da educação, distribuídos em 100 escolas da capital e 28 escolas de municípios alagoanos.

Essa edição foi realizada de forma tumultuada desde a questão pedagógica até a gerencial. Durante a execução do 1º módulo houve vários empecilhos que dificultaram o desempenho do curso, como a matrícula centralizada na UnB. Além disso houve ainda: distribuição do material, que se deu com atraso; as escolas não estavam com os equipamentos funcionando a contento; houve naquele momento aumento de carga horária de trabalho docente de 20 horas para 30 horas de sala de aula para os professores com 40 horas; ausência de momentos presenciais; dificuldades de os cursistas assistirem aos vídeos, como também a dificuldade de leitura e compreensão do material por alguns professores. “Faltava-lhes construir competências e habilidades para continuarem. Portanto, muitos trabalhos eram devolvidos para que fossem refeitos e, daí, vinha a desistência” (MERCADO, 2004, p. 125), culminando com tão alto número de evadidos, ou seja, o índice de evasão foi superior a 60 %, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 — Concluintes e Evadidos da 1ª edição – Alagoas

INSCRITOS (617)	CONCLUINTES	EVADIDOS
1º MÓDULO	205	412
2º MÓDULO	147	58
3º MÓDULO	87	60

O núcleo São Francisco, apresentou um alto índice de evasão, na primeira edição. Conforme Faria et al (s/d, p. 5) “teve uma perda de 64 % dos alunos matriculados no módulo 3”, e como fruto de novas estratégias de organização do curso, foi desmembrado, com a criação de 2 novos núcleos: Alagoas e Sergipe. Assim passamos a ter um núcleo próprio, coordenado pela Universidade Federal de Alagoas em parceria com a Secretaria Estadual de Educação.

Após a realização da primeira edição do curso, conforme relatório final, foi detectada uma série de fatores que contribuíram para este fato, tendo o Núcleo adotado medidas visando minimizar a situação da 1ª edição.

Contando com seu núcleo e com autonomia na forma de implementação do curso, Alagoas desenvolveu suas atribuições em parceria com a SEE.

Para dar início à 2ª edição, em 2001, após a divulgação do curso com uma demanda de aproximadamente 4 mil inscrições, o Núcleo Alagoas adotou ações estratégicas quanto a distribuição de vagas, que ficaram sob a responsabilidade das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE). Foram selecionados mil cursistas, distribuídos em 373 escolas da capital e 76 escolas abrangendo 10 municípios alagoanos atendidos por dez tutores, perfazendo um total de um tutor para cem cursistas, com escalas de plantões diários conforme a disponibilidade de cada um, visando atender melhor aos cursistas.

Essa edição, por ser a implantação do curso no referido Núcleo, após a análise dos resultados

[...] apresentou muitos desafios, tanto do ponto de vista pedagógico quanto gerencial, sendo muitas dificuldades enfrentadas para a adoção de uma proposta pedagógica inovadora e de um modelo de gestão baseado na integração e construção de parcerias entre a SEED/MEC, UNIREDE e Coordenações Estaduais das Secretarias de Educação. (MERCADO, 2004, p. 125).

A partir dessa edição, visando reverter tanto o quadro quantitativo quanto o qualitativo, houve um trabalho de recuperação e reintegração dos cursistas, elaboração de cronogramas diferenciados para entrega das atividades pelos retardatários, melhoria no papel da tutoria; “alguns tutores tiveram posturas frente ao processo que precisam ser revistas e analisadas, como insegurança nas orientações a serem dadas, falta de compromisso com o horário de tutoria, modo de analisar as atividades propostas” (MERCADO, 2004, p. 126), visto que a postura adotada pelo tutor é fundamental para que seja adquirido um resultado satisfatório no desenvolvimento e crescimento do cursista.

Para operacionalizar o sistema de tutoria, houve seleção para profissionais interessados, envolvendo análise de currículo e entrevista, em que deveriam apresentar os seguintes requisitos: comprovação de experiência em docência, experiência em EAD, disponibilidade de tempo, interesse pela temática e disponibilidade para viagens.

Foi implantada a capacitação para tutores, realizada por professores da UFAL, constituída de uma formação inicial e uma formação continuada, sendo esta última realizada durante o curso, com encontros semanais de estudos entre tutores e coordenadores com especialistas convidados, elaboração de memoriais, realização das atividades dos módulos no sentido de melhorar o sistema de tutoria de cursos a distância.

Essa formação, com carga horária de 80 horas, sendo 50 horas presenciais e 30 horas a distância, acompanhada no final pela entrega de um memorial individual e um relatório de tutoria, foi válida porque, à proporção que experienciavam o curso, também aprendiam.

A formação inicial teve como objetivo orientar, estimular e facilitar o desempenho de cada profissional, como também elaborar cronogramas para atendimento aos cursistas estratégias para a avaliação das atividades, com definição de conceitos para serem aplicados ao final de cada módulo.

Durante o desenvolvimento do curso foi definido um encontro semanal de todos os tutores, objetivando tomada de decisões e encaminhamentos necessários quanto à gestão pedagógica.

Ampliaram-se para seis encontros, os momentos presenciais que aconteciam no início de cada módulo entre os cursistas e os tutores no período de cinco dias, sendo três em Maceió e três nos municípios pólos, realizados no início do primeiro módulo. Esses momentos eram de aproximadamente 4 horas em cada expediente (manhã e tarde). Durante esses encontros aconteciam discussões para esclarecimento de dúvidas por parte dos cursistas, entrega de material impresso, orientações quanto à avaliação das atividades, exibição dos vídeos do primeiro módulo “que serviram de orientações preliminares como embasamento para as atividades propostas nos módulos” (MERCADO, 2004, p. 131), orientação quanto à disponibilidade da gravação/reprodução das fitas e calendário para entrega das atividades e conclusão do primeiro módulo, com o objetivo de sanar dificuldades quanto à assistência aos cursistas.

As informações quanto ao plantão dos tutores e encaminhamentos das atividades foram realizadas por meio dos correios, telefone e e-mails.

Para diminuir a evasão no primeiro módulo, foi implantada uma metodologia de trabalho na qual todos os tutores atuaram em momentos presenciais, formando grupos de estudos com a intenção de estimular os cursistas,

em que houve discussão entre os grupos, culminando com socialização e reflexão do tema em estudo.

Na terceira edição foram realizadas 2000 inscrições para preencher 700 vagas, sob a responsabilidade das Secretarias Estaduais e Municipais. Houve uma parceria com o Projeto Integrar quando foram matriculados mais 80 cursistas, distribuídos entre 209 escolas de Maceió e Arapiraca, totalizando 780 vagas.

Alguns critérios foram adotados para a seleção dos profissionais interessados na inscrição do curso, como a disponibilidade de tempo, ser professor de escolas com kit tecnológico em funcionamento, serem professores com formação mínima em ensino médio, serem professores não vinculados a outros projetos ou cursos, acompanhados de justificativa quanto à escolha do curso.

Foram disponibilizadas dez vagas para cada escola, e enviada correspondência com carta-convite aos desistentes da edição anterior, no sentido de retornarem para concluírem o curso.

Durante essa edição várias ações foram desenvolvidas para recuperar os cursistas evadidos, desde a criação de turmas especiais, que estabelecia um paralelo entre o curso regular a distância e o semi-presencial, onde foi notada maior integração entre os cursistas, como comprova Mercado (2004, p. 142)

[...] é importante sublinhar também que os cursistas que estiveram nos momentos presenciais tiveram mais facilidades para responder as atividades, conseqüentemente, aqueles que não puderam assistir o momento presencial tiveram mais dificuldades ao responder as questões.

Na quarta edição, em parceria com a UFAL, houve 2000 inscrições para uma oferta de 1000 vagas, nas quais foram matriculados 1202 cursistas, porque a UFAL, com recursos próprios, matriculou 209 alunos que cursavam o curso de pedagogia a distância, cuja turma foi denominada de Projeto Xingó.

Para dar maior apoio e aumentar a interação entre os cursistas e o tutor, houve descentralização nos plantões de atendimento de tutoria, ampliando-se os pontos da Secretaria Executiva de Educação para UFAL, Coordenadorias Regionais de Educação, Agências Formadoras do Proformação, Secretarias Municipais e algumas escolas Estaduais.

Enquanto durou a quarta edição aconteceram vários encontros presenciais, visando atender um número maior de cursistas.

Na tentativa de evitar a evasão algumas estratégias foram implantadas como o resgate de cursistas desistentes das edições anteriores, com a possibilidade de eles concluírem dois módulos juntos, como também ampliação do prazo de entrega das atividades.

Quanto à seleção de tutores, segundo Mercado (2004, p. 142), “pelo excelente desempenho dos tutores na 3ª edição do curso, mantivemos os mesmos tutores, incorporamos mais dois, completando um grupo de 9 tutores”. Não houve capacitação porque foi mantida a mesma equipe de tutores da turma anterior, bem como as reuniões periódicas, a fim de que o grupo trocasse experiências, para desenvolver melhor suas atividades.

Dessa maneira, percebemos avanços e soluções no sentido de reverter o índice de evasão nas edições realizadas em Alagoas, que em cada edição teve mecanismos diferenciados, por se tratar de experimentos em que se tentou aprimorar as falhas, visando assegurar a operacionalização do curso.

4.1 - Evasão no curso

A evasão é um problema resultante de um conjunto de vários fatores que influenciam na decisão de alguém quanto à permanência ou não em algo dentro de contextos sociais e educacionais.

Segundo Fernandes et al (1991, p. 112) “evasão é uma fuga, saída, ato de evadir-se; evadir por sua vez é evitar, desviar, escapar”. Logicamente, quando fugimos de algo ou desviamos de alguma coisa é porque encontramos um obstáculo para não continuar no caminho escolhido, ou seja, não prosseguimos num intento.

A evasão no contexto educacional representa um problema, porque coloca as instituições envolvidas como responsáveis pela ineficiência do curso ou do programa, o qual, na maioria das vezes, aponta insatisfação do cursista impedidos de alcançar seus objetivos como um indicador que pode comprometer o seu desempenho, uma vez que indica uma possível frustração de expectativas quanto à estrutura do curso, ao enfoque pedagógico, à gestão, ao suporte tecnológico, além de falta de apoio técnico, entre outros fatores.

Conforme os estudos atuais, é um fator habitual no processo educativo da educação a distância, pontuado pelas situações de adaptação e peculiaridades nessa modalidade de ensino.

Conforme Maia, Meirelles e Pela (2004, p.8) “os maiores índices de evasão são nos cursos de extensão e de graduação”. O curso apresentou nas primeiras edições considerável índice de evasão em quase todos os estados brasileiros e não somente em Alagoas.

Deve-se reconhecer, no entanto, que a dimensão e as características do fenômeno em EAD, apesar de vários estudos focalizarem a questão, ainda são pouco exploradas e conhecidas, não havendo referencial teórico definido.

O estudo teve como objetivo investigar as causas que levaram o professor-cursista a se evadir do curso, uma vez que em Alagoas, na primeira edição, houve um número significativo de evadidos, embora a demanda tenha excedido o número de vagas. Buscamos referenciais que dessem orientações ao segmento educacional para ações que aumentem a qualidade dessa modalidade de educação-EAD, na concretização de uma educação mais democrática, que não atinja somente os profissionais alagoanos, como também os educadores brasileiros.

A pesquisa foi realizada utilizando os relatórios finais do curso, nas suas 2^a, 3^a e 4^a edições. Essas foram ofertadas pelo Núcleo Unirede – Alagoas. Também foram usados na pesquisa questionários enviados aos cursistas evadidos, aos coordenadores regionais e entrevistas com o coordenador local, totalizando cinco etapas: a) Levantamento de dados bibliográficos em publicações científicas sobre EAD e políticas públicas brasileiras, TV na Escola, Unirede, evasão nos cursos de EAD, referenciais de qualidade dos cursos a distância dos relatórios nacionais de cada edição, relatórios do núcleo de Alagoas, materiais do curso: página na Internet, material impresso dos três módulos, vídeos dos três módulos, para obter subsídios para o estudo; b) Coleta de dados a partir de várias fontes: entrevistas, consultas e questionários, conforme estruturado no quadro 1:

Quadro 1 - Coleta de dados

INSTRUMENTOS	SUJEITOS INVESTIGADOS	OBJETIVOS	DATA
Entrevistas	Coordenador do Núcleo UNIREDE – AL	Adquirir informações sobre o processo e a situação da evasão do curso.	Agosto 2004 Março/2006
	Coordenadora do Curso em AlagoasTutores	Adquirir informações sobre a evasão do curso.	Março/2006
	Coordenadora do Curso em AlagoasTutores	Adquirir informações sobre o processo e a situação da evasão do curso.	Set/2004 Ago/2005 Abr/2006
Consultas	Banco de Dados de matrícula da Secretaria Executiva de Educação de Alagoas	Levantar informações sobre o endereço dos participantes do curso.	Junho/2004
Questionários	Coordenadores estaduais dos 27 Núcleos do curso	Analisar como foi o processo e a situação da evasão do curso nos demais estados.	Abr/2005
	Cursistas evadidos nas três edições em AL	Investigar as causas da evasão.	Jul/2004

As entrevistas foram individuais, realizadas pessoalmente e algumas por e-mail, com o Coordenador do Núcleo Unirede-AL, a Coordenadora do Curso na SEE/AL e duas tutoras, para adquirir informações sobre o processo e a evasão nos cursos.

Foram elaborados e aplicados dois questionários com questões abertas e fechadas, enviados para os alunos evadidos das três edições em qualquer módulo e aos coordenadores de núcleo estaduais para analisar como foi o processo e as causas da evasão via correios e por e-mail.

Para chegarmos aos alunos evadidos, realizamos uma consulta no banco de dados de matrícula da SEE/AL, para levantar informações sobre endereço dos participantes. Deparamos com dados incompletos, faltando nome do bairro, CEP, número da residência tanto de cursistas de Maceió como de outros municípios.

Na pesquisa consideramos evadidos todos os cursistas que se matricularam no curso, desistindo em qualquer um dos módulos, independentemente de ter iniciado ou não.

De posse dos endereços e quantidade de cursistas que não concluíram, elaboramos um questionário e aplicamos para os alunos evadidos nas três edições em qualquer um dos módulos. Por não encontrarmos no banco de dados os endereços dos alunos evadidos na 1ª edição, determinamos como sujeitos de pesquisa os cursistas evadidos nas três seguintes edições do curso em Alagoas.

Para proceder ao trabalho analisamos os relatórios finais do Núcleo de Alagoas de cada edição realizada, observamos materiais do curso, tanto material impresso quanto material audiovisual dos três módulos, realizamos entrevistas pessoalmente com tutores, coordenadores do Programa e do Núcleo Regional, dos quais se obtiveram significantes informações que serviram para nortear o nosso estudo.

Com a intenção de comparar a situação de evasão em Alagoas, e verificando que, de maneira geral, existiu evasão no curso em todos os Estados, mesmo com a demanda superior à oferta de vagas em todo o Brasil, recorreu-se a dados de outros estados, por meio de questionários enviados pelo correio e por e-mail para 27 coordenadores estaduais dos núcleos do Curso. Para surpresa nossa, apenas um estado brasileiro nos respondeu, mesmo assim com respostas incompletas e insignificantes para nosso objetivo.

Durante a pesquisa também tivemos dificuldades com a organização dos dados numéricos, chegando a nos questionar se essa falta de organização no número de matriculados e concluintes era estratégia para não aparecer o número real de evadidos, ou se era devido à metodologia adotada durante o curso, na qual a coordenação tentava resgatar cursistas evadidos entre um módulo e outro.

Foram aplicados questionários para um certo número de cursistas, nos quais comprovamos falhas no banco de dados pesquisado, uma vez que dos questionários enviados e os que retornaram 28 % haviam concluído o curso, conforme podemos verificar na tabela 2

Tabela 2 — Questionários retornados

Questionários retornados	Número	%
Não concluíram o curso	44	72
Concluíram o curso	17	28
Total	61	100

A mudança de endereço também contribuiu para o não retorno de um número significativo de questionários, uma vez que enviamos 600 questionários e só retornaram 61.

O retorno dos questionários não foi rápido como prevíamos; apesar de enviarmos com porte pago para respostas, esperamos aproximadamente quatro meses e decidimos por uma amostra de 44 evadidos.

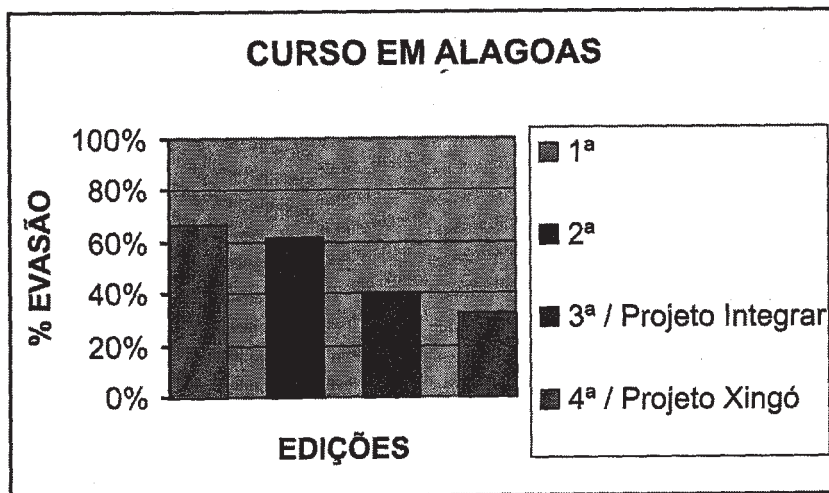
Os dados foram tabulados, organizados em categorias e, após a classificação, foram apresentados sob forma descritiva com gráficos e tabelas.

Para analisar os resultados realizamos descrição dos dados coletados quantitativamente e qualitativamente, seguidos de relatórios descritivos da leitura realizada, na tentativa de identificar o significado da evasão, segundo afirmações e contraposições da literatura da área.

Segundo levantamentos realizados na pesquisa, o índice de evasão foi alto nas duas primeiras edições, porém constata-se uma diminuição ao longo das edições realizadas em Alagoas.

Embora venha gradativamente diminuindo, ainda existe evasão, cujo índice de desistentes está representado no gráfico 3:

Gráfico 3 - Evasão em Alagoas



Para subsidiar nossa pesquisa, e entendendo não ser suficiente somente saber quantos se evadem, quais as causas e quais os aspectos que determinam ou contribuem para esse resultado, mas o porquê da decisão, entendemos como necessário conhecer a escolha dos participantes pelo curso, a formação acadêmica, local de trabalho e o nível de atuação, como também a infra-estrutura das escolas com relação à existência dos equipamentos básicos (kit tecnológico) e o estado de conservação, para melhor entender o fenômeno.

4.2 – Perfil dos participantes

De acordo com o resultado da amostra, a clientela era formada por professores da rede pública distribuídos entre a rede estadual, municipal e professores que pertencem às duas redes de ensino. Na sua maioria, atuam no ensino fundamental de 1º a 4º série e pertencem à rede municipal, conforme mostram os gráficos 4 e 5.

Gráfico 4 - Local de trabalho dos cursistas

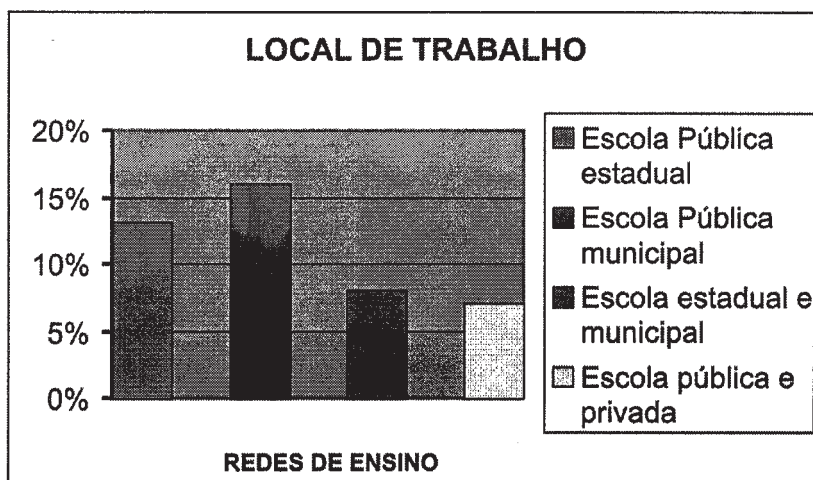
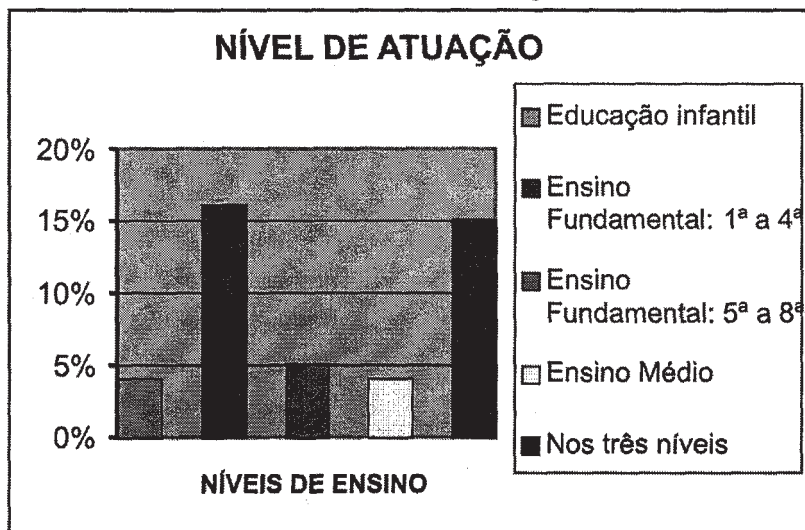


Gráfico 5 - Nível de atuação



Na pesquisa podemos constatar o perfil acadêmico dos cursistas evadidos, como também sua participação em cursos de atualização ou aperfeiçoamento durante os últimos cinco anos, indicando que são interessados em aperfeiçoar sua prática e não precisavam de certificação, conforme mostra a tabela 3.

Tabela 3 – Participação e formação acadêmica dos evadidos

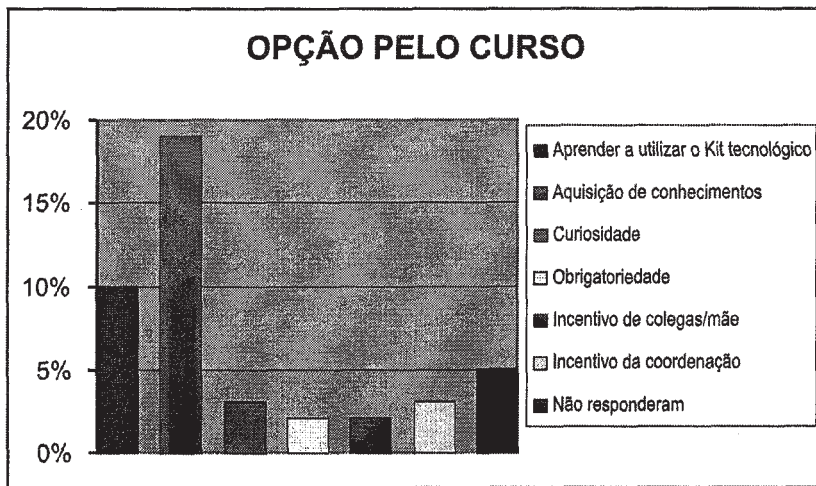
CURSO	%	CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO E ATUALIZAÇÃO		PARTICIPAÇÃO EM CURSOS A DISTÂNCIA	
			%		%
Ensino Médio completo e Magistério	2				
Ensino Médio completo sem Magistério	5	Participaram	93	Participaram	30
Ensino Superior incompleto	36	Não participaram	7	Não participaram	70
Ensino Superior completo	25				
Pós-graduação	32				
TOTAL	100		100		100

Outro ponto considerável é quanto ao perfil acadêmico dos desistentes contrapondo-se a afirmação de que é “aceitável o número de evadidos para esse tipo de curso que envolve alunado com pouca qualificação”, (FARIA,

QUEZADO E FIORENTINI s/d, p. 8), pois os dados confirmam que 32% dos evadidos possuem pós-graduação, 25% já são graduados e 36% estão cursando a graduação e ainda, durante os últimos cinco anos, participaram de aperfeiçoamento buscando melhoria na sua qualificação profissional, conforme reflete a tabela 3.

Ao analisar as causas da evasão é importante verificar porquê da escolha pelo curso. De acordo com o levantamento das expectativas dos cursistas mostrado no gráfico 6, um número significativo fez a opção com o intuito de adquirir conhecimentos, seguidos pela necessidade de aprender a utilizar o kit tecnológico, confirmando a proposta de implantação do curso.

Gráfico 6 - Opção pelo curso



Como se pode constatar quando indagados sobre a escolha do curso, percebemos conforme suas respostas que não falta vontade de aprender entre os professores, e como coloca Faria, Quezado e Fiorentini (s/d, p. 10), “A existência de um desejo inicial de aprender melhora as possibilidades de êxito no processo formativo”. Esta constatação, a princípio, poderia garantir a permanência do cursista, entretanto os dados de evasão comprovam o contrário.

O desejo de ampliar meus conhecimentos a fim de melhorar a minha atuação.

Participar de um curso com novas tecnologias e saber como introduzi-las em sala de aula e melhorar minha prática pedagógica.

Para me aperfeiçoar e melhor desenvolver meu trabalho.

Vontade de aprender mais e de me aperfeiçoar com outros assuntos.

Para aperfeiçoar meu trabalho como educadora.

Registramos que apenas uma minoria disse ter recebido incentivo da gestão ou coordenação da escola, em contraste com um mesmo percentual de cursista que alegou ter se inscrito no curso por pressão, quando se expressaram da seguinte forma:

Não escolhi, o curso foi oferecido a minha pessoa, pois me incumbiram da disciplina Tecnologia em educação!.

Não fui motivado, Estado ofereceu o curso e a diretora disse que eu devia fazer.

Sobrou para você! Disse a direção, mandando que me inscrevesse.

Encontramos ainda posturas incoerentes de gestores. Uns, no intuito de não perder o programa ou atender as prévias orientações do sistema, transferem a responsabilidade para o corpo docente, propondo adaptações. Todavia, “a educação deve estimular a opção e afirmar o homem como homem. Adaptar é acomodar, não transformar” (FREIRE, 2003 p. 32). Outros, autoritários, caracterizando-se como “escola que se organiza, em geral, com relações autoritárias e cumpridoras de normas superiores do sistema” (TOSCHI, 2001, p. 95), não pensam em construir coletivamente, promovendo em sua escola o desenvolvimento de projetos que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem numa perspectiva progressista, em que a gestão não fuja à responsabilidade que lhe é peculiar.

4.3- Causas da evasão

Ao analisar as causas da evasão, considerando o número de variáveis, conforme defendem Collins e Ferreira (2004): são constatados vários fatores que indicam esse fenômeno, cujo resultado agrupamos conforme as principais dificuldades citadas, como podemos observar na tabela 4:

Tabela 4 — Causas da evasão no curso

FATORES	%
PROBLEMAS PESSOAIS	61
PROBLEMAS DE INFRA-ESTRUTURA	23
PROBLEMAS COM SUPORTE PEDAGÓGICO	9
NÃO RESPONDERAM	7
Total	100

Diante dos dados analisados, fica constatado que o principal fator da evasão no curso foi motivado por problemas de natureza pessoal do participante, seguidos de problemas relacionados com a infra-estrutura do curso. O de menor representatividade é o de suporte pedagógico referente à congruência de objetivos e métodos, ressaltados por Pinto, Medeiros e Fiorentini (2004) como caracteres inovadores do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. Esse fator merece atenção por ser determinante da evasão.

4.3.1 - Problemas pessoais

Fica claramente evidenciado que é este o fator que mais interfere na evasão. Ele é constituído de diversas dificuldades, retratadas na tabela abaixo:

Tabela 5 – Problemas pessoais

PROBLEMAS	%
Falta de tempo/excesso de atividades	59
Desmotivação/Ausência de companheiros	19
Saúde/família	15
Outros	7

A partir das razões apontadas pelos evadidos, fica evidenciado o que Almeida (2003, p.5) define com relação aos cursos de EAD

É uma modalidade educacional cujo desenvolvimento relaciona-se com a administração do tempo pelo aluno, o desenvolvimento da autonomia para realizar as atividades indicadas no momento

em que considerem adequadas, desde que respeitadas as limitações de tempo impostas pelo andamento das atividades do curso, o diálogo com os pares para a troca de informações e o *desenvolvimento de produções em colaboração*.

a) Falta de tempo/excesso de atividades

Dentre os problemas pessoais apontados para a evasão, aparece como fator preponderante a falta de tempo, acompanhada de excesso de atividades ocasionado pela situação da classe docente, conforme se reflete nas respostas dos evadidos:

Falta de tempo, pois trabalho em três horários em sala de aula e naquele momento estava fazendo um curso de pós-graduação.

Cansaço, volume de trabalho, falta de tempo.

Faltou tempo para responder, trabalho nos três horários.

Superatarefada. Além dos compromissos em sala de aula, na época 7ª, 8ª e 1º, 2º e 3º Português e Literatura, outros trabalhos paralelos: projetos outros. Não dava mesmo.

Atropelamento de trabalho, pois estava atarefada com a faculdade e o trabalho.

Muita correria no dia-a-dia, pois trabalho os três turnos e faltou tempo para prosseguir.

Falta de tempo por trabalhar em duas escolas não cumpri o prazo da entrega.

Infelizmente por falta de tempo, talvez falta de organização do meu tempo.

Por trabalhar no horário da manhã em Maceió e no horário da tarde em Barra de São Miguel, e estudar à noite e o sábado inteiro em Marechal Deodoro.

Encontramos indicadores que favorecem a evasão como a falta de tempo

Este fato não havíamos citado como hipótese, pois achávamos que o cursista, ao se matricular, o fazia de acordo com suas necessidades e capacidades de interação e trabalho, uma vez que o curso oferece horários flexíveis.

Como podemos observar, o comprometimento do professor com excesso de atividades é notável. Apesar de administração do tempo ser um requisito em cursos desse tipo, não podemos deixar de reconhecer que, diante do exposto, não é fácil

levar o curso adiante, devido ao acúmulo de atividades desenvolvidas na luta para garantir a sobrevivência.

Dessa forma, é inegável que os professores precisam ser mais bem remunerados, para que não seja necessário ter jornadas de trabalho excessivas a ponto de abrir mão de um curso que foi precedido de um desejo inicial de aprender, para melhorar as possibilidades de sua prática pedagógica e que Faria, Quezado e Fiorentini (s/d) explicam, ao analisar os resultados do curso.

b) Desmotivação/Ausência de companheiros

Em seguida à falta de tempo por excesso de atividades, o que se percebe é que vários estudos indicam uma mesma variável que influencia a evasão nos cursos a distância com relação à sensação de isolamento. Esse sentimento é caracterizado pela ausência da interação física aluno-aluno, aluno-professor, passando o cursista a não contar com ninguém para dialogar a respeito de suas dificuldades, como defende Almeida (2003) confirmado pelas respostas:

Estava fazendo outros cursos e também a pessoa que faria comigo os trabalhos em dupla desistiu, o que me desestimulou.

Senti dificuldade para responder os questionários sozinha, sem discutir com outra pessoa. Não queria ter desistido, mas me atrapalhava com as atividades.

Desmotivação da dupla, faltou interesse da minha dupla, desencontro da dupla.

O grupo do qual fazia parte, desintegrou-se e sem o incentivo dos colegas me desinteressei totalmente.

Estudar com um maior grupo de pessoas anima mais, por isso deixei.

A desmotivação pela ausência de companheiros que confirmada como uma das causas da evasão nos cursos a distância, pode “gerar nos alunos sentimento de isolamento em relação ao grupo e desestimulando os alunos a continuarem no curso [...] os alunos em encontros presenciais sentem-se parte de um grupo e assim motivados a cursá-lo” (MAIA, MEIRELLES e PELA, 2004, p. 8).

Apesar da possibilidade da individualização do processo do aprendizado, desenvolvimento de auto-disciplina nos cursos de EAD, conclui-se que as relações

inter-pessoais são necessárias ao processo de aprendizagem quer em curso presencial ou a distância.

c) Saúde/família

Cabe destacar que muitas vezes a causa da evasão é inerente à própria decisão do cursista quando se refere a família e saúde, como podemos observar nos depoimentos:

Não foi uma desistência planejada. Parei por causa da minha saúde. Não deu.

Desisti por problemas familiares.

Meu pai adoeceu de CA. Isso me levou à desistência.

Tive alguns problemas relacionados com a saúde, o que me levou a não concluir.

Isso confirma o que Maia, Meirelles (2005, p. 9) ressalta, que “se deve considerar aspectos particulares de cada aluno que também podem influenciar na taxa de evasão”, e que no ato da escolha pelo curso não estava previsto.

4.3.2 - Problemas de infra-estrutura

Outro fator que favorece a evasão são problemas ligados à infra-estrutura do curso, como atraso do material impresso e ausência do kit nas escolas, conforme indica a tabela 6:

Tabela 6 – Problemas de infra-estrutura

PROBLEMAS	%
Atraso do material impresso/audiovisual	60
Ausência/deficiência de equipamentos básicos	40

Conforme Neves (2002, a), “os programas desenvolvidos oferecem as escolas infra-estrutura, diretrizes e produtos”. Entretanto, verifica-se que nem todos os cursistas dispõem do kit tecnológico nas escolas onde atuam; quando possuem, ele

não se encontra em boa condição de uso, fator indispensável, uma vez que desejam capacitar-se para melhor aproveitar o kit tecnológico e o acervo da TV Escola, além de que o curso tem como proposta fornecer o embasamento necessário à prática pedagógica com a utilização da televisão e do vídeo.

a) Atraso do material impresso e audiovisual

A pesquisa nos mostra que 60% dos evadidos tiveram problemas com atraso do material impresso e audiovisual, acarretando a desistência, como mostram o quadro 3 e as repostas dos evadidos:

Não tive mais acesso ao material.

Tive o material extraviado, acabei ficando chateada.

Não recebi o material do módulo 2. Fiquei com o grupo na esperança de receber até o final do módulo, pois achava que o pessoal da CRE poderia trazer de Maceió. Todavia não aconteceu. O material foi entregue muito perto do prazo de devolução dos exercícios.

Não assisti, na época a parabólica estava quebrada e as fitas gravadas eram péssimas.

Não consegui ter acesso aos vídeos 2 e 3! Em nenhum momento eu cheguei a ver, a minha escola fica situada num vale e não se consegue gravar o programa e nem houve ajuda de colegas do município para que eu tivesse acesso às fitas, sendo assim eu não concluí o curso.

b) Ausência de equipamento básico: kit tecnológico

Entendemos ser necessário ficar atento quanto à infra-estrutura — acesso aos equipamentos necessários, identidade e integração de vídeos e impressos, citadas como características inovadoras no curso por Pinto, Medeiros, Fiorentini (2002) e Carneiro (2002), o que se contrapõe, como reflete o quadro 4.

Visualizamos que 40 % dos pesquisados demonstraram desinteresse pela continuidade no curso devido à falta de estrutura, pelo não acesso aos equipamentos e aos vídeos, conforme as respostas no questionário:

A escola não tinha mais vídeo, como eu poderia usá-lo? Fiquei desmotivada.

Não existe o kit!.

Existia, porém foi roubado.

O estado de conservação é o seguinte: o vídeo roubaram e a TV Escola nunca gravaram nada.

Até hoje, não se faz uso do aparelho de televisão e vídeo, a antena parabólica é um enfeite.

Porque eu não tinha acesso ao vídeo, nem à programação da TV Escola. A falta de incentivo por parte das pessoas que coordenam a escola que nos deixam muito a desejar.

Kit tecnológico? Vídeo queimado, TV velha...Falta de estímulo por não ter vídeo para acompanhamento.

Em se tratando de programa de grande significado para a SEED/MEC, em que mais de 110 mil cursistas estavam envolvidos durante as três primeiras edições, é indiscutível que ocorreram falhas como as citadas acima, desestimulando o cursista a ponto de desistir dele, porque não há explicação em se participar de uma capacitação no qual não dispomos do material básico para sua utilização.

Consideramos o programa de suma importância para as escolas públicas e, por envolver um número significativo de profissionais, faz-se necessário um cuidado maior por parte das instituições envolvidas, como escreve Maia, Meirelles (2005, p.4):

[...] para se chegar a um curso a distância é imprescindível que as etapas de planejamento, produção e aplicação do ensino a distancia sejam detalhadamente trabalhados pela equipe executora do projeto a fim de atender a necessidade dos alunos.

4.3.3 - Problemas com suporte pedagógico

Apesar de pouca representatividade, esse problema tem origem na proposta de avaliação e postura do tutor.

Como percebemos providenciar suporte pedagógico aos alunos e aos tutores envolvidos no projeto, durante o curso, de forma a assegurar a qualidade no processo não é trivial. Isso culmina, como defendem Almeida, (2003) Lima, (2002) Mercado (2004) sendo um desafio para os tutores criar estratégias de orientação, acompanhamento e avaliação, para que não ocorra diferenciação entre o processo de avaliação, como fica retratado na tabela 7 e nos depoimentos dos cursistas.

a) Avaliação

Os dados nos apontam que 67% dos evadidos se mostram insatisfeitos com a forma de avaliação e postura de alguns tutores, o que se consubstanciou nos depoimentos dos evadidos:

A diferença da avaliação entre o meu trabalho e o de outra colega (com a mesma tutora). Fui penalizada e até hoje me questiono acerca de.

O sentimento de injustiça. Dois pesos e duas medidas. Que tal uma avaliação justa e coerente? Seria pedir muito?.

Simplesmente faltou motivação, da minha parte, gostaria que houvesse outra forma de avaliação porque muitos trabalhos não foram honestos, obtiveram notas sem esforço algum. Não devolver os projetos e memorial com tanta rapidez porque existiram muitas cópias das edições anteriores. Não acho justo alguém trabalhar e outros se beneficiar

Não fiquei satisfeita com a avaliação da minha tutora, pois ela não me convenceu com seus argumentos. No primeiro módulo recebi menção A, no segundo, menção B, o que me deixou bastante decepcionada, pois quando pedi para ser reavaliada ela, minha tutora, mostrou-se muito intransigente. Razões da desistência: A minha insatisfação com o conceito B atribuído ao meu trabalho (módulo 2, menção B).

Diante desse fato confirma-se o que Carneiro (2003 p. 151) analisa, quando coloca que “é desafio tornar o curso mais próximo, mais significativo, evidente, estimulante. Construir processos de orientação, acompanhamento e avaliação contínuos da aprendizagem; adaptar as atividades de avaliação a suas necessidades, especificidades e a seus interesses”.

b) Tutoria

Diante do resultado, fica evidenciado que faz diferença a existência de tutoria ativa, que acompanhe o ritmo e a trajetória de trabalho dos cursistas, estimulando, tomando iniciativa nos contatos, buscando que se interessem por seus progressos e problemas. É isso que defendem Faria, Quezado e Fiorentini (2003, p. 10).

A tutoria, embora tenha sido um fator identificado na amostra, pode ter ocorrido durante a primeira e segunda edição, fato este que Mercado (2004) justifica como posturas que foram revistas e analisadas na equipe de tutoria.

Falta de estímulo, ausência de tutores, muita teoria pouca prática. Não tive oportunidade de conhecer os tutores, total falta de comunicação.

Desisti porque não encontrei com o tutor, que nas poucas vezes que precisei ela estava ausente, e sem dar muito estímulo ao aluno, eu conversei com ela apenas uma vez, por telefone.

Apesar da qualidade do material senti que o curso talvez não tivesse credibilidade, podendo ser para mim perda de tempo. Um fator que me levou a pensar isso foi o fato de o tutor não ter na sua formação um nível acima daqueles que ele iria orientar”.

Embora saibamos que o sistema de tutoria além de novo é difícil, apresentando-se como um desafio para quem está envolvido com essa forma de atuação, sugerimos uma atenção maior durante as avaliações, para que não aconteçam lapsos como esses citados pelos cursistas e que possam interferir quanto à permanência deles, reforçando o que Lima (2002) defende quanto à atuação da tutoria.

Para complementar nossa pesquisa, e em busca de medidas que minimizem a evasão de professores cursistas, em programas futuros a serem ofertados para a formação de professores, solicitamos que os evadidos pontuassem o que poderia ser feito para incentivar ou facilitar a conclusão do curso, e que sugestões apontariam para o seu aperfeiçoamento. É o que se apresenta nos gráficos 7 e 8.

Gráfico 7 – Proposta dos cursistas

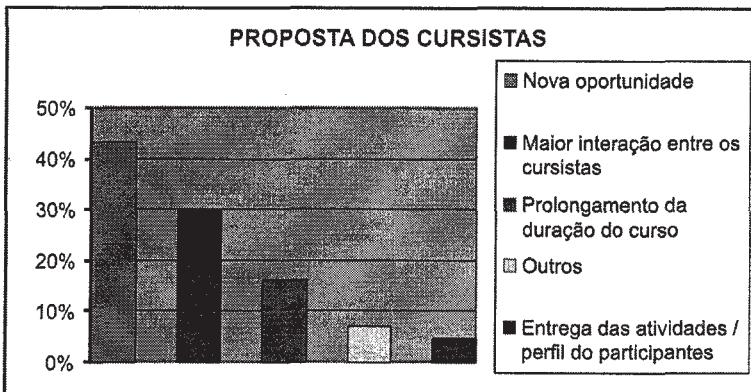
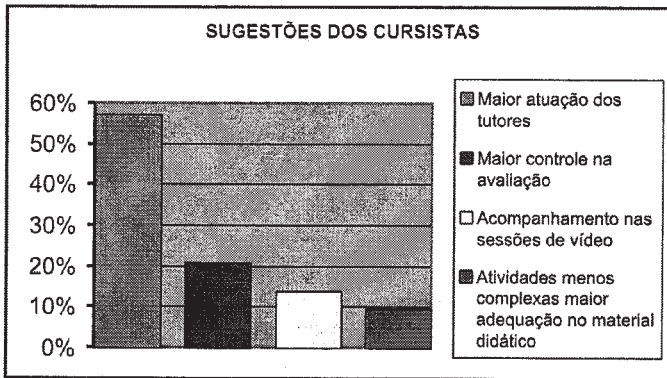


Gráfico 8 – Sugestões dos cursistas

Os pesquisados levantaram várias sugestões e trouxeram contribuições para melhoria da oferta do curso nas próximas edições.

Quanto à tutoria sugeriram questões que evidenciam maior atuação dos tutores no processo de acompanhamento, buscando estratégias que favoreçam maior elo, que permitam uma maior interação entre ambos como observamos nas colocações:

Uma atenção e acompanhamento maior para com os cursistas.

Grupos de estudos e encontros periódicos.

Maior contato com os participantes do curso.

Mais momentos presenciais”.

Maior assistência aos participantes.

Fazer mais encontros, ouvir os participantes e acompanhar todo o desenvolvimento do cursista.

Que todos os participantes tivessem um encontro de 15 dias com uma hora para discussão.

Lidar direto com o professor, ensinar onde encontrar os recursos para trabalharmos.

Facilitar o encontro com o tutor que na poucas vezes que precisem não encontrei.

Um acompanhamento melhor — tutores atuantes, acesso fácil — aos vídeos.

Na avaliação sugerem maior atenção quanto as normas de avaliação feitas ao longo de cada módulo entre uma edição e outra como também maiores esclarecimentos quanto aos critérios da avaliação, conforme escreveram :

Um pouquinho a mais de cuidado com a avaliação.

Uma avaliação justa, seria pedir muito?.

Não devolver as avaliações, pois existiram muitas copias dos cursos anteriores.

Mais comunicação com o tutor que às vezes os participantes fica com muita duvidas.

Maiores esclarecimento sobre os critérios de avaliação.

Que nosso trabalho não fosse avaliado por apenas um tutor.

Que além da teoria houvesse um acompanhamento continuo dos tutores nas aulas praticas.

Um melhor acompanhamento da equipe organizadora.

Percebemos através das sugestões escritas pelos cursistas que a falta de companheiros e da presença do professor ainda é um fator vital nos cursos a distância, devemos favorecer uma maior interação entre eles, para que sintam-se parte de um grupo.

Sugeria que estudássemos e respondêssemos as atividades acompanhadas pelo tutores, tornando os dias de encontros mais freqüentes.

Um estudo coletivo entre todos os professores.

Mais tutores, se não pudessem ser tutores, que tivessem monitores mais assiduamente com os participantes.

Que houvesse mais encontros de grupos.

Uma atenção e acompanhamento maior para com o cursistas.

Grupos de estudos encontros periódicos.

Fazer mais encontros, ouvir os participantes e acompanhar todo o desenvolvimento do cursista.

Grupo com 20 participantes onde o tutor pudesse acompanhá-los e também contar com a colaboração de todos que já concluíram o curso.

5 . Conclusão

A EAD na área educacional e especialmente na formação continuada favorece novas possibilidades a professores, coordenadores e gestores para uma educação mais flexível. Entretanto, apesar de argumentada como tal, essa modalidade não supera algumas dificuldades existentes no sistema educacional presencial, diante da análise de resultados dessa pesquisa.

Ao analisar as informações prestadas pelos evadidos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje em Alagoas, percebemos que as causas mais significativas da evasão são comuns para a maioria, apesar de edições diferentes há uniformidade de razões declaradas.

Diante das variáveis consideradas e das dificuldades citadas pelos próprios evadidos, essa pesquisa identificou as causas da evasão, de modo a contribuir como fonte de conhecimento informativo que permita tomadas de decisões acertadas junto às futuras edições dos cursos ofertados aos educadores alagoanos.

Nossa hipótese era que os profissionais da educação optaram pelo curso de acordo com suas necessidades, capacidade de interação e trabalho, por ser ele potencialmente realizável e sem custos, ter horários flexíveis e certificação para plano de carreira. E que desistiram devido a dificuldades com a sistemática de trabalho de um curso a distância, em lidar com os recursos tecnológicos, com os processos avaliativos e ainda com o tipo do material de estudo, estrutura e metodologia do curso, tutoria ou porque exige disciplina e autonomia de aprendizagem.

Com os resultados obtidos ficou evidenciado que as causas da evasão estão relacionadas com problemas de origem pessoal, problemas de infra-estrutura e problemas com o suporte pedagógico, sendo a falta de tempo por excesso de atividades o fator preponderante da evasão.

Entre os problemas de origem pessoal o fator falta de tempo por excesso de atividades foi a principal causa da evasão, seguido da desmotivação causada pela ausência de companheiros, que, apesar da possibilidade da individualização do processo de aprendizado nos cursos de EAD, concluímos que as relações inter-pessoais são necessárias ao processo de aprendizagem quer em curso presencial ou a distância.

Cabe destacar que, muitas vezes, a causa da evasão é inerente à própria decisão do cursista e se devem considerar aspectos particulares de cada aluno. Estes também podem influenciar na taxa de evasão, os quais, no ato da escolha pelo curso, não estavam previstos, levando-nos a um repensar sobre a existência das estruturas

sociais que permeiam a educação e a sociedade como um todo, e nós não estamos desassociados desta realidade.

Percebemos uma excessiva valorização da formação em serviço e a ausência de políticas que valorizem o docente, uma vez que, para sobreviver, o professor necessita trabalhar em várias escolas e nos três horários.

Com relação à TV Escola, os professores, mesmo que quisessem, não possuem tempo disponível para se dedicar ao programa. Para isso acreditamos que não é suficiente apenas a escola ter o kit tecnológico e as fitas gravadas e sim favorecer ou definir jornadas de trabalho em que o professor se sinta motivado e gratificado por participar em dinâmicas de mudança (TOSCHI, 2003), e tenham chances para participar de uma formação continuada que realmente atinja o objetivo de capacitar os professores e aprimorar a sua formação na concretização de uma educação mais democrática.

Outro importante ponto evidenciado foi a infra-estrutura, já que sabemos que os programas desenvolvidos pela SEED têm o objetivo de oferecer às escolas envolvidas infra-estrutura e diretrizes, buscando a elevação do padrão de qualidade no processo educativo, a fim de solucionar a democratização da educação diante dos desafios atuais.

O suporte pedagógico do curso, embora não muito representado como uma das principais causas, determinou evasão. Os processos avaliativos e o sistema de tutoria, embora saibamos que dependem de grande parcela de componentes que interferem no processo, são indispensáveis para assegurar a qualidade deste, para que não ocorra diferenciação entre o processo de avaliação dos cursistas.

Como todo Programa de políticas públicas observamos potencialidades e fragilidades quanto a avaliação de impacto, organização externa nos programas, pois existe pouca preocupação junto a estes programas, na realização de um acompanhamento e avaliação externa dos mesmos.

Se faz necessário que os gestores e coordenadores se envolvam com o uso das TIC e do Programa TV Escola como também nos demais programas ofertados pela SEED, uma vez que é possível que aconteçam as mesmas dificuldades, com a finalidade de analisar as potencialidades e limitações para o uso pedagógico desses recursos e programas, bem como para a incorporação na gestão escolar em suas atividades. Assim, a responsabilidade da inserção desses programas na escola não devem ficar restrita ao professor, é necessário que façam parte concretamente da organização escolar, estejam inserido no seu planejamento pedagógico e administrativo, contando com gestão de

tecnologias, das mais convencionais às TIC, para que não aconteça como percebemos a aceitação dos programas, mas não a sua incorporação à prática pedagógica da escola.

Valorizamos aos que conseguiram concluir o curso, embora isso não assegure que adquiriram conhecimentos suficientes para se apropriarem de fato dos recursos da TV Escola, até porque “o fato de ele ser bem sucedido não significa necessariamente que ele tenha compreendido o que fez” (VALENTE, 2002, p. 28). Entretanto incorporaram a metodologia de um curso a distância conforme a hipótese por nós considerada de que um curso a distância exige, entre outras coisas, muita disciplina e autonomia.

Aos que ficaram no meio do caminho por não terem conseguido auto-organização, conciliar a jornada de trabalho e o horário de estudos, disciplina e não se defrontaram com nenhum problema que no ato da escolha pelo curso não estava previsto, lutem, uma vez que fazem parte de uma sociedade onde há ausência de políticas de uma real valorização dos profissionais. Encorajamo-nos para que atentem para as palavras de Freire (2004 p. 94) “me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”.

Identificadas as causas da evasão no Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje deve-se buscar algo alternativo de vários segmentos conforme Almeida (2003, p.164) quando evidencia que “há necessidade de congregar esforços entre poder público, instituições de ensino, especialistas, pesquisadores e educadores, a fim de aprofundar o debate sobre as concepções de educação, tecnologia e EAD”.

Necessário se faz analisar as propostas e sugestões dos evadidos para que surjam pesquisas a fim de estabelecer critérios que permitam aos professores-cursistas iniciar e concluir todos os módulos oferecidos pelo programa em Alagoas.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabete B. **Informática e formação de professores**. Brasília: Seed/MEC, v. 2, Série de Estudos/Educação a Distância, 2000.

_____. Educação à distância: diretrizes políticas, práticas e concepções. In: SEVERINO, Antonio J.; FAZENDA, Ivani C. (Orgs). **Políticas educacionais: o ensino nacional em questão**. São Paulo: Papirus, 2003.

_____ Educação a distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e pesquisa**. Revista da Faculdade de Educação da USP São Paulo: v. 29, n.2, 2003.

CARNEIRO, Vânia. TV na Escola: desafios tecnológicos e culturais. In: SANTOS, Gilberto, **Tecnologias na educação e formação de professores**, Brasília: Plano, 2003.

_____ Despertando interesses e informando funções dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, **II Seminário Nacional de Ensino Superior a Distância**. Brasília: UnB, 2003

CASTRO, Alda. **Descentralização e autonomia**: limites e possibilidades de um programa de formação de professores. s/d Disponível em: <http://www.anped.org.br/25/texced25.htm> Acesso em 19 de junho de 2005.

COLLINS, Heloisa. Interação e permanência em cursos de línguas via internet. In: COLLINS, H; FERREIRA, A. (orgs.). **Relatos e experiências de ensino e aprendizagem de línguas na internet**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

COSCARELLI, Carla. Mitos e verdades da educação à distância. **Revista Presença Pedagógica**, novembro/dezembro, 2001. Disponível em: < http://www.editoradimensao.com.br/revistas/revista42_trecho.htm >. Acesso em: 24/12/2003.

FARIA, Dóris; QUEZADO, Silvio; FIORENTINI, Leda. **Análise dos resultados do desempenho dos núcleos do curso de extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje** (SEED/MEC). Disponível em: <www.unirede.br/site_html/agenda/passados/pdfs/analise_resultado_tv_escola>. Acesso em: 20/03/2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

LIMA, Rosângela. A tutoria – uma importante função na implementação de projetos de qualidade em EAD. Educação a distância na formação de professores. Programa TV Escola **Boletim Salto para o Futuro** Brasília: mai / 2002.

LOBO NETO, F. Regulamentação da educação a distância: caminhos e descaminhos. In. SILVA, Marco, (Org.). **Educação Online**. São Paulo: Loyola. 2003.

MAIA, Marta; MEIRELLES, Fernando; PELA, Silvia. **Análise dos índices de evasão nos cursos superiores à distância no Brasil**. 2004 Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/073-TC-C2.htm> >. Acesso em: 3/06/2005.

MAIA, Marta.; MEIRELLES, Fernando. **Tecnologias de informação e comunicação e os índices de evasão nos cursos à distância**. 2005 Disponível em: <<http://www.abed.org.br/seminario2005/programa.htm>>. Acesso em: 30/01/2006

MERCADO, Luis Paulo, Uma experiência em formação de professores a distância: o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. In: MERCADO, Luis Paulo; KULLOK, Maisa. **Formação de professores: política e profissionalização**. Maceió: Edufal, 2004.

NEVES, Carmen. A educação à distância na formação de professores. Programa TV Escola **Boletim Salto para o Futuro**. Brasília: mai/2002.

NÚCLEO UNIREDE ALAGOAS. **Relatório Final do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje**. 2. ed. jul/2002.

NÚCLEO UNIREDE ALAGOAS. **Relatório Final do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje**. Alagoas 3. ed. mar/2003.

NÚCLEO UNIREDE ALAGOAS. **Relatório Final do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje**. Alagoas 4 ed. 2004

PINTO, Aloylson G; MEDEIROS, Simone; FIORENTINI, Leda M. A experiência do curso a distância TV na escola e os desafios de hoje na visão de seus assessores pedagógicos. Programa TV Escola **Boletim Salto para o Futuro**. Brasília: jun/2002.

PRETTO, Nelson. Desafios para a educação na era da informação: o presencial, à distância, as mesmas políticas e o de sempre. In: BARRETO, Raquel (Org). **Tecnologias educacionais e educação à distância: avaliando políticas públicas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

RODRIGUEZ, Isabel. Teoria x EaD x tempos velozes. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>>. Acesso em: 3/03/05.

SOUZA, Paulo. Dois anos da TV Escola. **Seminário Internacional TV Escola**. Brasília: Seed/MEC, Série de Estudos/Educação a Distância, 1998

TOSCHI, Mirza. TV Escola: o lugar dos professores na política de formação docente. In: BARRETO, Raquel. (Org). **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas públicas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

VALENTE, José. Repensando as situações de aprendizagem: o fazer e o compreender. Tecnologia e educação: novos tempos, outros rumos. Programa TV Escola, **Boletim Salto para o Futuro** Brasília: setembro / 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

O livro apresenta os resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação de Professores Presencial e a Distância Online, certificado pelo CNPq e vinculado a linha de pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL, criada em 2006.

Os artigos aqui apresentados demonstram nossa preocupação ao acesso pleno às TIC pelos professores formadores, tutores e alunos, enfatizando o desenvolvimento de uma cultura tecnológica que promova, junto aos envolvidos, uma prática pedagógica em ambientes tecnológicos, através de ações que favoreçam o desenvolvimento da fluência tecnológica para que possam participar de atividades a distância, com suporte no meio digital.



ISBN 85-7177-305-X



9 788571 773059